UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LETÍCIA CAROLINA TEIXEIRA PÁDUA

A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências
(versão corrigida)

段义孚的地理学：精华与意义

São Paulo

2013

LETÍCIA CAROLINA TEIXEIRA PÁDUA

A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências

段义孚的地理学：精华与意义

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Física.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Magda Adelaide Lombardo

(versão corrigida)

De acordo

Prof^a. Dr^a. Magda Adelaide Lombardo

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P125g Pádua, Letícia Carolina Teixeira
A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e
Permanências / Letícia Carolina Teixeira Pádua
; orientadora Magda Adelaide Lombardo. - São Paulo,
2013.
208f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Geografia. Área de concentração:
Geografia Física.

1. CH783. 2. Epistemologia da Geografia. 3.
Geografia Humanista. 4. Geógrafos. I. Lombardo, Magda
Adelaide , oriente. II. Título.

Letícia Carolina Teixeira Pádua
A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Geografia Física.

Aprovado em: 26/09/2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Instituição: UNICAMP

Profa. Dra. Lívia de Oliveira

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Instituição: UNESP

Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Instituição: PUC Minas

Prof. Dr. Werther Holzer

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Instituição: UFF

Prof. Dra. Magda Adelaide Lombardo (Orientadora)

Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À Professora Livia de Oliveira, que apresentou Tuan ao Brasil e tanto trabalhou por esta Geografia Humanista. Minha infindável admiração!

Ao meu marido Humberto Catuzzo, amor eterno, pelo companheirismo, apoio e carinho. É com você que a vida faz sentido.

À minha mãe, Regina, que está por descobrir a geografia dos gatos.

Ao Galo, também amor eterno, que me deu uma das maiores alegrias da minha vida neste ano!

AGRADECIMENTO

Agradeço ao GHUM – Grupo de Pesquisa em Geografia Humanista e Cultural, que é ao mesmo tempo, lar, lugar e mundo... e que foram os primeiros a não me olhar como se fosse doida! Deste grupo, grandes incentivadores desta tese, nominalmente e mais especialmente, agradeço:

Ao Eduardo, pelas conversas que nortearam este trabalho, por (re)despertar o amor pela geograficidade e, sobretudo, pelo exemplo de comprometimento, de exercício pleno da liberdade, de erudição e de acolhimento e abertura para o mundo. Não me canso de expressar minha admiração por você!

Ao Werther, Professor Oswaldo e Livia porque ouvir, conversar e conviver com nossas referências não tem preço. Improvável que vocês tenham dimensão da influência que exercem!

Muito especialmente, à Priscila, Thiago e Fernanda que participaram ativamente na construção deste texto, da leitura dos primeiros esboços, das ideias e figuras.

Ao Grupo de Pesquisa em Geografia e Fenomenologia, agradeço pelo acolhimento e dedicados debates que foram sementes para tantas ideias aqui expressas.

À amada Virgínia, minha corretora e revisora, pelo carinho, atenção, amizade e exemplo de dedicação à geografia!

Ao meu marido, Humberto Catuzzo, agradeço pelo apoio, companheirismo, carinho e por me acompanhar ao longo de todas as transformações ao longo deste conturbado processo. Só com e por você seu seria capaz de sair do meu lugar em direção ao cosmos!

À minha mãe, Regina, corretora atenta e dedicada, e ao meu pai, Clarindo, agradeço pela ternura e suporte nessa empreitada, por apoiarem incondicionalmente nossas decisões e por tornarem a distância menos dolorosa.

À Celinha, Tsutomo e Nino, agradeço o primeiro acolhimento nessa cidade que, de outro modo, poderia ser tão dura.

Ao meu amado Márcio, agradeço pelo exemplo, generosidade e amizade.

À Renata e Letícia Palazzi, agradeço pela companhia nas loucuras, debates e por tornar mais leve a caminhada.

À minha orientadora, Magda, agradeço por permitir a realização desta pesquisa (antigo sonho e foco de interesse) e pela coragem de aceitar tal desafio.

Aos professores Bittar, Lúcia e Emerson, agradeço pelo exemplo de profissionalismo e pelo suporte dado no Programa de Pós-Graduação em Geografia Física.

À Amanda Vasquez, agradeço por ter plantado a sementinha deste doutoramento, e ao Pedro por ter acreditado antes de mim na possibilidade de lidar com as “estrelas”.

Agradeço aos secretários Cida e Fermino pela sempre carinhosa e profissional dedicação aos alunos deste programa.

Um agradecimento especial ao senhor Bob Wei, do Centro de Cultura Chinesa de São Paulo, que gentilmente traduziu o título desta tese para o Mandarim

Finalmente, à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado, apoio financeiro fundamental para a realização desta pesquisa.

*Humans transform environments into worlds,
nature into homes.*

Yi-Fu Tuan, 1985a

*O mundo é não aquilo que eu penso, mas
aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo,
comunico-me indubitavelmente, mas não o
posso, ele é inesgotável.*

Maurice Merleau-Ponty, 1999

RESUMO

PÁDUA, L. C. T. **A Geografia de Yi-Fu Tuan**: Essências e Persistências. 2013. 203f. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O constante refletir sobre si mesma é uma das mais importantes características da ciência, é desse modo que ela avança e procura compreender novas realidades e tecer novas maneiras de ver o mundo. Nesse contexto, a geografia não poderia se furtar à permanente autoreflexão. Uma das maneiras de percorrer os caminhos que a geografia tem trilhado é buscar conhecer a obra de grandes geógrafos, em especial, daqueles que efetivamente marcam grandes inovações e abrem novos horizontes para a nossa ciência. Esta tese, então, é fruto de uma profunda exploração na geografia de Yi-Fu Tuan, um dos fundadores da geografia humanista. Suas reflexões enriqueceram e, sobretudo, propuseram à geografia a abertura de novas abordagens e temas de análise: às suas mais conhecidas concepções sobre espaço e lugar, somam-se debates sobre os valores, a moral, o escapismo, a bondade, a criação de *pets*, o cosmopolitismo e ainda a comunidade e o indivíduo. Para um profundo entendimento da obra de Tuan pensamos ser importante, primeiramente, decompor seus elementos constituintes. Assim, trouxemos à luz suas principais influências e matrizes de pensamento, por meio de um extenso levantamento dos autores que cita e as discussões que fomenta entre a fenomenologia-existencialista, o estruturalismo, o humanismo e a própria geografia. A riqueza de seu pensamento é fruto da aguda erudição e de seu livre-pensar. Por isso, procuramos compreender como Tuan trata as essências principais, por meio dos debates e significações acerca do espaço, lugar, paisagem, meio ambiente, tempo, entre outras. Verificamos, ao realizar a leitura da obra que, além das essências, Tuan também tem temas privilegiados que persistem ao longo de seus quase cinquenta e cinco anos de geografia, como percepção, atitudes, comportamento, arte e cultura entre outros. A maneira como o autor os aborda também foi objeto de exposição nesta tese. Ao mesmo tempo, identificamos outros temas-chave, mas que não persistem por toda a sua carreira, eles são ora frutos do jovem Tuan – como é o caso do estudo dos aspectos físicos em geografia – ora reflexos de uma mente mais amadurecida em um mundo que se globaliza, como por exemplo, na abordagem do progresso ou do *placelessness*. Então, para que pudéssemos ter a compreensão do percurso da obra e suas temáticas, recompusemos o todo por meio de argumentações acerca de cada um de seus livros, considerados aqui como sínteses – ainda que incompletas – de seus argumentos. Tuan é sobretudo um humanista, que acredita na educação libertária da mente humana e que compõe toda uma geografia em busca da essência humana. Conhecer, portanto, a geografia, é conhecer a nós mesmos. Desta forma, finalmente, voltamos ao impulso inicial desta tese: compreender que é geografia para um de seus pensadores contemporâneos mais influentes e as contribuições que esta geografia tem para dar ao mundo.

Palavras-chave: Yi-Fu Tuan, Geografia Humanista, Fenomenologia, Epistemologia da Geografia, Essências.

ABSTRACT

PÁDUA, L. C. T. **Yi-Fu Tuan's Geography: Essences and Persistencies**. 2013. 203f. Thesis (Doutoral) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

The constant reflection on itself is one of most important characteristic of science, this is the way to develop and search the understanding of new realities and weave the ways of improving the world views. Giving that, geography could not avoid permanent self reflexiveness. One of the ways to pursue the paths in which Geography has been walking is to know great geographer's works, especially those who had deeply contributed with highly innovative and broadening new horizons into the geographical science. This thesis, then, is the product of a thorough exploration into Yi-Fu Tuan's geography, one of the humanist geography founders. His reflections have enriched and, furthermore, proposed to open geography to new approaches and themes: to his mostly known conceptions about space and place, we add discussions on values, moral, escapism, human goodness, dominance of pets, cosmopolitanism, community and self. To get a deep insight into Tuan's work it was necessary to decompose its elements. Therefore, his main influences and matrices of thought were brought to light through an extensive survey into his work, research on the authors whom he quotes over, regarding the discussions he foments amongst Phenomenology-existentialism, Structuralism, Humanism and Geography itself. The richness of his thoughts is a result of acute erudition and his free-thinking. Therefore, this thesis seeks to comprehend how Tuan copes with the main essences through debates and meanings of space, place, landscape, environment, time, and so on. Through the reading of his work that we verified that, besides to essences, Tuan also has other privileged themes, he has kept debating during his almost fifty five years of geographical study, such as perception, attitudes, behavior, arts and culture, amongst others. The way the author approaches the themes was also explored throughout this thesis. Meanwhile, other key subjects were identified in his work, which, however, are not persistent during his whole career. Among them some are products of the young Tuan – as it is the case of the studies on the physical aspects in geography – others are reflections of a globalized world over a mature mind, as an example, the approach of progress or placelessness. To achieve the lengthiness of his work and its themes, we chose to review each book, considering that they are syntheses – although incomplete – of his arguments. Above all, Tuan is a humanist, who believes in the free education of the human mind, and who makes a complete geography in the search of human essence. Knowing geography is, therefore, understanding ourselves. Thus, we finally turn back to the prior impulse of this thesis: understanding what geography is to one of its most influential thinkers and the contributions that this geography has to offer the world.

Keywords: Yi-Fu Tuan, Tuan, Humanist Geography, Phenomenology, Geography's Epistemology, Essences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Matrizes	22
Figura 2 – Matrizes e Influências	37
Figura 3 – Essências	40
Figura 4 – Enraizamento-Liberdade	59
Figura 5 – Corpo humano ereto, espaço e tempo	62
Figura 6 – Paisagem	78
Figura 7 – Persistências – Elementos Epistemológicos	81
Figura 8 – Elementos que constituem a experiência	84
Figura 9 – Persistências – Variações	104
Figura 10 – Impermanências	117

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO – PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES	13
2. MATRIZES E INFLUÊNCIAS	20
2.1. Fenomenologia e Existencialismo	24
2.2. Humanismo	28
2.2.1. <i>Geografia humanística, geografia humanista ou geografia cultural?.....</i>	30
2.3. Estruturalismo	33
2.4. Geografia	36
3. ESSÊNCIAS	38
3.1. Espaço	41
3.2. Lugar	46
3.2.1. <i>Lar e Hearth</i>	53
3.3. Mundo	55
3.4. Tempo	59
3.5. Corpo	61
3.6. Homem/ Natureza Humana	64
3.7. [Meio] Ambiente	66
3.8. Natureza	71
3.9. Paisagem	73
4. PERSISTÊNCIAS	79
4.1. Elementos Epistemológicos	82
4.1.1. <i>Experiência</i>	82
4.1.2. <i>Percepção</i>	85
4.1.3. <i>Atitudes</i>	86
4.1.4. <i>Comportamento</i>	88

4.1.5. Sentidos	90
4.1.6. Estética	95
4.1.7. Poder	96
4.1.8. Linguagem	98
4.1.9. Self e Comunidade	100
4.2. Horizontes de Variações Imaginárias	102
4.2.1. Arte	105
4.2.2. Cultura, valores e moralidade	107
4.2.3. Cidades, cosmos e jardins planejados	111
4.2.4. Crianças e desenvolvimento infantil	113
5. IMPERMANÊNCIAS	115
5.1. Aspectos Físicos da Geografia	118
5.2. Arquitetura e Design	119
5.3. Topofilia	121
5.4. Progresso	121
5.5. Escapismo	123
5.6. Placelessness	124
6. REPERCORRENDO TUAN – OS LIVROS	125
6.1. Geografia Física	128
6.2. Descortinando a Natureza Humana: em busca das essências	130
6.3. O mundo a partir de Tuan	142
7. PENSAMENTOS DE DESPEDIDA: “QUE É, AFINAL, GEOGRAFIA?”	149
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICE A - Currículo de Tuan organizado e numerado cronologicamente, colorido por década	173

APÊNDICE B - Temas trabalhados por Tuan por texto e por décadas	183
APÊNDICE C - Autores e referências por texto	186
ANEXOS 1 - Curriculum Vitae - Yi-Fu Tuan (original)	193

Capítulo 1

INTRODUÇÃO – PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

How to circumscribe the encyclopedic? How to contain the ocean of geographic imagination? These are the challenges that confront the writer foolish enough to arm wrestle with Yi-Fu Tuan's expansive mind and seek to submit it to some rules of convention and precedent (LEY, 2001, p. 3).

“Como circunscrever o enciclopédico? Como conter o oceano de imaginação geográfica? Esses são os desafios que confrontam o escritor tolo o suficiente para ousar uma queda de braço com a mente ampla de Yi-Fu Tuan e procurar submetê-la a quaisquer regras de convenções e precedentes”.

Que é geografia? A que(m) ela serve? Estas são questões fundamentais do pensar sobre nossa própria ciência em busca de soluções mais adequadas e consonantes com a realidade que se apresenta. Uma maneira de procurar a resposta a estas questões é a investigação do pensamento, obra e contribuições de grande geógrafos. Assim, enfrentando o desafio que Ley considera, no mínimo, ingênuo é que esta tese, que se coloca no campo da epistemologia, busca, fundamentalmente compreender o conjunto da obra, as características e abordagens do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Longe de procurarmos circunscrever ou delimitar sua geografia, nos propusemos um estudo exploratório em busca das matrizes, fundamentos e contribuições do autor.

Tuan é reconhecidamente um dos fundadores da geografia humanista e do uso das abordagens fenomenológicas em geografia. Consideramos que (re)conhecer e (re)percorrer uma obra de tal envergadura é de extrema importância para o pensar epistemológico de nossa ciência. Em 2012, Tuan recebeu o prêmio Vautrin Lud – maior comenda da ciência geográfica em âmbito internacional – o que ratificou a importância de compreendermos quais pensamentos e contribuições o fazem merecedor de mais este reconhecimento.

No Brasil, Tuan é conhecido pelas traduções de “Topofilia”, “Espaço e Lugar” e “Paisagens do medo” feitas pela professora Livia de Oliveira e alguns poucos artigos traduzidos, como o “Ambigüidades nas atitudes para com o meio-ambiente”, no Boletim Geográfico (1975e), o clássico “Geografia Humanística”, no famoso livro “Perspectivas da Geografia” organizado por Christofletti e as traduções mais recentes do professor Werther Holzer como “Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista” e “A cidade: sua distância da natureza”.

Entretanto, a obra de Yi-Fu Tuan é vasta. São vinte e um livros e mais de uma centena de artigos e resenhas, publicados em quase seis décadas – de 1957 até hoje. É uma obra com temáticas inovadoras para a geografia. Seus títulos já demonstram a singularidade de suas abordagens, já que dificilmente são encontrados similares na tradição da nossa ciência – *Dominance and Affection: the making of pets* (1984e), *The Good Life* (1986c), *Geography and Evil* (1999a) e *Human Goodness* (2008a) são apenas alguns exemplos. Não raro, em livrarias e bibliotecas, encontramos seus livros classificados nas estantes de psicologia, biologia e até esoterismo. Poucas vezes – se é que alguma – Tuan seguiu o fluxo da maioria das pesquisas geográficas, especialmente das funcionalistas. Mesmo que os temas sejam

relativamente comuns na geografia, como a noção de espaço, sua atitude é normalmente dissonante.

Antes de ser geógrafo, Yi-Fu Tuan é um humanista. Sua postura é de valorização da educação libertária, entendida como uma permanente reflexão crítica sobre a natureza da vida. É a busca da autocompreensão, para entender, então, a humanidade e a nossa essência.

Assim, a geografia de Tuan é uma procura para encontrar os sentidos universais nas experiências particulares, pelas coisas que temos em comum, ou seja, pela natureza humana. O autor é um arguto observador da realidade. Mas o que é realidade? É uma complexa mistura dos ambientes natural, cultural, moral e estético, que só pode ser apreendida pela experiência humana: o mundo.

Qual é a forma dos textos de Tuan? Como fundamenta sua metodologia? Seu texto segue um padrão bem conduzido: primeiro define um tema principal, depois elabora questões fundamentais e a partir daí o texto se desenrola em busca das respostas por meio da exploração de várias dimensões do tema, ilustradas por inúmeros exemplos concretos.

A partir de seus textos, foi cunhado um novo adjetivo: “tuaniano” “[...]which has become part of the lexicon of the professional geographer. It is applied to texts displaying a lucid prose style, a subtle probing of the human experience of the environment, and a sophisticated mix of wit, irony, and high-mindedness¹²” (ENTRIKIN, 2001, p. 430).

O estilo e a estrutura de texto e suas abordagens são condizentes tanto com sua postura humanista, quanto com a fenomenologia-existencialista que fundamenta grande parte de suas ideias. Ainda assim é comum alguns leitores encontrem dificuldades em situar Tuan epistemologicamente. Por que isso acontece? Certamente, não podemos dizer que o autor está desatendo ou desalinhado de corpo teórico. É uma postura frente à ciência. Como humanista, considera que a teoria pura e simples é incapaz de explicar a criatividade e a imaginação humanas; como fenomenólogo sabe que é preciso deixar os “pré-conhecimentos” entre parênteses, para que as coisas se revelem em si : “[...] in the narrative-descriptive approach,

¹ Nesta tese, optamos por traduzir as citações e passagens em língua estrangeira, por considerarmos que a tradução é, sobretudo, a expressão da compreensão que o leitor tem da obra. Assim, entendemos que colocamos mais claramente nossa própria posição, a nossa *leitura* em si da obra de Tuan.

² “[...] que se tornou parte do léxico do geógrafo profissional. Ele é aplicado a textos que exibem um estilo lúcido de prosa, uma sondagem sutil da experiência humana do ambiente e uma mistura sofisticada de sagacidade, ironia e altivez”.

theories hover supportively in the background while the complex phenomena themselves occupy the front stage³” (TUAN, 1991d, p. 686).

Tuan prefere percorrer livremente o campo epistemológico, por isso, poucas vezes aborda explicitamente suas bases conceituais. O autor é capaz de usar tanto o estruturalismo de Lèvi-Strauss, quanto o existencialismo sartreano: o primeiro, para explicar a construção dos espaços e lugares míticos nas comunidades primitivas e o segundo para compreender o poder. No entanto, como veremos mais detidamente no próximo capítulo, confrontando as duas matrizes, Tuan opta pela postura fenomenológica “[...] it is to explore the experience that individuals undergo under certain conditions⁴” (TUAN, 1971b, p.188).

O autor frequentemente organiza suas ideias (e por conseguinte, os textos) em pares, que ele chama de binários – nomenclatura advinda do estruturalismo – especialmente conceitos como lar e *hearth*, lar e mundo, espaço e lugar; *self* e sociedade, cidade e campo, jardim e wilderness: “It is the essence of these binaries that though the two elements of each pair are opposed they are nonetheless necessary to each other for meaning⁵” (TUAN, 1971b, p. 188).

Tuan é um homem de livre-pensar. Regras acadêmicas tendem a reprimir a sensibilidade e a imaginação do pesquisador. Seus textos são fruto de reflexões experienciais sobre o mundo e, por isso, mesmo, costumam tomar forma de uma conversa, para a qual, aliás, o autor convida diretamente seu leitor em algumas oportunidades. Coerentemente, suas matrizes de pensamento estão muito mais subjacentes do que explicitamente citadas. Sobre citações, Tuan (1998a, p.445) declara “This dependence on extensive citation may be counted an ambivalent virtue, however, for it tends to overshadow the author’s own point of view, to allow less space for the development of his own arguments⁶”

Na leitura de seus livros e textos é frequente que estudantes em busca de um método se frustrem. Em *Topofilia* (1980a, p.3) já na introdução anuncia “Os métodos de pesquisa não são apresentados”. Tuan (1974b, p. 55) explica o porquê: “Methodological debates in geography have seldom enthralled me because, with few exceptions, they persist outside the

³ “[...]na abordagem narrativo-descritiva, as teorias pairam, apoiando como pano de fundo, enquanto os próprios fenômenos complexos ocupam o palco central”.

⁴ “[...] é explorar a experiências por que passam os indivíduos sob certas condições”.

⁵ “A essência destes binários é que apesar dos dois elementos do par serem opostos, eles são todavia, necessários um ao outro para dar sentido”.

⁶ “Esta dependência de vastas citações pode ser considerada uma virtude ambivalente, pois, ela tende a ofuscar o ponto de vista do próprio autor e dar menos espaço para o desenvolvimento de seus próprios argumentos”.

context of philosophical currents of thought and in ignorance of the personal biases of the contestants⁷”.

Outra questão é que os métodos formalmente colocados, especialmente os funcionalistas, foram criados com o intuito de excluir a experiência direta do pesquisador e extrair dados específicos do entrevistado, sendo os questionários suas ferramentas mais comuns. Ambos objetivos são falhos. O pesquisador está no mundo, e sua experiência não pode ser anulada, assim como criar perguntas para colher dados particulares direciona o pensamento e não refletem a realidade.

Questionnaires, for example, are an indispensable tool for research on large human groups, but they can give a misleading picture of human psychology since their tabulated results do not register the hesitations and indecisiveness that plague human beings who must decide and act in the complexity and shifting demands of the real world. Field workers, are well aware of the uncertainties and ambiguities in the replies of the people they interview at length. Unstructured knowledge, however, fits ill with formalized research design and in published works it is either excluded or relegated to marginal commentary⁸ (TUAN, 1973a, p. 411).

Os questionários e ferramentas análogas têm ainda outro problema grave para o autor: o uso da mentira. Com o intuito de “não interferir” na realidade pesquisada, o falseamento tem se tornado prática comum nas ciências sociais (não tanto na geografia propriamente dita), onde o pesquisador finge ser uma personagem e revela o ardil na publicação.

I have seen horrible examples in which the research results are too trivial to justify the paper on which they are printed, much less the methodological lying. But I view with distaste the idea of practicing even harmless deception in the interest of truth, perhaps because I recognize the temptation too well⁹ (TUAN, 1974b, p. 56).

Deste modo, não é despropósito ou descuido de Tuan a pouca explicitação metodológica e teórica. Elas estão lá, subjacentes, dando suporte ao pensamento e as análises do autor, que são fruto de sua própria experiência-de-mundo. O intuito é permitir que a experiência revele a coisa-em-si.

⁷ “Os debates metodológicos em geografia raramente me cativam porque, com poucas exceções, eles persistem fora do contexto das correntes filosóficas de pensamento e ignoram o viés pessoal do escritor”.

⁸ “Os questionários, por exemplo, são uma ferramenta indispensável de pesquisa em grandes grupos humanos, mas pode fornecer um retrato enganoso da psicologia humana, uma vez que os dados tabulados não registram as hesitações e indecisões que infestam os seres humanos que precisam decidir e agir dentro das demandas complexas e volúveis do mundo real. Pesquisadores de campo estão bastante cientes das incertezas e ambiguidades nas respostas das pessoas que eles entrevistam. O conhecimento desestruturado, no entanto, não cabe no formato da pesquisa formal e nos trabalhos publicados ele é excluído ou relegado à comentários marginais”.

⁹ “Eu já vi exemplos horríveis nos quais os resultados da pesquisa eram muito triviais para justificar o papel no qual estava impressa, muito menos a mentira metodológica. Mas eu vejo com desgosto a prática mesmo de enganos inofensivos no interesse da verdade, talvez porque eu reconheça bem demais a tentação”.

Uma de nossas tarefas, então, é procurar revelar o que está implícito. Realizamos uma incursão epistemológica nesta obra – procuramos compreender quais são e como os temas são trabalhados pelo autor, os períodos mais férteis para esta ou aquela abordagem, suas influências e onde ancora seu pensamento para, finalmente, procurarmos responder “Que é Geografia?” para Tuan.

Para isso seus textos foram lidos, na totalidade, pelo menos duas vezes: a primeira leitura – livre e exploratória – foi feita em ordem cronológica, buscando além do contato íntimo com a obra, a evolução de sua geografia e dos temas trabalhados. A partir daí, elencamos as essências, matrizes e persistências da obra. A segunda leitura – esta mais sistemática – serviu para (re)encontrar e organizar os temas trabalhados em cada texto individualmente.

Organizamos então, em um primeiro momento, seu currículo em ordem cronológica e numeramos os textos conforme o apêndice A, a partir da primeira leitura, quando identificamos os temas que o autor privilegiava e tratava mais ou menos frequentemente, usando ou não referências e embasamentos em outros autores. Estes temas foram listados como preparação para a segunda leitura.

Nesta, também feita em ordem cronológica, à medida que determinadas temáticas iam sendo tratadas nos textos, nós fazíamos o registro. Deste modo, apresentamos no apêndice B em quais textos cada temática é trabalhada. Esta tabela deu embasamento para a construção das figuras 1, 2, 4, 6 e 7 que apresentaremos no texto desta tese. O mesmo exercício foi feito com os autores e livros que Tuan cita mais persistentemente, o que deu origem ao apêndice C.

A partir daí, para a redação desta tese consideramos necessário, em um primeiro momento, desmontar a obra, como propedêutica para uma compreensão mais adensada da geografia tuaniana. Assim, o segundo capítulo intitulado “Matrizes e Influências” inicia esta decomposição, procurando elucidar quais são as correntes filosóficas que norteiam o trabalho de Tuan. As matrizes poucas vezes são nitidamente colocadas, mas influenciam toda a sua obra enquanto pesquisador.

Consideramos que a maior contribuição de Tuan é fruto do seu livre-pensar e está colocada, especialmente, no modo como trabalha as essências geográficas. Apresentamos o ponto de vista do autor acerca destas no terceiro capítulo desta tese, de nome “Essências”.

O quarto capítulo, “Persistências”, elenca e discute temas recorrentes na obra de Tuan, em que o autor compartilha abordagens de outros autores, e que são, frequentemente, utilizados como exemplo ou ilustração para os debates.

Optamos por inserir um quinto capítulo, denominado “Impermanências”, onde exploramos temas que foram ou são importantes para Tuan e sua obra, porém apenas em períodos restritos.

Tendo então fornecido a visão do autor sobre os principais temas que perpassam sua obra, assim como suas influências, entendemos que é importante recompor a obra para a compreensão do todo. Esta tese evolui então da apresentação da visão de Tuan sobre as partes de sua geografia, para a busca da recomposição do todo, no capítulo seis, intitulado “Repercorrendo Tuan – os livros”. Neste, foram levantados todos os livros e seus temas, em ordem cronológica. Optamos aqui pelo uso dos livros por entendermos que eles sintetizam e sistematizam o pensamento de Tuan e fornecem uma boa ideia de conjunto.

Finalizamos com “Pensamentos de despedida – Que é, afinal, geografia?”, que sintetiza as noções de Geografia de Tuan, uma vez que entendemos que esta é a maior e mais definitiva marca que o autor imprimiu em nossa ciência e sua grande contribuição.

Capítulo 2

MATRIZES E INFLUÊNCIAS

Although he claims that no one single all-embracing concept guides his work, one thing is clear, Yi-Fu Tuan applies the delicacy and sensitivity of the poet to the study of human and landscape (LERTZMAN, 1997, p. 85).

“Apesar de dizer que nenhum conceito abrangente guia seu trabalho, uma coisa está clara, Yi-Fu Tuan aplica a delicadeza e a sensibilidade de um poeta ao estudo dos homens e da paisagem.”

Quais são os autores que embasam o pensamento livre de Tuan? Qual é a influência desses nos seus escritos? O autor não se caracteriza pela clara demonstração dos pressupostos de suas matrizes, ao contrário, Tuan sempre acreditou ser fundamental o pensamento livre e individual. Em poucas oportunidades ele faz citações diretas e suas ideias têm inspiração nas matrizes, mas ele pouco uso faz de ideias literais das proposições de outrem. No entanto, elas estão lá.

Certamente, podemos dizer que Tuan é um geógrafo humanista de fundamentos fenomenológico-existencialistas. Identificamos e enumeramos os textos em que o autor tenha feito um debate ou menção explícito acerca de seus fundamentos filosóficos. Esta sistematização está demonstrada na figura 1, onde podemos ver que estas matrizes são trabalhadas durante praticamente toda a sua carreira. Embora, de fato, sejam poucos os textos em que as matrizes estão explicitadas, elas subjazem suas abordagens em tudo que escreve. A escolha dos temas que aborda é também influenciada por estas matrizes que são de variados autores.

Entre os filósofos, suas matrizes de maior influência e importância são Bachelard, Foucault, Hanna Arendt, Heidegger, Iris Murdoch, Suzanne Langer, Lèvi-Strauss (que cita durante toda a vida), Merleau-Ponty, Piaget, Sartre, Simone de Beauvoir, Santanaya. Ainda devemos mencionar a leitura de algumas obras de Adorno, Bergson, Luckács, Kierkegaard, Schutz e Wittgenstein. Finalmente, os filósofos gregos, em especial Heródoto, Homero, Aristóteles e Platão também são citados pelo autor, mas não como matrizes de pensamento e sim como exemplos literários da cultura greco-romana¹⁰.

Mas Tuan também não se caracteriza como um “pontyano” ou um “bachelardiano”. Seu pensamento é acompanhado de uma diversidade de autores e de escolas filosóficas, tendo na fenomenologia uma de suas bases fundamentais, mas também busca fundamentos no estruturalismo de Lèvi-Strauss e, ao mesmo tempo, no pós-estruturalismo de Foucault e no existencialismo Sartreano.

¹⁰ Para um panorama dos autores e obras citados nos artigos e livros de Tuan, consulte o Apêndice C.

Figura 1: Matrices

Em *Morality an Imagination* (1989g, p.IX) há uma rara oportunidade em que Tuan declara:

Since this essay does have a philosophical-literary tenor, I see a duty to acknowledge the philosophers and schools of thought that have influenced me. By ‘philosophy’, I have in mind the old meaning of wisdom or an outlook on life and world. My greatest debt is to Iris Murdoch, Simone Weil, and Ludwig Wittgenstein, as much for their lives as for what they have written. They have all tried to live their philosophy: they are in this sense true moral philosophers. As for school of thought, existentialism-phenomenology may well be the single strongest influence, but more for its concrete descriptive psychology than for its high ontological flights. And in this bias toward the concrete – toward the specific cultural instance – I no doubt reveal my own background of learning and thinking in anthropogeography (TUAN, 1989g, p. IX)¹¹.

No livro, os filósofos citados são estudados um a um como exemplo de pessoas “boas”. Como já mencionado, são raras as ocasiões em que Tuan se posiciona abertamente, embora escreva sempre a partir de uma perspectiva humanista e fenomenologicamente influenciada.

O autor recorre ainda a historiadores, antropólogos e sociólogos, como Geertz, Lynn White Jr, Turnbull e Kenneth Clarck. No campo da literatura, no entanto, é que os referenciais de Tuan são mais numerosos e prolíficos, destacando-se Shakespeare, Updike, Saint-Exupery, D.H.Lawrence e C.S. Lewis. A literatura é, aliás, a presença mais constante ao longo dos mais de cinquenta anos de sua produção textual. Ela é usada tanto para enriquecer e poetizar o texto quanto para exemplificar as concepções de mundo e de cultura de determinados locais e períodos.

Não por acaso, entre os geógrafos, suas influências são menos numerosas – sua geografia é inovadora nos temas e nas abordagens e é, inclusive, rejeitada pelos pressupostos positivistas e materialistas colocados pelos geógrafos que o antecederam e criticada pelos pós-estruturalistas contemporâneos. Fazem parte de suas leituras, fundamentalmente, Carl Sauer, Lewis Mumford (que, embora seja historiador de formação, é considerado por Tuan como um dos maiores geógrafos de seu tempo), e seus contemporâneos, David Lowenthal, Robert Sack e Edward Relph.

¹¹ “Como este texto não tem um tom filosófico-literário, tenho a obrigação de reconhecer os filósofos e escolas de pensamento que me influenciaram. Por ‘filosofia’ tenho em mente os antigos significados de sabedoria ou um panorama sobre a vida e o mundo. Minha maior dívida é com Iris Murdoch, Simone Weil e Ludwig Wittgenstein, tanto por suas vidas como pelo que escreveram. Todos eles tentaram viver a sua filosofia: eles são, neste sentido, verdadeiros filósofos da moral. Já a escola de pensamento, a fenomenologia-existencialista pode bem ser a maior influência, mas mais por sua psicologia descritiva concreta do que por suas altas viagens ontológicas. E neste viés pelo concreto – no sentido de uma instância cultural específica – sem dúvida revelo meu próprio pano de fundo de aprendizado e pensamento na antropogeografia”.

Como o objetivo é compreender a influência das matrizes de pensamento na obra e dada a latente supradisciplinaridade de Tuan, optamos por não escrutinar os autores citados. Assim, identificamos quatro linhas de pensamento norteadoras que usaremos para a discussão proposta neste capítulo, para fazermos então uma pequena incursão em cada conjunto de matrizes, a saber: a fenomenologia e o existencialismo; o humanismo; o estruturalismo e; a geografia. Sobre cada uma dessas matrizes, procuramos compreender como o autor as explora em seus textos.

A figura 1 traz ainda uma demonstração acerca dos períodos em que Yi-Fu Tuan usou os termos “Humanistic Geography” e “Humanist Geography”, assim como seus debates acerca do humanismo. Consideramos relevante trazer aqui à discussão destas expressões e como se denota a substituição do primeiro pelo segundo termo ao longo do tempo. Retomaremos esta discussão neste capítulo.

2.1. Fenomenologia e Existencialismo

A partir da metade do século XIX emergem diversas contribuições em várias etapas da evolução dos estudos fenomenológicos. Foi em reflexões como as do filósofo alemão Edmund Husserl, considerado o fundador da fenomenologia moderna, que surgiram reações contra a ciência pragmatista do século XVIII. Husserl lança, entre outras, as sementes da “*intuição essencial*” por meio da “*redução fenomenológica*”, a noção de “*mundo vivido* e a *busca dos sentidos e das intencionalidades*” (AMORIM FILHO, 1999, p. 21 - 22).

O francês Maurice Merleau-Ponty, além de ampliar as proposições de Husserl por meio de exposições e comentários que as tornam mais acessíveis, propõe uma filosofia fenomenológica-existencial, onde a “consciência é vista como engajada (ou comprometida) no mundo, o que pode ser comprovado pelo estudo da percepção e do comportamento, além do espaço vivido” (AMORIM FILHO, 1999, p. 21 - 22).

Nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p.01) a fenomenologia:

[...] é o estudo das essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra

maneira se não a partir de sua ‘facticidade’. [...] É a ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivido’. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é e sem nenhuma referência à sua gênese psicológica e às explicações causais que [...] dela possam fornecer.

A fenomenologia com a qual Tuan compõe sua geografia é, fundamentalmente baseada em Merleau-Ponty que é, talvez, um dos mais “espaciais” fenomenólogos. Em decorrência da consciência se constituir a partir das experiências vividas, é pela vivência que o homem se põe em contato com o mundo dos objetos exteriores. Assim, os conceitos de mundo vivido, de intencionalidade e de intersubjetividade são imprescindíveis para a construção das noções de espaço e lugar e, em certo sentido, de toda a geografia tuaniana.

Como Tuan pode fundamentar a geografia na fenomenologia? A fenomenologia, como método, é passível de ser incorporada pela ciência:

Embora Husserl tenha elaborado um pensamento filosófico, ele direciona sua reflexão para as repercussões de sua filosofia na ciência e suas possibilidades [...] este intuito encontra respaldo em Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, com diferentes soluções, e ocupa todo o projeto de Schutz de estabelecer os termos de uma sociologia fenomenológica [...] (MARANDOLA JR, 2008, p.67).

Então, Merleau-Ponty (1999) explica que a própria ciência se faz a partir de uma visão, de uma interpretação que o homem dá ao objeto de estudo. Sendo assim, há o entendimento dos fatos, a compreensão e a experimentação do mundo, uma vez que a ciência não existe por si só:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar esta experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3)

A fenomenologia é uma das orientações filosóficas de mais elevada importância no âmbito da Geografia Humanista. Segundo Pickles (1985, p. 2), “Há uma tendência inata ao geógrafo de possuir afinidades com seus objetos de estudo em função de sua experiência, criando, dessa maneira, a consciência geográfica”.

A experiência geográfica antecede a ciência e independe dela, mas pode ser recomposta no campo filosófico da fenomenologia – consciência geográfica – porque para a fenomenologia não há separação possível entre sujeito e objeto e a consciência se revela ao mesmo tempo como intencionalidade, experiência e vivência do eu, fazendo com que as coisas se revelem em si.

A primeira menção à fenomenologia foi feita por Tuan em 1965c, no seu pequeno texto *Environment and World*. Nele, o autor comenta que Heidegger é um estudioso do conceito de mundo e ambiente, que ele trataria como arredores, imediações – o ambiente é um mundo inautêntico com o qual nos relacionamos ingenuamente por meio de coisas; o mundo, por sua vez, não é nem uma coisa nem um conjunto de coisas, é o reino de nossa experiência, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos.

Em outro texto, Tuan (1971b) salienta a importância da abordagem fenomenológica em geografia, uma vez que ela não procura compreender o homem ou o mundo como abstrações, mas o ser-no-mundo, a natureza da experiência e o sentido de ser.

The approach is phenomenological; for my purpose I take this term to mean a philosophical perspective, one which suspends, in so far as this is possible, the presuppositions and method of official science in order to describe the world as the world of intentionality and meaning. Phenomenology is concerned with essences: what, for example, is the essence of man, space, or experience? (TUAN, 1971b, p. 181)¹².

Neste sentido, Tuan (1971b) considera que a geografia ao mesmo tempo revela e espelha o homem. Revela-nos, pois, conhecer o mundo é conhecer a si mesmo; espelha-nos porque reflete sobre nossos padrões de pensamento e preocupações, a organização simbólica, a percepção, a atitude e o comportamento.

Os textos de Tuan têm uma organização padrão: primeiro são colocadas perguntas, geralmente questões fundamentais/essenciais, em sequência segue-se uma resposta e, finalmente, então, argumentos desenvolvidos por meio de exemplos largamente enriquecidos pela literatura não científica. Esse padrão é coerente com o método fenomenológico que o autor, por vezes, explicitamente assume para si, junto ao existencialismo. Assim, a matriz do ator é fenomenológico-existencialista.

Junto de Merleau-Ponty, que já mencionamos, Sartre é também uma das mais constantes referências de Tuan, com abordagem existencialista. O existencialismo se confunde e se entrelaça com a fenomenologia. Entretanto, para os existencialistas, a existência precede a essência:

¹² “A abordagem é fenomenológica; para o meu propósito considera que este termo significa uma perspectiva filosófica, uma que suspende, o tanto quanto possível, as pressuposições e o método da ciência oficial no intuito de descrever o mundo como o mundo de intencionalidade e sentido. A fenomenologia se preocupa com as essências: o que, por exemplo, é a essência do homem, espaço, ou experiência?”

O existencialismo distingue a essência da existência fazendo corresponder a primeira ao conhecimento intelectual, e a segunda ao conhecimento sensível. Os sentidos põem em contato seres particulares – os indivíduos, únicos que realmente existem, pois sua inteligência permite apreender as essências, que são meras possibilidades do ser. A apreensão desta essência não esgota a realidade dos seres, porque não explica sua existência. A Humanidade só existe a partir das características dos indivíduos que, mesmo sendo diferentes partilham da qualidade de existirem como seres humanos.

Estas teses distinguem o Existencialismo das filosofias ‘essencialistas’, reforçando a subjetividade, o dualismo e a mediação das coisas em relação ao homem. (HOLZER, 1992, p. 331-332).

Holzer (1992) comenta que a fenomenologia-existencial permite que as questões da experiência e da imaginação, tratadas na geografia humanista, sejam abordadas a partir da semiconsciência para a compreensão da experiência e para os sentidos não questionados, os quais criam o comportamento. Assim, Tuan não se preocupa com a distinção entre as matrizes filosóficas citadas – sua preocupação é com uma geografia humanista capaz de uma visão ampliada da natureza humana e suas relações.

Tuan (1972b) enumera e analisa concepções sartreanas, quais sejam: o nadaísmo, a liberdade, o futuro - e suas contribuições para a geografia. O homem tem consciência de si, isso o permite se compreender como ente separado das coisas. Esta separação é o nada. Procuramos, então, preencher o nada pelo pensamento e percepção, fazendo projeções para o futuro. Esta é a liberdade no sentido existencial.

A liberdade garante que a percepção vá além do que realmente existe, ganhando contornos de imaginação. Mesmo a percepção de algo que falta, que não está, é percepção de algo. O homem comanda seu mundo e, para isso, reduz o outro a um objeto em seu mundo. Essas concepções afetam, por exemplo, a noção de natureza em Tuan, sua separação e subordinação à intencionalidade e à ação humana.

A geografia de fundamento fenomenológico-existencialista do autor vai ao encontro de seu posicionamento humanista frente à ciência e à sua própria vida. Veremos a seguir como ele entende o humanismo.

2.2. Humanismo

If scientists are a special breed because they experiment, humanists are a special breed because they conscientiously and systematically reflect on experience. (TUAN, 2001b, p. 44)¹³.

Tuan é declarada e reconhecidamente um humanista. Entretanto, “we cannot speak so easily of the humanist view [...] because [...] humanists do not subscribe to an explicit body of doctrine on human nature¹⁴” (TUAN, 1963d). Por esta razão, é fundamental explorarmos sua obra em busca de suas concepções de humanismo e como esse penetra a sua geografia.

Marandola Jr. (2005b, p.395) argumenta “a favor de uma Geografia permeada pelo Humanismo”, neste sentido, para a geografia, o humanismo seria menos um paradigma ou corrente da ciência geográfica e, mais uma postura ou *attitude*¹⁵. Embora Tuan (1976a) se posicione pela geografia humanista como um ramo da ciência geográfica dada a incompatibilidade de suas peculiaridades e capacidades de ver e trabalhar o mundo, o espaço e o lugar com a geografia posta até então, consideramos que Tuan assume exatamente uma atitude humanista para a geografia.

É à atitude humanista que atribuímos as temáticas inovadoras e de grande sensibilidade, que tanto identificam o autor, a saber: a domesticação da água, a experiência do medo, o sentido de ser bom e a nossa necessidade inerente de escapar do mundo, certamente não são exemplos de abordagem em uma geografia tradicional. Suas concepções de espaço, lugar, mundo, paisagem estão trespassadas pelo humanismo. E ainda que permear toda a ciência geográfica, em suas diversas tradições, pelo humanismo seja apenas uma situação ideal, Tuan demonstra com sua obra que é possível uma geografia plural e completa com esta postura.

Entretanto, o autor não é um homem de padrões. Seria uma simplificação grosseira “encaixá-lo” em uma determinada matriz ou postura filosófico-científica. Em *Architecture*

¹³ “Se os cientistas são uma raça especial porque eles experimentam, humanistas são uma raça especial porque eles consciente e sistematicamente refletem sobre a experiência”.

¹⁴ “Não podemos falar tão facilmente sobre a visão humanista [...] porque [...] humanistas não se filiam a uma doutrina explícita sobre a natureza humana”.

¹⁵ Para a contextualização do termo ver item 4.1.3.

and human nature, Tuan (1963d) classifica os humanistas em três tipos: o romântico, o sentimental e o *carport*¹⁶. O traço em comum, que os identifica como humanistas é a visão limitada da vida, que atinge somente as dimensões social e biológica (horizontal), desconsiderando a visão vertical e o sentido transcendental da vida, questão essa, superada pelo existencialismo sartreano. O humanismo tuaniano – que, claramente não é nenhum dos três “padrões” por ele identificados – tem orientação fenomenológico-existencialista.

Tuan (1976a, p. 266) considera então que o humanismo é “an expansive view of what the human person is and can do¹⁷”. Assim, suas preocupações e críticas estão no fato de que o humanismo científico tem se tornado tão doutrinário e fechado quanto foi a visão de mundo religiosa. Dessa forma, para Tuan (1976a, p. 267), o humanista moderno não desconsidera nenhuma visão e, sobretudo, “does not deny scientific perspectives on man; he builds on them¹⁸”.

O humanismo implica também no pensar, no experienciar e perceber todas as pessoas em sua individualidade e como comunidade ou cultura. Tuan (1993a, p. x) recorre a Heidegger para afirmar que o humanismo também é “a patient listening to reality, letting it reveal itself rather than forcing it to yield its truth, essence, or value.¹⁹”

Como é então a geografia humanista? Tuan (1976a, p. 267) explica que a “Humanistic geography,[...] specifically tries to understand how geographical activities and phenomena reveal the quality of human awareness²⁰”. O autor sugere, então, quais seriam os temas privilegiados de foco da geografia humanista: o conhecimento geográfico, considerando que todas as pessoas produzem e possuem uma geografia a partir de sua experiência no mundo; as noções de território e lugar, com foco na compreensão de como espaços se transformam em lugares, qual é a natureza de nossa experiência, a ligação com o lugar e o pensamento simbólico; o apinhamento e a privacidade, procurando compreender a cultura como mediadora entre o comportamento e a emoção e; a religião, buscando entender como as ambiguidades humanas influenciadas pela religião se manifestam em nossas atitudes e na organização do espaço e do tempo (TUAN, 1976a). Em outro texto, Tuan (1967a) também

¹⁶ Para as visões de homem e natureza humana de cada tipo de humanismo, ver item 3.6.

¹⁷ “Uma visão abrangente do que a pessoa humana é e pode fazer”.

¹⁸ “Não nega a perspectiva científica sobre o homem; ele constrói sobre ela”.

¹⁹ “Um paciente escutar da realidade, permitindo que ela se revele ao invés de forçá-la a revelar sua verdade, essência ou valor”.

²⁰ “Geografia humanística [...] especificamente procura compreender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da consciência humana”.

sugere que o estudo das atitudes em suas diversas nuances – atitudes para com um aspecto do ambiente, uma região, a relação homem-meio e até as cosmografias tradicionais seria uma abordagem possível da geografia humanista.

Ao longo de sua obra, em momentos diferentes, Tuan abordou todas essas temáticas e avançou, criando novas frentes de discussão desta geografia, como a concepção de bondade, o medo, o poder como natureza das pessoas. O mais importante é que “Humanist findings promote self-knowledge. The promotion of self-knowledge is perhaps the ultimate value of the humanists; and we are told on good authority that the unexamined life is not worth living²¹” (TUAN, 1974a, p. 246).

Discutidas as influências e noções humanistas do autor, não poderíamos nos furtar de trazer à tona o debate entre a expressão consagrada por ele “geografia humanística” e a que usamos nesta tese, “geografia humanista”.

2.2.1. *Geografia humanística, geografia humanista ou geografia cultural?*

Embora Tuan tenha consagrado o uso da expressão *humanistic geography*, traduzida para geografia humanística, não nos parece que ele tenha, com isso, negado o uso de *humanist geography* que assumiu ao final de sua carreira. Ao fazer a transição do uso de uma para a outra expressão Tuan não publicou qualquer comentário sobre suas motivações. Mas vamos procurar explorá-las.

Até o final da década de 1970, Tuan (1967a; 1974a; 1976a, 1976b; 1977c; 1978c; 1978e; 1979d) usa exclusivamente a expressão *humanistic geography*, traduzida em português para Geografia Humanística (ver Figura 1). A expressão tornou-se célebre e ainda é usada por muitos autores.

²¹ “As descobertas humanistas promovem o auto-conhecimento. A promoção do auto-conhecimento é talvez o derradeiro valor dos humanistas; e foi-nos dito com boa autoridade, que uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

Entretanto, Holzer (1992, p. 325-326) faz uma exposição acerca da acepção léxica dos dois termos, e opta pelo uso do termo *humanista* por concluir que:

[...] em português o primeiro [humanista] é adjetivo comum de dois gêneros e o segundo [humanística] não. Escolhemos o primeiro, pois se associa imediatamente ao substantivo HUMANISTA, que é associado em seguida ao humanismo filosófico e ao estudo das humanidades [...]. O caráter substantivo do termo HUMANISTA é muito importante, pois indica uma corrente da geografia nitidamente diferenciada de uma geografia positivista e estruturalista [...]. O termo HUMANÍSTICA em português, teria um sentido por demais adjetivo, e até caricato, dando a idéia, na melhor das hipóteses, de um subcampo de algum campo da geografia, como da geografia cultural, por exemplo [grifo do autor]

Em 1977, Edward Relph publicou *Humanism, Phenomenology, and Geography*, texto que consiste em uma crítica ao artigo *Humanistic Geography* (1976a) de Yi-Fu Tuan. Relph (1977) comenta que Tuan parece considerar a geografia humanística como um subcampo independente da disciplina geográfica, com conteúdo pré-estabelecido. Este conteúdo foi sugestionado por Tuan para o trabalho do geógrafo humanista (território e lugar; privacidade e aglomeração; subsistência e economia; religião). Relph considera que a geografia humanista perpassa todos os campos da própria geografia humana, e não pode se configurar como um subcampo disciplinar. Relph critica, ainda, o uso do termo *humanistic* que poderia se relacionar tanto ao humanismo, quanto com a própria humanidade.

No mesmo ano, Tuan publicou um comentário em resposta às críticas de Relph. Nesse pequeno texto, o autor reafirma o posicionamento em que considera a geografia humanística como uma subcampo disciplinar, porque ela possui um ponto de vista peculiar, que permite trazer novas formulações para os problemas geográficos (TUAN, 1977c).

Holzer (1992, p.326) colocou que “a tradução pura e simples do inglês HUMANISTIC para o português HUMANÍSTICA, nesse caso é inadequada, razão pela qual optamos por traduzir HUMANISTIC GEOGRAPHY para geografia humanista”, atribuindo, portanto, maior peso à tradução do termo como condicionante da visão de geografia. Tuan parece ratificar a posição de Holzer acerca da diferença entre os dois termos, optando pelo *humanistic* e, portanto, pela posição de que a *humanistic geography* é um subcampo da geografia.

Embora seja esta a posição de Tuan na década de 1970, entendemos que hoje, podendo vislumbrar sua obra, discussões e abordagens, restringir sua geografia a um subcampo, seria diminuir e limitar as proporções que ela tomou. Entrikin (2001, p. 433) concorda conosco quando diverge das publicações de história do pensamento geográfico que colocam a

geografia humanista como um subcampo: “Even in some of the more thoughtful examples of this genre, one is struck by the thinness of the image of Tuan as the builder of a subfield, compared to his almost boundless project of understanding the nature of the good life²²”.

A partir do final década de 1980, Tuan substituiu o uso de *humanistic geography*. Em três publicações (1989a; 1991a; 2012) encontramos *humanist geography* (ver Figura 1). Entretanto, não houve, por parte do autor, declaração explícita acerca das motivações da mudança. Acreditamos na incorporação cada vez maior da postura humanista frente à todas as questões da ciência geográfica.

Ainda assim, em períodos recentes, identificamos três publicações - que são transcrições de conferências - onde Tuan (1998c; 2001b; 2005b) voltou a usar *Humanistic Geography*. Atribuímos esse uso ao discurso oral, que se direcionava a um público que já reconhecia o seu consagrado *humanistic*.

Não obstante o debate em torno dos dois termos apresentados, a partir da década de 1980, Tuan (1989a; 2003b; 2004a) passa a usar também – e não em detrimento – *cultural geography*.

A favor do uso desta nova expressão, Adams, Hoelscher e Till (2001) discutem a incorporação das teorias pós-estruturalistas, pós-modernistas e pós-coloniais na geografia. Estas influências teriam marcado uma mudança ontológica e epistemológica nas humanidades, questionando a validade da busca por definições universais. Em uma conversa informal com dois dos autores, o próprio Tuan teria dito “For very good reasons this term [humanistic geography] has not been very used with much frequency since the late 1980s²³” (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001, p. xvi). Deste modo, muitos geógrafos humanistas assumiram para si o fazer de uma geografia cultural.

No entanto, Tuan não assume estas novas matrizes ou posturas. Sua geografia, mesmo no seu mais recente livro – *Humanist Geography* (2012) – é humanista, porque parte indubitavelmente da experiência humana em busca de nossas essências, da natureza humana, daquilo que nos define.

²² “Mesmo em alguns dos exemplos mais profundos deste gênero, uma pessoa é atingida pela limitação da imagem de Tuan como construtor de um subcampo, comparado com seu quase ilimitado projeto de compreensão da natureza e da vida boa”.

²³ “Por boas razões este termo [geografia humanística] não tem sido usado com muita frequência desde o final dos anos 1980”.

Por isso, nós optamos pelo uso de *Geografia Humanista*. Acreditamos que o humanismo é, mais que apenas uma matriz científica, uma postura frente à vida. Também julgamos importante a busca pela compreensão da natureza humana, ainda que aceitemos as inúmeras especificidades e individualidades que se expressam por meio da cultura e do comportamentos humanos – talvez seja este um dos componentes da natureza humana.

2.3. Estruturalismo

Embora tenha, desde muito cedo, apoiado sua geografia na perspectiva fenomenológica, o autor afirma que não se restringe a ela e que prefere não fazer uso de sua linguagem técnica (TUAN, 1974a). Tuan (1972b) chega a trabalhar em *Structuralism, Existentialism, and Environmental Perception* as contribuições das duas abordagens para a geografia – a fenomenológico-existencialista e o estruturalismo – reiterando, ao final do seu texto, a opção pela fenomenologia, assim como faz também em outra oportunidade:

The discovery that a culture world can be analyzed into component structures which bear symmetrical or mirror-image relationships to each other is a discovery of the structuralist school in social Science. We can study the binaries from the structuralist's viewpoint. But the position I am taking up here is phenomenological: it is to explore the experience that individuals undergo under certain conditions (TUAN, 1971b, p.188)²⁴.

Piaget e, mais frequentemente, Lèvi-Strauss são fontes constantes em seus textos. As análises sobre as crianças, o seu desenvolvimento cognitivo, e a construção das noções de mundo e lugar pelas crianças está enraizado em Piaget e seus comentadores²⁵. Em Lèvi-Strauss busca, principalmente, os debates e estudos de campo sobre culturas primitivas e comunidades tradicionais.

²⁴ “A descoberta que um mundo cultural pode ser analisado em componentes estruturais que sustentam relacionamentos simétricos ou espelhados uns com os outros é uma descoberta da escola estruturalista das ciências sociais. Podemos estudar os binários a partir do ponto de vista estruturalista. Mas a posição que estou tomando aqui é fenomenológica: é explorar a experiência que os indivíduos passam sob certas condições”.

²⁵ Sobre crianças e desenvolvimento infantil, ver item 4.2.4.

Grande parte da obra de Tuan - em especial seus livros - faz menção às estruturas, crenças e valores de culturas primitivas. Frequentemente, estas são colocadas frente às culturas europeia medieval, chinesa e ocidental moderna, com destaque para os Estados Unidos. Ele faz questão de enfatizar que culturas podem ser comparadas: “Cultures can be compared with one another on the basis of selected criteria. One criterion might be the extent of control over nature; another is transparency²⁶” (TUAN, 1989b, p. 272). Seria a partir da comparação entre as culturas que poderíamos avançar no sentido de buscar melhor interação com o mundo, justiça social e, sobretudo, promover a valorização do indivíduo (*self*).

O estruturalismo considera que há uma estrutura maior com a qual todas as culturas se relacionam. O mito, segundo Lèvi-Strauss, é um destes elementos universais da cultura e, embora existam infinitas variedades de mito, todos eles têm raízes e características comuns. Daí a possibilidade de comparar culturas.

Sem nunca ter feito trabalhos de campo com os povos destas culturas que classifica como primitivas, Tuan se apoia especialmente nos estudos de Lèvi-Strauss para exemplificar as estruturas, crenças e valores dessas culturas, contrapondo-as à cultura ocidental moderna e à chinesa. Devemos ainda destacar o constante uso dos esquimós, pigmeus, Tuaregues e índios Pueblos norte-americanos como exemplos, usando trabalhos de autores como Colin Turnbull, Carl Sauer e Aldous Huxley.

Lèvi-Strauss vê a estrutura como uma “entidade cujos componentes só são compreensíveis em função uns dos outros e do todo que constituem, de tal modo que este todo tenha uma realidade lógica e ontológica que transcenda a de seus componentes” (TEIXEIRA, 1999, p. 66-67).

O estruturalismo tem como conceitos fundamentais a estrutura e o modelo. Ambos respondem à necessidade de organizar a realidade para gerar conhecimento. A estrutura social se refere aos modelos construídos a partir da realidade empírica, não sendo, portanto, a própria realidade empírica (HOLZER, 1992). Segundo Lèvi-Strauss (1970), os modelos devem, em primeiro lugar, ser sistêmicos, ou seja, uma alteração em um modelo altera os outros e, portanto, muda-se a estrutura; eles precisam também fazer parte de um conjunto de transformações em uma mesma família de mudanças; devem permitir prever reações futuras

²⁶ “As culturas podem ser comparadas umas às outras sob critérios selecionados. Um critério pode ser a extensão do controle sobre a natureza; outro é a transparência”.

do modelo em caso de modificação em um de seus elementos e; finalmente, devem ser capazes de explicar todos os fatos observados na realidade empírica.

Tuan (1972b, p. 322-323) resume as características do estruturalismo, que são “(1) the recognition of discontinuous segments in nature’s continua; (2) the recognition of binary oppositions among the segments; (3) dissatisfaction with the discontinuities of the polar oppositions and the search for mediating terms; and (4) the transformation of one structure to another.²⁷”

A noção de mito é uma das maiores marcas da obra de Lèvi-Strauss. Para o autor o mito é uma linguagem espontânea, que não possui nenhuma função prática aparente, ela consiste em sistemas simbólicos pelos quais as sociedades e culturas estruturam suas representações de mundo. Lèvi-Strauss defende, ainda, que os mitos possuem uma estrutura comum a todos os povos e, por isso, eles devem ser estudados e compreendidos e comparados entre si. Entretanto, embora esse filósofo seja uma constante referência para Tuan, no seu capítulo sobre “Espaço mítico e lugar”, no clássico *Espaço e Lugar*, a noção de mito não está embasada em Lèvi-Strauss, que sequer é citado em todo o livro.

Tuan (1972b) salienta que o estruturalismo de Lèvi-Strauss não se preocupa com a perspectiva individual ou existencial, falha corrigida por Piaget com o seu sujeito epistêmico, que é o cerne cognitivo que nos confere a possibilidade de construir conhecimento. Assim, Tuan considera que as concepções estruturalista e existencialista de homem diferem, mas não são contraditórias.

Atribuímos à influência estruturalista as preocupações de Tuan com a linguagem, as noções de continuidade e descontinuidade, assim como suas análises sobre a violência da alimentação e a evolução da etiqueta na Europa Medieval até o Iluminismo. Outra marca é sua frequente organização de temas em binários – termos que são ao mesmo tempo opostos e complementos – a exemplo de espaço e lugar; cosmos e *hearth*; moralidade e imaginação, entre outros.

²⁷ “(1) o reconhecimento de segmentos descontínuos na continuidade na natureza; (2) o reconhecimento de oposições binárias entre os segmentos; (3) insatisfação com as descontinuidades das oposições polares e a busca por termos de mediação; e (4) a transformação de uma estrutura em outra”.

2.4. Geografia

Entre os geógrafos, Carl Sauer é, sem sombra de dúvida, a referência mais constante e permanente ao longo da obra de Tuan. Em diversas oportunidades ele expressou sua admiração pelo autor e ressaltou sua importância nos estudos geográficos. Sauer o acompanhou como referência desde seus escritos geomorfológicos até seus estudos culturais, em especial sobre povos tradicionais.

Sauer foi um dos primeiros pesquisadores a absorver elementos subjetivos, em especial em seu conceito de “Paisagem Cultural”. Holzer (1999b) declara que “Levando suas propostas a uma atitude intelectual mais radical, Sauer incorporaria integralmente a subjetividade que estava implícita no conceito de lugar [...] Estas idéias certamente iriam influenciar os geógrafos humanistas 50 anos depois” (HOLZER, 1999b, p.68).

Lewis Mumford, considerado geógrafo por Tuan, é um autor pelo qual nutre profunda admiração, foi um grande estudioso das cidades, as quais ele compreendeu por meio da experiência e da observação pessoal. Tuan se baseia no autor, especialmente, em suas descrições, análises e composições das cidades desde a antiguidade até as megalópoles modernas, com abordagens que perpassam, por exemplo, a influência da cidade na comunidade, o cidadão ideal na polis grega, a vida doméstica e a evolução da casa ou a vida no subúrbio norteamericano.

Com Lowenthal, Relph e Sack, Tuan edifica e compartilha sua geografia, especialmente no que tange a incorporação das matrizes fenomenológicas e humanistas à geografia, criando uma ciência com base na experiência do ser-no-mundo. Tuan (2003b) atribui a Lowenthal, na década de 1960, a proposição de uma geografia psicologicamente embasada – a *perceptual geography* – que introduziu temas como a percepção, o comportamento e a imaginação acrescidas à antiga geografia cultural que considerava a percepção determinada pela cultura. Com Relph, Tuan se debruça sobre o sentido de lugar e os caminhos da própria geografia humanista.

Foi possível, portanto, reconhecer a supradisciplinaridade de matrizes e referências que Tuan traz para compor seu pensamento. Ao elencarmos os autores citados por ele, chegamos à impressionante marca de mais de quinhentos autores diferentes! Assim, longe de

esgotar autores e temas trabalhados, o que procuramos fazer aqui foi uma sistematização e apresentação daqueles que se repetem com mais frequência e cujas obras deixaram marcas mais profundas nos textos tuanianos.

De cada uma das três matrizes de pensamento primordiais, foi possível identificar marcas de suas influências na geografia tuaniana (Figura 2).

Figura 2: Matrizes e influências

Assim, suas noções de mundo vivido, a importância da experiência no reconhecimento das essências são as principais “marcas” fenomenológicas no seu trabalho, assim como o estruturalismo é a matriz que o permite comparar culturas diferentes, e assim por diante.

A partir daqui, faremos agora uma incursão nos temas trabalhados ao longo da carreira, no modo como os conceitos são colocados e considerados, fazendo uma dissecação da obra. Estes temas foram organizados de modo a compreendermos quais são essências geográficas para Tuan – apresentados no capítulo três a seguir – e quais são temas que persistem em debate, discutidos no quarto capítulo.

Capítulo 3

ESSÊNCIAS

Tuan has created something unique in contemporary American geography: an in-depth, evolving analysis of the human experience of terrestrial space and its selective transformation into place by mankind (McMANIS, 1984, p. 236).

“Tuan criou uma coisa única na geografia americana contemporânea: uma análise profunda e em constante evolução sobre a experiência humana do espaço terrestre e sua transformação seletiva em lugar pela humanidade”.

“Às coisas elas mesmas”. A busca pelas essências é o fundamento fenomenológico. “Sua pretensão é de relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente ou, mais genericamente o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das *essências* a sua matéria prima”[grifo do autor] (HOLZER, 1997, p.77).

Todo fenômeno que é percebido possui uma essência. Se podemos designá-lo, nomeá-lo, ele é. Se ele é, há essência. Ela nos permite identificar o fenômeno, ainda que ele seja apenas possibilidade de fenômeno. Para alcançar a essência, não se trata de comparar e de concluir, mas de reduzir – colocar entre “aspas” as pré-concepções - para fazer aparecer o que lhe é essencial por meio da intuição.

Se eu não consigo imaginar o fenômeno sem uma coisa, essa coisa é parte de sua essência. Por exemplo, o movimento precisa necessariamente de um corpo. Não há como pensar o movimento, em quaisquer de suas formas ou variações sem um corpo. Significa que o corpo pertence à essência do movimento. A essência, então, é acima de tudo, uma consciência de impossibilidade - sem ela é impossível que o fenômeno seja.

As essências não são aquilo que se esconde por de trás do fenômeno e, que ao descortiná-lo se revela, “ao contrário, [a essência] ressalta que o sentido e um fenômeno lhe é imanente e pode ser percebido, de alguma maneira, por transparência” (DARTIGUES, 1992, p. 15).

Sem dúvida, há uma essência de cada objeto que percebemos: árvore, mesa, casa, etc. e das qualidades que atribuímos a estes objetos: verde, rugoso, confortável, etc. Mas se a essência não é a coisa ou a qualidade, se ela é somente o ser da coisa ou da qualidade, isto é, um puro possível para cuja definição a existência não entra em conta, poderá haver tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir; isto é, tantas quantos objetos nossa percepção, nossa memória, nossa imaginação, nosso pensamento podem se dar independentes da experiência sensível, muito embora se dando através dela, as essências constituem como que a armadura inteligível do ser, tendo sua estrutura e suas leis próprias (DARTIGUES, 1992, p.16)

As essências tratadas neste texto são, portanto, aquilo que dá sentido, que fundamenta a Geografia de Yi-Fu Tuan. Não por acaso, Tuan dificilmente usa outros autores para conceituar suas essências; elas são seu pensamento colocados em texto. São as essências que permanecem, elas são o verdadeiro sentido e direção de suas discussões. A figura 2 mostra o quanto o autor se importa em (re)trabalhar e fundamentar sua geografia nas essências.

Figura 3: Essências

A figura 3 foi sintetizada a partir do levantamento de textos que abordam os conceitos destas essências. Remeter-se às essências, em detrimento das categorias de análise, é a tentativa de superação da dicotomia sujeito-objeto. A importância delas é evidente. A paisagem, por exemplo, perpassa toda a carreira de Tuan, desde o jovem geomorfólogo até o célebre humanista. Será que ela é vista sempre da mesma forma? E o que é paisagem? Espaço e lugar são constantemente debatidos, mas nas últimas décadas, o lar e o *hearth* têm se tornado cada vez mais preponderantes. Por quê? A maioria dos geógrafos não usa o mundo como categoria de análise. Porque ele é uma essência tão importante para Tuan?

Para responder estas e outras questões, pretendemos, neste capítulo, sintetizar e discutir quais são estas essências e, sobretudo, como Tuan as trabalha e as compreende ao longo de sua obra. Vamos, em alguma medida, debatê-las com alguns autores, com intenção de dar suporte a esta tese, mas ressaltamos que, Tuan, como dissemos é “dono de suas próprias criações”.

3.1.Espaço

Space, not place, tantalized by Americans when the frontiers were open and resources appeared limitless. Space is abstract. It lacks content; it is broad, open and empty, inviting the imagination to fill it with substance and illusion; it is possibility and beckoning future. Place, by contrast, is the past and present, stability and achievement. (TUAN, 1975a, p. 164-165)²⁸

Em respeito à maneira como Tuan aborda os conceitos – espaço e lugar – optamos por tratar inicialmente do primeiro e em seguida do segundo. Entretanto, o espaço aparece, quase sempre, junto ao lugar na obra do autor. Entendendo o espaço como categoria privilegiada da geografia positivista e materialista, diferenciá-lo do lugar é uma das tarefas a que Tuan mais se debruçou até a metade de sua carreira. Atesta Mello que (2001, p.90) “ [...] Tuan explora

²⁸ “Espaço, não lugar, tantalizado pelos Americanos quando as fronteiras foram abertas e os recursos pareciam ilimitados. O espaço é abstrato. Ele carece de conteúdo; é amplo, aberto e vazio, convidando a imaginação a preenchê-lo com substância e ilusão; ele é a possibilidade e um aceno para o future. Lugar, ao contrário, é passado e presente, estabilidade e realização”.

um conceito-chave que se confunde com a própria trajetória da perspectiva humanística: o lugar e, por complementaridade e antagonismo, o conceito espaço”.

Ainda que tenhamos, neste texto, escolhido analisar estas noções separadamente, vamos iniciar este item “espaço” abordando-o binariamente com o lugar, que será tratado a seguir. Em poucas oportunidades (apenas dois artigos) o autor trabalhou com o conceito de espaço sem usar também o de lugar.

Na célebre e venusta frase, na introdução de *Espaço e Lugar* (1983a, p. 3) “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” já podemos ver enunciada a filiação do lugar à experiência direta, à identidade e a associação do espaço à sensação e à imaginação, por este ser mais abstrato do que o lugar. A ideia foi reapresentada outras vezes, como em:

Place has connotations of security, caring, and established meanings, as well as the somewhat negative sense of accepted habits, routine, and the maintenance of a status quo. Space signifies the unknown and the future, freedom and vulnerability. We all value freedom – and the possibilities of the future – and yet to be open is to be exposed, not only to new and welcome influences but to threats and danger as well (TUAN, 1985b, p. 23)²⁹.

À medida que conhecemos melhor e dotamos de valor um espaço, ele se transforma em lugar. Levando às últimas consequências, consideramos que o espaço é inalcançável, porque à medida que avançamos para experienciar os espaços, transformamo-lo em lugar: “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983a, p.83).

O espaço é tudo que não é lugar. Ele é seu oposto, mas é também seu complemento, em uma relação dialética da experiência e da percepção. Tuan (2011) comenta que o lugar é um espaço estruturado, é um local onde uma pessoa ou um grupo deposita significados e sentidos, mas o autor salienta que espaço, tempo e lugar estão intrinsecamente conectados na experiência.

Não é simples apreender a noção de espaço em Tuan, porque “O espaço, desde que adquira familiaridade e propósito, é muito pouco distinto do lugar” (TUAN, 2011, p. 16). Fato é que precisamos dele, assim como precisamos do lugar.

²⁹ “O lugar tem conotação de segurança, cuidado, e estabelece significados, assim como um sentido um tanto negativo de hábitos aceitos, rotina, e manutenção do status quo. Espaço significa o desconhecido e o futuro, liberdade e vulnerabilidade. Todos valorizamos a liberdade – e as possibilidades do futuro – e ainda ser aberto é ser exposto, não apenas às influências novas e bem-vindas, mas também às ameaças e ao perigo”.

O espaço é, sem dúvida, mais do que um ponto de vista ou um sentimento complexo e fugaz. É uma condição para a sobrevivência biológica. Mas a questão de quanto espaço um homem necessita para viver confortavelmente não tem uma resposta simples. O espaço como recurso é uma apreciação cultural. [...] O espaço é uma recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado. É mundialmente um símbolo de prestígio [...] O espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual (TUAN, 1983a, p. 65-66).

É a partir do lugar que compreendemos o espaço:

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983a, p. 6).

Este relativo “distanciamento” que o espaço implica é fruto também dos sentidos que usamos para percebê-lo e experienciá-lo. Tuan explica que usamos a visão, a cinestesia e o tato para nos movimentarmos e compreender aquilo que está fora, que está longe. Esses são sentidos que Tuan chama de “espacializadores”, possibilitam-nos apreender o caráter espacial e geométrico do mundo (TUAN, 1983a, p. 14). Já os sentidos da audição, paladar e olfato estão profundamente associados ao sentido de lugar – eles nos “envolvem” nos colocam “dentro”. Certamente, Tuan considera que a experiência de mundo é completa com os cinco (ou mais) sentidos atuando juntos e ao mesmo tempo, a diferenciação é apenas para a demonstração didática da diferença das experiências de espaço e lugar.

A perspectiva humanista analisa o espaço a partir do estudo das sensações e ideias espaciais baseadas na experiência. O espaço é entendido como abstração (embora Tuan argumente que para o matemático o espaço é mais abstrato que para os geógrafos) da qual o sujeito é o centro. O espaço é, portanto, compreendido por meio do corpo. O corpo precisa de espaço, ele o organiza e se orienta por ele, extrapolando para o espaço as referências que o corpo nos dá – frente, atrás, direita e esquerda. O corpo forneceu as primeiras medidas de espaço, algumas ainda amplamente utilizadas, como as polegadas das telas dos televisores.

O sentido de espaço é dado, então, a partir da percepção visual, tato, movimento e pensamento. Sobre o pensamento, Tuan salienta que “Thought really enhances our ability to recognize and structure persisting objects among the wealth of fleeting impressions. The recognition of objects implies the recognition of intervals and distance relation among objects, and hence of space” (TUAN, 1974a, p. 215).

A distância é uma importante experiência do espaço. É uma intuição não apenas espacial, mas também temporal – perto e longe são distâncias, assim como agora e depois.

Espaço e tempo são inseparáveis e indivisíveis e igualmente importantes no âmbito da experiência. Tuan (1974a, p. 224-225) delinea os argumentos tanto a favor da primazia do tempo quanto da primazia do espaço, para demonstrar que não há superioridade alguma. Passado, presente e futuro conformam o espaço:

In characterizing the structure of space, I introduce the terms past, present, and future. The analysis of spatial experience seems to require the usage of time categories. This is because our awareness of the spatial relations of objects is never limited to the perception of the objects themselves; present awareness itself is imbued with past experiences of movement and time, with memories of past expenditures of energy, and it is drawn towards the future by the perceptual objects' call to action³⁰.

“Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias” (TUAN, 1983a, p. 39). O homem compreende e organiza o espaço (e o tempo) a partir do corpo em termos de sua postura e sua estrutura. “A experiência de espaço e tempo é principalmente subconsciente. Temos um sentido de espaço porque podemos nos mover e de tempo porque, como seres biológicos, passamos fases recorrentes de tensão e calma. O movimento que nos dá o sentido de espaço é em si mesmo a solução da tensão” (TUAN, 1983a, p. 132). A experiência do espaço não é apenas individual, ela é também intersubjetiva.

Tuan trabalha ainda com as noções de espaciosidade e apinhamento. A liberdade, o movimento e o poder estão associados ao espaço. Logo, a espaciosidade está conectada com a sensação de liberdade sem, contudo, ser necessariamente um espaço amplo. É uma sensação.

A espaciosidade não é universalmente aplicável a todos os espaços, ela depende do indivíduo, da cultura e do ambiente. Por exemplo, pessoas que têm claustrofobia podem se sentir muito mal em lugares pequenos e limitados, porém muito bem em um espaço amplo. O contrário também acontece, como com os agorafobos, que têm fobia de espaços abertos. A cultura influencia fortemente no modo como interpretamos as experiências e os diferentes tipos de ambiente também podem influir nas sensações: uma planície no deserto dá sensação de espaciosidade, enquanto um galpão, ainda que grande, mas se cheio de caixas, não produz o mesmo efeito.

³⁰ “Ao caracterizar a estrutura do espaço, introduzo os termos passado, presente e futuro. A análise da experiência espacial parece requerer o uso de categorias de tempo. Isto é porque nossa consciência das relações espaciais dos objetos nunca está limitada pela percepção dos próprios objetos; a própria consciência do presente está imbuída de experiências passadas de movimento e tempo, com memórias de dispêndio de energia do passado, e ela é levada para o futuro pelo apelo dos objetos à ação”.

O par dialético da espaciosidade – o apinhamento – é também sensação e emoção. Tuan (1983a) comenta que o apinhamento é fruto, especialmente, da relação com outras pessoas. Há possibilidade de sentirmos apinhamento com o excesso de coisas, mas é muito mais provável que o sintamos quanto há pessoas por perto, “invadindo” nossa privacidade e nossa solidão.

Consideramos que esses conceitos elaborados por Tuan trazem o espaço senão para o nível da experiência direta, pelo menos para o campo das emoções e da percepção. O autor salienta que vivemos em um movimento dialético entre espaço e lugar e precisamos de ambos – sempre relacionando lugar ao fechado, limitado, aconchegante e repositório de valores e o espaço como liberdade, amplitude, vastidão. Mas, reiteramos que esses são sensações, percepções de liberdade ou segurança: “No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva” (TUAN, 1983a, p.61).

O espaço também é trabalhado sob a égide do mito. Neste debate, os limites conceituais entre espaço e lugar se confundem, ficam difusos. Segundo Tuan (1974a, 1983a), os espaços míticos são de dois tipos: o primeiro é uma extensão dos espaços cotidianos dados pela experiência direta. Ele envolve e contorna o espaço empiricamente conhecido. Como acontece quando sem conhecer a cidade vizinha, criamos imagens, explicações – mitos – sobre ela. O segundo tipo de espaço mítico é mais impreciso, menos direcionado. Está na nossa transposição de valores locais para espaços amplos e o estado de semiconsciência que nos dá segurança para usufruir do mundo, é uma visão de mundo, uma cosmologia, “é uma tentativa mais ou menos sistemática das pessoas de compreender o meio ambiente” (TUAN, 1973a, p.99).

O curioso é que o tom que Tuan assume pelo e para o espaço o torna praticamente indiferenciado de sua própria noção de mundo. Em outros momentos, o autor parece se utilizar da palavra espaço sem preocupações com as acepções: “In as equally unreflective manner we think of the modern nation-state, suburb, and neighborhood as secular spaces and institutions³¹” (TUAN, 1978d, p. 93). O assunto é o espaço sagrado, mas os exemplos são os mesmos que Tuan usa ao falar sobre lugar. Não acreditamos no uso descuidado da palavra. Então uma localidade pode ser espaço e lugar ao mesmo tempo?

³¹ “De um modo igualmente irrefletido nós pensamos no estado-nação moderno, subúrbio e bairro como instituições e espaços seculares”.

As duas essências são frutos da experiência: o lugar de uma experiência mais direta, captada pelos sentidos, percebida e dotada de significação; o espaço de uma experiência colocada no âmbito da imaginação, da liberdade, do fugidio. Assim, países, bairros e até casas são espaços até que o tempo, a experiência e a apropriação do espaço os transformem em lugares.

3.2.Lugar

Place is created by human beings for human purposes. [...] To remain a place it has to be lived in. This is a platitude unless we examine what “lived in” means. To live in a place is to experience it, to be aware of it in the bones, as well as with the head. Place, at all scales from the armchair to the nation, is a construct of experience; it is sustained not only by timber, concrete and highways, but also by the quality of human awareness³² (TUAN, 1975a, p. 165).

Em *Space and Place: Humanistic Perspective* (1974a) é que Tuan se dedica, pela primeira vez, efetivamente a definir, dar sentido, tipificar e exemplificar o lugar (e também o espaço). O artigo se inicia com um comentário acerca do uso do espaço, já consagrado na geografia científica e, de como o lugar é visto basicamente como localização pela ciência geográfica. Tuan contrapõe-se a esta ideia asseverando que “Place [...] is a unique entity [...] it has a history and a meaning. Place incarnates the experiences and aspirations of a people [...] it is a reality to be clarified and understood from the perspectives of the people who have given it meaning³³”(TUAN, 1974a, p. 213).

O lugar tem espírito e personalidade. Espírito porque os lugares carregam emoções. Lugares nascem, por exemplo, do sagrado, do carinho da avó, do apoio da vizinhança.

³² “O lugar é criado por seres humanos para objetivos humanos. [...] Para permanecer um lugar ele precisa ser vivido. Isto é um chavão a não ser que investiguemos o que significa “vivido”. Viver em um lugar é experienciá-lo, estar consciente dele nos ossos, assim como na cabeça. Lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo da experiência; ele é sustentado não apenas por madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana”.

³³ “O lugar [...] é uma entidade única [...] tem uma história e um significado. O lugar encarna as experiências e aspirações de um povo [...] é uma realidade a ser esclarecida e compreendida pela perspectiva das pessoas que lhe deram significado”.

Personalidade pois os lugares são o contexto físico e as modificações forjadas pelas pessoas que ali viveram e pelas que ainda vivem. “Place is a center of meaning constructed by experience. Place is known not only through the eyes and mind but also through the more passive and direct modes of experience, which resist objectification³⁴” (TUAN, 1975a, p. 152). Os lugares são estabelecidos por meio da mente, dos sentidos, da percepção e da experiência.

As pessoas, por sua vez, têm um sentido de lugar. Sentir é conhecer. São os nossos cinco sentidos que nos permitem criar este sentido de lugar. A visão distancia e dá a dimensão estética, a audição, o tato, o olfato nos aproxima, envolvem-nos com o lugar.

Tuan (1983a) afirma que os lugares, normalmente, são constituídos tanto pelas experiências diretas, sensoriais – como um cheiro especial, uma textura diferenciada, uma vista do mirante – e pelas experiências indiretas da mente, que abstrai o conhecimento advindo da experiência. Por isso é que a experiência é capaz de construir o lugar com diversas escalas – a poltrona, o sofá, o bairro ou o país. Damos nomes aos lugares para que nos apropriemos deles. Ao denominar, identificamos e damos vazão aos nossos centros de significados que passam a ser publicamente reconhecidos e intersubjetivamente construídos. Entretanto, Tuan aponta que muitas das nossas experiências se dão no nível do subconsciente e, por isso, a maioria dos lugares não é nominado.

A linguagem, embora raramente estudada pelos geógrafos, é um dos fatores mais importantes na criação do lugar. Um dos modos de se apropriar do lugar é, como já mencionamos, dando nomes. Outra maneira é por meio da linguagem expressa em mitos, poesias e cânticos que criam e mantêm um lugar através da ressonância das necessidades e desejos humanos (TUAN, 1991d).

Desse modo, reverberado pela linguagem, grande parte dos lugares são intersubjetivos. São centros de significado para um conjunto de pessoas: “A place is the compelling focus of a field; it is a small world, the node at which activities converge³⁵” (TUAN, 1974a, p. 236). Um local de passagem, uma rua ou uma avenida. por exemplo, não são lugares. Mas as praças ou feiras são. É assim que podemos compreender o sentido de nó de um pequeno mundo da citação acima. Tuan separa ainda os lugares em duas categorias: os símbolos públicos (*Public*

³⁴ “O lugar é um centro de significado construído pela experiência. O lugar é conhecido não apenas por meio dos olhos e da mente, mas também por modos mais passivos e diretos de experiência que resistem à objetificação”.

³⁵ “O lugar é o foco persuasivo de um campo, é um pequeno mundo, o nó para qual as atividades convergem”.

symbols), que são imediatamente reconhecidos pela visão e; os *fields of care*, que não possuem qualquer tipo de imagem pública, eles são individuais e, por isso, mais difíceis de serem identificados.

Os *public symbols* têm espírito de lugar e seu sentido é publicamente colocado. São centros de significado coletivo, como um monumento nacional ou um local sagrado – “Public monuments create places by giving prominence and an air of significance to localities³⁶”(TUAN, 1974a, p.239).

Já os *fields of care* são lugares onde as pessoas criam conexões emocionais com o lugar e têm plena compreensão da identidade e dos seus limites. O Lar é um desses campos. “O lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, esta: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção” (TUAN, 1983a, p. 179). Sendo assim, como fruto da experiência, o lugar pode ter várias escalas, como a casa, o lar, uma cadeira especial, todos são lugares – eles são criados por todos os tipos de experiência (sensorial e perceptiva). O país também é lugar, criado mediante uma experiência abstrata e indireta do lugar. Até uma pessoa pode ser lugar – o colo dos pais para o bebê desprotegido, por exemplo. O que os lugares têm em comum? São centros de significados, repositórios de sentidos, concebidos pela experiência.

Para o âmbito dos estudos com os quais a geografia lida, no entanto, a escala da poltrona e do sofá ou mesmo dos lugares individuais dificilmente pode ser alcançada. Nós estudamos lugares que são o centro de significado gerais, por isso, Tuan considera que as cidades são o lugares por excelência:

There are geographies of place on the scale of farmsteads, towns and cities. There cannot be a geography of place on the scale of rocking chairs because relatively few rocking chairs that exist are centers of meaning: many are simply receptacles for momentarily weary bodies. A map showing the distribution of rocking chairs that are also places for individuals would look little different from a map of urban population; for people and only people can generate meaning, and people (including their fireplaces, beds and chairs) are to be found mostly in cities.

Cities are places and centers of meaning par excellence³⁷ (TUAN, 1975a, p. 156).

³⁶ “Monumentos públicos criam lugares dando proeminência e um ar de significado para localidades”.

³⁷ “Existe geografia do lugar na escala das fazendas, povoados e cidades. Não pode haver uma geografia do lugar na escala de uma cadeira de balanço porque poucas das que existem são centro de significado: muitas são apenas receptáculos momentâneos de corpos cansados. Um mapa mostrando a distribuição de cadeiras de balanço que também são lugares para indivíduos seria muito pouco diferente de um mapa da população urbana; porque pessoas e apenas pessoas podem gerar sentido, e pessoas (incluindo suas lareiras, camas e cadeiras) são encontradas principalmente em cidades. Cidades são lugares e centros de significados por excelência”.

As cidades são lugares, porque foram criadas exclusivamente para o homem. Tanto as cidades quanto os objetos, que ela abriga, recebem nomes. As cidades são apoderadas, reconstruídas e usufruídas pelas pessoas. Elas são a experiência coletiva do lugar em seu mais explícito fazer.

Tuan também comenta sobre outras escalas do lugar, por exemplo, a região e o país. Esses são maiores que as cidades e dificilmente tem-se experiência direta deles. Mas, ainda assim, por meio do compartilhamento e recomposição coletiva das experiências, é possível se apropriar deles. O país é, sem dúvida, um centro de significado – nele colocamos características do nosso povo, nossa lealdade, orgulho, afeto. Apreendemo-lo por meio das significações simbólicas da arte, educação e política (TUAN, 1975a; 1976a). Não por acaso, frequentemente, referimo-nos ao nosso país como lar.

O lugar é uma pausa no tempo (no movimento). Quando fazemos nossas pausas para atender às nossas necessidades biológicas, fisiológicas, sociais ou sentimentais “each pause establishes a location as significant, transforming it into place” (TUAN, 1976a, p. 269). O lugar é estático, se nos percebessemos em constante mudança, permanentemente em processo, migrantes contantes, não seríamos capazes de criar lugares. Mas por quanto tempo precisamos parar para formar lugares? “As personal experience, the time it takes an individual to feel in place is the time necessary to form unquestioning habits and routines³⁸” (TUAN, 1984b, p.3). A partir deste tempo conseguimos viver as experiências sem que elas marquem nossa memória de forma notável. É o diferente, o exótico que definimos como momentos especiais.

O entendimento do lugar como pausa no tempo, também considerado movimento, e de sua característica estática são, muito provavelmente, as questões mais debatidas acerca da noção de lugar para Tuan. O autor não se remeten, por exemplo, à necessidade da pausa no espaço, e desconsidera a dinâmica inerente a tudo que existe e, em especial, àquilo que se relaciona com a humanidade. Consideramos que ainda que um lugar permaneça fisicamente inalterado, por exemplo, ao longo de vinte anos, as pessoas que o significam como lugar certamente mudaram! A maturidade, a experiência, o próprio viver nos transforma. Sendo assim, dificilmente, a significação e o sentido que damos às coisas, a maneira como nos relacionamos não é estática.

³⁸ “Como experiência pessoal, o tempo que leva para o indivíduo se sentir no lugar é o tempo necessário para criar hábitos e rotinas inquestionáveis”.

Mas concordamos com Tuan de precisamos de tempo para criar um lugar, porque o tempo é fundamental para que possamos acumular experiências e construir uma relação de afeto, depositando sentidos naquele local. A experiência demanda tempo:

Sense of place is rarely acquired in passing. To know a place well requires long residence and deep involvement. It is possible to appreciate the visual qualities of a place with one short visit, but not how it smells on a frosty morning, how city sounds reverberate across narrow streets to expire over the broad square, or how the pavement burns through gym shoe soles and melts bicycle tires in August. To know a place is also to know the past: one's own past preserved in schoolhouse, corner drugstore, swimming pool, and first home; the city's past enshrined in its architectural landmarks³⁹ (TUAN, 1975a, p. 164).

No entanto, apenas o tempo não é suficiente para garantir o sentido de lugar. Ele precisa ser vivido, experienciado, ele é criado como qualidade da consciência e da intencionalidade humana. A qualidade e a intensidade da experiência são mais importantes do que o tempo que ali passamos. Todos os lugares são pequenos mundos que dependem da experiência e da emoção humana para se revelarem. Os lugares também podem ser tempo visível – memória, ressignificação do passado que não existe mais, repositório de significados.

Em *In Place, Out of Place* Tuan (1984b) lança o germe de uma mudança de posição que se consolidará a partir da década de 1990: o lugar passa a ser visto também por seu lado negativo. Não por acaso, é esse o mesmo período em que o cosmopolitanismo começa a ser trabalhado como temática central das análises, porém, o entendimento do que é lugar permanece com a mesma essência. Tuan só atenta para os “perigos” do apego com o lugar, como o isolamento em pequenos grupos culturais (comunidades) e, mais especialmente, a restrição da liberdade individual do ser em função dessas comunidades.

O lugar, então, é associado ao confinamento, à mente fechada, às restrições das liberdades individuais, especialmente aliado às noções de comunidade, lar e *hearth*. Tuan privilegia então o cosmopolitanismo e o universalismo, utilizando, frequentemente, a noção de mundo.

³⁹ “A sensação de lugar raramente é adquirida de passagem. Conhecer bem um lugar demanda muito tempo de moradia e profundo envolvimento. É possível apreciar as qualidades visuais de um lugar com uma pequena visita, mas não como ele cheira em uma manhã gelada, como os sons da cidade ecoam ao longo das ruas estreitas para morrer na praça larga, ou como o pavimento queima as solas dos tênis e derrete os pneus das bicicletas em agosto. Conhecer um lugar é também conhecer o passado: o passado da própria pessoa está preservado no prédio da escola, na farmácia da esquina, na piscina, na primeira casa; o passado da cidade está preservado em seus pontos de referência arquitetônica”.

Tuan (1992b) comenta que o lugar nos dá a sensação de unidade, de coerência da comunidade. Embora esta possa ser vista como um bem, criando sensação de proteção às ameaças da solidão no mundo, ela tende a negligenciar as diferenças, que podem criar lacunas de convivência, e incentivar a sobreposição do bem estar e da manutenção do grupo em detrimento do indivíduo.

O autor comenta que houve uma mudança de valores na sociedade moderna o que provocou o reconhecimento do lugar em detrimento do espaço. O espaço ganha, então, uma conotação elitista, porque demanda mobilidade e espírito de conquista, enquanto o lugar é populista, porque todos podem criar lugares. Tuan (1997d) termina seu texto defendendo o retorno ao espaço, na esperança de que, pelo menos, alguns reconheçam o bem estar que o movimento pelo espaço provoca.

Em 1996, Tuan publica *Cosmos & Hearth*. O livro trata do cosmopolitanismo e do lugar – no caso, um lugar mais específico o *hearth*⁴⁰ – declaradamente sob o ponto de vista que favorece o primeiro termo (como, aliás, atesta o subtítulo do livro *a cosmopolite's viewpoint*). Fazendo uma análise sobre a China e os Estados Unidos, o autor demonstra como o *hearth* está frequentemente relacionado à cultura tradicional, ao apego que impede a entrada na pós-modernidade, que oprime os direitos individuais, mas que é mantido pela sensação de segurança, apoio e companheirismo.

Em contrapartida, o cosmos é o inverso, ou seja, é a mudança constante, assumir novas empreitadas, viajar, conhecer outras culturas. O progresso é a palavra-chave. Ao final da obra, Tuan sugere ser possível um *hearth* cosmopolita. Por exemplo, a diversidade cultural tem sido valorizada como uma resistência das pequenas e primitivas culturas, mantendo o forte sentido de comunidade e, portanto, do lugar. Ao mesmo tempo, o verdadeiro cosmopolita aprecia a diversidade, exatamente por ter na liberdade um de seus principais valores. A grande ênfase é no individualismo promovido pelo cosmos, sob ótica positiva:

Individualism, in recent decades, has taken on the almost wholly negative meaning of selfishness. But that is not its sole or even principal meaning. Individualism can

⁴⁰ Optamos por não traduzir o termo *hearth* por considerarmos que não há em português, palavra que equivalha em sentido e abrangência. A tradução mais comum é “lareira” que, sem dúvida, não apreende o sentido que Tuan atribui. É provável que o “fogo” seja a palavra que melhor componha o sentido no inglês: desde os primórdios, foi em torno do fogo que nos organizamos, que confraternizamos. Ainda hoje, a cozinha é, frequentemente, o coração, o cerne e o ponto de encontro da casa. O dicionário online priberam traz, entre suas definições de fogo : “Casa, família; veemência, paixão, entusiasmos; brilho”. Entretanto, o fogo pode também evocar sentidos que se distanciam destes, por exemplo, “Expressão designativa de dor, desgrado, indignação ou espanto” ou ainda “suplício da fogueira, incêndio”. Sendo assim, optamos por manter o termo no seu original em inglês.

and does also mean, benignly, a person's awareness of his or her own delight, benefit, even salvation, as well as for the well-being of the group to which he or she belongs; an awareness of the wealth of human relationships that can be entered into freely, of the depth of the self and the wideness of the external world, and the possibility of joining the two⁴¹ (TUAN, 1996b, p. 155).

O lugar ganha uma variedade de escalas e conquista uma certa mobilidade, já que a mãe, por exemplo, não está estática, ancorada em um local, pois aonde ela for, levará consigo o lugar da criança. Mas Tuan também deixa claro que sua opção é pelo espaço: “But it was space that stirred my imagination and continues to do so. [...] Space connotes mobility, action, freedom, potentiality, the future. It connotes life, the sensation of coming to life⁴²” (TUAN, 1999b, p.106).

O próprio Tuan faz uma análise de sua contribuição para o conceito de lugar:

I expanded place's meaning in two ways. One was to argue that *place*, defined broadly as a center of meaning (care and nurture), includes far more entities than towns and cities, or even neighborhoods, homes, and houses. Why not also fireplace, a favorite armchair, and even another human being – mother, for example, who is home to the toddler, a place to return after playing in the sandlot? The second expansion was to say that place need not be rooted in locality, a common assumption. How can one deny that the great ship moving majestically across the ocean is a place – a sharply bounded world with the captain as priest-king?⁴³ (TUAN, 1999b, p. 105).

Finalmente, consideramos que a essência do lugar, para Tuan, é uma *felt quality* (2005b), apreendida pelos sentidos – em especial, o da sinestesia – e que é, sobretudo um repositório de significados e de passado: sem pessoas não há lugares!

Procuraremos, então, compreender o que é *lar* e *hearth* que, paulatinamente, assumiram o “espaço do lugar” na obra de Tuan.

⁴¹ “O individualismo, nas últimas décadas, assumiu quase totalmente o sentido negativo de egoísmo. Mas este não é seu único e nem o principal significado. O individualismo pode e também significa, benignamente, a consciência de uma pessoa sobre o seu encanto, benefício, e até salvação, assim como o bem-estar do grupo ao qual ele ou ela pertencem; uma consciência da riqueza das relações humanas que podem ser adentradas livremente, da profundidade do *self* e da amplitude do mundo exterior, e da possibilidade de unir os dois”.

⁴² “mas foi o espaço que aguçou minha imaginação e continua a fazê-lo [...] o espaço conota mobilidade, ação, liberdade, potencialidade, o futuro. Ele conota a vida, a sensação de voltar à vida”.

⁴³ “Eu expandi o significado de lugar de dois modos. Um foi argumentar que o lugar, definido de forma ampla como um centro de significado (cuidado e sustento), inclui muito mais entidades do que vilas e cidades, ou mesmo bairros, lares e casas. Porque não também a lareira, a poltrona favorita, e mesmo um outro ser humano – a mãe, por exemplo, que é lar para a criança pequena, uma lugar para retornar depois de brincar na caixa de areia? A segunda expansão foi dizer que o lugar não precisa estar enraizado no local, uma suposição comum. Como alguém pode negar que o grande navio se movendo magistralmente através do oceano seja um lugar –um mundo fortemente confinado com o capitão como rei?”

3.2.1. *Lar e Hearth*

O lar é um tipo de lugar. Tuan privilegiou, especialmente a partir da década de 1990, o debate acerca do lar, suas influências na e da cultura. Concordamos com Mello (2001) ao explicitar que “Como lar, o lugar ocupa uma posição central na obra de Tuan. Trata-se, seguindo os princípios fenomenológicos referentes à noção do mundo vivido, de um centro pleno de valores e aspectos familiares indissociáveis, assim como de evocações que permitem a pessoa ‘sentir-se em casa’” (MELLO, 2001, p.91).

O lar é tão relevante na concepção de Tuan, que o autor afirma que “Of the three key terms [Earth; Humans; Home] in the definition of geography, home occupies the central position, and it can perhaps be argued that to the degree that geographers move from the idea of home, they shift from the core of their field⁴⁴” (TUAN, 1991a, p.101). Por isso, optamos por discutir o lar em um tópico especial.

Lar possui muitos sentidos. A primeira conexão que fazemos, possivelmente é com a nossa casa, entretanto, na alteridade (estando, por exemplo, exilado) a cidade ou até o país podem ser considerados como lar. É um refúgio, segurança. Seu sentido, portanto, está muito próximo do lugar. Em última análise, o planeta é nosso lar.

Porém lar e lugar não são sinônimos. Embora todo lar seja um lugar, claramente, nem todo lugar é um lar. O lar é ponto de partida e de chegada. Todo nosso cotidiano tem como referência sair de casa e voltar a ela – “it is that special place to which one withdraws and from which one ventures forth⁴⁵” (TUAN, 1971b, p. 189).

Há um componente material no lar, mas ele é, acima de tudo, simbólico. O lar pode ser considerado como uma organização mental e material que criamos para satisfazer as necessidades biológicas, sociais, políticas, estéticas e culturais do nosso corpo, mente e percepção.

O lar é abrigo, segurança, aconchego. Bachelard é referência especial no tratamento de Tuan acerca do lar como lugar. Tuan recorre a este autor para reconhecer no lar o lugar de

⁴⁴ “Dos três temas-chave [Terra; Seres Humanos; Lar] na definição de geografia, o lar ocupa posição central, e talvez se possa argumentar que à medida que os geógrafos se afastam da ideia de lar, ele se deslocam do *core* de sua área”.

⁴⁵ “é aquele lugar especial para onde a pessoa se retira e de onde se aventura”.

nossas vulnerabilidades e fraquezas, pois quando nos sentimos doentes, é no lar que convalescemos quando dormimos (“sleep is little death⁴⁶”) nos submetemos ao mundo, perdemos o controle, por isso preferimos dormir em casa. Hanna Arendt também fornece subsídios ao considerar o lar como aquele que protege as necessidades privadas do julgamento público (TUAN, 1975a).

E o que os lares, que são culturalmente influenciados têm em comum? O amor pelo lar é o primeiro traço universal, seja ele a floresta densa dos índios Mashco-Piro, seja os iglus e as planícies geladas dos esquimós ou o apartamento na avenida Paulista. O mundo é organizado tendo o lar como centro. Outra característica comum a todos os lares é a sensação de limites. O lar tem variadas texturas, sons e odores e estes últimos marcam nossos sentidos e, frequentemente, nossa memória. De modo geral, o lar promove uma sensação difusa de bem estar (TUAN, 1993b).

Se o lugar é quase tratado com seu “binário” espaço, o lar é quase sempre contraposto ao mundo. Como no primeiro caso, o mundo não é apenas oposição ou contrário, mas, também, complemento do lar, por essa razão precisamos de ambos. Tuan (1996a) comenta que a primeira diferença entre eles é de escala: o lar é menor, mais íntimo e evoca os sentidos de proximidade como o olfato, tato e paladar, ele traz consigo um sentido de materialidade; o mundo, por sua vez, implica em uma escala mais ampla, aberta e compartilhada com várias pessoas, o mundo está lá fora, portanto, é com os sentidos mais distantes que o experienciamos, como a visão e até a audição, o mundo é uma abstração, uma imagem que fazemos dele. Outra diferença é que

Home may well be another person. [...] What makes a home ‘home’ is its human quality – other people, family. [...] As for world, I have suggested that it can be pictured as open, hopeful space ‘out there’. If home is a social bond and inward directed, world is an individual’s command of space – his or her prospect⁴⁷ (TUAN, 1996a, p. 941).

Hearth é um termo usado para denominar as fogueiras dos tempos pré-históricos que representavam o local de reunião do núcleo familiar, lugar que oferecia segurança, calor humano, onde comiam e dividiam o sustento e a socialização. Muito mais relacionado à residência, atualmente, o termo é usado para designar lareiras que, não raro, em inglês, são usadas como sinônimos de lar. “Within the home the fireplace or the hearth is a place. It is so

⁴⁶ “Dormir é morrer um pouco”.

⁴⁷ “O lar pode muito bem ser outra pessoa [...] O que faz um lar ‘lar’ é sua qualidade humana – outras pessoas, família [...] Já o mundo, eu sugeri que poderia ser retratado como aberto, um esperançoso espaço ‘lá fora’. Se o lar é um vínculo social e dirigido para dentro, mundo é indivíduo comandando o espaço – sua perspectiva”.

much a center of meaning for the family that in English usage hearth means home⁴⁸” (TUAN, 1975a, p. 153). Dentro do lar há vários lugares: a cama na qual descansamos todas as noites, a mesa em que a família janta aos sábados ou a cadeira que nos abraça nas leituras de romances. Os lugares, portanto, podem ser individuais e privados, podem ser de um pequeno grupo, como a família, ou podem ser lugares reconhecidos por quase todas as pessoas do planeta.

Outro par binário de *hearth* é o cosmos. Os dois termos se diferenciam pela escala e pelos valores. O *hearth* é pequeno, aconchegante e fruto da experiência direta; o cosmos é abstrato, impessoal e amplo, acessível apenas pela experiência mediada da imaginação e do pensamento. Somos corpo e mente, portanto, *hearth* e cosmos (TUAN, 1996b; 2001c).

Hearth e cosmos são extensões dos vocábulos lar e mundo, “Thus, both “home” (hearth) and “world” (cosmos) have their advantages and disadvantages⁴⁹” (TUAN, 1996b, p.4). O autor afirma também que *hearth* pode carregar o sentido de localidade, comunidade e etnicidade. Em contrapartida, o cosmos pode ser ainda entendido como espaço, sociedade, mundo e cosmopolitanismo (TUAN, 2001c). O lar é conforto, segurança, mas também é prisão, limitação, constrangimento da liberdade. O cosmos é amplitude, liberdade, mas também pode provocar desorientação e insegurança.

O que é este mundo, que está “lá”, para o qual nos lançamos?

3.3. Mundo

Knowledge of the Earth elucidates the world of man; the root meaning of “world” (*wer*) is in fact man; to know the world is to know oneself⁵⁰ (TUAN, 1971b, p.181).

De origem alemã, a etimologia da palavra *world* é “*age*” ou “*life of man*” ou, simplesmente, homem. Esta raiz mostra a íntima relação que existe entre o homem e a sua

⁴⁸ “Dentro do lar a lareira ou o *hearth* é um lugar. Ela é tanto um centro de significado para a família que no uso do Inglês *hearth* significa lar”.

⁴⁹ “Assim, tanto ‘lar’ (*hearth*) quanto ‘mundo’ (cosmos) possuem vantagens e desvantagens”.

⁵⁰ “O conhecimento da Terra elucidada o mundo dos homens; a raiz do significado de ‘mundo’ (*wer*) é, na realidade, homem; conhecer o mundo é conhecer a si mesmo”.

realidade circundante (TUAN, 1965c, 1971b, 1996a). Tuan (1965c) destaca que das vinte e cinco definições listadas no dicionário em inglês a noção de homem está sempre subentendida. Em português, são encontradas vinte significações e, igualmente, em todas elas o homem subjaz (BUENO, 1975).

No e com o mundo – por meio do nosso corpo - nos relacionamos, criamos valores, damos significado. Nosso mundo nos reflete. O homem habita o mundo, dirige-o, cria-o. Ao mesmo tempo que somos reflexo do mundo, já que não existimos nele sozinhos – “consciousness has only a ghostly existence apart from the world, which is never entirely private⁵¹” (TUAN, 1971b, p.181). Se nos removemos do mundo, ficamos em estado de inconsciência, por exemplo, “No sono profundo, o homem continua a ser influenciado pelo seu meio ambiente, mas perde seu mundo” (TUAN, 1983a, p.41). Até em sonhos (sono REM) ou delírios, colocamo-nos no mundo e é exatamente por isso que sonhos e delírios são passíveis de serem compartilhados e compreendidos com e por outras pessoas.

Portanto, perder os sentidos é perder o mundo. São nossos sentidos que nos conectam ao mundo e é por eles que o mundo “penetrates and affects every fiber of our being⁵²” (TUAN, 1984b, p. 7). Os limites de nosso mundo são difusos, mas à medida que ouvimos menos, vemos com menos detalhes, não sentimos mais os cheiros, o mundo vai diminuindo e perdendo intensidade e acuidade.

Se o meio ambiente é o circundante, o sustentáculo material da vida e o foco de atenção das ciências naturais duras, a geografia humanista é o estudo dos processos pelos quais transformamos o meio ambiente em mundo (TUAN, 1996a). O mundo é um campo que se estrutura na relação do eu com o outro. Sem o indivíduo não há mundo. Sem a relação não há mundo. Pedras não têm mundo.

Man essentially has a world because he has a fully centered self. He is able to transcend any given environment in the direction of his world. Only the loss of his world subjects him to the environment which is not really *his* environment, namely, the result of a creative encounter with his world represented by a part of it.⁵³ (TUAN, 1965c, p.7)

⁵¹ “a consciência possui apenas uma existência espiritual separada do mundo, que nunca é totalmente privado”.

⁵² “penetra e afeta cada fibra do nosso ser.”

⁵³ “O homem essencialmente tem um mundo porque ele possui um *self* totalmente centralizado. Ele é capaz de transcender qualquer ambiente dado na direção de seu mundo. Apenas a perda de seu mundo o sujeita ao ambiente que não é realmente o ambiente dele, a saber, o resultado de um encontro criativo com seu mundo representado por uma parte dele”.

A citação anterior nos permite abrir caminho para duas discussões que Tuan trará durante as décadas que se seguem: a importância da individualidade e da privacidade na composição do nosso mundo e; a comunidade como fator limitador da individualidade e, portanto, sujeitando o homem ao ambiente.

Em *Segmented Worlds and Self* Tuan (1982b), observa que para compreender a realidade, nossa mente tende a segmentá-la, para, então recombina as partes em um todo significativo. No caso de povos não letrados, os mitos e lendas são a expressão desta segmentação que os antropólogos chamam de visão de mundo e que o autor considera mais apropriado denominar um sentido de mundo, uma vez que esses povos não se preocupam em articular sua compreensão do mundo em palavras.

A diferença desse tipo de cultura comunitária para a cultura ocidental moderna (urbana) é que nós exploramos e manipulamos o mundo mediante, por exemplo, a autorreflexão e autoanálise, promovendo a privacidade e a ideia de individualidade, que o autor tanto aprecia em nossa sociedade:

Self and world are inseparable. Questioning in depth of the one leads to the questioning of the other. As self-knowledge increases, so does a critical knowledge of nature and society, or the world. The world, subjected to critical evaluation, loses its objectivity and cohesiveness. An individual finds it more difficult to accept society's values and to partake in its affairs as a matter of course. On the other hand, friendship in the sense of a profound sharing of selves and a sustained exchange of views becomes possible. Deep personal relationships presuppose the existence of persons, that is, complex and self-aware individuals; but such individuals can emerge only as the cohesive and unreflective nature of community begins to break down⁵⁴ (TUAN, 1982b, p. 196).

Se na década de 1960, Tuan tratava da dualidade do mundo com o ambiente, a partir de 1980, a globalização (mundialização) latente demandou a incorporação de novas dinâmicas na geografia. Assim, Tuan vai agregando novas dualidades: primeiro do indivíduo com a comunidade que depois vai sendo extrapolado para a contraposição do lar com o cosmopolitismo, muito mais próximo do sentido de mundo.

⁵⁴ “Self e mundo são inseparáveis. O questionamento profundo de um leva ao questionamento do outro. À medida em que o auto-conhecimento aumenta, também aumenta o conhecimento crítico da natureza e da sociedade, ou do mundo. O mundo, submetido à avaliação crítica, perde a sua objetividade e coesão. Naturalmente, um indivíduo encontra maiores dificuldades em aceitar os valores da sociedade e compartilhar de seus assuntos. Por outro lado, torna possível a amizade no sentido de um profundo compartilhamento dos *selves* e uma troca sustentável de visões. Relações pessoais profundas pressupõe a existência de pessoas, ou seja, indivíduos complexos e auto-consciente; mas tais indivíduos podem emergir apenas à medida que se rompa a natureza coesa e irreflexiva da comunidade”.

Em *Place and Culture: Analeptic of individuality and the world's indifference*, Tuan (1992b) comenta que a indiferença do mundo ao sofrimento e às necessidades humanas é um dos elementos fundadores da cultura que existe fundamentalmente para lutar contra o destino (e contra o mundo).

Enquanto a cultura da comunidade vai sendo analisada sob a ótica de suas imposições e limites para a individualidade, seu oposto, a grande cidade, torna-se sinônimo de cosmopolitanismo e de mundo: “Civilization is practically synonymous with city; in particular, the great city of monumental buildings and diversified populace that stands for the world, or cosmos⁵⁵” (TUAN, 1996b, p.150).

Esta concepção de mundo é mantida nas duas publicações seguintes em que Tuan trata da temática, os livros *Cosmos & Hearth* (1996b) e *Humanist Geography* (2012). Ainda colocando o mundo em oposição ao lar – tratado como sinônimo de *hearth*.

At a basic (reflex) level, the shift is surprising if only because the life-path of a human being moves naturally from “home” to “world”, from “hearth” to “cosmos”. We grow into a larger world. [...] The elite can have both world *and* home; they can be cosmopolitan and yet return to the hearth for nurturance and renewal. [...] Enlightened societies seek to extend the privilege to more and more people who formerly suffered constraint so that a time will come when none need feel that the edge of their home is the edge of their world⁵⁶ (TUAN, 1996b, p. 2).

“A palavra ‘*mundo*’ é fundamental para que se compreenda a relação entre a ciência geográfica essencial, ou fenomenológica, e a sua essência, que pode ser denominada geograficidade” [grifo do autor] (HOLZER, 1997, p.80). A noção de mundo é, portanto, fundamental a compreensão de nós mesmos e, portanto à geografia. Essa essência foi incorporada em nossa ciência quase exclusivamente pela geografia humanista, com forte contribuição de Tuan.

Até agora discutimos essências espacializantes que se diferem em termos da experiência que temos. Para Tuan, é muito forte a marca da restrição da liberdade do lugar, ou seja, o enraizamento que ele necessariamente provoca para que possa, então, criar laços e representar a afeição, acolhimento, carinho e, ao mesmo que nos encaminhamos para a

⁵⁵ “Civilização é praticamente sinônimo de cidade; em particular, a grande cidade de prédios monumentais e povo diversificado que apoiam o mundo, ou o cosmos”.

⁵⁶ “Em um nível elementar (reflexivo), a mudança é surpreendente porque o percurso de vida de um ser humano se move naturalmente do “lar” para o “mundo”, do “*hearth*” para o “cosmos”. Nós crescemos no sentido de um mundo maior [...] A elite consegue ter o mundo *e* o lugar; eles podem ser cosmopolitas e ainda assim retornar para o *hearth* para sustento e renovação [...] Sociedades esclarecidas procuram estender o privilégio para mais e mais pessoas que outrora sofreram restrições para que então chegue um tempo em que ninguém precise sentir que o limite de seu lar é o limite de seu mundo”.

liberdade, perdemos os lugares, mas nos lançamos no mundo (Figura 4). Veremos então como o autor compreende o tempo.

Figura 4: Enraizamento - Liberdade

3.4. Tempo

O tempo é fundamental para as nossas vivências no mundo. Em nossa experiência, tempo e espaço são indissociáveis: o lugar é repositório de sentidos, – sentidos de passado e memória – é pausa no tempo. A própria experiência demanda tempo que, por sua vez, influencia fortemente a qualidade da experiência: se o contato é fugaz, e em um lance do olhar nos maravilhmos com um cenário, estabelecemos uma relação diferente com o espaço daquela em que pudemos, por exemplo, caminhar calmamente por entre ruas e vielas, ao longo de alguns anos, registrando cheiros, cores, nuances, sons e experienciando intersubjetivamente.

Tempo e espaço se confundem, até em nossa linguagem cotidiana – dizemos, por exemplo, que tal cidade está a duas horas de distância – “uma explicação para o uso difundido do tempo para medir distância é o fato de que as unidades de tempo transmitem um sentido claro de esforço” (TUAN, 1983a, p.144). Nossa experiência de tempo, assim como a de espaço, é subconsciente. É comum que o movimento no espaço traga consigo a ideia de avanço ou retrocesso no tempo. Para auxiliar na compreensão desse conceito, Tuan dá o exemplo de turistas que visitam uma cidade antiga e sentem que voltaram no tempo. (TUAN, 1974a; 1983a).

Espaço e tempo são experiências indiretas e subjetivas, que se dão quase sempre juntas. Quando paramos o tempo [movimento] colocamos valores e criamos lugares.

If we feel a certain fascination for explorers and exploration, it may be because all of us are embarked on the journey of life. We are on the move, one that is relieved by pauses, each of which produces a somewhat familiar world – a place, even if this is just a camp in the Arctic wilds; the longer pauses produce homes or home-like places⁵⁷ (TUAN, 2004c, p.10-11).

Não é possível criar uma sensação de tempo, porque não temos órgãos sensoriais capazes de apreendê-lo. O tempo é experiência e construção, nós o sentimos. Sentimo-lo ao esperar pelo encontro marcado com o amigo, ao criar planos para o futuro e no próprio corpo, com seus ritmos de respiração, e momentos de cansaço e descanso. Assim, sentimos o tempo de duas maneiras simultâneas – como ciclo e direção. O tempo cíclico cria raízes, estabilidade e, portanto, lugares. O tempo direcional implica avanço, progresso, liberdade e, logo, vai no sentido do espaço.

A experiência de tempo também é culturalmente influenciada. Por exemplo, Tuan (1982b; 2007) identifica uma diferença fundamental entre chineses e ocidentais: para os primeiros, o tempo é cíclico, derivado das periodicidades naturais, em especial as estações do ano; para os ocidentais o tempo é linear, direcional. O próprio corpo se relaciona com o tempo. Andar para frente está associado à noção de futuro, do próprio “ciclo da vida” (que não é cíclico) nos lembra permanentemente da linha do tempo, da finitude.

As diferenças nas concepções de tempo foram também discutidas na perspectiva do espaço mítico. Nele, Tuan (2011, p. 8) distingue três formas de tempo:

⁵⁷ “Se sentimos certo fascínio por exploradores e exploração, pode ser porque todos nós embarcamos na jornada da vida. Estamos em movimento, um movimento que é aliviado pelas pausas, cada uma das quais produz um mundo um tanto familiar – um lugar, mesmo que seja apenas um acampamento no Ártico selvagem; as pausas mais longas produzem lares ou lugares que se assemelham a lares”.

[...] o cosmogônico, astronômico e humano. O tempo cosmogônico é o da história das origens, inclusive da criação do universo. O tempo humano é o curso da vida. Ambos são lineares e unidirecionais. O tempo astronômico é experimentado como o ciclo diário do Sol e a passagem das estações, sua natureza é a da repetição.”

Nossa experiência de tempo é, na maior parte das vezes, subconsciente. A consciência do tempo traz mal-estar e ansiedade. A proximidade da morte, ou o medo de reviver experiências ruins no futuro são exemplos do que a consciência do tempo pode trazer. (TUAN, 1980b). O autor atribui este tipo de relação ruim com o futuro às comunidades primitivas. No caso das sociedades tecnológicas, a orientação para o futuro, segundo Tuan (1984b), rompe as amarras do indivíduo com o lugar e o lança ao cosmopolitanismo, é quase sempre uma expectativa de progresso.

Assim, memória, passado, presente, futuro e distância são noções que Tuan associa ao tempo. A memória é uma reconstrução mental do passado. Retornar à antiga casa da infância, por exemplo, ativa a memória dos odores, brincadeiras, e relações ali estabelecidas. No entanto, não podemos esperar que no retorno sejamos arrebatados pelas mesmas emoções do passado. Reiteramos, o passado é uma construção mental que fazemos no presente. Assim, é que a noção de tempo se associa à nossa construção de lugares, como uma representação.

3.5. Corpo

É por meio do corpo que nos relacionamos com o mundo e com o outro. Ele nos restringe, dita suas necessidades e também é estimulado pelo que mais lhe agrada. É o corpo, portanto, que por intermédio de seus atributos cria a percepção de espaços, lugares, paisagens: “The instrument for perceiving the world is the body, but the body is not symmetrical”⁵⁸ (TUAN, 1971b, p.185).

Neste campo de relações [do eu com o outros, onde ocorre a nossa história, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos] o corpo representa a transição do “eu” para o mundo, ele está do lado do sujeito e, ao mesmo tempo, envolvido no mundo. O corpo constitui o ponto de vista do ser-no-mundo. Desta relação fundamental, que é com certeza, geográfica, devem brotar os conceitos essenciais a serem utilizados pelos geógrafos. [grifo do autor] (HOLZER, 1997, p.82).

A partir do corpo é que elaboramos a nossa consciência espacial, que interagimos com o mundo e, como evidenciado na citação anterior, é a partir dele que brotam as essências. A

⁵⁸ “O instrumento para perceber o mundo é o corpo, mas o corpo não é simétrico”.

nossa experiência íntima com o próprio corpo é que nos faz criar modos pessoais de organização do estar-aí, atendendo nossas exigências biológicas, sociais e culturais. O mundo e o espaço têm como ponto de partida o corpo.

A posição e a estrutura do nosso corpo são fundamentais para a noção de espaço e das relações que formamos com o mundo e com as pessoas. Por exemplo, “No sono profundo, o homem continua a ser influenciado pelo seu meio ambiente, mas perde seu mundo; ele é um corpo ocupando um espaço. Acordado e de pé, ele recupera seu mundo e o espaço é articulado de acordo com seu esquema corporal” (TUAN, 1983a, p.41).

A assimetria do corpo (interna, no caso de “direita-esquerda”, externa no caso de “frente-costas”) define muito do simbolismo e do sentido que damos ao espaço e às coisas. Ereto, os eixos de nosso corpo (à frente ou atrás, à direita ou à esquerda, acima ou abaixo) são extrapolados para a organização que fazemos do circundante e, por conseguinte, do mundo, do espaço e até do cosmos. Temos sempre à nossa frente o descortinamento, o porvir, o futuro. Imaginemos que um indivíduo andando pela calçada, seja chamado às suas costas por um amigo que o reconhece. O corpo se vira e é para frente que ele anda em busca do abraço e das cordialidades da amizade. O mesmo exemplo pode ser usado para demonstrar que às costas, está o desconhecido, o passado e, por extensão, o profano. Alguém chama, mas onde? Quem é? Por quê chama? O que vai acontecer ao “olhar para trás”? Esta organização do espaço está sintetizada na figura 3.

Figura 5: Corpo Humano ereto, espaço e tempo. O espaço projetado do corpo propende para a frente e para a direita. O futuro está à frente e “acima”. O passado está atrás e “abaixo”

Fonte: TUAN, 1983a, p.40

Projetamos as noções que os eixos de nosso corpo determinam para várias áreas, como a linguagem, a arquitetura e até para as antigas cidades muradas. Por exemplo, a área de serviço fica escondida no porão da casa, e os ricos moram nas partes altas (acima), onde dominam mais espaço (TUAN, 1983a). Nossa identificação do mundo com o corpo é de tal modo intensa que Tuan afirma que “A integridade do corpo é o alicerce da nossa sensação de ordem e completude. Quando adoecemos, também parece que o mesmo acontece com o mundo” (TUAN, 2005a, p.139).

A noção de corpo em Tuan é constante ao longo de toda a sua obra. Mas como conceito, não precisa ser revisitado. O corpo é. Entretanto, devemos ressaltar que o corpo não é trabalhado apenas como uma coisa que ocupa um espaço. Mesmo quando dormimos, o ambiente age sob o corpo, sonhamos, recompomos as experiências. O corpo morto não é mais corpo, apenas coisa.

A palavra ‘corpo’ sugere de imediato antes um objeto que um ser vivo e espiritual. O corpo é uma ‘coisa’ e está no espaço ou ocupa o espaço. Ao contrário, quando usamos os termos ‘homem’ e ‘mundo’, não pensamos apenas no homem como um objeto no mundo, ocupando uma pequena parte de seu espaço, mas também no homem como habitando o mundo, dirigindo-o e criando-o [...] Ora, necessitamos também examinar idéias mais simples abstraídas do homem e do mundo, principalmente corpo e espaço, lembrando no entanto, que aquele não apenas ocupa este, porém o dirige e o ordena segundo sua vontade. O corpo é o ‘corpo vivo’ e o espaço é um constructo do ser humano (TUAN, 1983a, p.39-40).

Para Tuan, o corpo não só fundamenta nossa relação com o espaço, mas também com o outro. Ele é, portanto, uma expressão íntima do próprio cosmos. É com ele que se dão as experiências culturais. Suas “falhas” são motivos de diversos problemas morais e de relacionamento social. A forma original de escapismo é o da animalidade do próprio corpo: seus odores, humores e fisiologismo nos envergonham. O autor chega a afirmar que uma das necessidades biológicas fundamentais que o corpo nos impõe – comer – é também uma das maiores e mais constantes violências com as quais convivemos, porque comer é, antes de tudo, matar:

Eating may be a joyous public occasion in which many people participate, it may be accompanied by much ceremony, but it is not itself a public performance. Eating, humans realize, is animal and must remain essentially private, a condition they ensure creating a space for it and protecting it against the appraising eye⁵⁹ (TUAN, 1998b, p.33).

⁵⁹ “Comer pode ser uma feliz ocasião pública na qual muitas pessoas participam, pode ser acompanhado de muita cerimônia, mas não é uma performance pública em si mesmo. Comer, os homens constatarem, é animalidade e deve permanecer essencialmente privado, condição que asseguram criando um espaço para isso, protegendo-se dos olhares avaliadores”.

Para além das necessidades fundamentais à vida, é o corpo com seus órgãos sensitivos que constrói toda a experiência humana. Dos sentidos – que discutiremos no capítulo seguinte – e de sua significação, somados à cultura e ao ambiente é que criamos lugares, paisagens e imagens mentais.

Ao longo da vida transformamos algumas experiências em memórias. A memória dos doces da avó, das brincadeiras infantis com os amigos na rua de casa, do café de fim de tarde naquela viagem. Tuan (1963d) classifica as memórias que temos de nossa própria vida em dois grupos: aquelas que se relacionam com o bem-estar do corpo e aquelas que alimentam a alma. Embora, de pessoa para pessoa, possam ser diferentes nos detalhes, as memórias não se diferem na essência, uma vez que se relacionam com as necessidades básicas do corpo - “[...] cozy, cuddly and private⁶⁰” (TUAN, 1963d, p.18).

3.6. Homem/natureza humana

A concepção de homem e da natureza humana é temática central da obra de Tuan. Toda a geografia em Tuan é concebida a partir do homem e, como humanista, o autor está sempre em busca daquilo que temos em comum, da nossa essência, do que nos define como seres humanos. Espaço, lugar, mundo, experiência, percepção, sentidos, paisagem, cultura, progresso, cidades, religião e poder: todas essas são temáticas da preocupação de Tuan, sempre consideradas a partir do homem.

Tuan é, sobretudo, um humanista. Ainda no início de sua carreira, dedicou-se a compreender as diversas visões acerca da natureza humana. A primeira delas é a cristã, que vê o homem como imagem de Deus – espírito e corpo transfigurado. A segunda visão da natureza humana é a humanista. Tuan (1963d) reconhece três tipos de humanismo, que já citamos no item 2.2, e agora detalharemos um pouco mais: o romântico, que é uma mistura das visões cristã e científica de homem, por um lado a valorização suprema do indivíduo (semelhança de Deus) e, por outro, a comunidade vista como organização superior ao

⁶⁰ “[...] acolhedor, carinhoso e privado”.

indivíduo; o sentimental, que tem a vida governada pelas noções tradicionais de decência e conforto, esses são estáveis, monótonos e sem visão vertical; e o *carport* que lembra a típica classe média suburbana norteamericana com preocupações eminentemente horizontais: vida social e procriação biológica. Há ainda a visão biológica que considera o homem em função dos ciclos funcionais e de vida, assim como a propagação da raça.

Tuan (1963d), então, apresenta a visão da natureza humana a partir do existencialismo, que ele assume para si. O existencialismo nega qualquer diretiva inerente ao homem e, por isso, ele é permanentemente submetido à angústia da escolha. Embora tenha necessidades biológicas comuns, cada pessoa é diferente e qualquer compreensão só é possível a partir da experiência concreta.

Tuan (1971a) promove uma discussão acerca da relação homem-natureza. Embora reconheça que o homem é também natureza, opta por adotar a postura tradicional da geografia, de separar o natural – o que não foi construído pelo homem – do artificial.

O homem não possui essência passível de ser claramente identificada, “Man makes himself – defines himself – by his acts, including acts of the imagination⁶¹” (TUAN, 1971c, p.4). Ao tentar definir o homem, acabamos por qualificá-lo, buscando suas singularidades, aquilo que nos diferencia de outros seres vivos. Nesse sentido, algumas de nossas características mais distintas são: a linguagem; a imaginação e nossa consequente capacidade de reconstruir o mundo mentalmente; a criação de aparatos simbólicos e crenças; somos etnocêntricos e egocêntricos; vivemos no passado e no futuro, enquanto estamos no presente; e; finalmente, somos os únicos seres capazes de hipocrisia.

A partir do corpo e dos sentidos compreendemos e dotamos de sentido o espaço e o lugar e experienciamos o mundo. É a natureza humana que nos permite estudar o comportamento e a percepção, embora ambos sejam profundamente influenciados pela cultura e, por isso mesmo, diversificados, é a biologia que muitas vezes nos ancora em traços comuns (TUAN, 1983a). Mas também somos indivíduos únicos, uma vez que a experiência e a visão de mundo podem ser culturalmente influenciadas, mas não determinadas – são frutos da intencionalidade de cada pessoa.

Outro traço da natureza humana é a busca pelo poder e o domínio. Seja o domínio sobre a natureza, para que possamos comer, por exemplo, até o domínio sobre outras pessoas.

⁶¹ “O homem se faz – se define – por seus atos, incluindo atos da imaginação”.

Essa busca pelo poder é inerente, porém, nem sempre é ruim “Dominance may be cruel and exploitative, with no hint of affection in it. What it produces is the victim. On the other hand, dominance may be combined with affection, and what it produces is the pet⁶²” (TUAN, 1984e, p.2). Esses *pets* podem ser desde o domínio da água em sistemas de distribuição ou que jorram em fontes que “dançam” até pessoas que são usadas como objetos de exposição em uma feira de aberrações.

O autor (1991a) coloca que para a geografia humanista é importante compreender o homem a partir de suas relações entre a vida e o meio ambiente, buscando compreender suas experiências e sua dimensão psicológica e, em especial, suas atitudes.

3.7. [Meio] Ambiente⁶³

Embora componha o título de vários artigos e esteja até no subtítulo de uma de suas obras mais conhecidas, *Topofilia: um estudo de percepção, atitude e valores do meio ambiente*, apenas em quatro oportunidades Tuan (1965c; 1975c; 1980a; 1984e) procurou delimitar a noção de [meio]ambiente. Longe de ser abandonado por Tuan, o [meio] ambiente

⁶² “A dominação pode ser cruel e exploradora, sem nenhuma alusão à afeição. O que ela produz é a vítima. Por outro lado, a dominação pode ser combinada com a afeição, e o que ela produz é o *pet*”.

⁶³ Optamos pelo uso da grafia [meio]ambiente, porque entendermos que

O termo ambiente, para a geografia escrita em português, ficou com o sentido de ‘suporte físico imediato’ ou de ‘sistema de objetos que percebemos de imediato a nossa volta’. Os que se utilizam da língua portuguesa parecem ter sido os únicos a se dar conta de quão restrito pode ser o termo ‘*ambiente*’. Associaram-no então à palavra ‘*meio*’, provavelmente via língua francesa, que há muito utiliza-se do termo ‘*milieux*’, ainda que também com a conotação de suporte físico [...]

A palavra ‘*meio ambiente*’ amplia a escala: o ‘*meio*’ é mais amplo do que o ‘*ambiente*’. Mas, continua a se considerar apenas o suporte físico e os objetos, ou traços, que o identificam. Ao homem é reservado o papel de mero espectador. O que percebe, compreende, sente. [grifo do autor] (HOLZER, 1997, p.81).

Tuan, em alguns momentos, trata o termo majoritariamente como suporte físico, assim, a tradução mais adequada seria simplesmente *ambiente*. Entretanto, quando tangencia, especialmente, temas como as atitudes em relação ao meio ambiente, consideramos que há uma ampliação escalar, que permite incorporar aos aspectos naturais também os feitos pelo homem e, até o próprio homem, sem contudo, superar a noção de base material, quando sua tradução mais adequada, talvez fosse *meio ambiente*. Optamos, então, a partir deste ponto, pelo meio termo: ao usarmos [meio]ambiente pretendemos incorporar as duas possibilidades.

está constantemente presente, associado às discussões sobre atitudes, percepção e comportamento ambientais sem, contudo, revisitar o debate acerca de seu sentido.

No pequeno *Environment and World* (1965c), o [meio]ambiente foi definido e analisado como conceito, junto ao seu binário – o mundo. Tuan (1965c) atribui a origem do termo à palavra francesa *environnement* que remete ao que circunda. No inglês, *environment* tanto compartilha o sentido francês, quanto pode também significar “[...] the conditions under which any person or a thing lives or is developed; the sum total of influences which modify and determine the development of life or character⁶⁴” (TUAN, 1965c, p.6).

É neste último sentido que Tuan coloca que o conceito de ambiente está tradicionalmente ligado às ciências “duras”, frequentemente colocado sob a égide darwinista e seu viés determinista. A concepção de ambiente, neste momento, está intimamente vinculado à própria noção de natureza: “The life of animals is determined by their environment and by their partial world. Human life is also thus determined⁶⁵” (TUAN, 1965c, p.7). Tuan (1971b) comenta que a noção de [meio]ambiente é comumente associada a uma geografia ambientalista, que está em busca de leis gerais que expliquem as relações entre o homem e o ambiente esse último enraizado na base física e nos recursos disponíveis.

Como procura assumir para si uma atitude fenomenológica, afastando-se do ambientalismo que, por sua vez, tornou-se expressão moderna da ciência positiva, Tuan recorre a Heidegger para declarar que “‘Surroundings’ or ‘environment’ is for Heidegger a mode of the world, but an inauthentic mode which we enter through our unselfconscious commerce with implements and things⁶⁶” (TUAN, 1965c, p.7).

Entretanto, a proposta de Tuan é pela predileção do uso da concepção de paisagem em detrimento do [meio] ambiente.

The Geographer’s concerns can now be restated. Under ‘environmentalism’ he seeks meaning in *order* – and finds a largely determined, timeless and tidy world; under

⁶⁴ “[...] as condições sob as quais qualquer pessoa ou coisa vive ou se desenvolve; a soma total de influências que modificam e determinam o desenvolvimento da vida ou caráter”.

⁶⁵ “A vida dos animais é determinada pelo seu ambiente e por seu mundo parcial. A vida humana também é determinada deste modo.

⁶⁶ “‘Entorno’ ou ‘ambiente’ é para Heidegger um modo do mundo, mas um modo inautêntico no qual entramos através de nosso comércio natural com implementos e coisas”.

‘existentialism’ he seeks meaning in the landscape, as he would in literature, because it is a repository of human striving⁶⁷ [grifo do autor] (TUAN, 1971b, p.184).

Ao longo de sua obra, o [meio]ambiente continua a ser intimamente associado à base física e à natureza e, especialmente, às suas influências nas atitudes, ou seja, a interação humana é essencial. Em *Attitudes toward environment* (1967a), o estudioso sugere como temas de trabalho da geografia humanista, a postura de um autor acerca de aspectos da natureza, como clima ou nuvens e as atitudes de um povo ao se estabelecer em um novo ambiente e a ele se adaptar. Novamente a interpenetração de ambiente e natureza são fortes:

We may believe that a world-view which puts nature in subservience to man will lead to the exploitation of nature by man; and one that regards man as simply a component in nature will entail a modest view of his rights and capabilities, and so lead to the establishment of a harmonious relationship between man and his natural environment⁶⁸ (TUAN, 1968e, p.69).

Tuan (1967a) não discrimina atitudes em relação ao [meio]ambiente daquelas em relação à paisagem ou à natureza: “One symptom [of societal dysfunction] of maladjustment lies in the conflicts between an ideal of nature or environment and our practice⁶⁹” (TUAN, 1970a, p.249). Ao anunciar a análise de cinco comunidades no Novo México, Tuan (1971a, p.220) inicia caracterizando o [meio] ambiente “The environment is semi-arid, and the human responses to it are highly distinctive⁷⁰”, subentendendo natureza e entorno como sinônimos de ambiente.

Em *Topofilia* (1980a), o [meio] ambiente é tema central de debate, destacadamente sobre as atitudes, percepção e comportamento a ele relacionados. Variando entre o uso das expressões “meio ambiente físico”, “meio ambiente natural” ou, simplesmente, “meio ambiente” corroboram a visão como base física ou natural que envolve, influencia e é influenciada pelos seres que nela habitam.

Entretanto, o que afasta o [meio]ambiente de Tuan daquele das ciências duras, já discutido neste capítulo, é que o homem não é apenas expectador, o circundante influi e suas experiências levam a atitudes que, por sua vez, podem gerar comportamentos.

⁶⁷ “A preocupação dos geógrafos pode agora ser reformulada. Sob ‘ambientalismo’ o geógrafo procura sentido na *ordem* – e encontra um mundo fortemente determinado, infinito e organizado; sob ‘existencialismo’ ele procura sentido na paisagem, como faria na literatura, porque ela é repositório da batalha humana”.

⁶⁸ “Podemos acreditar que uma visão de mundo que coloca a natureza em subserviência ao homem levará a exploração da natureza pelo homem; e uma que vê o homem como um simples componente da natureza irá requerer um visão modesta de seus direitos e capacidades, e deste modo levará ao estabelecimento de um relação harmoniosa entre o homem e seu ambiente natural”.

⁶⁹ “Um sintoma [de disfunção social] de desajuste reside no conflito entre um ideal de natureza ou ambiente e a nossa prática”.

⁷⁰ “O ambiente é semi-árido, e as respostas humanas a ele são altamente diferenciadas”.

Na abertura do capítulo sete do *Topofilia*, denominado “Meio ambiente, percepção e visões do mundo”, Tuan (1980a, p.86) adverte: “Neste capítulo darei ênfase ao efeito do ambiente físico na percepção, atitudes e visão do mundo”. Então Tuan transcorre sobre a influência do ambiente, por exemplo, na acuidade visual dos esquimós que, dado o ambiente gelado e relativamente homogêneo em que vivem, desenvolveram capacidade de distinguir tons de branco, cheiro dos ventos e sensação do gelo sob os pés para longos deslocamentos. O referido capítulo é rico em exemplos acerca da relação de determinadas culturas com seus ambientes físicos, com destaque para os naturais.

Ao comentar sobre ambientes que são permanentemente topofílicos, ele enumera a praia, o vale e a ilha. No subcapítulo “O meio ambiente grego e a topofilia” (TUAN, 1980^a, p.137-139), Tuan não se refere à polis grega, sua sociedade ou sua cultura, mas às atitudes dos gregos frente ao mar e à ilha. Quando passa então às análises sobre as cidades, é o [meio] ambiente físico – as vielas estreitas, a rua, o calçamento, a avenida ampla – que se torna campo de análise. Ou seja, a cidade (o “artificial”) é incorporada por Tuan como componente do [meio]ambiente e não apenas a natureza (embora ela ainda tenha relevância fundamental).

A própria topofilia, entendida como “os laços afetivos dos serem humanos com o meio ambiente material”(TUAN, 1980a, p.107), mantém a noção de base física para o conceito de [meio]ambiente, colocando o homem como “reagente⁷¹”, o que permite criar laços afetivos. Entretanto, sempre que o [meio]ambiente começa a ser dotado de intencionalidade, ou que o campo das atitudes passa ao do comportamento, Tuan utiliza outros conceitos, notadamente, paisagem e lugar.

A opção do autor por restringir a noção de [meio]ambiente fica clara em *Environment and the quality of life*:

[...] if *environment* is defined as man’s physical setting, both natural and man-made, it does not suffice to guarantee even survival, much less life of high quality. On the other hand, if *environment* is taken to mean not only the physical setting but also pervasive human and social relationships, then the term is too broad to serve any analytical purpose. Even to begin an analysis the term *environment* must be restricted in some way. Here, as elsewhere in the book, it is restricted to mean man’s physical setting⁷² (TUAN, 1975c, p.21).

⁷¹ Ente que reage

⁷² “[...] se o [meio]ambiente é definido como o ambiente físico do homem, tanto natural quanto feito pelo homem, ele não é suficiente para garantir nem a sobrevivência, muito menos vida de alta qualidade. Por outro lado, se [meio]ambiente for considerado como não apenas o ambiente físico mas também as difundidas relações humanas e sociais, então o termo é muito amplo para servir a qualquer propósito analítico. Mesmo para começar

A partir do referido trabalho, embora continue com a noção de suporte físico, Tuan adiciona a distinção entre ambientes naturais e ambientes feitos pelo homem e, eventualmente, até o próprio homem:

The word *environment* gives my efforts a geographical flavor and reflects my background in geography. *Environment* means ‘that which surrounds’. It is a broad and loose concept that happens to suit my purpose. I use the term to include not only nature (climate, topography, plants and animals) and man-made spaces, but also other humans⁷³ (TUAN, 1984e, p. ix).

É nesta perspectiva que Tuan trabalha as atitudes relacionadas ao [meio] ambiente, ou seja, como o [meio] ambiente físico influencia as posturas humanas, assim como sua percepção. Desta perspectiva conceitual também derivam trabalhos que analisam a influência do [meio]ambiente na qualidade de vida, na saúde, na formação de imagens mentais e símbolos culturais, psicologia ambiental e até na relação com o processo de aprendizagem infantil.

A partir da década de 1990, as análises de Tuan sobre o [meio]ambiente assumem um tom de preocupação com o determinismo ambiental do século XIX, que o autor considera revisitado desde o *boom* do ambientalismo. O autor comenta que o determinismo ambiental implica duas entidades separadas: uma é a natureza que determina e, a outra são os seres humanos que são influenciados. Desta maneira, o ambiente construído acaba por ser desconsiderado.

O ambiente construído não pode ser separado do seu construtor. Neste caso, o ambiente passa então a atender as pressões da sociedade e, se ele determina ou influencia, a questão está muito mais ligada ao poder econômico ou influência social do que ao ambiente:

[...] Europeans were forced to see the built-up, polluted areas of rapidly-growing cities as environments that could dramatically affect people’s lives. [...] But environmentalist thought here was confused, because it could not easily separate the physical place from its human denizens: while infested quarters were self-evidently bad for the people who lived there, both the quarters and their denizens constituted one undifferentiated blight that was a menace to the larger society⁷⁴ (TUAN, 1994b, p.123-124).

uma análise, o termo *[meio]ambiente* deve ser restringido de alguma forma. Aqui, como em qualquer parte deste livro, ele está restrito ao significado do entorno físico do homem”.

⁷³ “A palavra *[meio]ambiente* dá aos meus esforços um sabor geográfico e reflete meu contexto na geografia. *[meio]ambiente* significa “aquilo que envolve”. É um conceito amplo e vago que por acaso serve ao meu propósito. Eu usei o termo para incluir não apenas natureza (clima, topografia, plantas e animais) e espaços feitos pelo homem, mas também outros homens”.

⁷⁴ “[...] Os Europeus foram forçados a ver áreas construídas, poluídas e cidades de crescimento rápido como ambientes que podem afetar dramaticamente a vida das pessoas.[...] Os ambientalistas, no entanto, estão

O ambientalismo toma novas formas e passa a ver a natureza como vítima e os homens explorando outros homens o que levou ao estudo, na geografia, de valores e moralidade, que Tuan desenvolve a partir daí.

3.8.Natureza

Natureza é frequentemente tratada por Tuan como sinônimo de [meio]ambiente. Não encontramos na obra preocupações com a definição de natureza como conceito. A natureza é também o oposto da cultura, um obstáculo a ser vencido pela sociedade.

Sob o título *Man and Nature* (1966b) Tuan escreve um artigo que anuncia o debate acerca da natureza, mas essa expectativa é frustrada. A natureza é apenas citada em seu uso cotidiano como sinônimo de paisagem e/ou cenário. O texto é dedicado à paisagem enquanto essência.

Ao tratar da desarmonia entre as visões acerca do conceito de natureza e do comportamento humano, Tuan (1968e) mostra a visão europeia, em que a natureza está submetida ao homem, o que levaria à exploração da natureza; e da visão Chinesa, em que o homem é parte da natureza, o que resultaria em maior harmonia homem-natureza. Usando os jardins como ponto de partida, o autor comenta que o jardim europeu do século XVIII é geometricamente organizado, com pontos específicos de apreciação (bancos e “praças”), o que demonstra o domínio da natureza. Já o jardim chinês do mesmo período é desorganizado e desestruturado, o que representaria a subjugação do homem à natureza. Entretanto, Tuan salienta que ambos os jardins são frutos do engenho humano. Ou seja, “[...] in an obvious but not trite sense, civilization is the exercise of human power over nature, which in turn may lead to the aesthetic appreciation of nature⁷⁵” (TUAN, 1968e, p. 76).

confusos, porque não se pode separar facilmente o lugar físico do seus ocupantes humanos: enquanto bairros infestados eram evidentemente ruins para as pessoas que vivem ali, tanto os bairros quanto seus ocupantes constituem uma deterioração indiferenciada que era uma ameaça para a sociedade maior”.

⁷⁵ “[...] em um sentido óbvio mas não banal, a civilização é o exercício do poder humano sobre a natureza, que por sua vez pode levar à apreciação estética da natureza”.

A ética cristã cria o pensamento de que a natureza é o espelho da perfeição divina. Até a Idade Média, o homem não conseguia dominar a natureza. Após o renascimento, com o maior domínio das técnicas de cultivo, a natureza passou a ser considerada como uma criação divina para servir ao homem. A visão científica também começa a reverberar e comenta que a natureza não é somente para o homem, mas para todos os seres que vivem (TUAN, 1968f).

Nos séculos XVII e XVIII, natureza e razão estavam muito próximas. Como as duas representavam um tipo de ordem e harmonia, todo o ambiente construído pelo homem era considerado natureza. A partir do século XIX, com o crescimento das cidades, indústrias e comércio, a ciência passou a separar o ambiente natural do artificial (construído pelo homem). Essa tendência permaneceu durante o século XX, e deu origem ao ambientalismo, que é o estudo das influências da natureza sobre o homem (TUAN, 1978f).

Em uma revisão acerca do que estava sendo debatido sobre a relação homem-natureza, Tuan (1971a) identifica duas grandes correntes: os exclusionistas que trabalham com a perspectiva do homem *e* a natureza que, embora não negue que o homem é parte da natureza, opta por fazer a análise de forma dicotômica; e a abordagem inclusionista, que vê o homem *na* natureza, compreendendo-o como parte indissociável dela.

Tuan (1971b) escolhe a primeira abordagem. Não obstante aceite prontamente o homem como parte na natureza, o autor afirma que apenas colocando o homem fora da natureza ele seria capaz de analisá-la – o que nos distingue é a capacidade de pensar sobre ela e sobre nós mesmos. Tuan faz, então, uma rápida incursão sobre as definições de natureza: para os gregos, era a *physis* que compreende o todo; para Santanaya, qualquer experiência pública; para os físicos, um todo insubstancial; no mundo moderno, tudo que não foi feito pelo homem; para a geografia, os reinos da geografia física. Finalmente, Tuan (1971b, p.4) adota sua posição: “For the purpose of this paper I shall use the ‘word’ nature in the demoted sense: human artifacts and man-made environments, particularly the city, are excluded from consideration except insofar as they provide evidence of man’s conception of, and attitude toward nature⁷⁶”. A natureza é vista como ambiente físico não construído pelo homem. Por exemplo, posição reforçada em 1975c, em um subtítulo *Nature and nonliterate people* quando debate a relação da tundra nos esquimós e da floresta tropical nos pigmeus.

⁷⁶ “Para o propósito deste artigo vou usar a ‘palavra’ natureza no mais baixo sentido: artefatos humanos e ambientes feitos pelo homem, particularmente a cidade, não foram considerados, exceto na medida em que fornecem evidência das concepções do homem e atitude para a natureza”.

Em *Nature imitates art* (1977b) há um debate mais experiencial acerca da natureza. Ela é realidade independente do homem, é o que limita o que somos e o que fazemos, mas é impossível compreender os atributos da natureza fora do pensamento e experiência humana. A natureza é inarticulada e não possui sentido além daquele que colocamos nela. Ela é experiência direta – comer, beber, sentir calor ou dor ao chutar uma pedra. A natureza é também um grande unidade onde tudo está (ou parece estar) conectado, as estrelas com as marés, com as chuvas, com o nosso humor.

A experiência e o sentido de natureza, para os homens, são ambivalentes: a natureza é “[...] home and tomb, haven and prison, mother and ogre, a responsive ‘thou’ and an indifferent ‘it’⁷⁷” (TUAN, 1997b, p. 13). O autor faz uma distinção entre os conceitos de Natureza e natureza. O primeiro, afinado à definição demonstrada em 1977b, considera a Natureza como culturalmente definida, assim como a cultura também a define. Tuan, no entanto, opta pela natureza associada à geografia acadêmica:

The meaning that I give the word is common among geographers: nature consists of entities at or close to the surface of the Earth that have been unaffected, or minimally affected, by humans. It follows that the farther back in time we reach the more will be the extent (generally speaking) of nature. Another way of putting it is: nature is what remains or what can recuperate over time when all humans and their works are removed⁷⁸ (TUAN, 1997b, p. 20).

Tuan revela não estar alheio aos debates, especialmente os da filosofia acerca da natureza. Entretanto, o autor faz opção pelo conceito tradicionalmente usado na geografia, que coloca a natureza como oposição e resistência à cultura, como aquilo que não é construído ou socialmente produzido pelo engenho humano.

3.9. Paisagem

A paisagem foi a primeira essência que Tuan utilizou para suas análises, nos estudos acerca dos aspectos físicos da geografia (1957; 1958; 1959; 1962b; 1962c), ainda na década de 1950 e início dos anos 1960 e permeanse sendo trabalhada até os dias atuais – seu próximo

⁷⁷ “lar e sepultura, abrigo e prisão, mãe e monstro, um ‘tu’ receptivo e um ‘ela’ indiferente”.

⁷⁸ “O significado que eu dou para a palavra é comum entre os geógrafos: a natureza consiste em entidades na ou perto da superfície da Terra que não foram, ou foram minimamente afetadas pelo homem. Segue a ideia de que quanto mais voltamos no tempo maior será a extensão (genericamente falando) da natureza. Outra forma de colocar é a seguinte: a natureza é o que sobra ou o que pode ser recuperado ao longo do tempo quando todos os homens e seu trabalho forem removidos”.

livro com lançamento previsto para novembro de 2013 leva o título *Romantic Geography: In Search of the Sublime Landscape*.

O seu primeiro texto se encerra afirmando que a paisagem é o objeto da curiosidade geográfica (TUAN, 1957), no entanto, neste ainda não há preocupação com a definição ou com o debate acerca do conceito ou das noções de paisagem. Ela é tratada como uma categoria de análise – um recorte espacial da natureza para seus estudos. Essa visão foi plenamente superada por Tuan já a partir de meados da década de 1960.

A noção de paisagem, usada na ciência geográfica tradicional, veio primordialmente da leitura das pinturas de paisagens. A partir do Renascimento, com a introdução, na arte, das noções de perspectiva e profundidade, e da posterior técnica do *chiaroscuro* é que, a arte se desprende de figuras humanas como tema central, passando à pintura de paisagens. Elas foram, então, claramente delimitadas como uma área que cabia no campo visual e que possuía aspectos estéticos que a destacasse do seu entorno.

Notem bem que a geografia acadêmica e um conceito acadêmico de ‘paisagem’ têm origem simultânea e comum, origem que amplia em muito a concepção primeira de ‘paisagem’ no pensamento ocidental, surgida no renascimento, associada às novas técnicas de representação do espaço, a partir da projeção em perspectiva baseada em um ou dois pontos de fuga, que renovaria os princípios da pintura e das demais técnicas artísticas que se propõem a reduzir o espaço a apenas duas dimensões (HOLZER, 1999a, p. 151).

A palavra paisagem nasceu do alemão *landshaft* e carregava consigo o sentido de lugares comuns, do cotidiano, como fazendas e campos. Na transposição para o inglês – *landscape* – a paisagem ganhou contornos estéticos e deriva daí a concepção de excepcionalidade, de panorama visual.

Já assumindo uma postura humanista na geografia, Tuan (1966a) escreve um ensaio acerca das origens e características da paisagem. Ele procura superar os limites do conceito na ciência que, na arquitetura se definia pelas formas visíveis do espaço e na geografia, era considerada a expressão material de um gênero de vida, como expressão estética do acúmulo de tempos, sem reconhecer os ritmos e ciclos da vida e da própria paisagem. Para ultrapassar esses limites, Tuan (1966a) pondera que

Landscape is more than nature superposed by the material expressions of human living. It signifies more to us than the sum of the material facts of hills and valleys, fields, roads, bridges, churches and houses; for besides scientific and economic

appraisals, we have imputed to the landscape contents that can only be described as 'psychological, religious, esthetic and moral'⁷⁹ (TUAN, 1966a, p. 31).

A partir de então, a paisagem começa a ser concebida a partir das atitudes (ver item 4.1.3). Tuan sugere como uma temática para a geografia humanista o estudo, ainda pouco explorado, das atitudes com foco nas paisagens que possuem sentido simbólico especial, dando exemplo do deserto para com o qual são três as atitudes predominantes: “[...]deny its existence or real extent; to transform it for human use; to seek God or transcendence in a totally exposed landscape⁸⁰” (TUAN, 1967a,p.16). No livro *China* (1970b, p.70), cujo objetivo central é “to describe some of the major changes in the Chinese landscape⁸¹” o autor comenta que

The meaning that landscape has for us varies with our degree of involvement with nature [...] But the meaning of landscape is far richer than these few perspectives suggest. For the natural environment itself changes though time – slowly as the result of natural processes, rapidly as the result of human action – so that people do not encounter the same objective reality from one period to the next. And of course attitudes themselves alter so that the same facts, at other times, are perceived differently and call for new responses⁸² (TUAN, 1970b, p. 6).

Fruto da visão, dos elementos naturais, da cultura, mas também da percepção e atitudes, a paisagem ganha em relevância nos estudos da ciência geográfica, como atesta Holzer (1997, p. 81):

A geografia tem um termo que me parece muito mais rico e apropriado para o seu campo de estudo [em comparação ao termo meio ambiente]. Esta palavra incorpora ao suporte físico os traços que o trabalho humano, que o homem como agente, e não como mero espectador, imprime aos sítios onde vive. Mais do que isso, ela denota o potencial que um determinado suporte físico, a partir de suas características naturais, pode ter para o homem que se propõe a explorá-lo com as técnicas de que dispõe. Este é um dos conceitos essenciais da geografia: o conceito de “paisagem” [grifo do autor].

Tuan deixa claro que a paisagem não é uma entidade que está no mundo, ela é uma construção mental, uma abstração da realidade. Ver a paisagem requer uma grande habilidade

⁷⁹ “A paisagem é mais que natureza superposta pelas expressões materiais da vida humana. Ela significa mais para nós do que a soma de fatos materiais como montanhas e vales, campos, estradas, pontes, igrejas e casas; porque além da apreciação econômica e científica, nós imputamos à paisagem conteúdos que podem ser descritos apenas como ‘psicológico, religioso, estético e moral’.

⁸⁰ “[...] negar sua existência ou extensão real, para transformá-lo para o uso humano; para procurar Deus ou transcendência em uma paisagem totalmente exposta”.

⁸¹ “descrever algumas das maiores mudanças na paisagem chinesa”.

⁸² “O significado que a paisagem tem para nós varia de acordo com o grau de envolvimento com a natureza [...] Mas o significado de paisagem é bem mais rico do que estas poucas perspectivas sugerem. Como o ambiente natural muda por si só ao longo do tempo - devagar como resultado de processos naturais, rapidamente como resultado da ação humana - então as pessoas não encontram a mesma realidade objetiva de um período para o próximo. E é claro as próprias atitudes se alteram de forma que os mesmos fatos, em outro tempo, são percebidos de forma diferente e demandam novas respostas”.

em distinguir entre o eu e o outro. É preciso ainda ter capacidade de apreciação estética e consciência da parte, sem perder a visão do todo, pois a parte não tem limite claro (TUAN, 1961).

Uma das maiores preocupações do autor é de que a paisagem vista pela geografia clássica, como um retrato das culturas que ali atuaram e atuam, seja apenas uma visão parcial, pois, apenas os dominantes conseguem deixar suas marcas. Grande parte das pessoas que produziu aquela paisagem não deixa marcas permanentes. Lèvi-Strauss propõe o estudo da relação entre a estrutura espacial, a organização social e as crenças. Tuan (1976b) comenta que tal proposição deve ser aceita pelos humanistas, desde que acrescidas de uma avaliação das marcas que os valores e ideais da sociedade imprimem na paisagem.

O conceito de paisagem é fugidio e complexo. É um construto da mente e do sentimento. Ela ultrapassa a perspectiva funcional, limitada, e ultrapassa também a apreciação estética. É uma organização da realidade que pode ser vista vertical e lateralmente, ou seja, objetiva e subjetivamente, por meio do que o autor denomina *mind's eye*:

The vertical view sees landscape as domain, a work unit, or a natural system necessary to human livelihood in particular and to organic life in general; the side view sees landscape as space in which people act, or as scenery for people to contemplate. The vertical view is, as it were, objective and calculating. [...] The side view, in contrast, is personal, moral, and aesthetic⁸³ (TUAN, 1979b, p. 90).

O cerne da questão é que a paisagem é uma fusão de diferentes perspectivas, ela é natureza e cultura, ambiente e percepção, objetiva e subjetiva, funcional e estética. É o esforço da imaginação que deve agregar essas possibilidades em um só sentido. Por exemplo “[...] when a person faces the environment he may see alternatively an operational farm, a pleasant scene, and a type of social order. Should these different sets of clues amalgamate into a vividly coherent whole in this mind’s eye, what he sees is landscape⁸⁴” (TUAN, 1979b, p.97).

Paisagem é, então, um conceito vibrante e extremamente importante à geografia humanista. Ela não existe por si, mas é parte do ambiente, é passado e presente, carregando as

⁸³ “A visão vertical vê a paisagem como domínio, uma unidade de trabalho, ou um sistema natural necessário para subsistência humana em particular e para a vida orgânica em geral; a visão lateral vê a paisagem como o espaço no qual as pessoas agem, ou como cenário para as pessoas contemplarem. A visão vertical é, por assim dizer, objetiva e calculada. [...] A visão lateral, em contrapartida, é pessoal, moral e estética”.

⁸⁴ “[...] quando uma pessoa encara o ambiente ele pode ver alternadamente uma fazenda operacional, uma cena agradável, e um tipo de ordem social. Se estes diferentes conjuntos de indicativos se amalgamarem em um conjunto vividamente coerente em sua mente, o que ele vê é paisagem”.

perspectivas do futuro, é organização espacial e beleza. Mas, ela não é nada disso isoladamente. Só se torna paisagem à medida que a percepção e a imaginação concatenam os sentidos e as características do visível e do não visível.

Tuan (1998b) comenta que perceber e experienciar não criam uma paisagem. Crianças, por exemplo, percebem e experienciam, mas não são capazes de criar paisagens. A paisagem demanda uma sofisticação dos sentidos e da imaginação que as crianças ainda não têm. Paisagem não tem escala, o lar, a casa, a cidade, a região podem ser paisagens (TUAN, 2002b). Ela é espaço e lugar ao mesmo tempo, estabilidade, confinamento, vulnerabilidade, liberdade, estética e, sobretudo, imaginação.

Dada a sua visão inovadora no campo da geografia é possível tratar das *Paisagens do Medo* (2005a). Sob o ponto de vista da geografia tradicional, acreditamos que não seria possível uma paisagem do medo. Se a paisagem fosse um somatório da apreciação estética da natureza com as marcas que a cultura impõe, entrecruzados de modo a criar uma parcela visível da realidade, como poderia gerar medo? Quem teria medo? O medo é subjetivo, é fruto na antecipação da mente, da imaginação. Seja o medo de um predador que pode nos machucar, ou de um fantasma que nós mesmos criamos, ele só existe à medida que antecipamos no *mind's eye* o porvir, o eminente perigo.

O que são paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos (TUAN, 2005a, p. 12)

Uma temática constantemente aduzida à baila é o jardim planejado, especialmente na China e Europa. Assim como dissemos que a noção de paisagem de Tuan é que permite a concepção de uma paisagem do medo e é por meio dela, também, que os jardins são tão relevantes, uma vez que eles formam um ideal de paisagem. São frutos estéticos dos valores e da imaginação da cultura que os constituem e serão objeto de análise mais detida posteriormente.

A paisagem é a essência que Tuan trabalhou durante toda a carreira, desde os anos 1950, ainda geomorfólogo, até a atualidade (embora, não compreendida da mesma maneira). Procuramos, na figura 6, sistematizar todas as características e fundamentos que são sobrepostos e que se fundem para que possamos, então, ter uma paisagem:

Figura 6: Paisagem

Procuramos, neste capítulo, debater as essências geográficas e suas noções na obra de Tuan, denotando também o modo como, ao longo do tempo, algumas delas foram sendo ressignificadas e rediscutidas pelo autor. Chamamos de essências geográficas aqui o espaço, lugar (e o lar como lugar), mundo, tempo, corpo, homem, ambiente, natureza e paisagem. Consideramos estas as essências geográficas do autor pelo exercício mental da redução fenomenológica. Ou seja, sem estas noções como fundamento, base ou sustentação, dificilmente seria possível recompor a geografia tuaniana, ou mesmo compreender seus debates. Estas essências são debatidas pelo autor que nos oferece sua própria concepção.

Mas, para além das essências geográficas, há temáticas que persistem e recorrem durante toda a carreira. Também são sustentação para seus debates e compõe sua geografia significativamente, sendo fundamentadas em outros autores e leituras de mundo. A estas, denominamos “Persistências”, que serão discutidas no próximo capítulo.

Capítulo 4

PERSISTÊNCIAS

In the field of human geography, we are in the presence of someone who has created his own genre of writing, drawing upon an astonishing range and variety of sources, yet always placing them in such juxtapositions that they become quite distinctively his own. I never quite know how to think of him: As a weaver weaving a marvelous tapestry of many colored threads? Or as a master jeweler setting his brightly colored and winking stones into a diadem we can all wear if we are only willing to try it on? Only those with swollen heads will find that it fails to fit (GOULD, 1995, p. 597).

“No campo da geografia humana, estamos na presença de uma pessoa que criou seu próprio gênero de escrita, baseando-se em uma impressionante gama e variedade de fontes, no entanto, sempre colocando-as em tal justaposição que ela se tomam bastante distintivamente suas próprias. Eu nunca sei exatamente como pensar sobre ele: como um tecelão tecendo uma maravilhosa tapeçaria de muitos fios coloridos? Ou um mestre joalheiro fixando suas brilhantes e reluzentes pedras coloridas em uma coroa que todos podemos usar se estivermos dispostos? Apenas aqueles com as cabeças inchadas vão descobrir que ela não cabe”

Consideramos como persistências as temáticas que Tuan trabalhou durante grande parte de seu percurso acadêmico. São mediações do sujeito com o mundo que o autor debateu e engrandeceu com suas próprias reflexões e pensamento original; acepções que colocam o ser-no-mundo e o tornam capaz de (re)construir e interpretar a realidade. Não pretendemos esgotar as temáticas expostas neste texto, e sequer somos capazes de apresentar toda a riqueza de exemplos e abordagens com as quais Tuan as trata. O que objetivamos é compreender o sentido destas temáticas que, junto às essências, consideramos centrais na geografia de Tuan.

Elas foram agrupadas em dois grandes conjuntos de discussão. O primeiro, “Elementos epistemológicos” (figura 7) envolve temáticas e assuntos que são fundamentais para a reflexão sobre os caminhos da nossa ciência, sobre a geografia humanista e ainda para compreender a relação do homem com as essências tratadas no capítulo anterior.

O segundo grupo, denominado “Horizontes de variações imaginárias” (figura 9) está relacionado com os exemplos de experiências cotidianas – embasadas, fundamentalmente, em outros autores – que intermediam a nossa relação com o mundo e permitem explorar o sentido dos elementos epistemológicos.

Figura 7: Persistências - Elementos Epistemológicos

4.1. Elementos epistemológicos

Analisando a figura 4, podemos ver que o título deste capítulo não é despropositado. São temáticas que o autor aborda durante praticamente toda a carreira, em menor ou maior intensidade. Na década de 1970, o autor tratou com muita intensidade da experiência, percepção, atitudes, comportamento e sentidos. Não é um acaso. Neste período ainda se firmava a proposta de uma geografia que havia nascido recentemente com o intuito de se contrapor ao neopositivismo que dominavam nossa ciência. Assim, era preciso delimitar e exprimir as posições. Era fundamental erguer um sustentáculo conceitual que pudesse substanciar a geografia humanista, abrindo possibilidades de estudantes graduandos e pós-graduandos erigirem pesquisas sob este prisma.

Isto feito, outras temáticas começam a reverberar na geografia tuaniana como a estética, a linguagem, o self e a comunidade. Elas são reflexo do amadurecimento desta geografia humanista e de posturas que o próprio autor assume, frente a um mundo que também se transformou rapidamente desde a década de 1980.

Vamos, então, apresentar estas noções, a começar pela experiência.

4.1.1.Experiência

A ciência está acostumada à experimentação. Somos levados, pelo funcionalismo a acreditar que devemos formular hipóteses e testá-las em um ambiente controlado. Entretanto, se controlamos o ambiente, o que resta de realidade nele? E, neste caso, como se daria, de fato, esta experiência no mundo?

Tuan não entende a experiência como teste, mas como experiencição – ato de se por-no-mundo. Ela nos compõe como seres humanos e por meio dela construímos atitudes e percepções, compreendemos e organizamos o mundo, criamos lugares e, sobretudo, nos

relacionamos. Experimentar é fazer e praticar geografia (considerada enquanto atividade inerente a todas as pessoas).

“Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983a, p. 9). Junto à genética, a experiência faz de cada indivíduo um ser único, capaz de compor uma visão de mundo singular. Mas ela também se dá de modo intersubjetivo, construindo atitudes coletivas e culturas que, por sua vez, influem na qualidade de nossa experiência.

A experiência é ainda intencionalidade, atividade e exploração. Não é um ato passivo de mera contemplação – plantas, por exemplo, não experimentam. Ao se pôr no mundo, mediadas pelos sentidos, as pessoas buscam organizar seu mundo: “Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983a, p. 10).

Nossos sentidos atuam simultaneamente na construção de nossa experiência, entretanto, cada um deles contribui para uma forma diferente de apreciação do mundo. A visão e a audição nos parecem permitir experimentar de maneira mais direta e objetiva, mas, sobretudo, por meio deles podemos criar pensamentos, passíveis de serem compartilhados com outras pessoas. Por sua vez, o olfato, paladar e o tato são sentidos íntimos e “remain buried in our private selves. Sensitivity cannot be shared the way thoughts can⁸⁵” (TUAN, 1975a, p. 152).

Apreendemos a experiência pela mediação dos nossos sentidos, da nossa capacidade de simbolização e também do pensamento racional, “coloridos” pela emoção. A experiência é sempre voltada para o mundo exterior e implica em apreender e aprender a partir da própria vivência (figura 5).

⁸⁵ “Permanecem enterrados em nós mesmos. O sentir não pode ser compartilhado do mesmo modo que os pensamentos”.

Figura 8: Elementos que constituem a experiência
Fonte: Tuan, 1983a, p. 9

A efemeridade é também característica de nossa experiência, ela é imediata, elusiva, caótica e impermanente. Por isso fazemos incursões na memória para revisitarmos nossas experiências: usamos gestos, linguagem, artefatos e histórias para criar a ilusão de duração. Tuan (1980c, p. 462) afirma que “we feel the urge to reify experience, to give those fleeting moments of pleasure and pain a narrative outline or visual shape⁸⁶”. É desta maneira que damos sentido à nossa experiência e que a compartilhamos e, ao mesmo tempo, reconstruímos coletivamente.

Segundo Tuan (1980c), esse é um dos motivos pelo qual apreciamos arte. Como não é possível passar a vida a saborear cada instante, é possível dizer que nossas reconstituições da experiência (memória, história, poesia, pintura, etc.) nos parecem, por vezes, mais reais do que a própria experiência, assim, como a arte é uma das formas de incorporar e rerepresentar a experiência humana, daí a inerência desta forma de expressão a todos os grupos humanos. Mas, a arte ou qualquer outra forma de expressão ou transmissão de nossa experiência a outra pessoa nunca ultrapassará o nível da abstração. A experiência só pode ser vivida.

Apoiado em Dardel, Tuan assevera que a experiência “is the totality of means by which we come to know de world; we know the world through sensation (feeling), perception, and conception⁸⁷” (TUAN, 1974a, p. 213). Novamente, Tuan (1975a, p. 151) salienta que “Experience is a cover-all term for the various modes through which a person knows his world⁸⁸”. À medida que acumulamos experiência em uma parte do mundo, começamos então a criar laços e depositar sentidos que podem ser acessados na memória: criamos lugares. Por isso, os lugares – repositórios da experiência – podem ser individuais e até subscientes. Os lugares são, portanto, compostos por experiências não notadamente relevantes ou

⁸⁶ “Sentimos o desejo de reificar e experienciar, para dar um esboço de uma narrativa ou uma forma visual àqueles momentos passageiros de prazer e dor”.

⁸⁷ “É a totalidade dos meios pelos quais conhecemos o mundo; conhecemos o mundo por meio das sensações (sentimentos), percepção e concepção”.

⁸⁸ “A experiência é um termo abrangente para as várias maneiras pelas quais uma pessoa conhece seu mundo”.

excepcionais, como o cheiro de café, o som do pássaro que vive na árvore em frente, a vista do pôr-do-sol na janela, mas que se acumulam e criam fortes laços de afeição entre o indivíduo e o lugar.

4.1.2. Percepção

A percepção é parte da experiência e Tuan (1980a, p. 70) declara que “Quando não há lapso de tempo entre a sensação e a sua interpretação, [...] se pode falar da experiência, como percepção em sentido estrito”.

A percepção depende tanto da experiência, quanto da imaginação. Percebemos por meio dos nossos sentidos e eles se complementam na composição da percepção, o mundo percebido pela visão é abstrato e “distante”, o paladar e o som atingem o campo das sensações, e nos colocam no mundo percebido. “A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo” (TUAN, 1983a, p.14). Assim, o mundo percebido é infinitamente complexo e variado, dependendo da fisiologia, experiência e intencionalidade.

O contexto histórico e o grupo cultural em que vivemos também influem tanto na nossa percepção individual, quanto em um tipo de percepção coletiva. Exemplo disso foi a depreciação da vida rural e da proximidade com a natureza que aconteceu na década de 1960 e 1970, quanto as migrações começaram a criar grandes metrópoles. Atualmente, com o inchaço das cidades e os problemas socioeconômicos, surgem cada dia mais condomínios rurbanos que demonstram a revalorização da proximidade com a natureza. Em outro trabalho, Tuan (1970b) anuncia que as transformações culturais e ambientais mudam a realidade e, portanto, modificam as atitudes de modo que os mesmos fatos são percebidos de formas diferentes.

Nós somos resultado da nossa própria biologia, mente, pensamento e também das influências externas, como a cultura e o momento histórico. Desta maneira, como percepção e atitudes são construções íntimas, exteriorizá-las é sempre reelaborar, revisitar e reconstruir, por essa razão, dificilmente será possível compreender qual é a extensão da influência da

cultura em uma ou outra. Veremos a seguir como se inter-relacionam os sentidos de percepção e as atitudes.

4.1.3. Atitudes

Antes de demonstrarmos as noções de Tuan acerca das atitudes, recorreremos ao léxico por considerarmos haver uma sutil diferença entre *attitude* em inglês, e *atitude* em português. *attitude*, define-se como:

1: the arrangement of the parts of the body or figure: posture 2:a: a mental position with regard to a fact or state b: a feeling or emotion toward a fact or state 3: a position assumed for a specific purpose <a threatening> 4: a ballet position similar to the arabesque in which the raised leg is bent at the knee 5: the position of an aircraft or spacecraft determined by the relationship between its axes and a reference datum (as the horizon or a particular star) 6: an organismic state of readiness to respond in a characteristic way to a stimulus (as an object, concept, or situation)⁸⁹ (WEBSTER, 1977, p.73).

Em português, atitude é:

Postura do corpo; norma de proceder; reação ou tendência determinada de comportamento em relação a qualquer estímulo ou situação; propósito; maneira de significar este propósito (BUENO, 1975, p.172).

Jeito, posição do corpo: atitude graciosa./ Fig. Exteriorização de um intento ou propósito: atitude hostil. / Norma de Proceder, comportamento. (AURÉLIO, 2013)

sf (fr attitude) **1** Modo de ter o corpo; postura. **2** Norma de proceder ou ponto de vista, em certas conjunturas. **3** Propósito ou significação de um propósito. **4Psicol** Tendência a responder, de forma positiva ou negativa, a pessoas, objetos ou situações. **5 Sociol.** Tendência de agir de uma maneira coerente com referência a certo objeto. **6 Astronáut** Posição de um foguete, míssil ou satélite artificial, determinada pela inclinação do seu eixo em relação a algum ponto de referência. **7Bel-art** Posição que os pintores e escultores dão às suas figuras. **A. de voo, Aeron:** inclinação dos três eixos principais de um avião em direção do vento relativo. **Tomar uma atitude:** decidir-se por um ou outro parecer ou procedimento e agir de acordo (MICHAELIS, 2013).

⁸⁹ “1: o arranjo das parte do corpo ou figura: postura 2: a: uma posição mental sobre um fato ou estado b: um sentimento ou emoção para com um fato ou estado 3: uma posição assumida frente a um propósito específico <uma ameaça> 4: uma posição de ballet similar ao arabesco na qual a perna erguida é dobrada no joelho 5: a posição de uma aeronave ou espaçonave determinada pela relação entre os seus eixos e um datum de referência (como o horizonte ou um estrela em particular) 6: estado orgânico de prontidão para responder de modo característico a um estímulo (como um objeto, conceito ou situação)”.

Valemo-nos dos dicionários para demonstrar um tom de diferença entre o sentidos em inglês e português. Essa distinção é fundamental para a compreensão da abordagem de Tuan para esta, que é uma das temáticas mais centrais de seu percurso acadêmico. Embora compartilhem definições em comum, a *atitude* (mais ainda que nos dicionários, isso aparece no uso cotidiano) possui um sentido de ação, procedimento de “tomar uma atitude”, a frase tão comum no nosso cotidiano carrega consigo um sentido de fazer algo.

Embora a diferença seja sutil, o sentido em inglês não carrega consigo a ação, o comportamento propriamente dito, isto é, ela representa muito mais uma postura, uma maneira de ver e de se colocar no mundo. Este é o sentido trabalhado por Tuan. *Attitudes*, portanto, estão relacionadas muito mais à percepção do que ao comportamento, à criação de valores sociais do que de artefatos culturais. Tuan (1980a, p.4-5) explica que

*Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As crianças percebem, mas não tem atitudes bem formadas, além das que lhe são dadas pela biologia. As atitudes implicam experiência e certa firmeza de interesse e valor. As crianças vivem em um meio ambiente; elas têm apenas um mundo e não uma visão do mundo. A *visão do mundo* é a experiências conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra *sistema* implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). grifos do autor*

A atitude é relativa a algo. Tuan, frequentemente, aborda as atitudes para com o meio ambiente ou a natureza. Nós temos uma ambiguidade inerente na relação com a natureza que é, ao mesmo tempo, provedora e ameaça, fonte de prazer e de medo, beleza e decadência – “The point is that man can use his sense of relatedness to nature, and the ready recognition of differences within it, to structure his social world. Man’s attitude to natural phenomena is both empathetic and intellectual; it is alternately emotional and abstract⁹⁰” (TUAN, 1976b, p. 4).

As ambiguidades podem estar relacionadas a uma circunstância particular, à personalidade do indivíduo ou aos valores da família ou da comunidade na qual se insere. No entanto, o autor aponta três fatores primordiais que criam as ambiguidades: “1) Complex environments (or stimuli); 2) the discrepancy between the mind’s search for symmetry and the

⁹⁰ “A questão é que o homem pode usar seu sentido de relação com a natureza, e o imediato reconhecimento de suas diferenças, para estruturar seu mundo social. A atitude do homem para com os fenômenos naturais é tanto empática quanto intelectual.; ela é alternadamente emocional e abstrata”.

bias of human intention toward specific values situated in the future; and 3) the tendency for feelings and primitive ideas to polarize⁹¹” (TUAN, 1973a, p. 411).

Tuan se preocupa com a maneira pela a qual a geografia tem desconsiderado as ambiguidades nos estudos sobre as atitudes, mas comenta que não há metodologia disponível para desvendá-las. Entretanto, reconhecer estas limitações é o primeiro passo para explorar as atitudes e, em especial, a transposição dessas para o comportamento.

O autor sugere uma temática para a geografia humanista ainda pouco explorada: o estudo das atitudes com foco nas paisagens que possuem sentido simbólico especial, dando exemplo do deserto para com o qual são três as atitudes predominantes: “deny its existence or real extent; to transform it for human use; to seek God or transcendence in a totally exposed landscape⁹²” (TUAN, 1967a, p.16).

Atitudes, certamente, não são comportamentos. Na realidade, a relação entre um e outro sequer está esclarecida. As atitudes são formadas a partir da experiência e, sobretudo, um conjunto de percepções, elas são influenciadas por agentes externos ao indivíduo, mas possuem forte componente íntimo. Já os comportamentos são colocados no mundo, suas marcas, características, determinações e restrições sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais são muito mais fortes, como veremos a seguir.

4.1.4.Comportamento

A principal preocupação de Tuan em suas abordagens sobre o comportamento é a relação desse com as atitudes, ou seja, a relação entre ideias e ação. É comum encontrarmos estudos que relacionam a cultura com o comportamento, ou seja, que consideram a cultura como formadora das atitudes, no entanto, há pessoas que cresceram na mesma cultura e apresentam comportamentos ambientais e até sociais diferentes.

⁹¹ “1) Ambientes complexos (ou estímulos); 2) as discrepâncias entre a busca mental por simetria e o viés da intenção humana para com valores específicos situados no futuro; e 3) a tendência de polarizar sentimentos e ideias primitivas”.

⁹² “negar sua existência ou extensão real; transformá-lo para o uso humano; procurar Deus ou transcendência em uma paisagem totalmente exposta”.

Não se trata de negar o componente cultural no comportamento, mas apenas de reconhecer nossos limites em estabelecer até que ponto este ou aquele elemento o influencia. Se uma família é removida de uma área de risco, realocada, por exemplo, em um prédio em outro bairro, ela terá que absorver e aprender novos valores e habilidades sociais e, certamente, também apresentará alterações no comportamento.

O comportamento é derivado das atitudes? Nem sempre. Estudos sobre o comportamento ambiental das pessoas não reflete, necessariamente, o que elas pensam. Então o comportamento decorre do ambiente? Também não imperativamente.

Nossa visão de mundo pode nortear o comportamento, mas há outros fatores que o influenciam, ele pode até ser absolutamente discrepante da atitude. Tuan (1968e) compara os jardins planejados europeus e chineses. Os jardins europeus são organizados, as suas plantas aparadas de modo escultural, com caminhos, monumentos e praças para a apreciação dos jardins, o que denotaria, *a priori*, uma atitude de domínio do homem sobre a natureza. Os jardins chineses não possuem trilhas ou caminhos, as plantas crescem livremente, e não há locais especificamente planejados para contemplação, expressando, neste caso, atitude de submissão à natureza.

Entretanto, as duas civilizações, ao criarem jardins, demonstram o exercício de seu poder sobre a natureza, ambos os jardins são obras do engenho humano, e pode-se afirmar que “The publicized environmental ethos of a culture seldom covers more than a fraction of the total range of environmental behavior. It is misleading to derive the one from the other”⁹³, (TUAN, 1968e, p. 70).

Para Tuan (1971a), uma das únicas certezas que podemos ter acerca do comportamento é a de que ele é essencialmente aprendido. As crianças criam padrões de comportamento pela imitação de seus pais e, à medida que crescem, esses padrões vão se tornando cada vez mais previsíveis. O autor denomina *behavior setting* as estruturas espaciais que demandam padrões de comportamento, como, por exemplo, a escola, o hospital, a igreja ou a ópera. Cada um desses espaços (re)cria, por meio da cultura e valores sociais, seus padrões próprios de comportamento. Mas, ainda dentro destes ambientes, Tuan (1971a, p.

⁹³ “O *ethos* ambiental público de uma cultura raramente cobre mais que uma fração do escopo total do comportamento ambiental. É enganoso derivar um a partir do outro”.

247) ressalta que “From the nature of the setting behavior can be predicted, but within limits; little is known about what goes on in a person’s mind or about purpose and motivation⁹⁴”.

Mas qual é o problema em avaliarmos apenas o comportamento como ato, e ignorarmos as atitudes e pensamentos? Tuan (1989d, p. 77) responde que “Ignoring it, of course, as geographers and environmental psychologists have tended to do, give their research – for all the wealth of empirical data – an air of unreality⁹⁵”. Entretanto, o autor também não acredita ser possível desvendar toda a complexidade da mente humana “Suppose the time comes when we do have complete knowledge, when we are able to see in detail all the myriad links between environment and not only observable behavior but sentiment and thought, then we shall be God⁹⁶” (TUAN, 1989s, p.81).

Portanto, a principal abordagem da geografia humanista acerca do comportamento humano deve ser a compreensão de como este é afetado pelo conhecimento real ou ilusório, pelo pensamento e atitudes, e Tuan (1976a, p. 273) ainda alerta que o risco “includes seeing design and deliberation where none exists, assuming concordance between mind and behavior⁹⁷”.

4.1.5.Sentidos

Todos os seres humanos compartilham percepções em comum, em virtude da semelhança biológica dos nossos órgãos sensoriais. Os sentidos são “the biological basis of our experiencing: their powers are our potential, their limitations our fate⁹⁸” (TUAN, 2012, p. 71). Entretanto, não há igualdade absoluta nem nos órgãos, – algumas pessoas têm maior ou

⁹⁴ “O comportamento pode ser previsto a partir da natureza do cenário, mas com alguns limites; sabemos pouco sobre o que se passa na mente de uma pessoa ou sobre propósito e motivação”.

⁹⁵ “Ignorá-lo, é claro, como geógrafos e psicólogos ambientais tendem a fazer, dá às suas pesquisas – apesar de toda a riqueza de dados empíricos – um ar de irrealidade”.

⁹⁶ “Suponhamos que chegue o tempo em que tenhamos total conhecimento, quando pudermos ver em detalhes toda a miríade de ligações entre o ambiente e não apenas o comportamento observável, mas sentimento e pensamento, então seríamos Deus”.

⁹⁷ “inclui pensar que há projeto e deliberação onde não existem, assumindo concordância entre mente e comportamento”.

⁹⁸ “a base biológica de nossa experiência: seus poderes são nosso potencial, seus limites nosso destino”.

menor sensibilidade auditiva, outras têm problemas de visão – nem na maneira como interpretamos as informações registradas em nossa mente produz, por exemplo, enquanto alguns adoram beterraba, outros sentem verdadeiro asco pela raiz.

A cultura e o ambiente também influem no uso, na valorização e no desenvolvimento de um ou alguns dos sentidos. Por exemplo, esquimós, que vivem em um ambiente altamente homogêneo desenvolvem a visão a ponto de reconhecer inúmeros tons de branco; por sua vez, índios que vivem na Amazônia e, portanto, têm a visão limitada pela floresta densa, desenvolvem fortemente a audição para que possam caçar e evitar predadores (TUAN, 1980a).

O mundo é percebido pelos cinco sentidos ao mesmo tempo, eles intermediam nossa experiência do mundo, mas, cada um deles exerce uma influência diferente na nossa experiência, dadas as suas peculiaridades. Alguns sentidos aproximam nosso corpo ao mundo, outros são distanciadores. Essas características interferem na nossa capacidade de conceber lugares.

Hearing, smell, taste, and touch are all proximate senses. The worlds known through them tend to be cozy and affecting. All four senses intimately involve the individual with local place – with a person's immediate environment [...] Sight is our most active cognitive sense. It also appears to be the least emotional – the 'coolest' – of the senses, perhaps in part because the visual field does not enwrap. We can see only what is in front; we necessarily stand at the margin of our own visual field⁹⁹ (TUAN, 1984b, p. 8).

A visão é o sentido do qual mais dependemos e que usamos de maneira mais consciente. Duas de nossas maiores habilidades visuais, em comparação com outros animais, são o discernimento de cores e a compreensão de profundidade e perspectiva, que criam imagens em três dimensões (TUAN, 1980a). Há uma primazia da visão sobre os outros sentidos. Abrir os olhos e ver é descotinar um mundo variado, nítido, amplo e colorido. Além disso, a visão fornece as sensações que melhor podemos compartilhar com as outras pessoas. Uma coisa que a visão nos fornece – e que não registramos conscientemente – é a felicidade das cores e da presença do mundo (TUAN, 1993d).

⁹⁹ “Audição, olfato, paladar e tato são todos sentidos proximais. Os mundos conhecidos por meio deles tendem a ser aconchegantes e afetuosos. Todos os quatro sentidos envolvem o indivíduo intimamente com o lugar – com o ambiente imediato da pessoa [...] A visão é o nosso mais ativo sentido cognitivo. Também parece ser o menos emotivo – o mais “frio” – dos sentidos, talvez em parte porque o campo visual não nos envolve. Vemos apenas o que está em frente; nós necessariamente estamos à margem do nosso próprio campo visual”.

Entretanto, a visão é um sentido distanciador. Para olhar não precisamos estar perto. Tuan (1993d), alega que a visão não envolve a emoção, ela cria espectadores. Ao olharmos a cidade de uma janela fechada, vemos o mundo, mas ele nos parece estático, distante, sem vida.

Assim, embora os olhos nos forneçam informações mais detalhadas do mundo, os sons apreendidos pela audição nos afetam muito mais profundamente. Tuan (1980a) exemplifica como a música pode ser uma experiência emocional muito mais forte do que apreciarmos uma pintura. Ele atribui esta característica ao fato de que esse é um sentido mais passivo, não podemos “fechar os ouvidos”, estamos permanentemente expostos aos sons. Quando uma pessoa fica surda, a própria sensação de espaço se contrai, porque se deixa de receber uma importante fonte de informação do mundo, que parece parado no tempo.

Os sons provocam sensações tão marcantes que somos capazes de distinguir uma variedade de estados emocionais: apenas com tom de voz de uma pessoa sabemos se ela é hostil ou amigável (TUAN, 1993d). Os sons nos envolvem, colocam-nos “dentro”, eles afetam nosso estado de espírito. Por exemplo, um som repetido em demasia, alto, ou em um tom desagradável ao ouvido é extremamente estressante.

O som mais arrebatador para a humanidade é a música, não por acaso, é um dos tipos mais disseminados de arte, não há registro de grupo cultural que não a pratique, quase todas as culturas do mundo se reúnem em torno da música, porque ela convida à participação, à celebração em comum:

Music affects us emotionally for a variety of reasons. We have an unreflexive, physiological response to certain rhythms, such as the martial beat of a military band, whether we want it or not. Music also affects us because it can seem meaningful, like language, even though it is wordless; it resembles human speech because its ordered periodic sound is quasi-syntactical. Music can have the emotional quality of human speech: the music's tone conveys passion just as a tone of voice is able to do even when the words are lost to the Wind¹⁰⁰ (TUAN, 1993s, p. 93).

O tato, por sua vez, é um dos sentidos mais sofisticados que temos, somos capazes de distinguir alterações muito sutis de textura. Tuan (1980a; 1993d) constata que sem o tato, uma

¹⁰⁰ “A música nos afeta emocionalmente por várias razões. Temos respostas fisiológicas automáticas a certos ritmos, como a batida marcial de uma banda militar, querendo ou não. A música também nos afeta porque ela parece significativa, como a língua, mesmo que não tenha palavras; ela se assemelha à fala humana porque é organizada de modo periódico e de forma quase sintática. A música pode ter a qualidade emocional da fala humana: o tom da música transmite paixão da mesma forma que o tom de voz faz mesmo quando as palavras são perdidas ao vento”.

pessoa não é capaz de sobreviver, porque é a sensibilidade da pele que estimula o funcionamento, por exemplo, do sistema digestivo. O tato promove uma experiência direta do mundo, exige proximidade e sua sensação é imediata (raramente deixa marcas na memória).

Mas há uma sensação tátil que não demanda esta experiência direta, é ela que cria a “Paisagem do Toque”: é a sensação tátil da visão. “Seeing and the tactile sensation are so closely wed that even when we are looking at a painting it is not clear that we are attending solely to its visual qualities¹⁰¹” (TUAN, 1993d, p. 43).

Tuan (1993d) comenta que o paladar, além da imensa variedade gustatória que nos fornece, é também um tipo de toque, uma vez que sentimos a textura dos alimentos junto ao seu sabor. Segundo o autor, o ato de comer é o que mais nos aproxima dos outros animais, por isso, o paladar é um dos sentidos mais afetados pela cultura.

Durante a Idade Média, na Europa, uma boa refeição consistia em uma mesa servida com diversos tipos de animais cozidos e assados inteiros, ainda com suas faces, pés e corpos intactos, que eram desmembrados e comidos com as mãos. Todos os tipos de carne e vegetais eram cozidos juntos, sem preocupações com o sabor ou combinações. A partir do século XVII, na França, mais especialmente após a Revolução Francesa, começou-se a valorizar a combinação dos sabores nos pratos e o uso de talheres, elevando a culinária à categoria de arte (TUAN, 1993d). Ou seja, o ato de comer em público é um dos maiores símbolos de avanço cultural. Sobre a influência da cultura na comida o autor comenta: “In these activities, biological imperatives are worrisomely joined to sensual delight, the killing and evisceration of living things to art, animality to the claims of culture, taste (a process in the mouth’s cavern) to that refined achievement known as ‘good taste’¹⁰²” (TUAN, 1993d, p. 46).

O olfato é capaz de evocar as lembranças mais vívidas e emocionalmente fortes que temos. Um único cheiro é capaz de criar nítidas e detalhadas imagens mentais (TUAN, 1980a). O cheiro “affects our emotions at a more deeply buried level [...] The directness and immediacy of smell provide a sharp contrast to the abstractive and compositional proclivities of sight. Perhaps for this reason and odor can resurrect the past with a vividness that no visual

¹⁰¹ “Visão e a sensação tátil são tão intimamente casados que mesmo quando estamos olhando uma pintura não está claro se estamos atentando apenas para as suas qualidades visuais”.

¹⁰² “Nestas atividades o imperativo biológico está preocupantemente conectado ao deleite sensual, a matança e eviscação de seres vivos com a arte, a animalidade com as reivindicações da cultura, o paladar (um processo dentro da boca da caverna) com a conquista refinada conhecida como ‘bom gosto’”.

image can¹⁰³” (TUAN, 1993d, p. 56-57). O olfato e o paladar estão tão intimamente ligados quanto a visão e o tato. Frequentemente, alegamos conhecer o sabor de um alimento sem tê-lo provado, apenas pelo odor.

Além desses cinco sentidos tradicionais, já reconhecidos por Aristóteles, existem outros ainda menos estudados, como a sensibilidade à pressão atmosférica, o sentido de direção (TUAN, 1980a), a cinestesia e a sinestesia (TUAN, 1993d).

A propriocepção, ou cinestesia, – *kinesthesia* em inglês – é o sentido que nos permite perceber o equilíbrio, posição e deslocamento, é primordial para o nosso fundamento espacial. Movimento é vida, por meio desse sentido aprendemos a nos sentar, a andar e, junto com as propriedades da visão, a compreender a verticalidade, horizontalidade e as distâncias (TUAN, 1993d).

A sinestesia – *synesthesia* em inglês – é a fusão de dois ou mais sentidos, ou seja, quando uma impressão ativa órgãos sensoriais diversos. Algumas pessoas, chamadas de sinestésicas, possuem a fusão destas sensações em tal nível que, ao ouvir uma música, sentem determinados gostos e/ou veem uma cor. Jane Yardley, uma sinestésica, relata “I can taste the music of Erik Satie. It tastes of lemon.”, Julie Roxburg, descreve “**A** is masculine and very red [...] **b** a pretty, soft peach/apricot male [...] **9** is ethereal. A gorgeous light blue not very reliable [...] **8** is similar in color to **B**, but darker, nearer apricot¹⁰⁴” (UK, 2007). As sensações sinestésicas, no entanto, não são universais e nem possuem causas conhecidas, cada portador sente um gosto diferente para uma mesma música ou vê cores distintas associadas a uma letra.

Embora esse grau de fusão dos sentidos seja rara, é possível afirmar que todas as pessoas possuem uma tendência sinestésica, Tuan (1993d) ressalta que, com certa facilidade, associamos, por exemplo, sons muito graves com imagens escuras, e sons muito agudos e esganiçados com claridade. Esta capacidade sinestésica, segundo o autor, é o que nos permite criar metáforas que podem ser compreendidas por outras pessoas, como na expressão “estou verde de fome”, ou outras tão conhecidas na geografia, onde elementos naturais recebem nomes com referências anatômicas, como o “pé da montanha”, ou a “boca do rio”.

¹⁰³ “afeta nossas emoções em um nível mais profundo [...] O imediatismo do cheiro provoca um nítido contraste com as tendências abstratas e compostas da visão. Talvez por esta razão um odor possa ressuscitar o passado com uma nitidez que nenhuma imagem visual alcança”.

¹⁰⁴ “**A** é masculino e bem vermelho [...] **b** é bonito, macho em um leve tom pêssego/damasco [...] **9** é etéreo. Um deslumbrante azul claro não muito confiável [...] **8** tem cor similar ao **B**, mas mais escuro, mais adamascado”.

4.1.6. Estética

A experiência estética é, de tal modo, impregnada em nossa vida que se tornou um importante eixo de atenção da geografia humanista. A capacidade de apreciação estética advém da interconexão entre os sentidos e a cultura. Tuan (1989a, p. 234) comenta que a experiência estética “is largely a matter of the pleasure of the senses, varyingly informed by the mind. At one extreme, it can be a shudder of delight that is predominantly physical in character; at the other extreme, it is a mediated response, cool yet intense, of intellectual appreciation¹⁰⁵”.

A verdadeira experiência estética é um estado de espírito, um sentimento ou emoção. De acordo com Tuan (1989a, p. 234), “The aesthetic response depends on, and can perhaps be endlessly extended by, association, memory, and knowledge¹⁰⁶”. Assim, construímos, pela memória, pela aprendizagem cultural e acadêmica, um sentido estético. O esteticismo é uma atitude sofisticada, como a visão de mundo e de vida. Embora o impulso estético seja inato, a habilidade estética tem que ser aprendida. (TUAN, 1993d). Ou seja, a estética exige um certo distanciamento, a simples sensação de prazer não é suficiente para ser estética: o deleite de um copo de água gelada em um dia quente não demanda nenhuma erudição (TUAN, 1989a).

A beleza é culturalmente criada, embora, possa variar também de indivíduo para indivíduo. É impossível negar, no entanto, o quanto somos atraídos pelo belo, o quanto sua presença cria uma sensação de bem estar. Por isso procuramos melhorar a aparência de nossa casa, nosso bairro, nossa cidade. Esse cuidado é uma das maneiras de formar laços que criam lugares.

Consideramos que ao trazer o debate acerca da estética para a geografia, Tuan reconhece uma importante forma de apreensão de nossa experiência com o mundo e, sobretudo, valoriza a intencionalidade do ser-no-mundo. Uma paisagem, um monumento ou mesmo uma intervenção urbana podem ter forte influência no cotidiano das pessoas e a

¹⁰⁵ “é em grande parte uma questão de prazer dos sentidos, variadamente informado pela mente. Em um extremo, pode ser um grande prazer de caráter predominantemente físico e, no outro extremo, é uma resposta mediada, fria mas intensa, de apreciação intelectual”.

¹⁰⁶ “A resposta estética depende de, e talvez possa ser infinitamente estendida por, associação, memória e conhecimento”.

exultação do encontro com o belo é um fator de acréscimo da qualidade de vida que a geografia como ciência praticamente desconsiderou.

4.1.7. Poder

A busca e as conseqüentes disputas pelo poder são inerentes aos seres humanos. Isto não é necessariamente ruim. Na realidade, em grande medida, é o que nos move no sentido do permanente progresso.

Mas há uma inconfundível face perversa do poder – o domínio. Exercemos domínio sobre outros homens, geralmente os menos favorecidos socioeconomicamente, sobre a natureza e sobre as coisas. Todos os homens dominam a natureza. Não permitimos, por exemplo, que a água siga seu curso natural: transpomos e retilinizamos cursos de rios, desviamos água para dentro de nossas casas por meio de canos, pressurizamos-a para nos agradar em um banho.

Mais do que este domínio para nosso uso, no entanto, Tuan tem uma interessante (e forte) abordagem acerca do que denomina criação de *pets*. Esta nos parece uma face mais sutil e, talvez por isso mesmo, mais perversa do exercício do poder, porque carrega consigo uma sensação de carinho e afeição que mascara o domínio: “Dominance may be cruel and exploitative, with no hint of affection in it. What it produces is the victim. On the other hand, dominance may be combined with affection, and what it produces is the pet¹⁰⁷” (TUAN, 1984e, p. 2). É o poder pelo prazer.

Tuan (1999a; 1983e; 1984e) levanta várias formas de *pets* que são comumente negligenciadas no nosso cotidiano. Os jardins planejados e parques, onde plantas exóticas são inseridas em um ambiente em que não sobreviveriam naturalmente. As plantas são então podadas e esculpidas para criar formas que nos agradam. Criam-se lagos desviando a água de seu curso original e ainda fontes onde as águas “dançam”. Os peixes ornamentais, que são geneticamente alterados, por exemplo, para que seus olhos fiquem grandes, o que provoca inúmeros acidentes com as trombadas dos olhos nas paredes de vidro dos aquários. Outros exemplos são bonsais, cães e gatos, até anões no circo e escravos. O fundamento é de que os

¹⁰⁷ “A dominação pode ser cruel e exploradora, sem nenhum traço de afeição. O que ela produz é uma vítima. Por outro lado, a dominação pode ser combinada com afeição e, então, o que ela produz é o *pet*”.

pets são como brinquedos. Não exercem função orgânica, são apenas manipulações para o deleite de nossa apreciação estética. É o exercício do poder pelo poder, temática negligenciada pela geografia:

Largely unconsidered by both geographers and environmentalists is the exercising of power for pleasure – the pleasure that is to be had in making gardens and pets. Geographers, like most people, tend to see gardens and pets as belonging to an area of innocence, in sharp contrast to large works of engineering and economic development. Yet, isn't playing with nature and human beings – treating them as aesthetic objects of 'fun' things – even more driven by power that is not even constrained by economic ends?¹⁰⁸ (TUAN, 2003a, p. 136).

Além do exercício da dominação, o poder também traz consigo a destruição. Tuan (1983f; 1984e) comenta que quase todas as nossas ações preveem uma destruição prévia: para construirmos um prédio, precisamos “limpar” o lote, para comer um ovo, destruímos a casca. Criar é destruir! Justificamos moralmente a destruição quando consideramos que aquilo que será criado trará resultado superior ao que foi destruído. Entretanto, mais do que característica inerente, o autor afirma que sentimos prazer na destruição. Ele lembra que até crianças bem pequenas sorriem ao derrubar uma pilha de blocos de madeira que o pai montava. Entretanto, à medida que crescemos, podemos criar consciência do poder e seus efeitos, podemos controlar sua extensão e a maneira como é exercido por nós.

Mas e o poder que exercem sobre nós? Porque nos submetemos? A natureza se submete porque não há escolha. As pessoas se submetem ao poder pelos mais variados motivos: questões psicológicas, sociais, econômicas, políticas ou pela violência. Como seres sociais que somos, estabelecemos lideranças que, por sua vez, exercem poder. Reiteramos, no entanto, que todos nós em algum momento exercemos poder e domínio, seja uma mãe sobre seu filho, seja a criança sobre seu gato.

Viramo-nos agora para um poder institucionalizado – a religião. Esta talvez seja uma das formas de domínio mais difundidas pelo mundo: “Power is an attribute of the sacred”¹⁰⁹, (TUAN, 1978d, p. 88). Deus criou o mundo em sete dias, o que antes era caos ganhou ordem, sentido e beleza pelo poder divino. Mas, o poder é também uma constante religiosa, colocando-nos sempre frente à iminente ameaça das calamidades. Assim, a ideia de sacrifício

¹⁰⁸ “O exercício do poder pelo prazer foi largamente desconsiderado tanto por geógrafos quanto por ambientalistas – o prazer a ser conquistado ao fazer jardins e *pets*. Os geógrafos, como a maioria das pessoas, tendem a ver os jardins e os *pets* pertencendo a uma área de inocência, em nítido contraste com os grandes projetos de engenharia e desenvolvimento econômico. No entanto, brincar com a natureza e com seres humanos –tratando-os como objetos estéticos ou coisas divertidas – não é muito mais motivado pelo poder uma vez que não está sequer constricto pelos fins econômicos?”

¹⁰⁹ “O poder é um atributo do sagrado”.

e submissão fazem parte do pensamento religioso, é o modo como as pessoas podem “ficar do lado do bem”, ou seja, do lado mais poderoso (TUAN, 1978d; 2009).

Não queremos com isso afirmar que todas as formas de poder e domínio são igualmente abusivas. O intuito de Tuan é trazer à luz uma perspectiva muito pouco refletida pela ciência e que traz subjacente, sobretudo, uma forte carga de valores e moral da sociedade em que vivemos: “Morality becomes an issue when people raise questions of right and wrong or find themselves confronted by the need to arbitrate among conflicting values¹¹⁰” (TUAN, 1983f, p. 12).

4.1.8.Linguagem

A linguagem¹¹¹ é um dos principais recursos que temos para expressar e compartilhar nossas experiências e percepções com outras pessoas. Tuan (1971b; 1989d) considera a linguagem como uma forma de comportamento, uma vez que as palavras são formas de estabelecer contato com o mundo e, ao mesmo tempo, nos coloca fora dele.

Usamos a linguagem para reproduzir e compartilhar nossas experiências, entretanto, não há compromisso da palavra com a realidade. Uma fala, um texto ou até mesmo uma declaração dificilmente são suficientes para identificarmos a atitude de uma pessoa. Desse modo, Tuan (1973a) reconhece que os limites da linguagem dificultam a apreensão das atitudes e salienta que esta é ainda uma questão sobre a qual a geografia deve se debruçar para procurar soluções. Mas por que se preocupar com estas “nuances” da linguagem?

Nossas atitudes ambientais são ambíguas e podem variar dependendo de inúmeros fatores, como mudanças pessoais de humor, os valores de um determinado momento histórico ou sociedade, idade e experiência de vida. Quando a ciência procura avaliar as atitudes ambientais, frequentemente se vale de observações do impacto da ação humana no ambiente e

¹¹⁰ “A moralidade se torna uma questão quando as pessoas começam a levantar perguntas sobre o certo e o errado ou se veem confrontadas com a necessidade de arbitrar entre valores conflitantes”.

¹¹¹ Na obra de Tuan, encontramos a linguagem associada à fala e à palavra escrita, aparecendo algumas menções aos gestos. Embora consideremos que existam outras linguagens, como a arte, optamos por nos ater ao sentido trabalhado pelo autor. A arte será abordada de forma independente, no item 4.2.1.

de entrevistas ou questionários que buscam o relato do sujeito acerca de sua visão de mundo. Entretanto, “What people do is a simple matter for observation; what they think or hold can only be inferred, for verbal expression itself is evidence, not incontrovertible proof”¹¹², (TUAN, 1973a, p. 412).

Como principal mediadora da nossa relação com os outros, a linguagem pode tanto reforçar laços da comunidade, como, por exemplo, quando compartilhamos um vocabulário específico com nosso grupo ou mesmo a língua materna de uma etnia, quanto pode aumentar o isolamento, é frequente, por exemplo, que conflitos de geração sejam explícitos e reforçados por meio da linguagem. A linguagem é, então, elemento importante na cultura e também na criação de lugares. Usamo-la para nomear locais e, ao nomeá-los, apropriamo-nos deles e abrimos a possibilidade de gerar laços e conexões. Uma das maneiras de nomear que denota nossa identificação com os lugares é o uso das metáforas.

Já discutimos neste capítulo como a sinestesia influi na criação de metáforas, que usadas para nomear um local, criam imagens mentais imediatas nas pessoas. É interessante que Tuan tenha destacado a importância das metáforas em seu primeiro e mais antigo texto (1957) e também no mais recente (2012). Sobre elas, ele explicita “Words designate, but they also evoke a sense of something, and, when they do, they function as metaphors. Metaphors enrich life, making it more vivid”¹¹³ (TUAN, 2012, p. 94) e, cinquenta e cinco anos antes dessa afirmação, Tuan enunciou “As a poetic accessory the simile justifies its presence in prose by its ability to give a vivid description. The metaphor, regarded as a compressed simile, serves a similar function. It can render briefly and clearly ideas that might otherwise require lengthy exposition”¹¹⁴ (TUAN, 1957, p.10).

Uma outra abordagem inovadora de Tuan (1994a) é a de considerar a linguagem não só como mera descritora, mas também construtora da realidade. A primeira coisa que temos que observar é que sem a palavra, sem conversa, muito pouco do que conhecemos teria sido feito. Uma casa, por exemplo, começa a ser construída muito antes das ferramentas e máquinas que desmatam e nivelam o lote, ela começa a ser construída por diversas conversas

¹¹² “O que as pessoas fazem é uma simples questão de observação; o que elas pensam ou escondem pode apenas ser inferido, porque a própria expressão verbal é evidência, não prova irrefutável”.

¹¹³ “Palavras designam, mas também evocam um sentido de algo e, quando o fazem, funcionam como metáforas. As metáforas enriquecem a vida, fazendo-a mais vibrante”.

¹¹⁴ “Como acessório poético o símile justifica sua presença na prosa pela sua habilidade de criar descrições vívidas. A metáfora, vista como um pequeno símile, serve a uma função similar. Ela pode fornecer ideias mais claras e concisas que poderiam, de outro modo, requerer uma longa exposição”.

entre os futuros proprietários e arquitetos, pedreiros, fornecedores, o bancário que financiará a obra. Depois de pronta, a casa certamente precisará de manutenção e novamente a palavra entra em ação.

Assim, além da mais evidente participação da linguagem na construção da cultura e nas relações interpessoais, podemos afirmar que ela também é parte do mundo material que concebemos. De forma mais ampla, a linguagem é um tipo de comportamento porque envolve tanto os instrumentos biológicos da fala e da audição, quanto apropriações mentais, cognição, percepção e ainda gestos e até o silêncio.

4.1.9. *Self*¹⁵ e Comunidade

Muito mais que apenas sinônimo de indivíduo, o *self* é quem a pessoa é, sua identidade, o ego, caráter, comportamento e é, sobretudo, intencionalidade. O *self* torna cada sujeito único. A consciência de nós mesmos é, talvez, uma das maiores marcas da sociedade ocidental que, segundo Tuan (1982b), deriva da cultura cristã. Um dos fundamentos do cristianismo é que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Deus ainda nos muniu do livre-arbítrio. Assim, há uma valorização do *self* que passa a compreender e organizar o mundo em torno de si mesmo e suas necessidades. Em sociedades não-cristãs, notadamente nas culturas tradicionais não letradas, há uma valorização muito maior da comunidade em detrimento do *self*.

Tuan (1982b, p. 139) demonstra que há vantagens e desvantagens na priorização do *self*:

The rewards of such awareness and belief are many, including the sense of Independence, of an untrammelled freedom to ask questions and explore, of being clear-eyed, without illusion, rational, and personally responsible. The obverse is isolation, loneliness, a sense of disengagement, a loss of natural vitality and of

¹¹⁵ O sentido de *self* é de difícil tradução para o português, seu significado demandaria uma frase explicativa – algo como “a verdadeira natureza do eu” – uma vez que não há termo que o substitua. Optamos então por manter a grafia em inglês *self*.

innocent pleasure in the givenness of the world, and a feeling of burden because reality has no meaning other than what a person chooses to impart to it¹¹⁶.

Este rol só poderia ser composto por alguém que faz parte da cultura ocidental e que valoriza o *self* – posição que Tuan deixa clara ao longo de sua carreira – afinal, valores como a liberdade, o racionalismo e a liberdade do conhecimento não são universais. Outros grupos culturais disseminam outros valores. É possível que grupos religiosos fundamentalistas, ou mesmo, comunidades tradicionais, dissessem que esta liberdade, independência e racionalismo sejam exatamente o que pode colocar a pessoa no caminho do mal.

O mesmo processo histórico de valorização do *self* criou o cosmopolitismo. Por extensão, Tuan contrapõe a sociedade – onde vivem os *selves* – à comunidade. Os valores desta sociedade estão ligados à vida nas grandes cidades, à impessoalidade da ajuda mútua, ao respeito pelo indivíduo e, por consequência, estão em permanente movimento e em busca da aprendizagem e progresso pessoal.

Now consider society. It is deemed cool and impersonal. But these traits do not necessarily imply indifference, for they will be the most efficient means of extending civility and helpfulness to large numbers of people, most of whom are stranger. Moreover, although cool relationships may be the dominant mode in society, they do not displace other modes¹¹⁷. (TUAN, 2002c, s/p).

A comunidade é uma mediação coletiva com o espaço. Comunidade é conforto, é sensação de pertencimento, é o compartilhamento de valores e comportamento. Os membros da comunidade cooperam uns com os outros

Por outro lado, Tuan vê a opressão da comunidade sobre o indivíduo. Ela sobrepõe e impõe, impedindo o progresso pessoal e eliminando as possíveis diferenças que possam trazer instabilidade ao equilíbrio interno. A comunidade é também avessa ao mundo externo, tratando-o como ameaça.

Cosmopolitans will feel uncomfortable in it [community] for a number of reasons, including [...] its suspicion of the larger world, its psychological need to see outsiders and strangers in hostile or dismissive light; its narrow and frankly egocentric conception of mutual help; its social immobility (it is one thing to have a

¹¹⁶ “São muitas as recompensas de tal consciência e crença, incluindo a sensação de independência, de uma liberdade desembaraçada para fazer perguntas e explorar, de enxergar às claras, sem ilusão, racional e pessoalmente responsável. A outra face é o isolamento, solidão, a sensação de desagregação, uma perda da vitalidade natural e do prazer inocente na generosidade do mundo, e um sentimento de fardo porque a realidade não tem outro sentido senão aquele que a pessoa escolhe transmitir a ela”.

¹¹⁷ “Agora pense na sociedade. Ela é considerada fria e impessoal. Mas estes traços não implicam necessariamente indiferença, porque eles podem bem ser os meios mais eficientes de estender a civilidade e obsequiosidade para um grande número de pessoas, muitas das quais são estranhas. Além disso, apesar dos relacionamentos frios poderem ser o modo dominante na sociedade, eles não substituem outros modos”.

place but quite another to know one's place or to be put in one's place); its indifference to the uniqueness of the individual, to individual destiny as distinct from communal well-being¹¹⁸” (TUAN, 1996b, p. 145)

Assim, o autor faz uma nítida opção pela valorização do cosmopolitismo e, por conseguinte, do *self*, da liberdade de pleno desenvolvimento individual. Consideramos esta posição válida como pressuposto, entretanto, diante de uma realidade tão variada e complexa, acreditamos que devemos, no mínimo, ponderar sobre a potencialidade das comunidades no resgate e a importância da valorização das identidades. Nossa posição será retomada posteriormente, com maior detalhamento.

Procuramos a partir deste ponto, expor a visão de Tuan acerca de outras temáticas que são igualmente persistentes em sua obra, mas não têm, necessariamente, cunho epistemológico. São estratégias de aproximação da realidade, que chamamos aqui de “Horizontes de Variações Imaginárias”

4.2. Horizontes de Variações Imaginárias

Estamos em busca da essência das coisas em si. Para alcançá-las, o método “científico” não é suficiente, porque não se trata de comparar, analisar e concluir, mas de proceder à redução até que a essência se revele. A redução é, sobretudo, um esforço do pensamento

Uma maneira de possibilitar que pensamento retenha a essência do fenômeno, é imaginar todas as variações que o fenômeno pode sofrer. Este processo é chamado variação eidética.

Para chegar às essências a fenomenologia procede a *variações imaginárias*, que consistem em, no pensamento, fazer variar as características de um objeto ou realidade até que se obtenha o que é invariável – a possibilidade de designação deste fenômeno, ou seja, sua própria essência. [...]

¹¹⁸ “Cosmopolitas se sentirão desconfortáveis [na comunidade] por várias razões, incluindo [...] sua desconfiança com o mundo maior, sua necessidade psicológica de ver forasteiros e estrangeiros de modo hostil ou desdenhoso; sua concepção estreita e abertamente egocêntrica de ajuda mútua; sua imobilidade social (uma coisa é ter um lugar, outra bem diferente é saber o lugar de alguém ou colocar alguém no seu lugar); sua indiferença com a singularidade do indivíduo, com o destino do indivíduo como diferente do bem público comum”.

Este processo de variações imaginárias, denominado *redução eidética*, permite a distinção entre fatos e essências, onde o fato é colocado ‘entre parênteses’ deixando que apareça a idéia, o sentido. As essências são tantas quantas forem as significações que possamos produzir. Seus veículos são a percepção, o pensamento, a memória e a imaginação, dado a estas significações um caráter universal, intersubjetivo e absoluto.” [grifo do autor] (HOLZER, 1997, p.78-79).

As variações podem ser consideradas como estratégias fenomenológicas para a descrição dos fenômenos, e os fenômenos das ciências humanas, cujas essências são morfológicas, só poderão ser o objeto de uma fenomenologia descritiva.

Husserl distingue duas espécies de essências: *as essências exatas* que correspondem aos conceitos rigorosos das matemáticas e da física e que não têm senão uma relação indireta com a vivência, já que elas não têm que exprimir a vivência como tal e as *essências morfológicas* ou *inexatas* 'devem, ao contrário, exprimir a vivência em todas suas nuances e sem traí-la. Ao passo que as primeiras podem ser *construções*, tirando o seu rigor de seu acabamento e de sua coerência as segundas só poderão ser *descrições* cujo rigor não provirá senão da fidelidade ao dado, justamente com o caráter fluente e vago que lhe é inerente (DARTIGUES, 1992, p. 34-35).

Assim, a descoberta da *essência* de um fenômeno pela variação imaginária está no âmago da constituição das ciências eidéticas. E ainda há, neste ponto, uma convergência com as ciências empíricas e o método indutivo da forma como vem sendo aplicado – ambas procedem à variações. As eidéticas, à variações imaginárias, e a indutiva a variações efetivas, considerando casos múltiplos que verdadeiramente se realizaram. Mas, ao termo dos dois tipos de variação; seja ela imaginária ou efetiva, nós chegamos a uma possibilidade ideal, o que é a definição que Husserl dá da essência.

Tuan trabalhou com as variações ao longo de toda a sua carreira. São experiências e relatos de outros autores que servem não apenas para ilustrar, mas para pensar as várias faces dos fenômenos, em busca da essência original: a natureza humana. Na figura 6 podemos ver quais são as variações que o autor mais trabalha e como ele lança mão constantemente deste recurso na construção de sua geografia.

Para efeitos deste capítulo da tese, elas foram agrupadas em três conjuntos que denominamos, respectivamente, “Arte”; “Cultura, valores e moralidade” e “Cidades, cosmos e jardins planejados”. O intuito desta organização é permitir que elas seja expostas de modo desembaraçado, uma vez que, ao discutir as essências e persistências anteriores, as variações já foram abordadas de alguma forma.

Figura 9: Persistências - Variações

4.2.1.Arte

A arte é uma das formas pelas quais expressamos nossas experiências. Entretanto, ela é, por si só, também uma experiência, capaz de influenciar nossa visão de mundo. Assim, a arte talvez seja a mais expressiva forma de intersubjetividade na nossa compreensão de mundo, porque, em última análise, ela é fruto da expressão de quem a produziu e da interpretação de quem a aprecia.

Como expressão – e por isso, sempre imperfeita – de nossas experiências, a arte representa nossas formas de organizar e compreender o mundo. Como apreciação, a arte e o senso estético têm que ser aprendidos, não são sentidos inatos. A cultura na qual nos inserimos dirige os olhares, determinando o que é belo e o que não é. Desta forma, a cultura é determinante tanto na maneira como a arte é posta, quanto como ela é compreendida (TUAN, 1977b).

Podemos afirmar que a origem da noção de paisagem é derivada da arte e da cultura. De que forma? A cultura (e o momento histórico) cria e dissemina valores que, por sua vez são absorvidos pelos artistas e expressas nas grandes “correntes”. Uma delas, foi a da pintura de paisagens, especialmente na Renascença. No entanto, a paisagem não está lá. Ela é uma segmentação sofisticada da realidade. No ambiente não há limites, não há moldura, mas na pintura sim. Assim, este movimento artístico inaugurou uma nova forma de ver o mundo que reflete e é reflexo da própria sociedade. A ciência, então, se apropriou desse “recorte espacial” como conceito sobre o qual fundamentou-se uma série de análises, por exemplo, na geografia clássica.

A arte guarda semelhanças com outra de nossas essências espaciais: o lugar. Ambos são repositório de significados e exprimem quem nós somos. O tipo de arte que gostamos, ou aquelas que detestamos, assim como os locais que transformamos em lugares são, em muitos sentidos, reflexos de quem eu sou. Mas há uma diferença crucial entre lugar e arte: a arte só pode ser experienciada com um ou dois de nossos sentidos, enquanto o lugar é construído a partir de todos eles em conjunto e, por vezes, até fundidos. Assim, embora a arte não seja exatamente lugar, ela é capaz de dar mais sentido a um lugar (TUAN, 2004c).

Em momentos diferentes, Tuan aborda a relevância e influência de todos os tipos de arte no estímulo aos nossos sentidos e na maneira como expressam nossos valores, mas, sem dúvida, a literatura é a forma de arte que mais sensibiliza o autor. Dificilmente, qualquer de seus textos deixa de apresentar um exemplo ou uma citação baseada em algum romance ou poesia. A literatura é usada para os debates, como retrato de uma determinada cultura ou época e ainda para criar imagens mentais no leitor dos textos.

O autor considera que dificilmente a geografia dá conta de questões da micro escala da experiência humana, para isso, devemos no valer da literatura, que fácil e ricamente explora esta escala. Dificilmente a pura descrição de lugares ou mesmo o inventário das coisas que o compõe é suficiente para que possamos sentir a qualidade de lugar.

Por exemplo, em *A Caverna*, Saramago (2000, p. 12-13) descreve duas personagens que percorrem uma estrada em seu automóvel, saindo de seu pequeno rancho interiorano, rumando para uma segunda-feira de trabalho na cidade:

A região é fosca, suja, não merece que a olhemos duas vezes. Alguém deu a estas enormes extensões de aparência nada campestre o nome técnico de Cintura Agrícola, e também, por analogia poética, o de Cintura Verde, mas a única paisagem que os olhos conseguem alcançar nos dois lados da estrada, cobrindo sem solução de continuidade perceptível muitos milhares de hectares, são grandes armações de tecto plano, rectangulares, feitas de plásticos de uma cor neutra que o tempo e as poeiras, aos poucos, foram desviando ao cinzento e ao pardo. [...] Depois da Cintura Industrial principia a cidade, enfim, não a cidade propriamente dita, essa avista-se lá adiante, tocada como uma carícia pela primeira e rosada luz do sol.

O apuro da descrição literária nos leva a criar não apenas uma imagem mental, mas até a sentir a amplitude e aspereza do cinturão verde, a sensação de abandono deste local e o contraste com a cidade, que tocada pela luz rosa, é quase um alívio à dureza da imagem do caminho.

A arte é indispensável a quem procura desvendar o mundo por meio das experiências e buscar a natureza humana.

4.2.2. Cultura, valores e moralidade

Culture consists of customary ways of ordering reality. Rather than use of the soft word 'way' or 'ways', I could have used the harder word 'technique'. A culture consists of techniques with which a people aspire to gain a sense of control over environment¹¹⁹ (TUAN, 1989b, p.272).

A cultura promove o controle e a organização da sociedade, da natureza e do próprio indivíduo. Estabelece códigos e normas que nos permitem prever o comportamento alheio e balizar o nosso próprio. Como Tuan trabalha a cultura em sua obra? As abordagens são bastante abrangentes e variadas. Entre as mais frequentes estão as culturas primitivas, a cultura chinesa tradicional, a europeia medieval e a norteamericana moderna, a estrutura moral e os valores, a visão do que é uma boa vida, e a religião.

Há uma premissa comum, que viabiliza todas estas abordagens: a de que culturas podem ser comparadas. Fundamentado em Merleau-Ponty, em sua obra *Signes*, Tuan (1989b) preconiza que a comparação deve ser balizada por alguns critérios singulares como o grau de controle sobre a natureza e da consciência que o grupo tem de si mesmo.

Mais uma vez, Tuan vai contra a corrente do pensamento preponderante na ciência (especialmente a funcionalista). Em um cenário de homogeneização globalizante, cada vez mais temos procurado pela manutenção das identidades. Entendemos as identidades como aquilo que permite dar unidade a um grupo cultural. Como a identidade é multiescalar, podemos nos identificar com vários grupos a depender dos papéis sociais que exercemos e da noção de lugar e pertencimento. Deste modo, em um vislumbre, por exemplo, cariocas e paulistanos compartilham um modo de vida urbano-industrial-tecnológico ocidental, mas basta alguns dias “dentro” dessas cidades para compreender que as identidades locais não permitem a completa homogeneidade.

Esta, certamente, não é a postura de Tuan. O autor não está em busca da valorização das identidades. Para ele, o mundo ocidental vem enfrentando uma profunda crise cultural, que se deve à drástica diminuição da religião como fonte de inspiração, ao declínio dos

¹¹⁹ “A cultura consiste em modos costumeiros de ordenar a realidade. Ao invés de usar a suave palavra ‘modo’ ou ‘modos’ eu poderia ter usado a palavra mais dura ‘técnica’. Uma cultura consiste em técnicas com as quais um povo pretende ganhar uma sensação de controle sobre seu ambiente”.

grandes impérios, à descrença no projetos políticos existentes, à incapacidade de diminuir as atrocidades mesmo em uma sociedade tão tecnologicamente desenvolvida (TUAN, 1989b). Na tradição ocidental unificadora, cujo fundamento é o universalismo científico-tecnológico, nasce um paradoxo: a valorização da pluralidade cultural em reação à homogeneização globalizante, ao que o autor denomina “fetichismo cultural”.

Para Tuan, a cultura tradicional – associada às comunidades – é limitante. Ao mesmo tempo que abriga contra ameaças da natureza, contra outros grupos humanos e até do medo metafísico do desconhecido, tende a super valorizar seus próprios lugares, significados e valores. A comunidade é reconfortante e transmite segurança a seus integrantes, mas, concomitantemente, pode facilmente se transformar em uma prisão limitadora. A comunidade não suporta qualquer tipo de crítica, ainda que seja autocrítica, cada cultura pressupõe sua própria centralidade (e porque não dizer, superioridade).

Reportando à citação que abre este item, toda cultura é formada por técnicas. A técnica é uma forma de mediação entre a cultura e o domínio da natureza. Por sua vez, a tecnologia – uma “evolução” da técnica – está associada à ideia do controle racional sobre todas as coisas e inclui a possibilidade de permanente e rápida renovação. Então, Tuan (1989b, p. 274) atesta que “Technology is that which separates modern from premodern society, the developed Western world from the less-developed non-Western worlds¹²⁰”.

Daí advém a ideia de progresso, que está conectada ao mundo ocidental moderno. A mente tecnológica e científica da cultura ocidental criou o que Tuan (1996b) classifica como civilização (em oposição às culturas primitivas). O autor vê inúmeras vantagens na civilização e a maior delas é o progresso.

Para além de apenas desenvolver tecnologicamente a sociedade, o progresso está associado à mudança de valores e da moralidade. A impessoalidade da civilização educa para a liberdade e a realização pessoal, com valores de ajuda mútua e despretensiosa, sem a obrigação social da retribuição imediata e em igual proporção, para a mesma pessoa.

Mas Tuan salienta que a ideia de progresso não pode ser aplicada à todas as sociedades. O progresso pressupõe um estado anterior pior que o atual, e um posterior provavelmente melhor. Assim, em culturas profundamente religiosas, por exemplo, a ideia de

¹²⁰ “A tecnologia é o que separa as sociedades modernas das pré-modernas, o ocidente desenvolvido do mundo não-ocidental menos desenvolvido”.

um Éden original e perfeito, como na China Taoísta, impede a noção de progresso. Ou seja, se o mundo era perfeito antes, o que fizemos até agora foi apenas degradá-lo.

Entendemos que a posição do autor, é condizente com sua experiência de mundo. Mas não podemos deixar de observar a nossa experiência como brasileiros. Vivemos em país culturalmente variado e socialmente desigual. Embora possamos, nas grandes cidades, desfrutar de algumas das benesses metropolitanas, a realidade da maior parte do país não acessa essa “civilização científico-tecnológica”. Reforçá-la, talvez seja reforçar também a exclusão.

E qual é a experiência cultural do autor? Tuan é essencialmente um migrante. Nascido na China, filho de diplomata, viveu até seus vinte anos, na Austrália, Filipinas, Inglaterra e França. Mudou-se então para os Estados Unidos, onde viveu na Califórnia, Novo México, Indiana, Wisconsin e Minnesota, além de uma passagem pelo Canadá. Sua visão de mundo é claramente influenciada pelos lugares em que viveu. Como geógrafo humanista, ele fala a partir de um ponto: si mesmo. Suas experiências são o ponto de partida para as análises em busca da natureza humana.

Sendo assim, é natural que a China, a Europa e os Estados Unidos sejam usados para quase todos os exemplos que envolvem demonstrar diferenças culturais e como estas afetam as atitudes das pessoas. Isso não quer dizer que todas as suas experiências sejam diretas, ou que veja o mundo apenas a partir de si mesmo.

Embora tenha passado mais de cinquenta anos sem nunca retornar à China, Tuan é um exímio estudioso de sua cultura, modo de vida e ambiente físico. Ainda que não estivesse fisicamente no país, os valores de seus pais e sua família tinham muito da cultura chinesa, associados a influência do Confucionismo e do Budismo: a maneira como organizam e vêm a paisagem, a comunidade, o respeito aos ancestrais, a devoção aos pais e a orientação para o cosmos.

Da Europa, Tuan trabalha especialmente a cultura medieval e as evoluções urbanas e sociais, como por exemplo, nas boas maneiras e na organização interna das casas. A ideia de progresso, que discutimos a pouco, está sempre associada à sociedade europeia que, por sua vez é o sustentáculo do mundo ocidental, que ele vê, especialmente, a partir dos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos são, eventualmente, usados exemplos de comunidades tradicionais como seus índios Pueblo, mas o que mais marca é sem dúvida, o grande exemplo como uma sociedade universalista, cosmopolita, com um povo que tende ao espaço, ou seja, desenraizado de seus lugares. Junto ao cosmopolitismo está a ideia de grandes cidades e do sentimento de solidão, compensado pelas maravilhas da modernidade.

O autor faz forte distinção entre *high* e *primitive cultures*. As culturas primitivas, com forte senso de comunidade, estão sempre ligadas à tradição que, por sua vez, carrega a sensação de objetividade e necessidade, ancorada na história. A tradição nunca nos parece uma arbitrariedade imposta por um indivíduo. Entretanto, a comunidade é restritiva, limitadora e inibidora da liberdade e da plena realização do indivíduo. Sobre isso, Tuan (1989c, p. 28) comenta: “The traditional that is opposed to the arbitrary seems to us desirable or good. But it is also opposed to – at least, not fully compatible with – the idea of creativity [...] Choice is also at odds with the traditional¹²¹”.

Uma das maiores e mais profundas tradições culturais é a religião. Este é um dos temas mais constantes da geografia tuaniana. Embora não possa ser considerado um teórico da religião ele reconhece seu papel central na sociedade: ela é produto da cultura, mas é sobretudo, produtora de cultura. Os valores e a moral religiosa se propagam e se perpetuam pela sociedade e atingem, inclusive, pessoas que não a praticam.

Tuan (1978d, p. 94-95) demonstra como os valores cristão estão arraigados, mesmo na nossa sociedade secular moderna, criando o que o autor chama de igreja secular e estado sagrado:

The difference between a medieval and a contemporary church is this. A medieval church, however much it catered to secular activities, was primarily sacred space: it radiated power. A modern church, notwithstanding its remaining religious functions, is increasingly a social and service center. [...] Power is an attribute to the sacred. The state has great power over its people. We even personalize modern nations and call them sovereign powers as though they constitute an order of angels¹²².

A noção de “bem” e do que é uma “boa vida” também estão profundamente ancorados em valores e na moralidade religiosa. Ainda que o indivíduo seja ateu, a estrutura social o

¹²¹ “O tradicional que se opõe ao arbitrário nos parece desejável ou bom. Mas ele também se opõe - ao menos não é compatível com – a ideia de criatividade[...] A escolha também está em desacordo com o tradicional”.

¹²² “A diferença entre uma igreja medieval e uma contemporânea é essa. Uma igreja medieval, ainda que servisse à atividades seculares, era primariamente sagrada: ela irradiava poder. Uma igreja moderna, embora mantenha funções religiosas, é cada vez mais um centro de serviço social. [...] O poder é um atributo do sagrado. O estado exerce grande poder sobre seu povo. Nós até personalizamos as nações modernas e as chamamos de “poder soberano” como se elas constituíssem uma ordem de anjos”.

moldará e julgará de acordo com os valores amplamente colocados. Na realidade, sequer nos apercebemos que estamos seguindo preceitos religiosos. Valores como a solidariedade com o próximo, o respeito aos pais e aos mais velhos, até a reciprocidade impessoal da civilização cosmopolita tem sua origem no *caritas* - “fazer o bem sem ver a quem” (TUAN, 2009).

Declaradamente cristão com tendências budistas, Tuan exemplifica o que considera uma boa vida, citando personalidades como Confúcio ou a filósofa Simone Weil. Os valores que mais marcam o que o autor considera uma boa vida são o da liberdade de pensamento, contínuo e crescente engrandecimento intelectual, uma dedicação a melhorar o mundo (seja uma geografia melhor, um Estado melhor ou exercendo a caridade) e, sobretudo, coerência entre pensamento, atitude e comportamento: o respeito à verdade.

Não só as pessoas, mas também os lugares podem ser bons. Entretanto, o que faz de um lugar bom não é simples de se apontar - o que é bom em uma fazenda, não é em uma cidade, por exemplo. Mas sem dúvida, para o sujeito Tuan, o bom lugar é a cidade, como veremos a seguir.

4.2.3. *Cidades, cosmos e jardins planejados*

As cidades são o centro privilegiado de atenção de Tuan, uma vez que sua organização é resultado da cultura que a construiu. Entre as inúmeras discussões das ciências sociais acerca do que constitui uma cidade (quais critérios fazem uma localidade deixar de ser rural, ou um vilarejo, para ser uma cidade), o autor faz opção por considerar que “[...] cities are artifacts and worlds of artifice placed at varying distances from human conditions close to nature¹²³” (TUAN, 1978a, p.1). Ou seja, à medida que nos afastamos da submissão aos ritmos e condições da natureza, mais urbanos nos tornamos. A conquista da iluminação pública, em especial da energia elétrica – que transforma noite em dia – é a quintessência da conquista do artífice humano sobre a natureza – “The city becomes progressively artificial as it ignores the

¹²³ “[...] as cidades são artefatos e mundos artificiais, colocadas a variadas distâncias das condições humanas próximas das naturais”.

distinction between day and night. Today, we almost identify ‘city life’ with ‘night life’. The quality of a city’s night life is a measure of its sophistication¹²⁴” (TUAN, 1978a, p. 8).

Outra demonstração urbana de domínio sobre a natureza é a concepção de jardins planejados que refletem os ideais de paisagem e estética de cada sociedade. São édens materializados. Na China, por exemplo, os jardins não são “organizados”, os valores budistas e confucionistas não preconizavam a natureza como beleza, como merecedora de contemplação, ela era parte da vida, do cotidiano e, por isso, também deveria compor as cidades. Os jardins europeu, destacadamente os franceses, por sua vez, são como paisagens retiradas de uma pintura, emolduradas, milimetricamente organizadas para a contemplação.

Os jardins também são vistos pelo autor como *pets*, frutos da manipulação do homem sobre a natureza para seu desfrute, deleite e prazer.

Assim temos dois polos de ocupação humana, um é o modo de vida rural, restrito à uma pequena comunidade de parentes e vizinhos; o outro a metrópole, onde vivem em um mundo de estranhos. Os diversos tipos de cidade estão dispostos entre estes polos, de acordo com a sensação de distanciamento e insubmissão da natureza.

O autor se interessa pelas primeiras cidades, organizadas de forma cosmogônica, muradas e voltadas para os pontos cardeais. Na China, Grécia e em Roma, é para o cosmos que as sociedades primitivas e as primeiras cidades se voltam para organizar seu mundo.

Ser cosmopolita implica em um grau de universalismo, inclusão e ordem. Os cosmopolitas reconhecem um mundo para além do seu e são, em geral, curiosos e receptivos com ideias e pessoas de outras paragens. Neste sentido, inúmeras comunidades pré-modernas, em especial os impérios chinês, grego e romano dos primeiros séculos de nossa era, são cosmopolitas (TUAN, 1996a).

Tuan trabalha as cidades medievais também, especialmente da Europa, mostrando tanto a insalubridade das cidades barulhentas e com pouca noção de higiene quanto a pouca separação de espaços públicos e privados.

¹²⁴ “A cidade torna-se progressivamente artificial a medida que ignora a distinção entre dia e noite. Hoje em dia, nós praticamente associamos ‘vida urbana’ a ‘vida noturna’. A qualidade da vida noturna de uma cidade é uma medida de sua sofisticação”.

Mas é na cidade moderna que sua atenção se concentra. É ela o *locus* cosmopolita por excelência. Nela, o autor vê os maiores sinais de progresso moral – como já exemplificamos, a solidariedade despersonalizada, a liberdade de desenvolvimento individual pleno – e o mais absolutos sinais de resistência e domínio do homem sobre a natureza.

Esta discussão será retomada no próximo capítulo, quando procuramos recompor a integralidade da obra.

4.2.4. Crianças e desenvolvimento infantil

Piaget embasa Tuan em suas análises sobre as crianças. O foco é no desenvolvimento infantil e a noção de espaço e lugar nas crianças, assim como a evolução dos sentidos.

A experiência depende de nossos sentidos. Quando crianças, estes sentidos ainda estão se desenvolvendo, e fatores como a capacidade cognitiva, o tamanho e postura influenciam no modo como experienciamos o mundo. Por isso, é muito difícil compreendermos exatamente qual é a visão de mundo de uma criança.

De acordo com Tuan (1983a), um bebê tem pouca capacidade de distinguir entre ele próprio e o ambiente externo. Seu mundo está restrito ao berço e aos braços dos pais, as coisas são reconhecidas com a boca. Com o passar dos meses, seu mundo começa a ganhar extensão e variedade, especialmente à medida que sua postura muda – sentar-se, engatinhar e andar ampliam fortemente a possibilidade de ver e explorar o espaço em diferentes ângulos. O primeiro mundo externo que o bebê reconhece é o colo de seus pais. Neste sentido, a mãe é lugar – conforto, segurança, repositório de sentidos.

Inicialmente a construção do espaço se prende a um espaço sensório-motor ligado à percepção e à motricidade. Este espaço sensório-motor emerge dos diversos espaços orgânicos anteriores, como o postural, o bucal, o tátil, o locomotor, etc. o espaço sensório-motor não é constituído por simples reflexos, mas por uma interação entre o organismo e o meio ambiente, durante a qual o sujeito se organiza e se adapta continuamente em relação ao objeto. Em seguida, a construção do espaço passa a ser representativa, coincidindo com o aparecimento da imagem e do pensamento simbólico, que são contemporâneos ao desenvolvimento da linguagem (OLIVEIRA, 2005, p. 115).

Outro fator é que nossos sentidos são altamente influenciados pela cultura. Aprendemos, por exemplo, que cheiro de flores é agradável, enquanto o de carne podre, por exemplo, é ruim. As crianças, não reagem da mesma forma. Odores pútridos e até fétidos não incomodam tanto, provavelmente porque não conectam a criança à ideia da morte e porque seus próprios excrementos não a molestam. As crianças gostam muito mais de cheiro de frutas, porque é alimento, do que de flores ou perfumes artificiais, que aprendemos a apreciar com a cultura (TUAN, 1977a).

A infância é, portanto, vista como um estágio misterioso e incompleto da experiência e natureza humana. Inclusive, as crianças são também abordadas como *pets* em *Dominance and Affection*, na medida em que estão submetidas ao domínio dos pais, sem que possam reagir às suas determinações.

Tuan é autor de muitos temas. De formação e leituras plurais, não se restringe à parâmetros disciplinares. No entanto, ele também elegeu, ao longo de sua proeminente carreira, temas que foram posteriormente abandonados, ou pelos quais se desinteressou, mas que ainda assim, compõe, no nosso entendimento, parte importante do panorama de sua obra, conforme veremos no capítulo que se segue.

Capítulo 5

IMPERMANÊNCIAS

Many people believe that Yi-Fu Tuan comes originally from China. We are convinced that he actually comes from Nature and is Nature's local Earth representative. His duties are to observe and record man's views of and responses to environment and nature and to report back (PORTER; LUKERMANN, 1976, p. 197).

“Muitas pessoas acreditam que Yi-Fu Tuan veio originalmente da China. Nós estamos convencidos de que, na realidade, ele vem da Natureza e é o representante da Natureza na Terra. Sua tarefas são observar e registrar as visões e respostas do homem sobre o ambiente e a natureza e informar à ela”.

Consideramos impermanências as temáticas que Tuan abordou diretamente em apenas uma fase de sua vida acadêmica. Tais temas não são menores ou desimportantes, na realidade, alguns deles estão subentendidos e perpassam diversos outros momentos de sua obra.

Dentre eles, como podemos ver na figura 7, alguns são trabalhados pelo jovem Tuan, quando sua carreira apenas se iniciava, como os estudos dos aspectos físicos da geografia em uma abordagem bastante funcionalista ou as incursões pela arquitetura. Topofilia, um dos termos pelos quais Tuan é mais conhecido, é objeto de abordagem em apenas dois de seus textos!

Outras noções são tratadas apenas nas décadas mais recentes, por se relacionarem ao momento atual, e são frutos da atenta observação de Tuan das transformações no mundo, como é o caso de *placelessness* e da noção de progresso.

Vejamos, então, como o autor entende estas noções.

Figura 10: Impermanências

5.1. Aspectos Físicos da Geografia

Tuan, no início de sua carreira, foi um geógrafo físico no sentido clássico. Foram a geomorfologia e a pedologia do deserto do meio oeste americano que o levaram para a Universidade de Berkeley, em 1951, onde se doutorou, sob a orientação de Kesseli. Logo após o término do doutorado fez pós-doutorado em Estatística.

Seus textos perpassam várias temáticas da geografia física. Além da geomorfologia e da pedologia já mencionadas, publicou também estudos sobre climatologia, hidrologia e cartografia.

O autor afirma ter se enveredado pela geografia física em função do momento de seu contato efetivo com a ciência geográfica, ainda em Oxford, na Inglaterra, em 1946 “I went to Oxford as an undergraduate believing that it offered the best program in human geography. Not so. Geography at Oxford after the Second World War was in the doldrums. Its human geography lacked all inspiration¹²⁵” (TUAN, 1998c, p.4).

Entretanto, sua geografia física já apresentava a semente do geógrafo inquieto e inovador: seu primeiro artigo, publicado em 1957, clamava pelo uso de metáforas e da literatura em geral para as descrições que se faziam em textos geográficos. Tuan considerou que as imagens vinham substituindo a linguagem, contudo, isso empobrecia a imagem mental¹²⁶ que o leitor produz.

Um de seus últimos trabalhos de geografia propriamente física, o livro *The Hydrologic Cycle and the Wisdom of God* já apresenta abordagem inovadora – trata da maneira como teólogos e a própria bíblia compreendiam e prenunciavam o ciclo hidrológico, antes mesmo da ciência. Mas não se tratava, ainda, de abordagem fenomenológica. É um levantamento da bibliografia religiosa e científica sobre a temática.

Consideramos seu livro *China*, de 1970, reeditado em 2008 com o título mais adequado *A Historical Geography of China*, como a última de suas obras sobre geografia

¹²⁵ “Fui fazer graduação em Oxford acreditando que a universidade oferecia o melhor programa em geografia humana. Nem tanto. A geografia em Oxford depois da Segunda Guerra Mundial estava estagnada. Sua geografia humana carecia de inspiração”.

¹²⁶ O termo “imagem mental” não foi usado por Tuan no texto. Ele é uma inferência, uma derivação do sentido que entendemos que o autor deu à tese apresentada no texto.

física. O livro traz um histórico da geografia chinesa desde o neolítico, demonstrando como o passar do tempo geológico, os terremotos, fissuras, vulcões, mudanças climáticas transformaram o território chinês, assim como a cultura de seu povo milenar.

O autor não voltou mais aos estudos dos aspectos puramente físicos da geografia, que terminaram, portanto, ainda na sua primeira década de trabalho. No entanto, uma marca desse período o autor carrega por toda a vida, em especial nos seus textos mais biográficos – o amor pelo deserto.

Tuan relata com muita paixão suas incursões pelo deserto, que foi sua área de estudo no doutorado. Vindo sozinho da Inglaterra, ele atravessou os Estados Unidos de trem, rumo à Berkeley, o relato da liberdade e da afinidade pessoal com o deserto é muito tocante. O deserto, descreve Tuan, é seu “espelho” terreno: “I can perhaps best suggest what it is [the bonding with the desert] by saying that the desert is my geographical double – the objective correlative of the sort of human being I am when shallow, social layers are stripped away¹²⁷,” (TUAN, 2001a, p. 8).

E por que passar de uma geografia funcionalista para um viés humanista? Porque “Although I spent most of my time [at Berkeley] working on a geomorphological dissertation, my intellectual engagement with the intangibles of human existence never weakened¹²⁸,” (TUAN, 1998c, p.4).

5.2. Arquitetura e Design

A arquitetura foi intensamente trabalhada por Tuan na década de 1960, em publicações na revista *Landscape* (1962a; 1962d; 1963d; 1965b; 1966a). Esses artigos englobam análises que vão desde o modo como o uso das cores influencia na estética das

¹²⁷ “Eu posso talvez sugerir melhor o que é [o laço com o deserto] dizendo que o deserto é meu dublê geográfico – o objetivo correlato do tipo de ser humano que eu sou quando me dispo das camadas sociais superficiais”.

¹²⁸ “Embora tenha passado a maior parte do meu tempo trabalhando em uma tese geomorfológica, meu engajamento intelectual com a indefinição da existência humana nunca esmoreceu”.

construções e a crítica sobre a busca de um método matemático que universalizasse o design até textos que lançam as bases de temas fundamentais para a sua carreira.

Um desses textos – *Architecture and Human Nature* – consideramos embrião da geografia tuaniana porque traz sua visão acerca do que é humanismo, assim como a visão existencialista do homem, baseada em Sartre, fazendo uma opção por esta última, que considera capaz de equacionar a vida social com as necessidades biológicas do homem sem, contudo, mencionar a geografia (TUAN, 1963d).

Outro texto – *Man and Nature: An Eclectic Reading* – faz uma revisão acerca do conceito de paisagem para a geografia e para a arquitetura. Tuan começa a investigar as atitudes do homem sobre o meio ambiente e, embora admita não haver significado universal de paisagem, ele lança mão da paisagem vivida, que engloba com melhor qualidade os aspectos humanos e culturais (TUAN, 1966a).

Após esse período a arquitetura volta a ser tratada esporadicamente em alguns textos, vista sob a ótica da moralidade e como uma das expressões de nossos valores culturais.

Ao longo do tempo, a arquitetura das cidades e das residências se alterou (como reflexo da própria sociedade). Na Idade Média, por exemplo, não havia separação entre as áreas comuns e privadas de uma casa, era uma grande estrutura coberta onde comiam, recebiam as pessoas e dormiam todos juntos no mesmo espaço. A casa era frequentada por mercadores, visitantes, passantes e peregrinos que iam e vinham livremente. A partir do século XVII, os valores da sociedade começaram a impor uma separação da vida pessoal e pública da família e, posteriormente, de cada um dos membros da família. Os cômodos começam a se multiplicar dentro das casas: o quarto é o templo sagrado e privado do descanso, a cozinha onde se preparam os alimentos. Com o tempo vão se criando mais e mais separações: uma área para os criados, um quarto para se vestir, um outro para banho (TUAN, 1982b; 1983f).

Outro exemplo da arquitetura como reflexo dos valores e da moralidade é a arquitetura religiosa: Por que construir as imensas catedrais góticas? Por que não apenas um singelo altar? As catedrais oferecem uma experiência multissensorial, o jogo e a posição dos vitrais criam um espetáculo de luzes e cores na escuridão sóbria de seu interior, sua acústica faz com que a música ou a mensagem do padre ecoem de forma quase etérea, o odor das velas e do turíbulo permanecem no ar, suas formas ogivais apontam ao céu e dão a dimensão da

pequenez humana frente a Deus. Assim, a arquitetura se coloca a serviço da transmissão de uma mensagem divina (TUAN, 2009; 2012).

5.3.Topofilia

A preocupação, ainda que apenas de soslaio, com o conceito de lugar aparece ainda no início de sua carreira, em 1961, no artigo *Topophilia or, sudden encounter with the landscape*. Sua concepção, portanto, já nasce vinculada às proposições de Bachelard e ao sentimento de amor. O texto começa com o relato de dois amigos que caminhavam por uma estrada conhecida a espera de notícias da guerra. Um deles se abaixa para tentar ouvir o som das rodas do veículo que traria notícias e, ao se levantar lentamente se depara com uma linda estrela brilhante. A ideia é de um encontro súbito, uma visão repentina por um ângulo diferente que nos atinge como um sopro momentâneo de vento - a topofilia.

No texto, Tuan (1961) define topofilia como amor pela natureza. Ele também usa cena, paisagem, região, espaço e lar para descrever e exemplificar a topofilia. Sendo assim, embora tenhamos considerado esse o trabalho que inaugura a discussão acerca do lugar, fizemo-lo apenas porque, mais tarde, no livro *Topophilia* (1980^a, p.5), o termo é definido como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” e assim foi consagrado.

É curioso que a noção de topofilia, tão frequentemente associada à geografia de Tuan, só tenha sido efetivamente trabalhada nos dois textos citados. Entretanto, julgamos que o próprio sentido de lugar e, muito mais especialmente, o de lar, incorporam a afetividade que é o fundamento da topofilia.

5.4.Progresso

Para a maior parte das pessoas, o progresso está ligado ao status social, a bens materiais e à melhorias da tecnologia. Essa não é a visão de Tuan. O que o autor vê como progresso são avanços na moral e nos valores da sociedade: “Progress is ultimately fatuous or

empty unless it contributes to moral and intellectual awareness¹²⁹,”(TUAN, 2002a, p.86). O que também não quer dizer que ele compartilhe da ideia tão difundida entre os humanistas renascentistas de que a sociedade “só caminha para frente”. Ou seja, o que somos hoje é necessariamente melhor do que fomos há cinquenta anos.

Tuan identifica como um dos maiores progressos da nossa sociedade o maior cosmopolitismo que temos assumido. Isto implica, por exemplo, na difusão de valores, como a ajuda mútua: na comunidade, apenas os que fazem parte daquele círculo de relações são merecedores de solidariedade, já na sociedade ocidental cosmopolita a ajuda é impessoal. Se um estranho desmaia na rua, todo o aparato público está montado para atendê-lo e ampará-lo, levando-o ao hospital, onde será bem tratado por completos estranhos e então poderá voltar a sua vida sem “dever” um favor direto a quem o ajudou.

Para Tuan, essa é uma das características que melhor representa o progresso da sociedade atual: a solidariedade que não exige retorno. Ajudamos pessoas que sofreram com um tsunami do outro lado do mundo, sabendo que não há nenhuma possibilidade de retribuição, mais ainda, sem sequer saber a quem estamos ajudando. Outro progresso moral é o fato de, cada vez mais, condenarmos a exclusão e discriminação das diferenças. Há melhorias também no tratamento com os animais, embora algumas espécies continuem a ser exploradas indiscriminadamente (TUAN,1989g).

Por outro lado, existem também retrocessos, por exemplo, a expansão da ganância e da valorização do dinheiro e bens materiais. Tuan (2002a) explica que o progresso também gera ansiedade na vida das pessoas – uma delas, relacionada à sensação de abandono, de estar sozinho em um mundo não comunitário, pois, mesmo sabendo que o aparato público estará disponível para atender em caso de necessidade, o médico e a enfermeira não nutrem nenhum tipo de afeto pela pessoa e, assim que ela estiver razoavelmente curada (fisicamente, não emocionalmente) será abandonado à própria sorte.

Outro motivo de ansiedade é o fardo da escolha: a quem ajudar? De que forma ajudo? O quanto devo me envolver? Quanto dinheiro devo dispor nesta causa? Quais são minhas prioridades?

¹²⁹ “O progresso é fundamentalmente tolo ou vazio a não ser que contribua para a consciência moral e intelectual”.

Para Tuan, portanto, o progresso só é importante à medida que significa avanços no campo da moral e dos valores da sociedade, mas além de trazer consigo o paradoxo da ansiedade, por exemplo, a evolução também não é linear e nem está em constante melhoria.

5.5. Escapismo

O termo escapismo foi utilizado pela primeira vez por Tuan em 1967a, ao comentar sobre a tendência no século XIX de diversos intelectuais saírem das cidades para visitar ilhas tropicais, vistas como pequenos Edens. O termo foi usado em outras oportunidades referindo-se aos subúrbios norte-americanos, como escapismo das áreas centrais e até da cultura como forma de escapar da natureza (TUAN, 1975c; 1990a; 1995b). Mas o debate acerca de seu sentido, só foi mesmo levado a cabo em um artigo (1997b) – que depois se tornou o primeiro capítulo do livro - e um livro (1998b) ambos intitulados *Escapism*.

Comumente consideramos o escapismo como “an inability to face facts – the real world¹³⁰” (TUAN, 1997b, p.10). Um conhecido tipo de escapismo é a migração. Migramos para escapar de uma má condição econômica, de um problema familiar, ou até das imposições e restrições que a comunidade ou família podem nos impelir. Como já explicitamos, a própria cultura é um constructo para escapar de nossa vulnerabilidade frente aos desígnios da natureza.

Nessa perspectiva, o escapismo é inerente à natureza humana, e não carrega, necessariamente, sentido negativo. Na realidade, o escapismo nos coloca em movimento, é uma oposição ao conformismo e à inatividade e é por meio dele que nos lançamos à novas experiências e a exploração do mundo.

¹³⁰ “uma inability de enfrentar os fatos – o mundo real”.

5.6. Placelessness

Placelessness é um termo cunhado por Relph, em 1976. Marandola Jr. (2012b, p. 25) o traduziu como *lugar-sem-lugaridade* e explica que

Relph utiliza o termo *placelessness* para expressar a ausência da capacidade de lugaridade, ou seja, da constituição de lugar. A lugaridade (qualidade própria de lugar) se funda nos seus aspectos constitutivos (como a autenticidade, o encontro, o sentido de lugar, o espírito do lugar entre outros), sendo melhor entendida enquanto uma gradação, tendo níveis e contextos diferentes. Lugares autênticos seriam aqueles com forte lugaridade, enquanto os não-lugares e o *placelessness* seriam aqueles que possuem ausência de lugaridade, ou seja, lugar-sem-lugaridade.

Embora Tuan (1983a; 1984b) tenha referenciado a obra de Relph em duas oportunidades, ele não o faz para utilizar o conceito de lugar-sem-lugaridade. Nos mencionados textos, é a contribuição sobre lugar que Tuan procura.

Curiosamente, o lugar-sem-lugaridade é discutido em três textos, mas nenhum deles faz referência a Relph.

Tuan (1996b) comenta que o sistema de organização social da China tradicional construía cidades geométricas direcionadas para o cosmos. Entretanto, esta concepção seria essencialmente de um lugar-sem-lugaridade, sem o que o autor chama de *genius loci* (espírito de lugar). Isto porque as cidades chinesas eram erguidas e destruídas constantemente e não se erguiam em torno de vilas, altares ou lugares de significado, como é comum no mundo europeu.

No mesmo livro, o autor utiliza também um termo derivado do lugar-sem-lugaridade – o *homelessness* - que é um dos fundamentos da condição humana, pois estamos em permanente transitoriedade, nosso lar nunca é permanente. Mesmo que uma pessoa nunca saia de sua casa (no sentido material), ainda assim é possível dizer que o lar da sua infância não é o mesmo da juventude ou da velhice. Mudamos e, dessa forma, mudam também nossas experiências, percepções, atitudes. Deste modo, à medida que reconstruímos o lar, o perdemos (TUAN, 1996b).

Em *Sense of place: what does it mean to be human?* (1997a), as características de lugar-sem-lugaridade da sociedade chinesa voltam a ser debatidas, mas com novas

informações: é comum, na sociedade chinesa, que funcionários públicos sejam constantemente relocados. Na realidade, chega a ser proibido que magistrados trabalhem nas cidades onde cresceram. Outra grande influência na não criação de laços com o lugar seria a dimensão budista. Os monges abandonam seus lugares, laços e objetos. Consideram que Buda está em toda parte, o que gera uma ausência de lugares sagrados. Todos esses fatores são valores culturais fortes que caminham no sentido do lugar-sem-lugaridade.

As transformações do mundo pós-moderno no caminho da valorização da individualidade e do cosmopolitismo tem criado o lugar-sem-lugaridade. Longe, entretanto, de criarmos um mundo não religioso Tuan (2009) argumenta que os valores cristãos estão subjacentes e adesivos à sociedade ocidental. Pelo menos um dos valores cristãos muito colabora para o lugar-sem-lugaridade: a noção de alma. A alma, nossa “forma eterna” não demanda lugar: “[...] after death, a human being sheds his or her material grossness to become a corporealized spirit or soul. Material grossness requires location and place; a corporealized spirit or soul does not.”¹³¹ (TUAN, 2009, p.59).

Até este quinto capítulo, procuramos decompor a obra de Tuan para compreender sua edificação por partes. Buscamos as matrizes que o influenciam, elencamos e debatemos as essências geográficas, fragmentamos seus textos e rearranjamos para trazer à tona os temas persistentes e até as impermanências. No próximo capítulo, nos propusemos o caminho inverso: recompor!

¹³¹ “[...]depois da morte, o ser humano perde sua grosseria material para se tornar um espírito ou alma personificados. A grosseria material demanda localização e lugar; um espírito ou alma personificados não”.

Capítulo 6

REPERCORRENDO TUAN – OS LIVROS

Au total, une personnalité hors du commun, un être attachant, une oeuvre inclassable tant elle est originale par sa forme et par son contenu (CLAVAL, 2012, p. 49).

Iniciamos esta tese fazendo a fragmentação da produção de Tuan, buscando apresentar suas matrizes e influências, quais são e como o autor entende as essências geográficas. Identificamos, dessa forma, os tópicos mais persistentes de sua vida acadêmica demonstrando de que modo o autor os compreende e em quais contextos os trabalha. Levantamos ainda assuntos que, embora não sejam permanentemente discutidos nas mais de cinco décadas em que Tuan “geografiza”, são também relevantes em sua produção e na sua abordagem.

Agora, julgamos ser importante recompor todo o percurso do autor. Mas de que modo fazê-lo? São seus livros que o tornaram célebre e que possibilitaram o acesso a suas ideias em inúmeros países. Além disso, frequentemente, os artigos são ensaios que serão recompostos e rediscutidos nos livros, geralmente, de modo mais abrangente. Assim, optamos por reconstituir sua obra por meio de seus livros, fazendo pequenas resenhas que levantam os principais temas debatidos em cada um dos vinte e um livros escritos por Tuan.

Para isso, distinguimos três grandes fases nas quais agrupamos os livros: na primeira, do jovem Tuan, encontramos os estudos dos aspectos físicos da geografia, mas que já apresentam, ainda que despretensiosamente, traços da sua geografia humanista; a segunda fase agrupa os livros que trabalham mais diretamente com as noções essenciais da geografia humanista, na busca pela compreensão dos aspectos que compõem a natureza humana, com abordagens que dificilmente podem ser encontradas na geografia científica tradicionalmente colocada, como o escapismo, a noção de bem, os valores, a imaginação e o poder; finalmente, na terceira parte, estão os livros que apresentam uma perspectiva biográfica do autor, desvendando o mundo a partir de si próprio.

Essas três fases não são rigidamente definidas em seus livros e nem queremos, com a classificação, dizer que não há, por exemplo, discussão sobre as essências da terceira fase, ou sobre a natureza humana na segunda ou sobre a experiência de Tuan na primeira. O objetivo é demonstrar uma tendência de percurso.

Mantivemos a ordem cronológica, com o intuito de evidenciar a trajetória das temáticas, isto é, quais persistem, quais surgem e depois vão sendo abandonadas, quais são frutos de inovações mais recentes.

6.1. Geografia Física

Seu primeiro livro, **Pediments in Southeastern Arizona** (1959), é fruto de sua tese de doutorado, realizada na Universidade de Berkeley, na Califórnia, sob orientação de John Kesseli. A pesquisa foi dedicada a estudar quinze pedimentos no deserto do Arizona, apresentando descrição e croquis de cada um, fazendo, por último, uma classificação das formas estudadas em três tipos, a depender do relevo vizinho.

No livro, Tuan agradece e embasa sua revisão conceitual em Carl Sauer, atribuindo ao autor o mérito de estabelecer a relação entre a estrutura de base (geologia) e as formas (geomorfologia).

Em 1957, Tuan publicou o artigo *Use of Simile and Metaphor in Geographical Description*. O pequeno artigo apresenta argumentos a favor do uso de linguagem poética, metáforas e símiles nas descrições geográficas, colocando que eles são capazes de criar uma imagem mais rica e próxima do real. Entretanto, ele não faz uso desses recursos linguísticos em nenhum dos livros que abordam os aspectos físicos da geografia.

The Hydrological Cycle and the Wisdom of God (1968f) traz à luz as interpretações cristãs de alguns autores acerca de fenômenos naturais, destacadamente, o ciclo hidrológico. Tuan está interessando, sobretudo, nas atitudes históricas sobre os desertos, tão negligenciados pela literatura e até pela cultural em geral.

O autor considera que essa visão negativa sobre o deserto deriva da ideia de providência divina: se Deus é bondade e perfeição, a natureza (clima, relevo, vegetação) também deve ser boa, ou seja, verde, fértil e úmida.

Ao longo dos séculos, a ciência caminhou ao lado da religião para tecer explicações acerca do comportamento da água, respondendo a perguntas como: por que há áreas secas (continente) e outras molhadas (oceano)? Como a água que corre dos rios não se esgota? Tuan, então, mostra como diversos autores – especialmente John Ray – faziam incursões na bíblia e geravam uma literatura teleológica. O ciclo hidrológico é uma expressão da perfeição e eternidade de Deus.

Este texto é principalmente um estudo sobre a evolução das ideias: “The author’s unique background in geomorphology, literature, and theology make this book a stimulating study on the history of geographical ideas.”¹³² (LOWENTHAL, 1969, p. 296).

Escrito em coautoria com Cyril Everard e Jerold Widdison, **The Climate of New Mexico** (1969) consiste em um grande relatório a respeito do clima do Estado do Novo México, conhecido pela sua aridez e seus desertos. Para além dos dados e descrições dos aspectos de temperatura, pluviosidade, insolação e eventos extremos, Tuan faz uma rápida incursão nas atitudes dos colonizadores frente a questão climática, usando seus relatos de viagem.

Um aspecto interessante narrado por Tuan é a diferença na atitude dos americanos e dos espanhóis. Os espanhóis vinham do México, onde viviam em áreas áridas. Seu interesse não era na agricultura, mas na exploração de metais preciosos, deste modo, os relatos de suas viagens tendem a destacar a beleza cênica e o frio do inverno. Por sua vez, os americanos, que vinham do leste do país, onde o clima é mais temperado, descrevem em seus relatos a aridez, a monotonia e a feiura da região.

Este livro não traz uma abordagem inovadora, ou propriamente humanista dos aspectos físicos da geografia, mas já traz o levantamento das atitudes ambientais, um dos temas privilegiados de Tuan.

China (1970b) é uma obra acerca da geografia histórica do país. O autor fala das alterações humanas na paisagem que datam do período Neolítico. Esse livro está organizado em quatro partes, assim apresentadas: a primeira trata das questões físicas e da relação homem-natureza; a segunda faz uma arqueologia da paisagem (em seus aspectos físicos) e da vida na China desde o Neolítico; a terceira faz o mesmo levantamento para o período imperial; e a quarta parte faz a mesma análise, porém para o período moderno.

A maior contribuição do livro para a geografia humanista é o conceito de paisagem que começa a ganhar maior fluidez em relação à paisagem sistêmica, trabalhada nos dois primeiros livros e a consideração das atitudes e percepção na construção da paisagem (embora, nas análises de fato demonstradas no livro, não sejam levantadas atitudes e percepções).

¹³² “O conhecimento único do autor em geomorfologia, literatura e teologia fazem deste livro um estimulante estudo sobre a história de ideias geográficas”.

For the natural environment itself changes though time – slowly as the result of natural processes, rapidly as the result of human action – so that people do not encounter the same objective reality from one period to the next. And of course attitudes themselves alter so that the same facts, at other times, are perceived differently and call for new responses¹³³ (TUAN, 1970b, p.6).

Entretanto, em sua maior parte, o livro apresenta apenas relatos e descrição dos ambientes como eram no passado e como estão agora.

6.2. Descortinando a Natureza Humana: em busca das essências

Embora seja seu quinto livro, **Topofilia: um Estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente** (1980a), publicado em 1974, é considerada como a obra que inaugura o pensamento de Tuan, como denota Marandola Jr. (2013, p.423) “Sem dúvidas, *Topofilia* é um dos clássicos geográficos da segunda metade do século XX”.

Muito mais que tratar da topofilia – objeto de dois dos quatorze capítulos do livro – a obra traz um abrangente panorama de temas e abordagens possíveis para a geografia humanista, tratando desde os nossos sentidos e sua participação na nossa visão de mundo a percepção das cidades e seus subúrbios, passando pela cultura, o [meio] ambiente e o cosmos. No entanto, nem sempre é fácil reconhecer seu fio condutor, que nos parece ser a percepção e a maneira como o homem organiza o [meio] ambiente, por exemplo, na concepção e construção das cidades, templos e igrejas, e escolha da residência. Um de seus revisores chega a declarar “the author’s performance has been rather analogous to a juggling act with too many balls in the air at once¹³⁴” (FLEMING, 1975, p. 316).

O livro apresenta primeiro um panorama acerca do que nos faz indivíduos e como desenvolvemos os sentidos que possibilitam a experiência do mundo, assim como nossas respostas psicológicas ao mundo, como a necessidade de racionalizar, segmentar e, frequentemente, opor os fenômenos. O objetivo é encontrar o que nos une como seres

¹³³ “Como o ambiente natural por si só muda ao longo do tempo – devagar como resultado de processos naturais, rapidamente como resultado da ação humana – então as pessoas não encontram a mesma realidade objetiva de um período para o seguinte. E é claro que as próprias atitudes mudam de forma que os mesmos fatos, em outra época, são percebidos de forma diferente e demandam novas respostas”.

¹³⁴ “a performance do autor é bem parecida com um ato de malabares que tem bolas demais no ar ao mesmo tempo”.

humanos, o que temos em comum, para então partir para o modo como nos organizamos juntos.

Nossa principal forma de “conjunto” é a cultura. Uma vez estabelecidos os “canais” receptivos comuns aos homens, Tuan (1980a) é também habilidoso em demonstrar as diferentes atitudes ambientais e percepções do mundo que formamos a partir da influência da cultura e de nossa individualidade.

O autor considera fundamental o papel da cultura, do condicionamento e da percepção, e destaca como, ao longo do tempo, as atitudes mudam à medida que a cultura se transforma. Mas Tuan (1980a) também analisa o impacto do [meio] ambiente na maneira como interpretamos o mundo. Ou seja, há uma dupla construção homem-natureza.

A partir da metade do livro, o enfoque se volta para a toponímia e as relações com o lugar, sob o prisma da própria natureza desse sentimento e, também, nas características que tornam um ambiente topofílico. O último terço da obra é dedicada à cidade, analisando desde seu surgimento e sua organização cósmica até o ideal urbano moderno e a suburbanização americana.

Apesar de ter se tornado um clássico, o autor, nas últimas décadas, em muitas oportunidades tem procurado chamar atenção para suas outras obras, mais maduras e consistentes. Em resposta a duas pequenas resenhas de Relph e Pocock, publicadas sob o título *Classics in Human Geography Revisited*, Tuan (1994c, p. 359) responde “Pocock and Relph’s criticism of *Topophilia* are perceptive and just. Their kind comments, however, worry me, for I would like to deny the book’s continuing power to overshadow my later efforts¹³⁵”.

Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência (1983a), publicado originalmente em 1977, é, sem dúvida, também um clássico. Escrito de maneira melhor estruturada, o cerne do livro é compreender, a partir da experiência, quais são nossas relações e significações do espaço e do lugar. Desta forma, Tuan organiza e acrescenta abordagens de *Topofilia*.

Há três partes fundamentais nesse livro: a primeira diz respeito aos fundamentos biológicos da experiência, abordando o desenvolvimento infantil e a nossa experiência e extensão do corpo na relação com o mundo; a segunda parte trata do espaço e lugar como

¹³⁵ “A crítica de Pocock e Relph sobre Topofilia é criteriosa e justa. Seus comentários gentis, no entanto, me preocupam, porque eu gostaria de negar o contínuo poder do livro de ofuscar meus últimos esforços”.

essências e suas relações com a percepção e a experiência; a última parte trabalha a abrangência da experiência humana, focando na nossa capacidade de criar lugares em todas as suas escalas.

A riqueza de discussões conceituais nesta obra é imensa, Tuan as alcança por meio de um texto que expõe as sutilezas e pormenores da relação entre experiência e espaço, lugar, tempo, corpo, memória e simbolismo.

O lugar está conectado às sensações de segurança, bem estar, intimidade, mas, também de limitação. O espaço aciona a sensação de liberdade, amplitude, infinitude, no entanto, provoca insegurança. Precisamos de ambos. Estamos em um constante ir e vir do lugar para o espaço e vice-versa.

O livro apresenta em ricos detalhes como criamos a experiência de lugar e ainda a variedade de lugares, suas escalas e sensações, e nuances como espaciosidade e apinhamento ou a pátria. É um tributo ao lugar. Essa tendência será posteriormente invertida nas obras do autor, especialmente a partir da década de 1990. Sobre isso, em uma entrevista Tuan coloca

In my earlier book *Space and Place*, space can be thought of as the wide open, place as the local. That book was well received, and it was adopted as a text in many courses because it resonated with the emphasis on the local, at the time. Even in this country, which is accustomed to space as symbolizing mobility, space seemed to have been replaced by this new emphasis on locality, roots, heritage, and genealogy. When I think back to the book *Space and Place*, I now realize that I did not give an equal voice for space and place; my great emphasis was on *place*, and that fit in which the way society was going, and it was why the book did rather well. But as society itself moved more and more to place - to *hearth*, I find that my own interests are moving in the opposite direction. With *Cosmos and Hearth*, I highlight the cosmos¹³⁶ (LERTZMAN, 1997, p.88).

Paisagens do Medo (2005a), originalmente de 1979, destoa do tom das duas obras anteriores – *Topofilia* e *Espaço e Lugar*. É uma coleção de retratos das diversas fontes de medo que afligem nossas vidas desde a infância até a velhice, em sociedades do passado e do presente, na cidade e no campo, da realidade ou imaginários. O medo é visto sob a ótica da experiência – uma sensação de medo – e é parte da natureza humana.

¹³⁶ “No meu livro inicial *Espaço e Lugar*, o espaço pode ser considerado como amplo, lugar como local. Aquele livro foi bem recebido, e foi adotado como texto em muitos cursos porque reafirmava a ênfase no local, naquele tempo. Mesmo neste país, que está acostumado ao espaço como símbolo da mobilidade, o espaço parece ter sido substituído por esta nova ênfase na localidade, raízes, legado, e genealogia. Quando penso no livro *Espaço e Lugar*, agora me dou conta de que não dei a mesma importância ao espaço e lugar; minha maior ênfase foi no *lugar*, e isso estava de acordo com o caminho que a sociedade estava tomando, é por isso que o livro foi bem recebido. Mas enquanto a própria sociedade se movia mais para o lugar – para o *hearth*, descobri que meus próprios interesses estão indo na direção contrária. Em *Cosmos and Hearth* destaquei o cosmos”.

Tuan (2005a, p. 12) comenta que as paisagens do medo “São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas [...] ‘Paisagens do medo’ diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real”. O autor considera que as forças do caos estão em todas as partes e, desta forma, é inerente à nossa condição a permanente necessidade de controlá-lo. Assim, os medos são tanto exclusivamente psicológicos, frutos da nossa imaginação (individual ou coletiva), como se referem a ambientes tangíveis.

Tuan é um autor que gosta de trabalhar perspectivas pouco abordadas, ou até quase nunca imaginadas, na “contracorrente” do pensamento da maioria das pessoas. Assim é sua visão acerca da infância. Grande parte das pessoas costumam vê-la como um momento idílico, inocente e ingênuo, do qual sente-se falta. Mas o autor demonstra que a infância é, na verdade, cheia de medos e inseguranças, como o medo do escuro, do abandono e até da exploração do espaço. Há ainda os medos cultural e familiarmente colocados, como de monstros e bruxas, que visam, sobretudo, controlar as crianças.

Do mesmo modo que o medo é utilizado com as crianças, também o é com os adultos – objetivando impor a conformidade às normas sociais, as culturas antigas e atuais impõem o medo das prisões, torturas, exclusão social ou humilhação pública.

O medo é disseminado e vai desde o medo da fome nas sociedades primitivas caçadoras ao medo dos eventos da natureza até os medos da grande metrópole moderna, que nos impingem barulho e trânsito desnorteadores, além da violência física e mental.

O livro seguinte de Tuan possui uma ênfase maior nas essências geográficas intitula-se **Segmented Worlds and Self: Group Life and Individual Consciousness** (1982b). A obra reflete um amadurecimento significativo em termos de organização, exposição de ideias e da inovação de suas abordagens. Sobre o livro, Lowenthal (1984, p. 179) comenta “More inventive than *Topophilia*, more coherent than *Space and Place*, more closely argued than *Landscapes of Fear*, Yi-Fu Tuan’s new book is a speculative and provocative *tour de force*.¹³⁷”

O *self* é analisado no contexto da consciência coletiva, partindo dos “todos” coletivos, passando pelas fragmentações do *self*, até a reconstituição do “todo”. Ou seja, o foco central é

¹³⁷ “Mais inventivo do que *Topofilia*, mais coerente do que *Espaço e Lugar*, com argumentos mais rigorosos do que *Paisagens do Medo*, o novo livro de Yi-Fu Tuan é um *tour de force* [proeza; façanha] especulativo e provocativo”.

a passagem da valorização da comunidade – e, por conseguinte, com a consciência fixa no coletivo – para uma sociedade mais individualizada, segmentada, onde emerge a autoconsciência do *self*, que, por sua vez, recria novas formas e valores coletivos. Assim, vivemos em um constante movimento entre a segmentação e a reconstituição.

No livro, o autor demonstra, como o ato de comer, a organização interna da residência e o próprio teatro partiram de uma situação em que eram coletivos e indiferenciados, e passaram a ser segmentados.

Os teatros, por exemplo, eram espaços públicos indiferenciados, isto é, uma esquina ou uma praça serviam como palco. Não havia separação entre plateia e atores e os espetáculos sequer tinham início, meio e fim ou horários pré-estabelecidos. Eram espaços onde pessoas representavam enquanto outras iam, vinham, conversavam e interagiam. Aos poucos, foram sendo criados espaços dedicados ao teatro, e sua própria forma começou a se transformar.

Os artistas faziam performances, mas as pessoas ainda frequentavam o teatro com os mais diversos objetivos, como conversar, beber e comer. Interferir na representação era comum. O espaço então foi sendo fragmentado, o teatro ganhou um palco que ficava em perspectiva, separado, de frente para o público. Colocaram, então, o palco mais alto, para que todos pudessem ver a peça, depois as cadeiras para a plateia sentar e apreciar. Foi apenas a partir de meados do século XIX que o teatro ganhou a forma que conhecemos hoje, inclusive com o escurecimento da plateia, que se posta em silêncio, como observadora do espetáculo.

Esse é apenas um dos exemplos que o autor cita para demonstrar o progresso de nossa sociedade no sentido de valorização da individualidade em detrimento da coletividade, da comunidade. Emerge dessa forma uma nova questão:

Life that has grown too complex in the public sphere encourages people to withdraw. The problem is how to withdraw without withdrawing from life; how to nurture a sense of self without losing touch with other people altogether; how to escape from the world and yet still be in the world – a world however limited, of one's own design, or a world over which one has some control¹³⁸ (TUAN, 1982b, p. 169).

O que as pessoas têm feito para solucionar essa questão é buscar viver próximas à natureza ou tentar (re)criar novas comunidades. De toda maneira, procuramos reconstituir os

¹³⁸ “A vida que se tornou muito complexa na esfera pública, encoraja as pessoas ao retiro. O problema é como se retirar sem se retirar da vida; como nutrir um sentido de *self* sem perder todo o contato com as pessoas; como escapar do mundo mas ainda estar no mundo - um mundo, todavia, limitado, de desenho próprio da pessoa, ou um mundo sobre o qual a pessoa tenha algum controle?”

“todos” perdidos, com os novos valores adquiridos, porque, de toda maneira, queremos a liberdade (do *self*), mas também desejamos uma rede de contatos pessoais, trocas afetivas e socioeconômicas (comunidade) (TUAN, 1982b).

A visão de *self* (já discutida neste trabalho) é, provavelmente, uma das maiores contribuições desse livro para a ciência geográfica. Ela inaugura uma atitude do autor que perdurará até os dias atuais: a prevalência da noção de progresso e das vantagens da liberdade, traduzida em suas noções de metrópole, cosmopolitismo e espaço. É, sobretudo, um reflexo do humanista-existencialista.

Dominance and Affection: The Making of Pets (1984e) é um livro sobre o poder. A obra demonstra a maneira como os homens dominam a natureza. Entretanto, mais do que apenas exercer o poder, o objetivo central é a criação de *pets*, que nada mais é do que o domínio com o invólucro da afeição – é o poder pelo prazer de dominar - sem nenhum tipo de objetivo prático.

Como de praxe, é uma abordagem que difere do padrão dominante na geografia e surpreende o leitor ao englobar como *pet*, tanto os tradicionais cachorros, peixes e gatos, quanto a água, as plantas e até alguns seres humanos.

Os jardins planejados com suas belas fontes são vistos sob a ótica do exercício do domínio: transplantamos, podamos e modelamos as plantas para que percam seu aspecto natural, e se encaixem no nosso padrão estético. Dominamos a água para que ela “dance” nas fontes e apresente espetáculos que são deleites aos nossos olhos.

O bonsai, uma técnica japonesa milenar, baseia-se em deformar, entortar e cortar raízes e galhos das plantas. Entre os animais, chegamos a manipulá-los geneticamente para que nos agradem: criamos gatos sem pelos, cachorros pequenos que cabem dentro das mangas de vestes femininas e criamos peixes dourados de olhos tão grandes que estão na constante iminência de ficarem cegos esbarrando-se nas paredes dos aquários.

Há ainda o domínio que exercemos sobre as pessoas (passado e presente). O autor aborda a relação da mãe com os filhos, os escravos, anões e bobos. Um dos exemplos mais marcantes é o dos *castrati*. Na Itália, especialmente em função da igreja, valorizava-se a voz angelical e aguda das crianças para representação em óperas (mulheres eram proibidas de se apresentar). Assim, famílias pobres viam a possibilidade de enriquecimento e ganho de status

por meio da castração de seus filhos (por volta dos dez anos) para que não passassem pela puberdade, mantendo a voz infantil por toda a vida. Nem sempre a carreira era de sucesso. Embora possa parecer uma prática muito distante dos dias atuais, o último *castrato* cantou em 1913.

Este exemplo sintetiza o sentido da obra de Tuan, que é o exercício do poder e do domínio apenas para o prazer. A afeição não é oposição, mas frequentemente, complemento. As famílias dos *castrati* tinham afeição pelos seus filhos, assim como os proprietários dos peixes japoneses e o jardineiro que manipula o bonsai. É precisamente essa combinação que faz o *pet*.

Ler esse livro nos coloca um permanente estado de surpresa. Frequentemente vemos nos a questionar como havíamos negligenciado essa face do poder, pensamos nas vezes em que exercemos o domínio e nas vezes em que a afeição remetida a nós acobertava nossa condição de dominado. Consideramos que é precisamente este o objetivo da obra: reconhecer que o exercício do domínio é inerente à humanidade, mas que ele pode (e deve) ser mediado pela moralidade. Tuan não é pessimista, ele identifica progressos, como veremos mais destacadamente nos dois livros subsequentes.

The Good Life (1986c) renuncia ao tom negativo. No livro, Tuan faz um apanhado das características e condições que tornam a vida boa. Os valores do que consideramos uma vida boa são, em grande medida, ditados pela cultura em que estamos inseridos. Isto tem duas consequências: a primeira é que todos temos a impressão de que nossa vida é boa (especialmente a partir de uma certa idade, ao olhar para o passado); a segunda é de que dificilmente existe inveja ou rancor de uma cultura para a outra, porque estamos convictos que a nossa é que provê a vida realmente boa (TUAN, 1986c).

Em busca de aspectos que possam ser generalizados, o autor analisa uma série de temáticas em busca do que produz uma vida boa. O livro se inicia com a experiência individual, passa para a do grupo e, então, para a influência da sensação de estabilidade e segurança, contidos na maior parte das visões de uma vida boa. Em contrapartida, a mudança (desde que controlada e relativamente pequena) também pode ser bem vinda em pequenas doses, desde que a cultura assim a trate, como é o caso da cultura ocidental urbana. Há também um debate acerca de situações que não podem faltar em uma vida boa – companheirismo, sexo, poder e até a paternidade/maternidade.

Um dos aspectos fundamentais é a ideia de que a experiência direta não basta para tornar uma vida boa, ela está também na mente das pessoas, na maneira como elas percebem a vida, a sua experiência e, sobretudo, a das outras pessoas. Além do mais, a boa vida implica na liberdade de escolher e explorar um variado leque de experiências e na possibilidade de constante autorreflexão:

This idea of the good life is, in a deeply serious sense, also the most authentically human.[...] the book is clearly an argument for liberal education based not on some vague general principle of broadening the mind or on the elitist desire to preserve a great heritage but on demonstrating how such education, rightly conceived, necessarily affects the nature of our experience, the spaciousness and color of our lived world, and hence the day-to-day quality of our existence.¹³⁹ (TUAN, 1986c, p.11).

Deste modo, acreditamos que está implícito no livro que o autor considera que a boa vida é fruto da civilização moderna, em contraposição às restrições que a comunidade tradicional impõe. Esta dicotomia tem sido objeto de análise (explícita) de Tuan desde *Segmented Worlds and Self* e veremos que o autor ainda levará o debate a outros níveis. Ou seja, a boa vida está na completa realização do *self*.

Morality and Imagination: Paradoxes of Progress (1989g) é, em muitos sentidos, um prosseguimento de *The good life*. A moralidade carrega consigo o sentido de ordem e repressão (especialmente dos exageros); a imaginação é vista como criatividade e, por vezes, excessos (fantasia).

Todas as sociedades – primitivas ou complexas – têm um sistema moral, um conjunto de regras e normas explícitas ou não que possibilitam a boa convivência entre as pessoas. Entretanto, existe uma ambivalência para com a cultura: ela cria artefatos que facilitam e constroem nossa vivência de mundo (como a linguagem, os gestos e a arquitetura), por outro lado, ela exige uma aceitação quase tácita de seu código moral.

O autor aborda então o paradoxo do progresso. Ele considera que houve progresso na moralidade. Um dos exemplos dados é o da troca. Nas culturas primitivas e nas comunidades, as trocas (de bens materiais ou de favores) são sempre personalizadas e demandam

¹³⁹ “Esta ideia de uma boa vida é, em um profundo e sério sentido, também a mais autenticamente humana [...] o livro é claramente um argumento pela educação liberal baseada não em qualquer princípio geral vago de expansão da mente ou no desejo elitista de preservar um grande patrimônio, mas na demonstração de como tal educação, concebida corretamente, necessariamente afeta a natureza de nossa experiência, a espaciosidade e a cor de nosso mundo vivido, e deste modo, a qualidade do dia-a-dia de nossa existência”.

retribuição. Existe um código moral, que exige determinado tipo de ajuda aos outros membros da comunidade que, por sua vez, devem retribuir o favor na mesma proporção, ou a maior.

Já nas sociedades modernas (que Tuan também chama de civilização), nas grandes metrópoles, o código moral exige ajuda e solidariedade difusas. Todo um sistema foi criado para apoiar pessoas que não conhecemos. O sistema de saúde, por exemplo, deve cuidar de todos – moradores, visitantes, turistas, andarilhos. Uma catástrofe em qualquer lugar do mundo mobiliza uma enorme quantidade de ajuda internacional. Ajudamos sem saber a quem e, portanto, sem qualquer expectativa de retribuição. Há, obviamente uma certeza de que, estando em situação de apuro, a mesma ajuda impessoal nos será estendida.

Outros progressos estão relacionados ao aumento do respeito ao direito dos animais, à condenação pública do preconceito, à inclusão, ao fim de penas cruéis aos criminosos, como o enforcamento ou apedrejamento. Em contrapartida, Tuan chama a atenção para o fato de que há ainda muito por ser melhorado – algumas espécies de animais continuam a ser cruelmente exploradas, a desigualdade social e a concentração de riqueza são cada vez maiores, e aumenta, também, a valorização dos bens materiais. Tuan reconhece também a globalização da moralidade ocidental e a consequente supressão das culturas tradicionais. Ele considera que esse seja, talvez, um preço pequeno a se pagar em troca das inúmeras vantagens da modernidade.

Mais uma vez, Tuan contrapõe a comunidade – e por extensão, o lugar, as sociedades primitivas, a restrição da individualidade – à civilização – sociedade ocidental moderna – fazendo clara opção pela segunda, embora reconheça seus problemas. O autor passa então a outras abordagens sobre os valores da sociedade moderna.

Tuan (1994c, p. 359), na já citada resposta às resenhas de Relph e Pocock sobre *Topofilia*, comenta que “If *Topophilia*, in my estimation of the time, falls ‘short of the midpoint between collage and integral vision’, *Passing Strange*, I fondly hope, has not only reached but also gone a little beyond the midpoint¹⁴⁰.” Acreditamos que sim. **Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture** (1993d) é uma das obras mais coesas, bem compostas e, por que não, bonitas do autor. Não por acaso, seu mote é a estética.

¹⁴⁰ “Se *Topophilia*, na minha estimativa de tempo, coloca-se aquém do ponto médio entre a colagem e a visão integral, *Passing Strange*, eu sinceramente espero, não apenas alcançou como ultrapassou um pouco o ponto médio”.

O autor demonstra que a estética é um impulso inato da humanidade, mas a cultura influencia fortemente na determinação do que vamos reparar, destacar e considerarmos como belo.

Tuan, então, faz a sua mais abrangente, pormenorizada e reflexiva incursão nos nossos sete sentidos (ele adiciona e analisa mais dois em relação aos aristotélicos tradicionais): visão, audição, tato, olfato, paladar, cinestesia e sinestesia. Criamos, a partir deles, experiências únicas e individuais, compartilhadas (incompletamente) por meio da linguagem. A paisagem do toque, a capacidade da música de “encher” os ouvidos e “aliviar a alma”, as memórias que os cheiros são capazes de evocar são algumas das abordagens da obra, envolvendo nossos sentidos. Suas descrições e exemplos são tão tangíveis que, dificilmente o leitor não trará à memória suas próprias sensações.

A partir daí, são analisados e demonstrados os valores estéticos de culturas primitivas, – como a aborígene australiana – da Europa medieval, da China e da americana atual. A estética da língua e dos rituais de diversas culturas também são levantadas.

Outra grande contribuição da obra é a ligação do bom com o belo e por conseguinte, do feio com o mau. Ou seja, na íntima conexão entre a moralidade e nossa estrutura de valores com a estética:

Moral beauty, narrowly understood, is an attribute discernible in human individuals and in human relationships. A spontaneous act of generosity performed with unselfconscious grace is an example of moral beauty, as are certain acts of courage; genuine modesty is a possible example, as is selfless love¹⁴¹ (TUAN, 1993d, p. 241).

Cosmos and Hearth: A Cosmopolite’s Viewpoint (1996b) é, na realidade, o primeiro de seus livros com um tom autobiográfico – a cultura e os valores da China e dos EUA são analisados em vários momentos históricos. Como demonstra o subtítulo, é sob o ponto de vista cosmopolita que o autor desenrola suas análises.

A China enfatiza os rituais – por exemplo, para receber a primavera – e a honra. O respeito – ao lar, aos pais e aos ancestrais – é um dos valores mais arraigados da sociedade chinesa. Os mortos são quase imediatamente reverenciados e homenageados pela família. A China atual reconhece o mundo que se descortina para um povo que ainda vive sob as

¹⁴¹ “A beleza moral, estritamente entendida, é um atributo discernível em indivíduos humanos e nas relações humanas. Um ato espontâneo de generosidade realizado com graciosidade natural é um exemplo de beleza moral, assim como são certos atos de coragem; a modéstia genuína é um exemplo possível, como também o amor altruísta”.

restrições da comunicação pela ditadura e, hoje, há uma luta entre aceitar o novo e a manutenção das tradições.

A sociedade norte-americana é, essencialmente, moderna e cosmopolita. Seus valores estão voltados para a liberdade, a expansão e a exploração. Entretanto, desde os movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970, surgiu uma paradoxal valorização da pluralidade cultural e das diferenças e, por conseguinte, da vida comunitária.

Assim, o autor reconhece uma inerente ambiguidade humana: “[...] participation in and yearning for the grandeur of a regular yet infinitely varied cosmos and, simultaneously, for the reassurance of an intimate and highly particular locale¹⁴²” (COSGROVE, 1997, p.139).

Retornamos, portanto, à dicotomia entre a comunidade (que ele associa com o *hearth*) e o cosmopolitismo. O *hearth* cuida, mas confina, restringe, está associado à tradição. O cosmos é liberdade, mas também ameaça e, está relacionado à modernidade.

Tuan propõe um *cosmopolitan hearth* ligado à noção de *high modernism* – “[...]which recognizes the value of the particular but tips the balance in favor of the universal¹⁴³” (ENTRINKIN, 1998, p.177). A expressão *cosmopolitan hearth* reconhece nossa inerente necessidade de um lugar, um suporte, mas ao mesmo tempo, à medida que assumimos uma educação liberal, buscamos o mundo. (Re)Conhecer outros mundos nos torna universalistas e, ao mesmo tempo revaloriza nosso lugar. Entretanto, devemos reconhecer que o universalismo nos coloca em um novo tipo de comunidade, mais distante e abstrata, encerra explicando

[...] this sense of isolation – of being a unique individual – can be felt as a deep loss. Thinking, however, yields a twofold gain: although it isolate us from our immediate group it can link us both seriously and playfully to the cosmos – to strangers in other places and times; and it enables us to deny, namely, the impermanence of our state wherever we are, our ultimate homelessness. A cosmopolite is one who considers the gain greater than the loss. Having seen something of the splendid spaces, he or she [...] will not want to return, permanently, to the ambiguous safeness of the hearth¹⁴⁴ (TUAN, 1996b, p. 188).

¹⁴² “[...] a participação e o anseio pela grandiosidade de um cosmos regular mas ainda assim infinitamente variado e, simultaneamente, pela reafirmação de um local íntimo e altamente particular”.

¹⁴³ “[...] que reconhece o valor do particular, mas inclina a balança a favor do universal”.

¹⁴⁴ “[...] esta sensação de isolamento – de ser um indivíduo único – pode ser sentida como uma grande perda. Pensar, no entanto, produz um ganho duplo: apesar de nos isolar de nosso grupo imediato ele pode nos conectar tanto séria quanto divertidamente com o cosmos – com estranhos em outros lugares e tempo; e ele nos permite aceitar a condição humana que por medo e ansiedade sempre fomos tentados a negar, notadamente, a impermanência de nosso estado, onde quer que estejamos, somos sem-teto em última análise. Um cosmopolita é

Tuan anda na contramão da sociedade moderna que tem, cada vez mais, valorizado o idílico, o rústico, como em uma espécie de sonho coletivo pela calma do interior e as benesses da proximidade com a natureza. Nas últimas obras testemunhamos a valorização da sociedade moderna, sua liberdade, sua visão de mundo e atitude espacial.

Entretanto, não podemos deixar de nos perguntar se as milhares de pessoas que se encontram em estado de exclusão, miséria, sem acesso à liberdade de escolha seriam capazes de compartilhar desta mesma visão. Se o domínio econômico e suas consequentes restrições não impõem - especialmente às pessoas de países menos privilegiados, aos “desglobalizados” – um absoluto desapego da liberdade e da extensão espacial. Nesse caso, pensamos que a valorização do lugar, das raízes, da pluralidade cultural e valorização das minorias seja um edifício moral mais adequado à múltipla realidade em que vivemos.

Escapism (1998b) é mais uma das abordagens que vemos em Tuan e que raramente foram observadas ou trabalhadas pela geografia. O escapismo é uma condição humana e, ironicamente, ele é inescapável.

Procuramos escapar da natureza – na realidade, de nossa submissão aos desígnios dela - por meio da cultura e dos artefatos, tentamos escapar da animalidade de nosso corpo, usando a higiene e os “bons modos”. Entretanto, o escapismo pode levar ao estado permanente da fantasia que, se mantida por tempo demais, pode nos levar a um estado de degeneração e loucura.

Por que precisamos recorrer ao escapismo? Sobretudo, porque não somos capazes de lidar permanentemente com a realidade. Mas o escapismo constitui parte do que é ser homem. Deste modo, ele é fundamental como propedêutica à vida. Para escapar da extrema vulnerabilidade frente aos fenômenos naturais – como as chuvas, inundações, incêndios, predadores – é que nos sedentarizamos, criamos lares, nos organizamos em grupo. A cultura é uma forma de escapar na natureza. Assim, o escapismo é ao mesmo tempo negação do conformismo (e, assim, gerador de atitudes) e fantasia, imaginação.

uma pessoa que considera o ganho maior que a perda. Tendo visto algumas coisas dos esplêndidos espaços, ele ou ela não vão querer retornar, permanentemente, à segurança ambígua do *hearth*.”.

6.3. O mundo a partir de Tuan

Who Am I? An Autobiography of Emotion, Mind, and Spirit (1999b) é uma rica e franca exposição dos conflitos, inseguranças e conquistas de Yi-Fu Tuan.

Não pretendemos neste texto, repetir ou nos ater aos fatos pessoais de sua vida, uma vez que ninguém poderia colocá-los de melhor maneira que seu próprio autor. Mas gostaríamos de chamar atenção para três linhas gerais que consideramos importantes: a primeira, a sua infância e adolescência; a segunda, as suas inseguranças e conflitos emocionais; a terceira a sua ligação com a geografia.

Tuan nasceu em cinco de dezembro de 1930, em Tietsin, na China, sendo o terceiro de quatro filhos de um diplomata educado na Europa e uma dona de casa, em um cenário de guerra entre seu país e o Japão. Em função da guerra, apesar das boas condições sociais do pai, ele e os três irmãos não puderam usufruir de uma infância confortável. A escola em que estudou até os dez anos foi improvisada por seu pai e outros amigos que, igualmente, estudaram fora. Assim, Tuan atribui sua postura humanista e educação cosmopolita a esse momento de sua vida, uma vez que as crianças foram apresentadas a cientistas de todo o mundo. Ele delega ainda ao Confucionismo e sua ampla influência na alta cultura chinesa (entre a elite letrada) esta tradição cosmopolita e abrangente, a curiosidade para com o mundo e o próprio modo de vida chinês. Este aspecto cultural chinês o influenciaria por todo o seu percurso científico.

Aos dez anos partiu para a Austrália com a família, onde viveu por cinco anos, estudando em escola católica com os irmãos. Ali, pela primeira vez, Tuan conheceu a discriminação racial e a diferença religiosa. Aos quinze anos, em 1946, ele e a família mudaram-se para a Inglaterra. Tuan chegou no imediato pós-segunda guerra e considera que Londres, embora ainda com dificuldades no campo alimentar e de abastecimento em geral, tinha uma excitação cosmopolita e uma importância política mundial. A grande questão que pairava na cidade era a de como reconstruir o mundo no pós-guerra, mas, ainda mais profundamente o próprio significado da vida, dando grande relevância ao existencialismo.

O que nos leva à questão de seus conflitos pessoais: menino franzino e de saúde frágil, Yi-Fu sempre sentiu uma carência afetiva relativa ao pai. As mudanças constantes e as

readaptações produziram um rapaz tímido e introspectivo. Em 1951 mudou-se para Paris, pela primeira vez sem a família, voltando à Inglaterra um ano mais tarde. Logo após a graduação em Oxford, decidiu fazer o doutorado nos Estados Unidos onde, desde então, ficou permanentemente longe da família (depois os dois irmãos mais velhos se mudaram para o país, mas nunca viveram na mesma cidade).

Tuan considera seu estado de permanente solidão como uma grande marca da visão de mundo que produziu. Por um lado, porque a falta de vida social o permitiu uma dedicação integral aos estudos e livros, por outro, porque sempre viu o mundo, a dinâmica social e a natureza humana como um observador externo. Daí vem também o seu amor pela cidade. Foi nas grandes cidades que Tuan encontrou apoio e convívio com colegas de trabalho, vizinhos e a solidariedade dos estranhos – tema que tanto repercutiu em sua geografia.

Finalmente, Tuan afirma que “[...]without the cosmos, without, more precisely, my delight in the harmonies of nature and of human works at their best, my life would be miserable – unlivable. I am saved by geography¹⁴⁵” (TUAN, 1999b, p.88). Assim, a geografia, segundo o autor, permitiu-o ver, entre todos os horrores da vida e do mundo, o que há de bom. É neste cenário que se desenvolve sua geografia!

Dear Colleague: Common and Uncommon Observations (2002d) é uma pequena seleção entre a mais de setecentas cartas escritas por Tuan, endereçadas aos “*Dear Colleague*”. Em 1985, ainda trabalhando na Universidade de Minnesota, o autor começou a escrever, quase quinzenalmente, cartas endereçadas à comunidade acadêmica que ficavam coladas em painéis pelos corredores, nos escaninhos de colegas, ou nas portas dos dormitórios estudantis. Tuan ainda escreve essas cartas, mas agora muito mais esporadicamente.

A temática das cartas é extremamente variada, podem abordar eventos políticos do momento, opiniões pessoais sobre a economia, sua vida pessoal, o aniversário de uma criança para o qual foi convidado ou ainda profundos *insights* filosóficos ou fragmentos de suas noções de espaço, lugar, paisagem ou lar.

O livro não possui nenhum compromisso temático ou fio condutor, é uma rica composição do livre pensar de um intelectual, um professor, um geógrafo, um humanista e, sobretudo, um ser humano sensível.

¹⁴⁵ “[...] sem o cosmos, sem, mais precisamente, meu encantamento pelas harmonias da natureza e dos melhores trabalhos humanos, minha vida teria sido miserável – invivível. Eu fui salvo pela geografia”.

Place, Art, and Self (2004c) é um pequeno texto que antecede uma série de fotografias que representa a visão dos artistas sobre seus lugares. Tuan revisita o conceito de lugar e lar, expandindo-os na medida em que se questiona e coloca a possibilidade da arte também ser um lugar (ainda que virtual). E conclui que:

Geography is mostly about how we strive to feel at home on Earth, rooted in place [...] we never quite succeeded. The arts, too, can be a home, or make us feel more at home. Yet, even more than geographical place, they have the power to disturb or exalt, and so, like the great teachings of religion, remind us that we are fundamentally homeless¹⁴⁶. (TUAN, 2004c, p. 44)

Coming Home to China (2007) é o rico e interessante relato de sua primeira viagem à China, desde os dez anos de idade, quando abandonou o país. É um diário da viagem realizada em 2005, a convite de uma associação de arquitetos, seu relato contempla detalhes como a qualidade do hotel, os passeios que fez e as impressões que registrou, assim, como contém as palestras que proferiu.

Tuan redescobre e se encanta por valores chineses como o respeito pelos professores, a profunda admiração pelos intelectuais e a receptividade para com estrangeiros. Os relatos da emoção que sentiu ao visitar locais que sua imaginação recompunha são comoventes.

Sobretudo, Tuan levanta a questão das dúvidas pessoais que envolvem sua identidade – embora nunca tenha voltado à China desde a infância, sempre leu e escreveu sobre a China. E apesar de ter vivido praticamente toda a sua vida adulta nos Estados Unidos, sua própria aparência física nunca o permitiu se “misturar” efetivamente. Entretanto, ao retornar da China, Tuan consegue, em perspectiva, compreender que sua identidade é de fato, americana, a qual entende como um complexo conjunto de identidades formadas pela imensa diversidade de migrantes e culturas que os EUA abrangem. É o universalismo americano, o cosmopolitismo que Tuan abraça como sua identidade, e finalmente se coloca

So who am I? I am a citizen of the United States, a native of China, and a human being without firm anchorage in history, geography, and language. Like many moderns, I feel ‘the unbearable lightness of being’ and have wished in weaker moments, that I were more rooted in a particular place, society, and culture. In weaker moments, I say, for I know full well the twin banes of rootedness, ignorance and bigotry, and for me also this woe, that in my brief moment on Earth I have

¹⁴⁶ “A geografia trata, sobretudo, de como lutamos para nos sentir em casa na Terra, enraizados no lugar [...] mas nunca conseguimos alcançar o sucesso. As artes também podem ser um lar, ou nos fazer sentir mais em casa. No entanto, mais ainda que no lugar geográfico, elas têm o poder de perturbar ou exaltar, e deste modo, como os grandes ensinamentos religiosos, nos lembrar que somos fundamentalmente sem-casa”.

failed to use my senses and mind to the full extent that circumstances allow¹⁴⁷
(TUAN, 2007, p.173)

Human Goodness, (2008a) versa sobre as diversas formas de bondade humana. Celebra a bondade e a inocência das crianças, o maravilhamento com os atletas de alta performance, a decência e as boas maneiras que contribuem para uma sociedade melhor.

A abordagem mais interessante é a exploração da nossa possibilidade de sermos bons, e até heroicos, fora dos momentos de ímpeto. O autor considera que instantes de grande tensão, como a invasão das tropas nazistas, geram atos imediatos de bondade, mas essas ações são irrefletidas. A questão central então está na possibilidade de uma vida alicerçada na bondade.

Tuan, então, relata a vida de seis personalidades que considera bons ao longo da vida – Confúcio, Sócrates, Mozart, Keats, Schweitzer e Weil. O que Tuan parece encontrar em comum na vida dessas seis pessoas é a coerência entre suas vidas públicas e seus atos pessoais. Assim, muito mais que uma lista de valores ou comportamentos específicos, a bondade parece ser entendida como a permanente doação pública de seus ideais.

Religion: from place to placelessness (2009), assim como *Place, Art and Self* é um texto que antecede uma rica composição de fotografias sobre lugares e lugares-sem-lugaridade.

No texto, Tuan trabalha a influência da religião em diversas áreas da socialização e ação humanas. O autor vê a religião como um conjunto de valores que afeta toda a cultura e, portanto, professando ou não a fé dominante, estamos submetidos a ela de alguma forma.

Outra postura divergente da corrente dominante é ver na religião uma fonte de lugar-sem-lugaridade. Um dos motivos é que as pessoas frequentam templos e reproduzem rituais vazios de sentido, apenas pela imposição moral, o segundo e principal motivo é que a própria noção religiosa da transitoriedade corpórea e de paraíso, nos coloca na situação de aguardar pelo momento em que alcançaremos o lugar que, portanto, não é aqui onde estamos, no momento em que vivemos.

¹⁴⁷ “Então quem sou eu? Sou um cidadão dos Estados Unidos, nativo da China, e um ser humano sem uma firme ancoragem na história, geografia e língua. Como muitos modernos, eu sinto ‘a insustentável leveza do ser’ e desejei em momentos de fraqueza, que eu fosse mais enraizado em um lugar, sociedade e cultura particulares. Eu digo em momentos de fraqueza, porque conheço muito bem as duas ruínas do desenraizamento: ignorância e intolerância, e para mim também o desgosto, de que no meu breve momento da Terra eu tenha deixado de usar meu sentidos e mente em toda a extensão que as circunstâncias permitem”.

Finalmente, **Humanist Geography: an individual's search for meaning** (2012), seu mais recente livro faz um resgate de temáticas trabalhadas ao longo da carreira - notadamente progresso; sujeito; religiosidade e humanismo; imaginação; sentidos; cosmopolitismo - de mais de sessenta anos dedicados à geografia, centrando o foco nas relações, contradições e justaposições do indivíduo *versus* a comunidade.

A obra perpassa e persiste sobre três argumentos que levam o leitor à compreensão do percurso e da construção do pensamento atual de Tuan: primeiro, um breve relato das experiências pessoais; depois, a discussão acerca do que considera como geografia humanista; e finalmente, a temática central da obra, o indivíduo visto sob os olhares diversos – suas fraquezas, virtudes, o progresso e o cosmopolitismo em sua afirmação.

Para Tuan, a Geografia Humanista traz em si um paradoxo, uma vez que, como humanista pretende-se focar no indivíduo e, como geógrafo, na comunidade e no lugar. Em suas páginas de abertura, ele escreve:

Humanist Geography is impractical for the working life but practical for the days, hours, and half-hours that are our own, when we are free. How so? It empowers us to be engaged productively with certain questions that are incumbent upon us as thinking men and women to raise – and to raise them with a sense of urgency, for our time on Earth as individuals is the briefest. The questions are: What is it – what does it mean – to be human? More specifically, what does being human mean for me? ¹⁴⁸ (TUAN, 2012, p.3).

A obra de Tuan é incontestavelmente inovadora e consistente. Suas contribuições ultrapassam os limites da geografia e da própria ciência, oferecendo suporte para que as pessoas repensem suas próprias vidas, o modo como agem e experienciam o mundo e o outro.

Novamente, Tuan volta ao debate acerca da ambiguidade entre comunidade e cosmopolitismo, reafirmando o favoritismo pelo último.

Finalmente, mais que a discussão de conceitos (todos eles já trabalhados ao longo de sua carreira), com essa obra Tuan expõe seus pensamentos e, por vezes, até suas intimidades mas, sobretudo, é um “olhar-para-trás”, que re-compõe o intelectual e a pessoa tão importante para a geografia.

¹⁴⁸ “A Geografia Humanista não é prática para o trabalho, mas é prática para os dias, horas e meia-horas que são nossos, quando estamos livres. Como? Ela nos capacita a estar produtivamente comprometidos com certas questões que nós como homens e mulheres pensantes devemos levantar – e levá-las com senso de urgência, porque nosso tempo como indivíduos na Terra é breve. As perguntas são: O que é – e o que dignifica – ser humano? Mas especificamente, o que ser humano significa para mim?”

Entretanto, não poderíamos deixar de observar os recentes desenvolvimentos na geografia: o movimento pós-colonialista e pós-modernista, em especial os pensadores que absorveram a teoria social-crítica, têm criticado a busca da geografia humanista pela natureza humana única. Segundo Adams, Hoelscher e Till (2001), estes pensadores consideram que esta postura tem sido fruto de debate apenas entre uma pequena elite letrada e que acabam sendo usados como forma de manipulação e repressão das minorias em nome de uma dominação imperialista e da hegemonia cultural.

Por outro lado, Tuan (1996b) responde que o pós-modernismo trouxe uma hipervalorização da particularidade e da diferença, o que pode ser prejudicial, inclusive, para as relações humanas e o equilíbrio geral das coisas.

De fato, ao assumir e reiterar uma postura a favor da vida cospomolita nas grandes cidades, consideramos que há três fatores limitantes da posição de Tuan: o primeiro é considerar como referência do que é “bom” e de “progresso” a cultura ocidental moderna, mais especificamente, a estadunidense. O segundo, já colocamos neste capítulo, é a desconsideração da situação de milhares de pessoas, especialmente no mundo “subdesenvolvido” que não podem usufruir das vantagens metropolitanas, ainda que vivam em uma metrópole. Ou seja, as condições econômicas e sociais as impedem de acessar o mundo globalizado. O terceiro, finalmente, é o da escolha desalienada, consciente e libertária de uma vida em comunidade.

Acreditamos que é possível que uma pessoa que usufrui plenamente da educação para a liberdade optar, conscientemente, pela vida comunitária. Assim como julgamos também que o modo de vida ocidental metropolitano norteamericano não precisa (e talvez não possa) ser a maior referência – as especificidades locais impedem o sucesso de um modelo único.

Entretanto, não consideramos que a busca pela essência humana inviabiliza o respeito e a manutenção de um multiculturalismo. A geografia humanista, mais que falar sobre a geografia, fala sobre o que é um ser humano em todas as suas dimensões e contingências – econômicas, políticas, biológicas, morais e estéticas.

Tuan relativiza sua posição universalista ao afirmar ser possível um cosmopolitan hearth. E, para nós, um de seus maiores brilhantismos é chamar a atenção para o impensado e lançar as bases para a reflexão livre e contínua, construída sobre seus pensamentos. A obra de Tuan, não é acabada. Ela está aberta, a espera de quem quer que queira construir uma

sociedade com pessoas melhores. Nesta tese, procuramos fazer uma incursão profunda no pensamento de Yi-Fu Tuan por meio da análise da sua obra. Apresentamos, primeiramente, um panorama geral das características de seus textos para a seguir, iniciarmos um empreendimento mais pormenorizado da mesma. Levantamos quais são suas matrizes e influências principais, elencamos as essências trabalhadas pelo autor e demonstramos os sentidos que ele lhes atribui, estudamos as suas visões acerca dos temas que mais persistentemente trabalha e aqueles que marcaram apenas momentaneamente sua carreira, para que então pudéssemos recompor seu trabalho, desta vez apenas por meio de seus livros, de modo a criar não só a visão de conjunto, mas de percurso.

Capítulo 7

PENSAMENTOS DE DESPEDIDA: “QUE É, AFINAL, GEOGRAFIA?”

The humanist tradition in geography has had many important contributors, but its principal contemporary architect has been Yi-Fu Tuan (ENTRIKIN, 2001, p. 426).

“A tradição humanista em geografia teve muitos contribuidores importantes, mas seu principal arquiteto contemporâneo tem sido Yi-Fu Tuan”

O objetivo central desta pesquisa foi compreender a obra de Yi-Fu Tuan. Julgamos que conhecer em profundidade os escritos de um autor é um meio para (re)conhecermos a própria geografia enquanto ciência. Entretanto, entendemos que as partes recompostas não são o todo. O todo é muito maior e mais expressivo que elas. Mas ele também é, em certa medida, inatingível. Ainda assim, nos debruçamos sobre seu pensamento expresso em papel, na busca de uma sistematização que pudesse, afinal, responder (ainda que provisoriamente) à questões como: É possível entender esta obra como um conjunto? Quais são suas principais repercussões?

Se tivéssemos que resumir em uma palavra o que o mais de meio século de estudos de Tuan representa, diríamos que são manifestos. Uma declaração do que é geografia, uma declaração sobre quais devem ser seus temas de abordagem, uma declaração em favor de uma postura de vida (e, por conseguinte, de ciência), uma declaração pela liberdade, uma declaração de amor à geografia e à humanidade!

Tuan nos ensina a olhar o mundo na contramão, “I have been going against the current[...] Whenever I see everybody moving in one way, I automatically want to balance it with another view¹⁴⁹” (LERTZMAN, 1997, p. 89). Foi assim que enriqueceu a ciência geográfica com abordagens e temas tão inovadores.

Deste modo, nossas últimas reflexões serão no sentido de procurar resposta a uma única questão: Que é, afinal, geografia? A pergunta, propositadamente sem o artigo, por si só já demonstra o reconhecimento de nossas limitações “Pois, quanto ao conhecimento, sabe-se que há objetos reais e ideais, e não se pode atingir a certeza do conhecimento de sua essência última. Com efeito, só se pode saber **que** as coisas são, mas não **o que** as coisas são em si” *grifo do autor* (OLIVEIRA, 1999, p. 89). Ainda assim, uma incursão ao sentido de geografia para Tuan pode fornecer as pistas que procuramos.

Em um primeiro vislumbre Tuan pode parece ser um homem de muitas geografias. O autor iniciou suas publicações em 1955, se dedicando quase exclusivamente ao estudo dos aspectos físicos da geografia, em especial à geomorfologia, no primeiro momento.

Ainda “enquadrado” em uma ciência de moldes funcionalistas, viu nas limitações dos textos da própria geografia física, um incômodo que o empurrou para as primeiras incursões

¹⁴⁹ “Eu tenho ido contra a corrente. Sempre que vejo todo mundo se movendo em uma direção, eu automaticamente quero equilibrar com outra visão.”

humanistas: a questão da linguagem. Em 1957, seu texto *Use of Simile and Metaphor*, clama pela manipulação das palavras de forma a criar descrições mais vívidas da realidade. Os textos físicos da geografia são áridos, duros e o autor considera que o estilo metafórico era, então, quase um inimigo da geografia. Não deveria ser assim. As metáforas enriquecem o texto e esclarecem o leitor sobre a paisagem que está sendo recomposta.

A década de 1960, foi bastante “movimentada” e representa uma definição de seus rumos. Até o final deste decênio, a maior parte das publicações de Tuan eram derivadas de suas pesquisas sobre clima, relevo, vegetação e hidrologia. Mas o autor começou a publicar pequenas resenhas de livros que claramente, não se relacionavam às suas pesquisas em geomorfologia e afins. Nestas resenhas demonstrava grande erudição sobre a história do pensamento geográfico, ou ainda o movimento romântico inglês e alemão do século XVIII. Em 1964, publicou mais um pequeno artigo dissonante, o *Mountains, Ruins and the Sentiment of Melancholy*. Neste, volta a comentar sobre a importância do uso das palavras para a nossa visão de paisagem. Ele declara que é fundamental começarmos a usar as vivências e narrativas das pessoas envolvidas com a paisagem quando fazemos suas descrições.

Dedicou-se também à arquitetura durante alguns anos, publicando debates acerca de cores e problemas de design. Em 1963, no texto *Architecture and Human Nature*, se deteve na concepção de humanismo e existencialismo. Embora a palavra “geografia” sequer tenha sido mencionada, estavam lançadas as bases para a sua geografia humanista.

Environment and World, de 1965, traz, pela primeira vez, o embasamento fenomenológico para o debate acerca do conceito de essências geográficas. Mas ainda, até o final dessa dinâmica década, foram escritos e publicados textos, livros e resenhas sobre os três temas, a saber: geografia física, arquitetura e geografia humanista.

Na década de 1970, finalmente, Tuan define os trilhos que irá percorrer durante seu percurso. Consideramos *Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature*, de 1971, a marca da opção do autor pelas abordagens humanistas de fundamento fenomenológico-existencialista em geografia que, a partir daí, assumiu definitivamente até os dias atuais.

Então, podemos dizer que são muitas as geografias de Yi-Fu Tuan? Certamente que não. Sua geografia é uma só, sempre em busca das essência dos fenômenos e sensível às

questões da experiência. Os primeiros anos de sua carreira mostram o percurso de um geógrafo em formação que, paulatinamente, amadurece e expõe suas reflexões.

Então, que é geografia para Tuan? A definição da qual Tuan mais se apropria é a de que a geografia é a ciência que estuda a Terra como lar dos seres humanos (TUAN, 1991a; 1993a; 1994c;). Ele elucida a abrangência de sua concepção de lar:

Geography is the study of the Earth as the home of human beings. Home. How varied and resonant are the meanings of that word. Home is the envelope of air; it is the continents and the oceans, the deserts and the forests. Home is the humanly modified worlds of farms and gardens, towns and cities. Home is parish, province, nation-state, Asia and Africa, the North Atlantic Alliance and the Third World. Home is sociality – its types of human connectedness at all scales. These range from intimate exchanges in family and neighborhood to communication across thousands of miles via electronic media, those myriads of invisible lines that encircle the Earth, creating an extra sheath of shared thought and feelings. Last, but certainly not least, home is the mutual dependence and sociality of all living things – plants, animals, and people¹⁵⁰ (TUAN, 1993a, p. ix).

Para além de ser geógrafo, Tuan é também um humanista. Isto implica em uma posição específica frente ao mundo. É um se colocar diferente. Uma postura frente ao mundo – a busca da compreensão da natureza humana, das nossas relações com o ambiente que nos cerca, o modo como criamos espaços, lugares e lares. Sobretudo, o autor tem uma atitude humanista. Seu humanismo é também cosmopolita e universalista. Assim, Tuan acredita na educação libertária como forma de possibilitar o exercício autêntico da experiência de cada um.

A geografia humanista é também o estudo de como os homens transformam o [meio]ambiente em mundo:

Humanistic geography reflects upon geographical phenomena with the ultimate purpose of achieving a better understanding of man and his condition. Humanistic geography is this not an Earth Science in its ultimate aim. It belongs with the humanities and the social sciences to the extent that they all share the hope of providing an accurate picture of the human world.[...] humanistic geography achieves an understanding of the human world by studying people's relations with

¹⁵⁰ “A geografia é o estudo da terra como lar para os seres humanos. Lar. Quão variados e ressonantes são os significados desta palavra. Lar é o ar que nos rodeia; é os continentes e oceanos, os desertos e as florestas. Lar são os mundos modificados pelos homens das fazendas e jardins, vilas e cidades. Lar é paróquia, província, estado-nação, Ásia e África, a Aliança do Atlântico Norte e o Terceiro Mundo. Lar é a sociabilidade – são os tipos de conexão humana em todas as escalas. Estas variam de trocas íntimas com a família e a vizinhança até a comunicação ao longo de milhares de milhas via mídia eletrônica, estas miríades de linhas invisíveis que envolvem o mundo, criando um invólucro extra de pensamentos e sentimentos compartilhados. Por último, mas não menos importante, lar é a dependência mútua e a sociabilidade de todas as coisas vivas – plantas, animais e pessoas.”

nature, their geographical behavior as well as their feelings and ideas in regard to space and place¹⁵¹ (TUAN, 1976a, p. 266)

Podemos dizer que a geografia humanista é, em grande medida, o estudo da geografia dos homens. Ou seja, a ciência geográfica de olhar humanista, busca compreender aquela geografia que é inerente a todos os seres humanos, a atividade que é condição e fundamento da vida, que emerge da relação homem-meio.

Desta convicção vem a necessidade de recorrer à fenomenologia-existencialista, que não estuda o homem nem o mundo, mas o ser-no-mundo. Então, a geografia deve estar preocupada com a natureza da experiência e o sentido de ser.

E porque Tuan se tornou um geógrafo? Foram duas as suas maiores motivações: a primeira é um medo extremo de se sentir perdido. Sabemos que a orientação (espacial, social, econômica) é uma necessidade de todo ser humano. Ela traz conforto e segurança. Mas Tuan considera que o seu medo da desorientação geográfica beira a fobia. A segunda e principal motivação é o interesse na natureza humana, na existência e, por conseguinte, no auto conhecimento. Então, sua resposta àqueles que o perguntam porque é geógrafo é “More honestly, if more crudely, put, geography is a personal convenience; it is how I make the long and difficult process of understanding the world – cities and rural landscapes, forests and deserts – also a process of self discovery¹⁵²” (TUAN, 1995a, p. 6).

Dáí tamanha a abrangência de temas da geografia tuaniana: a natureza humana têm muitas nuances, muitas sutilezas. Nossa cultura (inclusive a cultura científica) tende a uniformizar nosso olhar, nossas análises. Mas não com Tuan. Sobretudo, porque ele procura compreender a si próprio. É a partir dele e da sua experiência que pretende entender o mundo. Mas de todo este conjunto de temas, visões e análises é possível vermos um fio condutor? Há algo que possa albergar [quase] tudo que Tuan publicou?

¹⁵¹“ A geografia humanística reflete sobre fenômenos geográficos com o propósito final de alcançar uma melhor compreensão do homem e sua condição. A geografia humanística não é uma ciência da Terra neste objetivo final. Ela pertence às humanidades e às ciências sociais na medida em que todas elas compartilham a esperança de fornecer um retrato preciso do mundo dos homens [...] a geografia humanística alcança a compreensão do mundo dos homens estudando a relação das pessoas com a natureza, seu comportamento geográfico assim como seus sentimentos e ideias acerca do espaço e lugar”.

¹⁵² “Mais honestamente, se não rudemente colocado, a geografia é uma conveniência pessoal; é como eu percorro o longo e difícil processo de compreender o mundo – cidades e paisagens rurais, florestas e desertos – e também um processo de auto descobrimento.”

Acreditamos que sim. Para além da eterna busca pela essência humana, e da perspectiva experiencial, o que identifica a geografia de Tuan é o ir e vir entre espaço e lugar, em suas diversas perspectivas, tons e matizes.

Lugar é uma forma de se proteger, se salvar da indiferença do mundo. Então, o lugar é escapismo. O lugar está na comunidade, que nos fornece conforto, amizade, carinho, segurança. O nosso lar é o lugar de maior lugaridade! No lar nos permitimos ser vulneráveis: o ato de dormir, morrer um pouco, é um dos indícios do quanto nos sentimos seguros no lar.

É do meu lugar que parto para experienciar o mundo. Ele é minha sustentação, meu alicerce. O corpo, portanto, é o mais primitivo dos lugares. Mas um homem não se faz sozinho. Ele é fruto de uma cultura, da relação com outras pessoas, de uma estrutura de valores. Então lugar é o outro, é meu bairro, minha cidade.

Mas o lugar me enraíza. Me prende às suas limitações. É como se avisasse: se sair, poderás me perder! Explorar o mundo e sair em busca do espaço, aventurar-se em busca da liberdade e do autoconhecimento enfraquece o lugar.

A amplitude, a liberdade do reconhecimento dos outros e das diferenças, o constante se colocar-no-mundo é o sentido do sujeito cosmopolita. Ele não tem raízes, tem experiências cada vez mais diversas e amplas.

Por outro lado, o espaço é universalizante. Ele oprime as minorias, os diferentes, os que não conseguem se integrar. Ele nos tira a pessoalidade e a solidariedade direta de nossos vizinhos e amigos da comunidade. Há, claro, um sistema de ajuda impessoal para momentos de extrema necessidade, mas não há afeto nessa relação. Assim, tendemos a nos sentir isolados do mundo, sozinhos em uma multidão.

Ou seja, não é nem no espaço nem no lugar que realizamos plenamente nossa natureza humana: é no constante ir e vir entre os dois. O mundo é cada vez mais globalizado queremos mais liberdade de pensamento, de expressão e de deslocamento. Gostamos das benesses da tecnologia e das grandes cidades. Mas também procuramos a segurança de um lar, o afeto daqueles que estão a nossa volta.

A geografia humanista não só nos permite compreender esta característica, como pode ser um caminho que nos aproxima cada vez mais de uma sociedade em que todos possamos ser e ter, ao mesmo tempo, espaço e lugar.

Para que serve a geografia humanista? Novamente, chamamos Tuan (2012, p. 3) para responder

A practical course in college can be of use to us in the working life but impractical for the rest. Humanist geography, by contrast, is impractical for the working life but practical for the days, hours, and half-hours that are our own, when we are free. How so? It empowers us to be engaged productively with certain questions that are incumbent upon us as thinking men and women to raise – and to raise them with a sense of urgency, for our time on Earth as individuals is the briefest. The questions are: “What is it – what does it mean – to be human? More specifically, what does being human mean for me?”¹⁵³

Deste modo, as questões levantadas pelo autor ao longo de sua carreira são fundamentais, tanto para o desenvolvimento da geografia, quanto para nos oferecer a oportunidade de repensarmos a sociedade em que vivemos, os valores e a moralidade que perpetuamos e o tipo de indivíduo que queremos ser para que, deste modo, pudéssemos também, repensar como experienciamos e agimos sobre o mundo.

Em alguns de seus livros, Tuan oferece a oportunidade de uma conversa, uma bate-papo: “Suppose we are comfortably seated in our chairs and agree to talk about de good life rather than the weather or politics [...]. I start. What I have to say is this book. At many points in my presentation you will want to interrupt, but you courteously refrain until I have come to a stop. Then you respond at length¹⁵⁴.” (TUAN, 1986c, p.7)

Convite aceito! Esta tese é a minha resposta...

¹⁵³ “Um curso prático na universidade pode ser útil para nós na vida profissional mas inútil para o reto. A geografia humanista, ao contrário, é inútil para o trabalho mas prática para os dias, horas e meia-horas que são nossas, quando estamos livres. Como? Ela nos capacita para nos envolvermos produtivamente com certas questões que são obrigatórias para nós homens e mulheres intelectuais – e para colocá-las com urgência, porque nosso tempo na Terra como indivíduos é muito pequeno. As questões são: Que é – que significa – ser homem? Mais especificamente, o que ser homem significa para mim?”

¹⁵⁴ “Suponha que estejamos confortavelmente sentados em nossas cadeiras e concordamos em conversar sobre a boa vida, ao invés do clima ou de política [...]. Eu começo. O que tenho a dizer é este livro. Em vários pontos da minha apresentação você vai querer interromper, mas você cordialmente se conterá até que eu tenha parado. Então você responde longamente.”

REFERÊNCIAS

ADAMS, Paul C.; HOELSCHER, Steven; TILL, Karen. Place in Context: Rethinking Humanist Geographies. In: ADAMS, Paul C.; HOELSCHER, Steven; TILL, Karen (eds). **Textures of Place: Exploring Humanist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p. xii-xxxiii.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.11, n. 21 – 22, p. 67 – 87, Jan./Dez. 1999.

_____. A Pluralidade da Geografia e as Abordagens Humanistas/Culturais. In: Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 1º, 2006, Curitiba, **Anais...** Curitiba: Núcleo de Estudos em Espaço e representações – NEER, 2006, p. 1-22.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 242p.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 9ª ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975

CLAVAL, Paul. L'invité de La Géographie: Yi-Fu Tuan. **La Géographie Terre des Hommes**, n. 1546, p.48-49, Aut. 2012.

COSGROVE, Denis. Book review: TUAN, Yi-Fu. Cosmos & Hearth: a Cosmopolite's viewpoint. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 22, n. 1, p. 138-140, 1997.

DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** Tradução Maria José J. G. de Almeida. 3ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992. 174 p.

ENTRINKIN, J. Nicholas. Book review: TUAN, Yi-Fu. Cosmos & Hearth: a Cosmopolite's viewpoint. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 88, n. 1, p. 176-178, 1998.

_____. Geographer as Humanist. In: ADAMS, Paul C.; HOELSCHER, Steven; TILL, Karen (eds). **Textures of Place: Exploring Humanist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p. 426-440.

FLEMING, Douglas. Book review: TUAN, Yi-Fu. Topophilia: a Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 65, n. 2, p. 315-316, 1975.

GOULD, Peter. Book review: TUAN, Yi-Fu. Passing Strange and Wonderful: Aesthetic, Nature and Culture. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 85, n.3, p. 597-598, Sep. 1995.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. Uma Discussão Fenomenológica sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. **Revista Território**, ano 2, n. 3, p. 77-85, Jul./Dez. 1997.

_____. Paisagem, Imaginário, Identidade: Alternativas para o Estudo Geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a. p. 149-168.

_____. O Lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 68-78, Jul./Dez. 1999b.

_____. A Trajeção: reflexões teóricas sobre a Paisagem Vernacular. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 155-172

_____. O Método Fenomenológico: Humanismo e a Construção da uma Nova Geografia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 37-72.

_____. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o Espaço do Lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304

LERTZMAN, Renée. Home and the World: a Conversation with Yi-Fu Tuan. **Terra Nova: Nature and Culture**, v. 2, n. 1, p. 85-95, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1970. 439p.

LOMBARDO, Magda Adelaide. **Qualidade Ambiental e Planejamento Urbano: considerações de método**. 1995. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

LOWENTHAL, David. Book review: TUAN, Yi-Fu. The Hydrological Cycle and the Wisdom of God. **The Professional Geographer**, v. 21, n. 4, p. 296, 1969.

_____. Book review: TUAN, Yi-Fu. Topophilia: a Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values. **Geographical Review**, v. 65, n. 3, p. 423-424, Jul. 1975.

_____. Book review: TUAN, Yi-Fu. Segmented Worlds and Self: Group Life and Individual Consciousness. **Annals of the Association fo American Geographers**, v. 74, n. 1, p. 179-181, Mar. 1984.

_____. Geografia, Experiência e Imaginação: em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 103-142.

McMANIS, Douglas. Book Review: TUAN, Yi-Fu. Segmented Worlds and Self: Group Life and Individual Consciousness. **Geographical Review**, v. 74, n. 2, p. 235-237, Apr. 1984.

MARANDOLA JR, Eduardo. Da Existência e da Experiência: Origens de um Pensar e de um Fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 1º sem. 2005a.

_____. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-420, 2005b.

_____. Arqueologia Fenomenológica: em Busca da Experiência. **Terra Livre**, Goiânia, ano. 21, v. 2, n. 25, p. 67-79, Jul./Dez. 2005.

_____. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Humanismo e Arte para uma Geografia do Conhecimento. **Geosul**, v. 25, n. 49, p. 7-26, Jan./Jun. 2010.

_____. Lugar enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o Espaço do Lugar?**: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012a. p. 227-248.

_____. Nota do Tradutor. RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o Espaço do Lugar?**: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b. p. 25.

_____. Topofilia: um Clássico Geográfico. **Geografia**, Rio Claro, v. 38, n. 2, p. 423-428, Mai./Ago. 2013.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (Re)Pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-102.

_____. A Humanística Perspectiva do Espaço e do Lugar. **Revista ACTA Geográfica**, v. 5, n. 9, p. 7-14, Jan./Jun. 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

OLIVEIRA, Livia de. Que é Geografia? **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21 e 22, p. 89- 95, Jan./Dez. 1999.

_____. A Construção do Espaço, Segundo Jean Piaget. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 17, n. 33, p. 105-117, Dez. 2005.

_____. Humanismo em Geografia: a contribuição brasileira. In: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, 1, 2008, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, Mai. 2008.

_____. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o Espaço do Lugar?:** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

PÁDUA, Letícia. Um convite à busca com Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**. v. 3, n. 1, p. 79-83, verão 2013.

PICKLES, John. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Tradução Oswaldo Bueno Amorim Filho. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 41-45.

PORTER, Philip W.; LUKERMANN, Fred E. The Geography of Utopia. In: LOWENTHAL, David; BOWDEN, Martyn (eds). **Geographies of the Mind**. New York: Oxford University Press, 1976. Cap 8. p. 197-223.

RELPH, Edward Charles "Ted". Humanism, Phenomenology, and Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 67, n. 1, p. 177-179, 1977.

REPLH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. Tradução Eduardo Marandola Jr. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o Espaço do Lugar?:** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997. 782p.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. O mito no pensamento de Lèvi-Strauss. **Cadernos de Educação**, v. 7, n. 1, p. 61-86, 1999.

UK Synesthesia Association. **Synaesthesia Newsletter Junupdate**. v. 3, n. 4, p. 1-4, Aug. 2007

WEBSTER Collegiate Dictionary. **New Collegiate Dictionary**. 5a ed. Springfield: Merriam-Webster, 1977.

WRIGHT, John K. Terrae Incognitae: The Place of the Imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 38, n. 1, p. 1-15, Mar. 1947.

REFERÊNCIAS DE YI-FU TUAN

TUAN, Yi-Fu. Use of Simile and Metaphor in Geographical Description. **Professional Geographer**, v.9, n. 5, p. 8-11, 1957.

_____. Soil Evolution and Land Form Development. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 48, n. 3, p. 293-294, 1958.

_____. **Pediments in Southeastern Arizona**. Berkeley: University of California Press, 1959. 163 p. (Publications in Geography, vol. 13).

_____. Topophilia: or, Sudden Encounter with the Landscape. **Landscape**, v. 11, p. 29-32, Outono 1961.

_____. Book review: BATE, Walter Jackson. Classic to Romantic. **Landscape**, v. 11, n. 2, p. 40, 1962a.

_____. Structure, Climate, and Basin Land Forms in Arizona and New Mexico. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 52, n. 1, p. 51-68, Mar. 1962b.

_____. A Coastal Reconnaissance of Central Panama. **The California Geographer**, v. 3, p. 77-96, 1962c.

_____. Book review: GATZ, Konrad; WALLENFANG, William. Color in Architecture. **Landscape**, v. 11, n. 3, p. 32, 1962d.

_____. Book review: FREEMEN, T.W. A Hundred Years of Geography. **Landscape**, v. 12, n. 2, p. 33-34, 1963a.

_____. Denudation Chronology: A Comment. **Professional Geographer**, v.15, n. 4, p. 40-42, 1963b.

_____. Latitude and Alfred Russel Wallace. **Journal of Geography**, v.12, p. 258-261, Sep. 1963c.

_____. Architecture and Human Nature. **Landscape**, v. 13, p. 16-19, Fall 1963d.

_____. Mountains, Ruins, and the Sentiment of Melancholy. **Landscape**, v. 14, p. 27-30, Fall 1964a.

_____. The Problem of Geographical Description. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 54, n. 3, p. 439, 1964b.

_____. Climate of New Mexico. **Summary of Reports on New Mexico's Natural Resources**, State Planning Office, Santa Fe, 1965a.

_____. Architecture and the Computer. **Landscape**, v. 14, p. 12-14, Winter 1965b.

_____. 'Environment' and 'World'. **Professional Geographer**, v. 17, n. 5, p. 6-8, Sep. 1965c.

_____. Man and Nature: An Eclectic Reading. **Landscape**, v. 15, p. 30-36, 1966a.

_____. New Mexico's Gullies: Critical Re-examination and New Observations. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 56, n. 4, p. 573-597, Dec. 1966b.

_____. Attitudes toward Environment: Themes and Approaches. In: LOWENTHAL, David (ed.). **Environmental Perception and Behavior**. Chicago: University of Chicago Press, 1967a. p. 4-17. (Department of Geography Research Series, n. 109).

_____. Book review: WRIGHT, John K. Human Nature in Geography. **Landscape**, v. 16, n. 3, p. 31-32, 1967b.

_____. Book review: MANUEL, Frank E. (ed). Utopias and Utopian. **Landscape**, v. 17, n. 1, p. 34, 1967c.

_____. Book review: SOPHER, David. Geography of Religion. **Landscape**, v. 17, n. 2, p. 38, 1968a.

_____. Book review: GLACKEN, Clarence J. Traces on the Rhodian Shore. **Geographical Review**, v. 58, n. 2, p. 308-309, 1968b.

_____. Lewis Mumford and the Quality of Life. **Geographical Review**, v. 58, n. 3, p. 570-573, Oct. 1968c.

_____. A Preface to Chinese Cities. In: BECKINSALE, R.P.; HOUSTON, J.M. (eds). **Urbanization and Its Problems**, Hoboken: Blackwell, 1968d. Cap. 9, p. 218-253.

_____. Discrepancies Between Environmental Attitude and Behavior: Examples from Europe and China. **The Canadian Geographer**, v. 12, p. 176-191, 1968e.

_____. **The Hydrological Cycle and the Wisdom of God**. Toronto: University of Toronto Press, 1968f. 160 p. (Research Publications, n.1).

_____; EVERARD, Cyril; WIDDISON, Jerold G. **The Climate of New Mexico**. Santa Fe: State Planning Office, 1969. 169 p.

_____. Our Treatment of Environment in Ideal and Actuality. **American Scientist**, v. 58, n. 3, p. 244-249, May/Jun. 1970a.

_____. **China**. London; Chicago: Longman's; Aldine, 1970b. 225 p.

_____. Environmental Attitudes. **Science Studies**, v. 1, n. 2, p. 215-224, 1971a.

_____. Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature. **The Canadian Geographer**, v. 15, n. 3, p. 181-192, Fall 1971b.

_____. **Man and Nature**. Washington: Association of American Geographers, 1971c. 49p. (Resource Paper, n. 10).

_____. Environmental Psychology: A Review – Book review: PROSHANSKY, Harold. Environmental Psychology: Man and his Physical Setting. **Geographical Review**, v. 62, n. 2, p. 245-256, Apr. 1972a.

_____. Structuralism, Existentialism, and Environmental Perception. **Environment and Behavior**, v. 4, p. 319-331, Sep. 1972b.

_____. Book review: MURPHY, Robert. The Dialectics of Social Life: Alarms and Excursions in Anthropological Theory. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 62, n. 3, p. 507-509, 1972c.

_____. Ambiguity in Attitudes Toward Environment. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 63, n. 4, p. 411-423, 1973a.

_____. Perceiving and Evaluating the World: Three Standpoints. In: LANEGRAN, D.A.; PALM, Risa (eds). **Invitation to Geography**, New York: McGraw-Hill, 1973b. Cap. 2, p. 21-31.

_____. Visual Blight: Exercises in Interpretation. In: LEWIS, Pierce; LOWENTHAL, David; TUAN, Yi-Fu. **Visual Blight**. Washington: Association of American Geographers, 1973c. p. 23-27. (Resource Paper, n. 23).

_____. Book review: WAGNER, P.L. Environments and Peoples. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 63, n.1, p. 138-139, Mar. 1973d.

_____. Book review: BUTTIMER, Anne. Society and Milieu in the French Geographic Tradition. **Geographical Review**, v. 63, n. 3, p. 431-433, Jul. 1973e.

_____. Space and Place: Humanistic Perspective. **Progress in Geography**, v. 6, p. 211-252, 1974a.

_____. Commentary. In: BUTTIMER, Anne. **Values in Geography**. Washington: Association of American Geographers, 1974b. p. 54-58. (Resource Paper, n. 24).

_____. Book review: ITTLESON, W.H. Environment and Cognition. **Geographical Review**, v. 64, n. 1, p. 162-163, 1974c.

_____. Book review: WALTERS, A. Harry. Ecology, Food and Civilization. **Professional Geographer**, v. 26, n. 2, p. 226-227, May 1974d.

_____. Book review: GOULD, Peter; WHITE, Rodney. Mental Maps. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 65, n. 4, p. 589-591, 1974e.

_____. Place: An Experiential Perspective. **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, Apr. 1975a.

_____. Images and Mental Maps. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 65, n. 2, p. 205-212, 1975b.

_____. Environment and the Quality of Life. In: HAMMOND, Kenneth; MACINKO, George; FAIRCHILD, Wilma (eds). **Sourcebook on the Environment: a guide to the Literature**. Washington: Association of American Geographers, 1975c. p. 21-40.

_____. Book review: MANNERS, G.; MIKESELL, M. (eds). Perspective on Environment. **Geographical Review**, v. 65, n. 3, p. 408-410, Jul. 1975d.

_____. Ambigüidades nas Atitudes para com o Meio-Ambiente. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, IBGE, v. 33, n. 245, p. 5-23, Abr./Jun. 1975e.

_____. Humanistic Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, p. 266-276, 1976a.

_____. Reflections of Humanistic Geography. **Journal of Architectural Education**, v. 30, n. 1, p. 3-5, 1976b.

_____. Geopietty: A Theme in Man's Attachment to Nature and to Place. In: LOWENTHAL, David; BOWDEN, Martyn (eds). **Geographies of the Mind**. New York: Oxford University Press, 1976c. Cap 1. p. 11-39.

_____. Book review: LURIE, Edward. Nature and the American Mind: Louis Agassiz and the Culture of Science. **Journal of Historical Geography**, v. 2, n. 1, p. 88-89, 1976d.

_____. Book review: APPLETON, Jay. Experience of Landscape. **Professional Geographer**, v. 28, n. 1, p. 104-105, 1976e.

_____. Book review: ZUBE, Ervin et. al. Landscape Assessment: Value, Perceptions, and Resources. **Geographical Review**, v. 66, n. 3, p. 368-370, Jul. 1976f.

_____. Experience and Appreciation: The Child's Attitude to Environment. In: LINTON, David (ed). **Children, Nature, and the Urban Environment**. Washington: U.S.D.A. Proceedings, 1977a. p. 12-16.

_____. Nature Imitates Art: A Theme in Experiential Geography. In: DESKINS, Donald R. et al (eds). **Geographic Humanism, Analysis and Social Action**. Detroit: University of Michigan Press, 1977b. p. 27-46. (Geographical Publications, n. 17).

_____. Comment in Reply. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 67, n. 1, p. 177-178, Mar. 1977c.

_____. Book review: BUTZER, Karl. Early Hydraulic Civilization in Egypt. **Geographical Review**, v. 67, n. 3, p. 369-371, 1977d.

_____. The City: Its Distance from Nature. **Geographical Review**, v. 68, n. 1, p. 1-12, Jan. 1978a.

_____. Raw Emotion to Intellectual Delight. **Landscape**. v. 27, n. 2, p. 132-134, Mar. 1978b.

_____. Sign and Metaphor. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 68, n. 3, p. 363-372, 1978c.

_____. Sacred Space: Exploration of an Idea. In: BUTZER, Karl W. (ed). **Dimensions of Human Geography: Essays on Some Familiar and Neglected Themes**. Chicago: University of Chicago Press, 1978d. Cap. 6. p. 84-99. (Research Paper, n. 186).

_____. Literature and Geography: Implications for Geographical Research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn (eds). **Humanistic Geography: Prospects and Problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978e. p. 194-206.

_____. Children and the Natural Environment. In: ALTMAN, Irwin; WOHWILL, Joachim F. (eds). **Children and the Environment**. Vol. 3. New York: Plenum Press, 1978f. p. 5-32.

_____. Book review: WILLIAMS, Raymond. The Country and the City. **Landscape**, v. 22, n. 3, p. 19-20, 1978g.

_____. Sight and Pictures. **The Geographical Review**, v. 69, n. 4, p. 413-422, Oct. 1979a.

_____. Thought and Landscape: The Eye and the Mind's Eye. In: MEINIG, D.W. (ed). **The Interpretation of Ordinary Landscapes**. New York: Oxford University Press, 1979b. p. 89-102.

_____. Book review: ROWLES, Graham. Prisoners of Space? Exploring the Geographical Experience of Older People, **Geographical Survey**, v. 8, n. 2, p. 31-33, 1979c.

_____. Book review: BURGESS, Jacqueline A. Image and Identity. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 69, n. 2, p. 323-325, Jun. 1979d.

_____. **Topofilia**: um Estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980a. 288 p.

_____. Rootedness versus Sense of Place. **Landscape**, v. 24, n.1, p. 3-8, 1980b.

_____. The Significance of the Artifact. **Geographical Review**, v. 70, n. 4, p. 462-472, Oct. 1980c.

_____. Comment. **Current Anthropology**, v. 21, n. 4, p. 499-500, Aug. 1980d.

_____. Book review: PARKES, D.N.; THRIFT, N.J. Times, Spaces and Places: A Chronogeographic Perspective. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 71, n. 2, p. 292-295, 1981.

_____. Book review: PRICE, Larry W. Mountains and Man. **The Sciences**, p. 25-27, Apr. 1982a.

_____. **Segmented Worlds and Self**: Group Life and Individual Consciousness. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982b. 222 p.

_____. **Espaço e Lugar**: a Perspectiva da Experiência. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983a. 250p.

_____. Geographical Theory: Queries from a Cultural Geographer. **Geographical Analysis**, v. 15, n. 1, p. 69-72, Jan. 1983b.

_____. Orientation: An Approach to Human Geography. **Journal of Geography**, v. 82, n.1, p. 11-14, Jan./Feb. 1983c.

_____. Literature and Geographies. **Federation Reports: The Journal of the State Humanities Councils**, v. 6, n. 3, p. 26-27, 1983d.

_____. Dance, Waters, Dance. **The Sciences**, v. 23, n. 5, p. 69-70, 1983e.

_____. Moral Ambiguity in Architecture. **Landscape**, v. 27, n. 3, p. 11-17, 1983f.

_____. Book review: MITCHELL, Bruce; DRAPER, Dianne. Relevance and Ethics in Geography. **Economic Geography**, v. 59, n. 4, p. 445-448, 1983g.

_____. Continuity and Discontinuity. **Geographical Review**, v. 74, n. 3, p. 245-256, 1984a.

_____. In Place, Out of Place. In: RICHARDSON, Mills (ed). **Geoscience and Man**. Baton Rouge: Louisiana State University, 1984b. p. 3-10. (Geoscience Publications, v. 24).

_____. Book review: GOULD, Peter; OLSSON, Gunnar (eds). A Search for Common Ground. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 74, n. 1, p. 174-178, 1984c.

_____. Book review: HIGUCHI, Tadahiko. The visual and spatial structure of landscapes. **American Geographical Society**, v. 74, n. 1, p. 112-114, Jan. 1984d.

_____. **Dominance and Affection: The Making of Pets**. New Haven: Yale University Press, 1984e. 193 p.

_____. The Landscapes of Sherlock Holmes. **Journal of Geography**, v. 84, n.2 , p. 56-60, 1985a.

_____. Immigrant Artists: A Conceptual Framework. In: **Contemporary Immigrant Artists: The American Experience**. Philadelphia: Balch Institute of Ethnic Studies, 1985b. p. 23-25.

_____. Book review: LE GOFF, Jacques. The Birth of Purgatory. **Journal of Historical Geography**, v. 11, n. 4, p. 447-448, 1985c.

_____. Strangers and Strangeness. **Geographical Review**, v. 76, n. 1, p. 10-19, Jan. 1986a.

_____. Book review: HEARNE, Vicki. Adam's Task: Calling Animals by Name. **The New York Times Book Review**, p. 10-11, Sep. 1986b.

_____. **The Good Life**. Madison: University of Wisconsin Press, 1986c. 191 p.

_____. Attention: Moral-Cognitive Geography. **Journal of Geography**, v. 86, n.1 ,p. 11-13, Jan./Feb. 1987a.

_____. Social Science as Moral Inquiry. In: WESTHUES, Kenneth (ed). **Basic Principles for Social Science in Our Time**. Waterloo: University of St. Jerome's College Press, 1987b. p. 92-103.

_____. Book review: PENNING-ROWSELL, Edmund C.; LOWENTHAL, David (eds). Landscape Meanings and Values. **Journal of Geography**, v. 86, n. 4, p. 181-182, 1987c.

_____. Book review: YATES, Steven A. (ed). The Essential Landscape: The New Mexico Photographic Survey. **Journal of Historical Geography**, v. 13, n. 4, p. 450, 1987d.

_____. Secret Glimpses. **TDR: The Drama Review**, v. 32, n. 1, p. 8-9, Spring 1988a.

_____. The City as a Moral Universe. **Geographical Review**, v. 78, n. 3, p. 316-324, 1988b.

_____. On the Rewarding Human Life. In: NORWINE, Jim; GONZALES, Alfonso (eds). **The Third World: States of Mind and Being**. Boston: Unwin Hyman, 1988c. Cap 1. p. 9-14.

_____. Book review: STEIN, Howard F. Development Time, Cultural Space. **Journal of Historical Geography**, v. 14, n. 2, p. 228, 1988d.

_____. Book review: KUNZE, Donald. Thought and Place: The Architecture of Eternal Places in the Philosophy of Giambattista Vico. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 78, n.2, p. 228, 1988e.

_____. Surface Phenomena and Aesthetic Experience. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 79, n. 2, p. 233-241, 1989a.

_____. Cultural Pluralism and Technology. **Geographical Review**, v. 79, n. 3, p. 269-279, 1989b.

_____. Traditional: What Does It Mean? In: BOURDIER, Jean-Paul; ALSAYAD, Nezar (eds). **Dwellings Settlements and Tradition**. Lanham: University Press of America, 1989c. p. 27-34.

_____. Environment, Behavior, and Thought. In: BOAL, Frederick W.; LIVINGSTONE, David N. (eds). **The Behavioral Environment: Essays in Reflection, Application, and Re-evaluation**. London/New York: Routledge, 1989d. Cap 4. p. 77-81.

_____. Book review: BROWN, Donald. Hierarchy, History, and Human Nature. **Journal of Historical Geography**, v. 15, n. 3, p. 378-379, 1989e.

_____. Book review: GOLLEDGE, Reginald et al. A Ground for Common Search. **Professional Geographer**, v. 41, n. 3, p. 378-379, 1989f.

_____. **Morality and Imagination: Paradoxes of Progress**. Madison: University of Wisconsin Press, 1989g. 209 p.

_____. Realism and Fantasy in Art, History, and Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 80, n. 3, p. 435-446, 1990a.

_____. Reply. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 80, n. 3, p. 457, 1990b.

_____. Space and Context. In: SCHECHNER, Richard; APPEL, Willa (eds). **By Means of Performance: Intercultural Studies of Theatre and Ritual**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990c. p. 236-244.

_____. Paradoxical Images of the American West. In: MURPHY, Ellen M.; KNAPP, Jeane M.(eds). **Kaleidoscope of History**. Milwaukee: The University of Wisconsin, 1990d. p. 104-106. (American Geographical Society Collection Special Publication, n. 1).

_____. A View of Geography. **Geographical Review**, v. 81, n. 1, p. 99-107, Jan. 1991a.

_____. Book review: BISHOP, Peter. The Myth of Shangri-la: Tibet, travel, writing and the westerners creation of sacred landscape. **Comparative Studies in Society and History**, v. 33, n. 3, Jul. 1991b.

_____. Thoughts on Linking the Physical and Human Sciences. **Research and Exploration**, v. 7, n. 2, p. 370, 1991c.

_____. Language and the Making of Place: A Narrative-Descriptive Approach. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 81, n. 3, p. 684-696, 1991d.

_____. Book review: GIFFORD, Don. The Farther Shore: A Natural History of Perception, 1798-1984. **Geographical Review**, v. 81, n. 2, p. 236-238, Apr. 1991e.

_____. Community and Place: A Skeptical View. In: WONG, Shue Tuck (ed). **Person, Place and Thing: Interpretative and Empirical Essays in Cultural Geography**. Baton Rouge: Louisiana State University, 1992a. Cap. 3, p. 47-60 (Geoscience Publications, v. 31).

_____. Place and Culture: Analeptic for Individuality and the World's Indifference In: FRANKLIN, Wayne; STEINER, Michael (eds). **Mapping American Culture**. Iowa: University of Iowa Press, 1992b. p. 27-49.

_____. Book review: MEYER, Jeffrey F. The Dragons of Tiananmen: Beijing as Sacred City. **Journal of Asian Studies**, v. 51, n. 1, p. 149-150, Feb. 1992c.

_____. Book review: ENTRIKIN, J. Nicholas. The Betweenness of Place. **Geographical Review**, v.82, n. 1, p. 85-86, Jan. 1992d.

_____. Foreword. In: BUTTIMER, Anne. **Geography and the Human Spirit**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993a, p. ix-xi.

_____. Desert and Ice: Ambivalent Aesthetics. In: KEMAL, Salim; GASKELL, Ivan (eds). **Landscape, Natural Beauty and the Arts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993b. p. 139-157.

_____. Book review: APPLETON, Jay. The Symbolism of Habitat. **Progress in Human Geography**, v. 17, n. 1, p. 123-124, Mar. 1993c.

_____. **Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture**. Washington: Island Press, 1993d. 288 p.

_____. The City and Human Speech. **Geographical Review**, v. 84, n. 2, p. 144-151, Apr. 1994a.

_____. Environmentalism and the City: A Historical-Cultural Note. **Ecumene**, v. 1, n. 2, p. 121-126, 1994b.

_____. Response. **Progress in Human Geography**, v. 18, n. 3, p. 358-359, Sep. 1994c.

_____. Charting the Actual and the Imagined. **Natural History**, v. 103, n.7, p. 26-30, Jul. 1994d.

_____. Book review: ZHAO, Qiquang. A Study of Dragons: East and West. **Journal of Asian Studies**, v. 53, n. 1, p. 154-155, Feb. 1994e.

_____. Why are you a Geographer? **The Geographical Bulletin**, v. 37, n. 1, p. 5-6, 1995a.

_____. Island Selves: Human Disconnectedness in a World of Indifference. **Geographical Review**, v. 85, n. 2, p. 229-239, Apr. 1995b.

_____. Book review: JACKSON, J.B. A Sense of Place, A Sense of Time. **Geographical Review**, v. 85, n. 1, p. 103-104, Jan. 1995c.

_____. Home and World, Cosmopolitanism and Ethnicity: Key Concepts in Contemporary Human Geography. In: DOUGLAS, Ian; HUGGETT, Richard; ROBINSON, Mike (eds). **Companion Encyclopedia of Geography: From Local to Global**. London/New York: Routledge, 1996a. p. 939-951.

_____. **Cosmos and Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996b. 204 p.

_____. Sense of Place: What Does It Mean to be Human? **American Journal of Theology and Philosophy**. v.18, n. 1, p. 47-58, 1997a.

_____. Escapism: Another Key to Cultural-Historical Geography. **Historical Geography**, v. 25, p. 10-24, 1997b.

_____. Wisconsin: Place, Time, Model. In: OSTERGREN, Robert; VALE, Thomas (eds). **Wisconsin Land and Life**. Madison: University of Wisconsin Press, 1997c. p. 531-544.

_____. Book review: FIELD, Steven; BASSO, Keith H. Senses of Place. **Western Folklore**, v. 56, n. 1, p. 92-94, Winter 1997d.

_____. Book review: DODGSHON, Roger A. Society in Time and Space: A Geographical Perspective on Change. **Geographical Review**, v. 88, n. 3, p. 444-445, Jul. 1998a.

_____. **Escapism**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998b. 245 p.

_____. A Life of Learning. **Charles Homer Haskins Lecture**. New York: American Council of Learned Societies 1998c. (Occasional Paper, n. 42).

_____. Geography and Evil: A Sketch. In: PROCTOR, James D.; SMITH, David M. (eds). **Geography and Ethics: Journeys in Moral Terrain**. London/New York: Routledge, 1999a. p. 106-119.

_____. **Who Am I?** An Autobiography of Emotion, Mind, and Spirit. Madison: University of Wisconsin Press, 1999b. 137 p.

_____. The Lure of Good: Scale and Commitment. **Wisconsin Academy Review**, v. 46, n. 1, p. 25-27, Inverno 2000a.

_____. Maps and Art: Identity and Utopia. In: SILBERMAN, Robert. **World Views: Maps & Art**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000b. p. 11-24.

_____. The Desert and I: A Study in Affinity. **Michigan Quarterly Review**, v. 40, n. 1, p. 7-16, Winter 2001a.

_____. Life as a Field Trip. **Geographical Review**, v. 91, n. 1-2, p. 41-45, Jan./Apr. 2001b.

_____. Cosmos versus Hearth. ADAMS, Paul; HOELSCHER, Steven; TILL, Karen (eds). **Textures of Place: Exploring Humanistic Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001c. p. 319-325.

_____. Progress and Anxiety. In: SACK, Robert D. (ed). **Progress: Geographical Essays**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002a. Cap. 4. p. 78-96.

_____. Foreword. In: OLWIG, Kenneth R. **Landscape, Nature, and the Body Politic: From Britain's Renaissance to America's New World**. Madison: University of Wisconsin Press, 2002b. p. xi-xx.

_____. Community, Society, and the individual. **Geographical Review**, v. 92, no 3, Jul. 2002c.

_____. **Dear Colleague: Common and Uncommon Observations**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002d. 223 p.

_____. On Human Geography. **Daedalus**, v. 132, n. 2, p. 134-137, Spring 2003a.

_____. Perceptual and Cultural Geography: A Commentary. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 93, n. 4, p. 878-881, 2003b.

_____. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 94, no. 4, p. 729-733, 2004a.

_____. Home. In: HARRISON, Stephen; PILE, Steve; THRIFT, Nigel (eds). **Patterned Ground: Entanglements of Nature and Culture**. London: Reaktion Books, 2004b. p. 164-165.

- _____. **Place, Art, and Self.** Santa Fe: Center for American Places, 2004c. 86 p.
- _____. **Paisagens do Medo.** Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005a. 374 p.
- _____. **Lecture: Humanistic Geography – a personal view.** Beijing: Beijing Normal University, 2005b.
- _____. **Coming Home to China.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007. 178 p.
- _____. **Human Goodness.** Madison: University of Wisconsin Press, 2008a. 232 p.
- _____. Book review: BLIJ, Harm de. The Power of Place: Geography, destiny, and globalization's rough landscape. **Nature**, v. 455, n. 11, p. 168-169, Sep. 2008b.
- _____. Book Review: COSGROVE, D.; DELLA DORA, V. (ed). High Places: cultural geographies of mountains, ice and science. **Geographical Review**, v.34, n. 3, p. 403-405, 2008c.
- _____. **Religion: from place to placelessness.** Chicago: Center for American Places; University of Chicago Press, 2009. 165 p.
- _____. A new Cosmopolitanism. **The Chronicle Review**, v. 57, n.2, 2010.
- _____. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. Tradução Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 8-19, Inverno 2011.
- _____. **Humanist Geography: an individual's search for meaning.** Virginia: George F. Thompson Publishing, 2012. 181 p.

APÊNDICES

A. Currículo de Tuan organizado e numerado cronologicamente, colorido por década

LEGENDA DE CORES		
Década	Cor	Intervalo
1950		1-3
1960		4-27
1970		28-75
1980		76-114
1990		115-151
2000		152-171
2010		172-173

LEGENDA DE CÓDIGOS	
Código + número	Tipo de publicação
nº	Artigos de periódico
A + nº	Resumos
L + nº	Livros
R + nº	Resenhas
O + nº	Comentários e réplicas
P + nº	Professional Papers

Curriculum Vitae Yi-Fu Tuan

1. 1957 – 02 - “Use of Simile and Metaphor in Geographical Description,” Professional Geographer, 1957, Vol. 9, 8-11.
2. 1958 – A 02 - “Soil Evolution and land Form Development,” Annals of the Association of American Geographers, September, 1958 (abstract), Vol. 48, no. 3, 293-294.
3. 1959 – L01 - Pediments in Southeastern Arizona, University of California Publications in Geography, 1959, Vol. 13, 140 pp.
4. 1962 – 04 - “Structure, Climate, and Basin Land Forms in Arizona and New Mexico,” Annals of the Association of American Geographers, March, 1962, Vol. 52, 51-68.
5. 1962 – 05 - “A Coastal Reconnaissance of Central Panama,” The California Geographer, Kesseli Festschrift, 1962, Vol. 3, 77-96.
6. 1962 – R 02 - (Book review) Walter Jackson Bate, Classic to Romantic in Landscape, 1961-1962, Vol. 11, no. 2, 40.
7. 1962 – R 03 - (Book review) T.W. Freeman, A Hundred Years of Geography in Landscape, 1962-1963, Vol. 12, no. 2, 33-34.
8. 1962 – R 04 - (Book review) Konrad Gatz and William Wallenfang, Color in Architecture in Landscape, 1962, Vol. 11, no. 3, 32.
9. 1963 – 06 - “Denudation Chronology: A Comment,” Professional Geographer, July, 1963, Vol. 15, 41-42.
10. 1963 – 07 - “Latitude and Alfred Russel Wallace,” Journal of Geography, September, 1963, Vol. 62, 258-261.
11. 1963 – 08 - “Architecture and Human Nature,” Landscape, Fall 1963, Vol. 13, 16-19.
12. 1964 – 10 - “Mountains, Ruins, and the Sentiment of Melancholy,” Landscape, Fall 1964, Vol. 14, 27-30.
13. 1964 – A 01 - “The Problem of Geographical Description,” Annals of the Association of American Geographers, September, 1964, Vol. 54 (abstract), 439.
14. 1965 – 13 - “Architecture and the Computer,” Landscape, Winter 1965, Vol. 14, 12-14.
15. 1965 – 14 - “‘Environment’ and ‘World’,” Professional Geographer, September, 1965, Vol. 17, 6-8.
16. 1966 – 15 - “Man and Nature: An Eclectic Reading,” Landscape, 1966, Vol. 15, 30-36.

17. 1966 – 16 - “New Mexico’s Gullies: Critical Re-examination and New Observations,” Annals of the Association of American Geographers, December, 1966, Vol. 56, 573-597.
18. 1967 – C 01 - “Attitudes toward Environment: Themes and Approaches,” in David Lowenthal, ed., Environmental Perception and Behavior, University of Chicago, Department of Geography Research Series no. 109, 1967, 4-17.
19. 1967 – R 07 - (Book review) John K. Wright, Human Nature in Geography in Landscape, 1967, Vol. 16, no. 3, 31-32.
20. 1967 – R 08 - (Book review) Frank E. Manuel, ed., Utopias and Utopian Thought in Landscape, 1967, Vol. 17, no. 1, 34.
21. 1967 – R 11 - (Book review) David Sopher, Geography of Religion in Landscape, 1967-1968, Vol. 17, no. 2, 38.
22. 1968 – 17 - “Discrepancies between Environmental Attitude and Behavior: Examples from Europe and China,” The Canadian Geographer, December, 1968, Vol. 12, 176-191. Reprinted in Paul English and Robert Mayfield, eds., Man, Space, and Environment, Maaroufa Press, 1974, 41-61; David and Eileen Spring, eds., Ecology and Religion in History, Harper Torchbook, 1974, 91-113.
23. 1968 – 18 - “Lewis Mumford and the Quality of Life,” Geographical Review, October, 1968, Vol. 58, 570-573.
24. 1968 – C 02 - “A Preface to Chinese Cities,” in R.P. Beckinsale and J.M. Houston, eds., Urbanization and Its Problems, Blackwell, 1968, chapter 9, 218-253.
25. 1968 – R 10 - (Book review) Clarence J. Glacken, Traces on the Rhodian Shore in Geographical Review, 1968, Vol. 58, no. 2, 308-309.
26. 1968 – L02 - The Hydrological Cycle and the Wisdom of God. University of Toronto Department of Geography Research Publications, no.1 , 1968, 160 pp.
27. 1969 – L 03 - The Climate of New Mexico, (with Cyril Everard and J.G. Widdison). Santa Fe: State Planning Office, 1969, 169 pp.
28. 1970 – 19 - “Our Treatment of Environment in Ideal and Actuality,” American Scientist, May-June, 1970, Vol. 58, 244-249. Reprinted in Robert M. Chute, Environmental Insight, Harper and Row, 1971, 27-34; John N. Day, F.F. Fost and P. Rose, Dimensions of the Environmental Crisis, John Wiley, 1971, 36-46.
29. 1970 – L 04 - China. Longman’s (London) and Aldine (Chicago), 1970, 225 pp.
30. 1971 – 20 - “Environmental Attitudes,” Science Studies, 1971, Vol. 1, no.2 , 215-224.
31. 1971 – 21 - “Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature,” The Canadian Geographer, Fall 1971, Vol. 15, 181-192.
32. 1971 – P 01 - Man and Nature, Resource Paper No. 10, Commission on College Geography, Association of American Geographers, Washington, DC, 1971, 49 pp.
33. 1972 – 01 - “Topophilia: or, Sudden Encounter with the Landscape,” Landscape, Fall 1961, Vol. 11, 29-32. Reprinted in Paul English and Robert Mayfield, Eds., Man, Space, and Environment, Oxford University Press, 1972, 534-538.
34. 1972 – 22 - “Environmental Psychology: A Review,” Geographical Review, 1972, Vol. 62, no. 2, 245-256. Yi-Fu Tuan
35. 1972 – 23 - “Structuralism, Existentialism, and Environmental Perception,” Environment and Behavior, September 1972, Vol. 4, 319-331.
36. 1972 – R 14 - (Book review) Robert Murphy, The Dialectics of Social Life: Alarms and Excursions in Anthropological Theory in Annals of the Association of American Geographers, 1972, Vol. 62, no. 3, 507-509.
37. 1973 – 24 - “Ambiguity in Attitudes Toward Environment,” Annals of the Association of American Geographers, 1973, Vol. 63, No. 4, 411-423.

38. 1973 – C 03 - “Perceiving and Evaluating the World: Three Standpoints,” in D.A. Lanegran and Risa Palm, eds., Invitation to Geography, McGraw-Hill, 1973.
39. 1973 – C 04 - “Visual Blight: Exercises in Interpretation,” in Pierce Lewis, ed., Visual Blight, Resource Paper no. 23, Association of American Geographers, 1973, 23-27.
40. 1973 – R 15 - (Book review) P.L. Wagner, Environments and Peoples in Annals of the Association of American Geographers, March 1973, 138-139.
41. 1973 – R 16 - (Book review) Anne Buttimer, Society and Milieu in the French Geographic Tradition in Geographical Review, July, 1973, 431-433.
42. 1974 – C 05 - “Space and Place: Humanistic Perspective,” in C. Board, R.J. Chorley, P. Haggett, and D.R. Stoddart, eds., Progress in Geography, 1974, Vol. 6, 211-252.
43. 1974 – O 01 - (Commentary) Anne Buttimer, Values in Geography, Commission on College Geography, Resource Paper no. 24, Association of American Geographers, 1974, 54-58.
44. 1974 – R 18 - (Book review) W.H. Ittleson, Environment and Cognition in Geographical Review, 1974, Yi-Fu Tuan Vol. 64, no. 1, 162-163.
45. 1974 – R 19 - (Book review) A. Harry Walters, Ecology, Food and Civilization in Professional Geographer, May 1974, 54-58.
46. 1974 – R 20 - (Book review) Peter Gould and Rodney White, Mental Maps in Annals of the Association of American Geographers, 1974, Vol. 64, 589-591.
47. 1974 – L 05 - Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values, Prentice-Hall, 1974, 260 pp.
48. 1975 – 25 - “Place: An Experimental Perspective,” Geographical Review, 1975, Vol. 65, no. 2, 151-165.
49. 1975 – 26 - “Images and Mental Maps,” Annals of the Association of American Geographers, 1975, Vol. 65, no. 2, 205-213.
50. 1975 – C 06 - “Environment and the Quality of Life,” in G. Macinko, K. Hammond, and W. Fairchild, eds., Sourcebook on the Environment, Washington, DC: Association of American Geographers, 1975, Vol. 1, 25-61 (mimeographed).
51. 1975 – R 21 - (Book review) G. Manners and M. Mikesell, eds., Perspective on Environment in Geographical Review, July, 1975, Vol. 65, 408-410.
52. 1976 – 27 - “Humanistic Geography,” Annals of the Association of American Geographers, 1976, Vol. 66, no. 2, 266-276.
53. 1976 – 28 - “Reflections of Humanistic Geography,” Journal of Architectural Education, 1976, Vol. 30, no. 1, 3-5.
54. 1976 – C 07 - “Geopietty: A Theme in Man’s Attachment to Nature and to Place,” in D. Lowenthal and Martyn Bowden, eds., Geographies of the Mind, New York: Oxford University Press, 1976, 11-39.
55. 1976 – R 22 - (Book review) Edward Lurie, Nature and the American Mind: Louis Acassiz and the Culture of Science in Journal of Historical Geography, 1976, Vol. 2, no. 1, 88-89.
56. 1976 – R 23 - (Book review) Jay Appleton, Experience of Landscape in Professional Geographer, 1976, Vol. 25, no. 1, 104-105.
57. 1976 – R 24 - (Book review) Ervin Zube et. al., Landscape Assessment: Value, perceptions, and Resources in Geographical Review, 1976, Vol. 66, no. 3, 368-370.
58. 1977 – C 08 - “Experience and Appreciation: The Child’s Attitude to Environment,” in David Linton, ed., Children, Nature, and the Urban Environment, Washington, DC, U.S.D.A. Proceedings, 1977.
59. 1977 – C 09 - “Nature Imitates Art: A Theme in Experiential Geography,” in Donald R. Deskins, Jr., et al., eds., Geographic Humanism, Analysis and Social Action, Michigan Geographical Publication no. 17, 1977, 27-46.

60. 1977 – O 02 - “Comment in Reply” to Ted Relph, “Humanism, Phenomenology, and Geography,” Annals of the Association of American Geographers, 1977, Vol. 67, no. 1, 177-178.
61. 1977 – R 27 - (Book review) Karl Butzer, Early Hydraulic Civilization in Egypt in Geographical Review, 1977, Vol. 67, no. 3, 369-371.
62. 1977 – L 06 - Space and Place: The Perspectives of Experience, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1977, and London: Edward Arnold’s 1977, 227 pp. (paperback edition, University of Minnesota Press, 1979).
63. 1978 – 29 - “The City: Its Distance from Nature,” Geographical Review, 1978, Vol. 68, no. 1, 1-12.
64. 1978 – 30 - “Landscape’s Affective Domain: Raw Emotion to Intellectual Delight,” Landscape Architecture, March 1978, 132-134.
65. 1978 – 31 - “Sign and Metaphor,” Annals of the Association of American Geographers, 1978, Vol. 68, no. 3, 363-372.
66. 1978 – 32 - “Sight and Pictures,” The Geographical Review, 1979, Vol. 69, no. 4, 413-422.
67. 1978 – C 10 - “Sacred Space: Exploration of an Idea,” in Karl W. Butzer, ed., Dimensions of Human Geography, University of Chicago Department of Geography Research Paper 186, 1978, 84-99.
68. 1978 – C 13 - “Literature and Geography: Implications for Geographical Research,” in David Ley and Marwyn Samuels, eds., Humanistic Geography: Prospects and Problems, Chicago: Maaroufa Press, 1978, 194-206.
69. 1978 – C 14 - “Children and the Natural Environment,” in Irwin Altman and Joachim F. Wohlwill, eds., Children and the Environment, New York: Plenum Press, 1978, Vol. 3, 5-32.
70. 1978 – C 15 - “Space, Time, Place: A Humanistic Perspective,” in Tommy Carlstein, Don Parkes, and Nigel Thrift, eds., Timing Space and Spacing Time, 1978, Vol. 1 (Making Sense of Time), 7-16.
71. 1978 – R 28 - (Book review) Raymond Williams, The Country and the City in Landscapes, 1978, Vol. 22, no. 3, 19-20.
72. 1979 – C 16 - “Thought and Landscape: The Eye and the Mind’s Eye,” in D.W. Meinig, ed., The Interpretation of Ordinary Landscapes, New York: Oxford University Press, 1979, 89-102.
73. 1979 – R 29 - (Book review) Graham Rowles, Prisoners of Space? Exploring the Geographical Experience of Older People in Geographical Survey, 1979, Vol. 8, no. 2, 31-33.
74. 1979 – R 31 - (Book review) Jacqueline A. Burgess, Image and Identity in Annals of the Association of American Geographers, June, 1979, Vol. 69, no. 2, 323-325.
75. 1979 – L 07 - Landscapes of Fear, New York: Pantheon, 1970 and Blackwell’s, Oxford, 1980, 262 pp.
76. 1980 – 33 - “Rootedness versus Sense of Place,” Landscape, 1980, Vol. 24, no.1, 3-8.
77. 1980 – 35 - “The Significance of the Artifact,” Geographical Review, 1980, Vol. 70, no. 4, 462-472.
78. 1980 – O 03 - (Comment) on Georges Mounin, “The Semiology of Orientation in Urban Space,” in Current Anthropology, 1980, Vol. 21, no. 4, 500.
79. 1981 – R 33 - (Book review) D.N. Parkes and N.J. Thrift, Times, Spaces and Places: A Chronogeographic Perspective in Annals of the Association of American Geographers, 1981, Vol. 71, no. 2, 292-295.
80. 1982 – R 34 - (Book review) Larry W. Price, Mountains and Man in The Sciences, April, 1982, 25-27.

81. 1982 – L 08 - Segmented Worlds and Self Group Life and Individual Consciousness, University of Minnesota Press, 1982, 222 pp.
82. 1983 – 38 - “Geographical Theory: Queries from a Cultural Geographer,” Geographical Analysis, Vol. 15, no. 1, 1983, 69-72.
83. 1983 – 39 - “Orientation: An Approach to Human Geography,” Journal of Geography, Vol. 82, no.1, January-February, 1983, 11-14.
84. 1983 – 41 - “Literature and Geographies,” Federation Reports: The Journal of the State Humanities Councils, Vol. 6, no. 3, 1983, 26-27.
85. 1983 – 43 - “Dance, Waters, Dance,” The Sciences, Vol. 23, no. 5, 1983, 69-70.
86. 1983 – 44 - “Moral Ambiguity in Architecture,” Landscape, Vol. 27, no. 3, 1983, 11-17.
87. 1983 – R 36 - (Book review) Bruce Mitchell and Dianne Draper, Relevance and Ethics in Geography in Economic Geography, Vol. 59, no. 4, 1983, 445-448.
88. 1984 – 46 - “Continuity and Discontinuity,” Geographical Review, Vol. 74, no. 3, 1984, 245-256.
89. 1984 – C 18 - “In Place, Out of Place,” in Mils Richardson, ed., Geoscience and Man, Vol. 24, 1984, 3-10.
90. 1984 – R 37 - (Book review) Peter Gould and Gunnar Olsson, eds., A Search for Common Ground in Annals of the Association of American Geographers, Vol. 74, no. 1, 1984, 174-178.
91. 1984 – R s/n – (Book review) Tadahiko Higuchi, The visual and spatial structure of landscapes in American Geographical Society, Vol. 74, no 1, jan 1984, 112-114.
92. 1984 – L 09 - Dominance and Affection: The Making of Pets, New Haven, Yale University Press, 1984, 193 pp.
93. 1985 – 47 - “The Landscapes of Sherlock Holmes,” Journal of Geography, Vol. 84, no.2 , 1985, 56-60. (Received the Journal of Geography Award for best paper in 1984-1985.)
94. 1985 – C 19 - “Immigrant Artists: A Conceptual Framework,” in Contemporary Immigrant Artists: The American Experience, Balch Institute of Ethnic Studies, Philadelphia, 1985, 23-25.
95. 1985 – R 38 - (Book review) Jacques le Goff, The Birth of Purgatory in Journal of Historical Geography, Vol. 11, no. 4, 1985, 447-448.
96. 1986 – 49 - “Strangers and Strangeness,” Geographical Review, Vol. 78, no. 1, 1986, 10-19.
97. 1986 – R 40 - (Book review) Vicki Hearne, Adam’s Task: Calling Animals by Name in The New York Times Book Review, September 7, 1986, 10-11. Yi-Fu Tuan
98. 1986 – L 10 - The Good Life, Madison: University of Wisconsin Press, 1986, 191 pp.
99. 1987 – 52 - “Attention: Moral-Cognitive Geography,” Journal of Geography, Vol. 86, no.1 , 1987, 11-13.
100. 1987 – C 20 - “Social Science as Moral Inquiry,” in Kenneth Westhues, ed., Basic Principles for Social Science in Our Time, Waterloo: University of St. Jerome’s College Press, 1987, 92-103.
101. 1987 – R 41 - (Book review) Edmund C. Penning-Roswell and David Lowenthal, eds., “Landscape Meanings and Values,” in Journal of Geography, Vol. 86, no. 4, 1987, 181-182.
102. 1987 – R 43 - (Book review) Steven A. Yates, ed., “The Essential Landscape: The New Mexico Photographic Survey,” in Journal of Historical Geography, Vol. 13, no. 4, 1987, 450.
103. 1988 – 54 - “Secret Glimpses,” TDR: The Drama Review, Vol. 32, no. 1, 1988, 8-9.

104. 1988 – 55 - “The City as a Moral Universe,” Geographical Review, Vol. 78, no. 3, 1988, 316-324.
105. 1988 – C 21 - “On the Rewarding Human Life,” in J. Norwine and A. Gonzales, eds., The Third World: States of Mind and Being, Boston: Unwin Hyman, 1988, 9-14.
106. 1988 – R 44 - (Book review) Howard F. Stein, “Development Time, Cultural Space,” in Journal of Historical Geography, Vol. 14, no. 2, 1988, 228.
107. 1988 – R 45 - (Book review) Donald Kunze, “Thought and Place: The Architecture of Eternal Places in the Philosophy of Giambattista Vico,” Annals of the Association of American Geographers, Vol. 78, no.2 , 1988, 228.
108. 1989 – 56 - “Surface Phenomena and Aesthetic Experience,” in Annals of the Association of American Geographers, Vol. 79, no. 2, 1989, 233-241.
109. 1989 – 58 - “Cultural Pluralism and Technology,” Geographical Review, Vol. 79, no. 3, 1989, 269-279.
110. 1989 – C 22 - “Traditional: What Does It Mean?” in Jean-Paul Bourdier and Nezar Alsayyad, eds., Dwellings Settlements and Tradition, Lanham, MD: University Press of America, 1989, 27-34.
111. 1989 – C 23 - “Environment, Behaviour, and Thought,” in Frederick W. Boal and David N. Livingstone, The Behavioural Environment: Essays in Reflection, application, and Re-evaluation, London and New York: Routledge, 1989, 77-81.
112. 1989 – R 46 - (Book review) Donald Brown, “Hierarchy, History, and Human Nature,” in Journal of Historical Geography, Vol. 15, no. 3, 1989, 378-379.
113. 1989 – R 47 - (Book review) Reginald Golledge, et. al., “A Ground for Common Search,” in Professional Geographer, Vol. 41, no. 3, 1989, 378-379.
114. 1989 – L 11 - Morality and Imagination: Paradoxes of Progress, Madison; University of Wisconsin Press, 1989, 209 pp.
115. 1990 – 61 - “Realism and Fantasy in Art, History, and Geography,” Annals of the Association of American Geographers, Vol. 80, no. 3, 1990, 435-446.
116. 1990 – 62 - “Reply to Yi-Fu Tuan, Politics, and Art,” Annals of the Association of American Geographers, Vol. 80, no. 3, 1990, 457.
117. 1990 – C 24 - “Space and Context,” in Richard Schechner and Willa Appel, eds., By Means of Performance: Intercultural Studies of Theatre and Ritual, Cambridge: Cambridge University Press, 1990, 236-244.
118. 1990 – C 25 - “Paradoxical Images of the American West,” in Ellen M. Murphy and Jeane M. Knapp, Kaleidoscope of History, American Geographical Society Collection Special Publication, no. 1, 1990, 104-106.
119. 1991 – 63 - “A View of Geography,” Geographical Review, Vol. 81, no. 1, 1991, 99-107.
120. 1991 - Review BISHOP, Peter, The Myth of Shangri-la: Tibet, travel, writing and the westerns creation of sacred landscape, CSSH Notes, 1991
121. 1991 – 65 - “Thoughts on Linking the Physical and Human Sciences,” Research and Exploration, Vol. 7, no. 2, 1991, 370.
122. 1991 – 66 - “Language and the Making of Place: A Narrative-Descriptive Approach,” Annals of the Association of American Geographers, Vol. 81, no. 3, 1991, 684-696.
123. 1991 – R 50 - (Review) of Don Gifford, “The Farther Shore: A Natural History of Perception, 1798-1984,” (1990), Geographical Review, Vol. 81, no. 2, 1991, 236-238.
124. 1992 – C 27 - “Community and Place: A Skeptical View,” in S.T. Wong, ed., Person, Place and Thing, Yi-Fu Tuan in Geoscience and Man, Vol. 31, 1992, 47-59.

125. 1992 – C 28 - "Place and Culture: Analeptic for Individuality and the World's Indifference," in Wayne Franklin and Michael Steiner, eds., Mapping American Culture, University of Iowa Press, 1992, 27-49.
126. 1992 – R 51 - (Review) of Jeffrey F. Meyer, "The Dragons of Tiananmen: Beijing as Sacred City," in Journal of Asian Studies, Vol. 51, no. 1, 1992, 149-150.
127. 1992 – R 52 - (Review) of J. Nicholas Entrikin, "The Betweenness of Place," in Geographical Review, Vol. 82, no. 1, 1992, 85-86.
128. 1993 – C 29 - (Foreword) to Anne Buttimer's Geography and the Human Spirit, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993), ix-xi.
129. 1993 – C 30 - "Desert and Ice: Ambivalent Aesthetics," in Salim Kemal and Ivan Gaskell, eds., Landscape, Natural Beauty and the Arts, Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 139-157.
130. 1993 – R 53 - (Review) of Jay Appleton, "The Symbolism of Habitat," in Progress in Human Geography, Vol. 17, 1993, 123-124.
131. 1993 – L 12 - Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, Culture (Washington, DC: Island Press, 1993) 288 pp.
132. 1994 – 67 - "The City and Human Speech," Geographical Review, Vol. 84, 1994, 144-151.
133. 1994 – 68 - "Environmentalism and the City: A Historical-Cultural Note," Ecumene, Vol. 1, no. 2, 1994, 121-126.
134. 1994 – 70 - "Response," [Classics in Human Geography Revisited], Progress in Human Geography, Vol. 18, no. 3, 1994, 358-359.
135. 1994 – R 56 - "Charting the Actual and the Imagined," [Review of History of Cartography, Vol. 2, Book 2], Natural History, July, 1994, 26-30.
136. 1994 – R 57 - (Review) of Qiquang Zhao, "A Study of Dragons: East and West," in Journal of Asian Studies, Vol. 53, no. 1, 1994, 154-155.
137. 1995 – 72 - "Why are you a Geographer?" The Geographical Bulletin, Vol. 37, no. 1, 1995, 5-6.
138. 1995 – 74 - "Island Selves: Human Disconnectedness in a World of Indifference," Geographical Review, Vol. 85, no. 1, 1995, 229-239.
139. 1995 – R 58 - (Review) of J.B. Jackson, "A Sense of Place, A Sense of Time," in Geographical Review, Vol. 85, no. 1, 1995, 103-104.
140. 1996 – C 32 - "Home and World, Cosmopolitanism and Ethnicity: Key Concepts in Contemporary Human Geography," in Ian Douglas, Richard Huggett, and Mike Robinson, eds., Companion Encyclopedia of Geography: The Environment and Humankind, London and New York: Routledge, 1996, 939-951.
141. 1996 – L 13 - Cosmos and Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, 204 pp.
142. 1997 – 75 - "Sense of Place: What Does It Mean to be Human?" American Journal of Theology and Philosophy, Vol. 18, no. 1, 1997, 47-58.
143. 1997 – 76 - "Yi-Fu Tuan: An Interview," Terra Nova: Nature and Culture, Vol. 2, no. 1, 1997, 85-95.
144. 1997 – 77 - "Escapism: Another Key to Cultural-Historical Geography," Historical Geography, Vol. 25, 1997, 10-24.
145. 1997 – C 33 - "Wisconsin: Place, Time, Model," in Robert Ostergren and Thomas Vale, eds., Wisconsin Land and Life, Madison: University of Wisconsin Press, 1997, 531-544.
146. 1997 – R 59 - (Review) of Steven Field and Keith H. Basso, "Senses of Place," in Western Folklore, Vol. 56, 1997, 92-94.

147. 1998 – R 61 - Review of Roger A. Dodgshon, "Society in Time and Space: A Geographical Perspective on Change," in Geographical Review, Vol. 88, no. 3, 444-445.
148. 1998 – L 14 - Escapism, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998, 245 pp.
149. 1999 – 78 - "The Lure of Good: Scale and Commitment," Wisconsin Academy Review, Vol. 46, no. 1, Winter 1999-2000, 25-27.
150. 1999 – C 35 - "Geography and Evil: A Sketch," in James D. Proctor and David M. Smith, eds., Geography and Ethics: Journeys in Moral Terrain, Routledge, 1999, 106-119.
151. 1999 – L 15 - Who Am I? An Autobiography of Emotion, Mind, and Spirit, Madison: University of Wisconsin Press, 1999.
152. 2000 – C 36 - "Maps and Art: Identity and Utopia," in Robert Silberman, World Views and Art, University of Minnesota Press, 2000, 11-24.
153. 2001 – 79 - "The Desert and I: A Study in Affinity," Michigan Quarterly Review, Vol. XL, no. 1, Yi-Fu Tuan Winter 2001, 7-16.
154. 2001 – 80 - "Life as a Field Trip," Geographical Review, Vol. 91, 1-2, 2001, 41-45.
155. 2001 – C 39 - "Cosmos versus Hearth," in Paul Adams, Steven Hoelscher, and Karen Till, Textures of Place: Exploring Humanistic Geographies, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, 319-325.
156. 2002 – C 37 - "A Life of Learning," (reprint of Haskins lecture) in Peter Gould and Forrest R. Pitts, eds., Geographical Voices, Syracuse: Syracuse University Press, 2002, 323-340.
157. 2002 – C 38 - "Progress and Anxiety," in Robert D. Sack, ed., Progress: Geographical Essays, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002.
158. 2002 – C 40 - (Foreword) in Kenneth R. Olwig, Landscape, Nature, and the Body Politic: From Britain's Renaissance to America's New World, Madison: University of Wisconsin Press, 2002, xi-xx.
159. 2002 – S/n - "Community, Society, and the individual", Geographical Review, jul. 2002, Vol. 92, no 3.
160. 2002 – L 16 - Dear Colleague: Common and Uncommon Observations, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.
161. 2003 – 82 - "On Human Geography," Daedalus, Spring 2003, 134-137.
162. 2003 – O 04 - "Perceptual and Cultural Geography: A Commentary," Annals of the Association of American Geographers, 2003, Vol. 93, no. 4, 878-881
163. 2004 – 83 - "Cultural Geography: Glances Backward and Forward," Annals of the Association of American Geographers, 2004, Vol. 94, no. 4.
164. 2004 – C 42 - "Home," in Stephen Harrison, Steve Pile, and Nigel Thrift, eds., Patterned Ground: Entanglements of Nature and Culture, London: Reaktion Books, 2004, 164-165. Yi-Fu Tuan
165. 2004 – L 17 - Place, Art, and Self, Center for American Places, University of Virginia Press, 2004.
166. 2005 - Palestra "Humanistic Geography – a personal view" Beijing Normal University
167. 2007 – L 18 - Coming Home to China, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
168. 2008 – L 19 - Human Goodness, Madison: University of Wisconsin Press, 2008.

169. 2008 –R s/n – (Book Review) “There`s no place like home,” Harm de Blij, The Power of Place: Geography, destiny, and globalization`s rough landscape in Landscape, set 2008, Vol. 455, 168-169.
170. 2008 – R s/n – (Book Review) Cosgrove, D. and della Dora, V. (ed), High Places: cultural geographies of mountains, ice and science in Geographical Review, 2008, Vol.34, no. 3.
171. 2009 – L 20 – Religion: from place to placelessness, Center for American Places, University of Chicago Press, 2009.
172. 2010 – S/n – “A new Cosmopolitanism”, The Chronicle Review, 2010, Vol. 57, no.2.
173. 2012 – L 21 – Humanist Geography”an individual’s search for meaning

B. Temas trabalhados por Tuan por texto e por décadas

LEGENDA		
ANO	COR	INTERVALO
1957 – 1959		1-3
1960 – 1969		4-27
1970 – 1979		28-75
1980 – 1989		76-114
1990 – 1999		115-151
2000 – 2009		152-171
2010 – 2012		172-173

MATRIZES
Fenomenologia 15, 31, 32, 36, 42, 43, 44, 52, 73, 90, 114, 128, 134
Existencialismo 11, 31, 35, 134, 141
Humanismo 11, 15, 18, 22, 23, 52, 57, 128, 148, 149, 151, 173
Humanistic Geography 18, 42, 52, 53, 60, 65, 68, 74, 154, 156, 166
Humanist Geography 108, 119, 173
Estruturalismo 35
ESSÊNCIAS
Espaço 31, 42, 43, 47, 62, 67, 70, 77, 81, 88, 94, 98, 115, 117, 131, 141, 142, 143, 146, 151, 153, 161, 171, 173
Lugar 33, 34, 42, 43, 47, 48, 52, 54, 62, 65, 70, 76, 88, 89, 94, 95, 98, 107, 108, 122, 124, 125, 127, 129, 131, 133, 141, 142, 146, 151, 155, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 171
Home and Hearth 31, 33, 42, 48, 75, 77, 81, 109, 114, 119, 128, 129, 131, 134, 140, 141, 142, 143, 151, 153, 155, 158, 163, 164, 165, 167, 171
Mundo 15, 31, 32, 42, 47, 62, 65, 70, 81, 88, 89, 98, 114, 125, 140, 141, 143, 173
Tempo 16, 42, 47, 48, 62, 70, 76, 77, 79, 81, 88, 89, 117, 148, 153, 165, 167, 173
Corpo 11, 31, 62, 75, 98, 117, 148
Homem/natureza humana 11, 30, 32, 35, 42, 92, 93, 98, 115, 119, 127, 138
[meio] Ambiente 15, 18, 22, 28, 30, 31, 34, 37, 38, 47, 50, 69, 92, 93, 111, 133, 150

Natureza
22, 26, 29, 30, 32, 33, 50, 54, 59, 69, 77, 88, 93, 96, 98, 131, 142, 144, 148, 160, 163
Paisagem
01, 02, 04, 05, 12, 16, 18, 29, 33, 39, 53, 54, 56, 67, 71, 72, 75, 91, 92, 93, 107, 110, 118, 122, 130, 131, 148, 153, 155, 158
PERSISTÊNCIAS
Elementos Epistemológicos
Experiência
33, 35, 37, 42, 47, 48, 53, 58, 59, 62, 68, 66, 67, 70, 76, 77, 82, 89, 98, 108, 111, 153
Percepção
13, 29, 31, 35, 39, 43, 46, 47, 49, 57, 59, 62, 68, 69, 82, 114, 130, 162
Atitudes
16, 18, 22, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 39, 47, 50, 53, 75, 108, 118, 129, 131, 134, 141, 144, 163
Comportamento
22, 28, 30, 31, 34, 35, 36, 38, 42, 46, 47, 49, 52, 65, 69, 81, 82, 111, 115, 124
Sentidos
35, 38, 39, 42, 47, 48, 58, 59, 62, 65, 66, 81, 89, 108, 131, 138, 140, 148, 161, 166, 173
Estética
13, 16, 26, 28, 38, 39, 42, 53, 66, 71, 80, 91, 108, 116, 129, 130, 131, 133, 148, 166, 171, 173
Poder
22, 67, 72, 85, 86, 87, 92, 109, 130, 132, 143, 150, 151, 156, 158, 161, 163, 171, 173
Linguagem
01, 12, 13, 37, 65, 66, 68, 77, 97, 111, 114, 122, 131, 132, 138, 148, 151, 159, 161, 162, 166, 173
Self
11, 38, 43, 47, 77, 81, 86, 88, 98, 114, 115, 125, 138, 141, 148, 153, 155, 159, 165, 173
Comunidade
11, 31, 47, 67, 81, 86, 96, 98, 104, 105, 114, 115, 124, 138, 141, 159, 171, 173
Variações Reais
Arte
33, 39, 48, 59, 68, 71, 72, 81, 84, 86, 92, 94, 98, 115, 117, 118, 125, 130, 131, 148, 152, 157, 159, 165, 173
Literatura
01, 06, 12, 13, 16, 18, 22, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 42, 43, 47, 54, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 92, 93, 94, 96, 98, 100, 104, 109, 110, 114, 117, 122, 124, 125, 129, 131, 132, 138, 140, 148, 150, 153, 159, 160, 161, 163, 165, 168, 171, 173
China/Europa/EUA
16, 18, 22, 24, 28, 29, 31, 32, 37, 42, 43, 47, 54, 59, 62, 63, 67, 69, 70, 75, 81, 86, 88, 89, 92, 96, 98, 99, 105, 109, 110, 114, 115, 118, 122, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 150, 151, 155, 157, 166, 167, 168, 171, 173
Jardins
16, 22, 32, 37, 47, 85, 92, 110, 114, 122, 157, 158
Cidade
06, 08, 11, 14, 16, 22, 24, 28, 31, 32, 37, 38, 42, 47, 48, 50, 54, 59, 62, 63, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 81, 84, 86, 89, 93, 94, 98, 104, 105, 108, 114, 122, 124, 129, 131, 132, 133, 140, 141, 142, 157, 166, 167, 173
Cultura (como foco de estudo)
35, 38, 72, 77, 79, 81, 82, 92, 96, 98, 109, 114, 122, 124, 125, 131, 132, 140, 141, 142, 143,

144,162, 166, 169,173	
Cultura Primitiva	
16,28, 30, 31, 32, 35, 37, 38, 42, 47, 50, 53, 59, 62, 75,76, 81, 88, 89, 92, 96, 98, 100, 105, 109, 114,122, 131, 138, 141, 144, 148, 150,157,173	
Cosmos	
16, 22, 24,31, 32, 37, 47, 59, 62,98, 105, 110,141, 143, 149,153, 158	
Cosmopolitanismo	
81, 94, 104, 105, 114,140, 141, 150,155, 167, 169,172, 173	
Religião	
11, 16, 18, 21, 22, 25, 26,28, 30, 32, 36, 37, 47, 52, 53, 54, 59, 62, 65, 66, 67, 70, 75,81, 86, 88, 89, 92, 95, 96, 98, 108, 109, 111, 114,117, 122, 129, 131, 132, 133, 134, 141, 142, 143, 144, 148, 149,153, 157,160, 167, 168, 171,173	
Moralidade	
86, 99, 100, 104, 108, 114,119, 122, 131, 133, 148, 150,157, 171,173	
Good (Life)	
98, 99, 105, 109, 110, 114,149, 151,168, 171,173	
Crianças e desenvolvimento infantil	
34, 38, 39, 42, 47, 49, 58, 59, 62, 64, 66, 69, 72, 75,81, 92, 96, 98,115, 125, 131, 148,157, 168	
IMPERMANENCIAS	
Aspectos Físicos da Geografia	
02, 03,04, 05, 09, 10, 17, 26, 27,29	
Arquitetura e design	
06, 08, 11, 14, 16,34, 62, 64, 65, 72,81, 86, 114,133,167, 171,173	
Topofilia	
33, 47, 134	
Progresso	
16,76, 98, 109, 114,157, 163, 171,173	
Escapismo	
18,50,81,115, 144, 138, 148,155	
Placelessness	
141, 142,171	
PENSAMENTOS DE DESPEDIDA	
O que é geografia	
31, 36, 43, 52, 53,82, 83, 87, 92, 108,115, 119, 121, 125, 128, 134, 137, 140,156, 161, 162, 163	

C. Autores e referências por texto

ADORNO, Theodor
92 - “Minima Moralia: reflections from damaged life” 108 - “Lyric, poetry and society”
ARENDT, Hanna
43 - “Men in dark times” 48, 77, 98, 140, 173 - “The human condition” 52 - “Between past and present” 89, 111 - “Thinking (part II)” 168 - “Responsibility and Judgment”
BACHELARD, Gaston
16, 33, 47 - “L’eau et les Rêves: essai sur l’imagination de la matière” 16, 31, 33, 48, 62, 81 - “La poétique de l’Espace” 33 - “A terra e os devaneios da vontade” 47 - “The Psychoanalysis of fire”
BERGSON, Henri
42, 43 - “Time and free will”
BOUVOIR, Simone
22 - “The long March” 62, 77 - “The coming of age” 114 - “Adieux” 131 - “Force of circumstance”
BUTTIMER, Anne
42 - “Social space in interdisciplinary perspective”
CASSIER, Ernst
62 - “The philosophy of symbolic forms” 62 - “The individual and the cosmos in renaissance philosophy”
CLARCK, Kenneth
39, 47, 59, 83 - “Landscape into art” 110 - “Civilization: a personal view” 115 - “The Blot and the diagram” 81 - “The romantic rebellion: romantic versus classical art” 47 - “Looking at pictures” 47 - “On the painting of the English landscape” 148 - “The Nude: a study in Ideal Form”
DARDEL, Eric

42 – “L’Homme et la terre: nature de la réalité géographique”
DAVIS, William Moris
3- “The ranges of the great basin” 3 – “The basin range problem” 3 – “The Santa Catalina Mountains, Arizona” 3 – “Granitic domes in the Mohave desert” 3 – “Sheetfloods and streamfloods” 4 - “The Galiuro Moun tains, Arizona” 17 – “An excursion to the plateau province of Utah and Arizona”
DICKENS, Charles
75, 98 – “Bleak house”
ELIOT, Thomas Stearns
43 “The love songs of J. Alfred Prufrock” 81 – “After strange gods: a primer modern heresy” 141 – “Little Gidding” 151 – “The use of Poetry and the Use of Criticism”
FOCAULT, Michel
75, 83 – “Madness and civilization: a history of insanity in the Age of Reason” 83, 86, 122 – “Discipline and punish: the birth of the prison” 122, 133, 140 – “Power/ Knowledge”
FREUD, Sigmund
131 – “Civilization and its discontents”
GEERTZ, Clifford
69 – “Deep Play: notes on the Balinese cockfight” 75 – “Myth, Symbol and culture” 108 – “Thick description: toward in interpretive theory of culture” 108 – “Slide Show: Evan-Pritchard’s African transparencies” 125 – “Works and lives: the anthropologist as an author”
GLACKEN, Clarence
18 – “Count Buffon on cultural changes of the physical environment” 22, 25, 26, 30, 32, 42, 47, 69, 114, 148 – “Traces on the Rhodian Shore”
Gregos
18 – Heródoto e Homero 22 – Platão e Sófocles 26 – Aristóteles e Homero 28 – Sófocles, Platão e Aristóteles 47 - Heródoto, Platão 59 – Platão 66 – Aristóteles e Platão 80 – Eratóstenes e Aristóteles

108 – Aristóteles e Platão 114 – Aristóteles 133 - Aristóteles
HEIDEGGER, Martin
15, 22 - VYCICNAS, V. Earth and Gods, an introduction to the philosophy of Martin Heidegger, The Hague, 1961 62 – “Art and space” 114 – “Building, Dwelling, Thinking”, in: Poetry, Language, Thought
HUXLEY, Aldo
18 - “Island” 26 – “Physiography: an introduction do the study of nature” 39, 96 – “Their Shining Eldorado” 52 – “The humanist frame” 98 – “Collected poetry” 115, 148, 173 – “Unpainted landscapes” 148 – “The doors of perception and heaven and Hell”
KIERKEGAARD, Søren
43 – “the last years: journals 1853-55”
LANGER, Suzanne
37, 42, 47, 49, 52, 59, 88, 98, 119, 131 – “Mind: an essay on feeling” 39, 42, 48, 62, 65 – “Feeling and form: a theory of art” 39 – “The social influence of design” 62, 65 – “Philosophy in a new key” 75 – “Infanticide: a historical survey”
LAWRENCE, D. H
18 – “Nottingham and the mining country” 69, 131, 173 – “Women in love”
LÉVI-STRAUSS, Claude
31, 32, 35, 38, 69, 83, 159, 171 – “The savage mind” 31 – “Structural anthropology” 32, 75 – “Tristes Tropiques” 35 – “The story of Asdiwal” 96 – “The view from Afar” 131, 173 – “Myth and meaning” 138, 148 – “Conversation with Claude Levi-Strauss” 173 – “The Raw and the Cooked”
LEWIS, C.S.
16, 32, 47 – “Studies in Words” 26, 47, 62, 66, 70, 75, 81, 98, 131, 157, 171 – “The discarded image” 38 – “The shoddy lands” 58 – “Out of the silent planet” 69 – “Underception”

<p>92 – “The allegory of love: a study in medieval tradition”</p> <p>98 – “Letters”</p> <p>98, 168 – “Reflection on the Psalms”</p> <p>115 – “An experiment in criticism”</p> <p>115 – “The silver chair”</p> <p>131 – “Surprised by joy: the shape of my early life”</p> <p>148 – “Present Concerns”</p> <p>148 – “A preface to paradise lost”</p> <p>171 – “Made for Heaven”</p> <p>173 – “Letters to Malcom”</p> <p>173 – “The Great Divorce”</p>
LOWENTHAL, David
<p>18 – “George Perkins Marsh: versatile Vermonter”</p> <p>31, 42, 162 – “Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology”</p> <p>32, 34, 89, 119, 131 – “The American scene”</p> <p>42, 62, 131 – “The American way of history”</p> <p>47 – “Research in environmental perception and behavior: perspectives on current problems”</p> <p>50, 72, 162 – “English landscape tastes”</p> <p>52, 62, 70, 131 – “Past time present place; landscape and meaning”</p> <p>76 – “Age and artifact”</p> <p>122, 162 – “Environmental perception and behavior”</p>
LUCKÁCS, György
43, 98 – “The bourgeois Interior”
LYNCH, Kevin
<p>16 – “The view from the road”</p> <p>16, 31, 47, 49 – “Image of the city”</p> <p>34 – “A theory of urban form”</p> <p>42, 62, 70 – “What time is this place?”</p>
MERLEAU-PONTY, Maurice
<p>31, 42, 62, 88 – “The Phenomenology of Perception”</p> <p>69 – “The Primacy of Perception”</p> <p>109 – “Signs”</p>
MUMFORD, Lewis
<p>23, 108 – “The highway and the city”</p> <p>23, 47 – “The urban prospect”</p> <p>23, 30, 47, 50, 63, 67, 81, 83, 92, 98, 105, 131 – “The city in history”</p> <p>23, 32, 50, 95, 141, 168 – “The myth of the machine”</p> <p>75 – “Technics and civilization”</p>
MURDOCH, Iris
<p>32, 43, 98, 148, 150 – “The sovereignty of good”</p> <p>66, 96, 100, 114 – “The fire and the sun”</p>

98, 171 – “The philosopher’s pupil” 138, 148 – “A world of Child” 150 – “Metaphysics and morals” 168 – “Metaphysics as a guide to morals” 173 – “Salvation by Words”
PIAGET, Jean
31, 35 – “Structuralism” 42 – “Genetic epistemology” 47 – “The Child’s conception of physical causality” 49, 62 – “The child and reality” 49 – “Biology and knowledge” 52, 62 – “The child’s conception of space” 58, 59, 62, 69, 75, 115 – “The child’s conception of the world” 62 – “The construction of reality in the child”
RELPH, Edward
31 – “An inquiry into the relations between phenomenology and geography” 42, 52 – “The phenomenon of place” 62, 89 – “Place and Placelessness” 173 – “Place”
SACK, Robert
81, 125, 131, 148 – “Conceptions of space in social thought” 119, 125 – “Consumer’s world: place as context” 133, 150 – “Human territoriality: its theory and history” 140 – “Place, modernity and the consumer’s world” 141 – “The power of place and space” 148, 150, 151 – “Homo geographicus: a framework for action, awareness, and moral concern” 157 – “A sketch of a geographic theory of morality” 163, 173 – “A geographical guide to the real and the good”
SAINT-EXUPERY, Antoine de
62, 98, 148 – “Wind, sand and stars” 98, 124 – “The wisdom of the sands” 168 – “Wartime Writings”
SANTANAYA, George
32 – “Skepticism and animal faith” 92, 148, 150 – “Reason in society” 92 – “Dominations and powers” 108, 109, 131 – “The sense of beauty”
SANTO AGOSTINHO
18, 26 – “City of God”
SARTRE, Jean-Paul
35, 52 – “Ser e nada”

35 – “A náusea” (La Nausée) 62 – “O corpo” 66 – “Sartre on Theater” 68 – “Life/situations: essays written and spoken” 92, 148, 173 – “Saint Genet”
SAUER, Carl
3 – “Basin and range forms in the Chiricahua area” 29 – “Early relation of man to plants” 32, 115 – “Land and life” 32 – “The agency of man on the earth” 42 – “The personality of Mexico” 47, 98 – “Seashore – primitive home of man?” 47 – “Northern Mists” 75 – “Agricultural origins and dispersals” 83, 119 – “The education of a geographer” 114 – “Theme of plant and animal destruction in economic history” 119 – “Geographic sketch of early man in America”
SCHÜTZ, Alfred
42 – “The problem of rationality in the social world” 68 – “Collected papers”
SCHWARTZ, Benjamin
4 - “Geology of the San Manuel Copper Deposit, Arizona” 109, 114, 131, 148, 163 – “The world of thought in ancient China”
SHAKESPEARE, William
15 – “Richard II” 54 – “Henry V” 81, 98, 173 – “As you like it” 173 – “Merchant of Venice”
STRAUS, Erwin
31, 42, 62, 70, 72 – “The primary world of senses” 62 – “Phenomenological psychology”
TILICH, Paul
15, 50 – “Systematic Theology” 20 – “Critique and justification of Utopia” 62 – “My search for absolutes”
TOLSTOY, Leo
98, 124, 131 – “Anna Karenina” 98 – “Guerra e Paz” 168 – “Tolstoy’s Diaries”
TURNBULL, Colin
16, 47, 75, 76, 81, 92, 98, 114, 131, 148, 150 – “The forest people” 47, 75, 89, 114, 150, 171 – “The Mbuti Pygmies of the Congo”

47, 75, 81, 114 – “Legends of the BaMbuti” 47, 50, 75, 115, 148, 173 – “The Mbuti Pygmies: an ethnographic survey” 47, 50, 75, 114, 144, 148, 171 – “Wayward Servants” 131, 138 – “Liminality: a synthesis of subjective and objective experience”
UPDIKE, John
88 – “Atlantises” 92 – “Picked-up pieces” 98, 151 – “The egg race” 98, 108, 122, 131 – “The music school” 104 – “The city” 108 – “How to love America” 115 – “The wallet” 138, 148, 173 – “Self-consciousness” 148 – “Rabbit is rich” 163 – “In the beauty of the lilies” 173 – “Rabbit Redux”
WHITE JR; Lynn
22, 28, 30, 42 – “The historical roots of our ecologic crisis” 75, 148 – “Death and the devil” 89, 131, 148, 173 – “Machina ex Deo”
WITTGENSTEIN, Ludwig
114 – “Culture and Value”
WRIGHT, John K.
42 – “Human nature in geography”

ANEXO

Curriculum Vitae

Yi-Fu Tuan

Updated: 4 April 2008

Birthplace: Tientsin, China

Date of birth: December 5, 1930

Citizenship: USA

Education:

University of California (Berkeley) Ph.D. (1957)

University of Oxford B.A. (1951), M.A. (1955)

University College London (1947)

School in China, Australia, the Philippines

Teaching:

Professor of Geography, University of Wisconsin-Madison (1983-1998)

John Kirtland Wright Professor (1985-1998)

Vilas Research Professor (1985-1998)

Professor emeritus (1998-)

University of Minnesota (1968-1983)

Professor of Geography and East Asian Studies (1968-1983)

Adjunct Professor of American Studies (1980-1983)

University of Toronto (1966-1968)

University of New Mexico (1959-1965)

Indiana University (1956-1958)

Honors:

Post-doctoral Fellow in Statistics, University of Chicago (1958-1959)

John Simon Guggenheim Fellow (1968-1969)

Award for Meritorious Contribution to Geography, Association of American Geographers (1973)

Fulbright-Hays Senior Scholar to Australia (1975)

Distinguished Visiting Professor, University of California at Davis (1975-1976)

Bush Sabbatical Fellow, University of Minnesota (1982-1983)

Journal of Geography Award, National Council for Geographic Education (1985)

Doctor of Environmental Studies (honoris causa) University of Waterloo, Canada (1985)

J.K. Wright and Vilas professor, University of Wisconsin-Madison (1985-1998)

Elected Fellow of the American Association for the Advancement of Science (1986)

Cullum Geographical Medal, American Geographical Society (1987)

Harry Lyman Hooker Distinguished Visitor, McMaster University, Canada (1992)

"Best Professor," elected by Wisconsin Student Association (1992)

Certificate of Appreciation for "Special Contributions to Student Lives," Inter-Fraternity Council and the Pan Hellenic Association of University of Wisconsin-Madison (1992)

Outstanding Achievement Award, Wisconsin Library Association, for Passing Strange and Wonderful (1994)

Professor Appreciation Award for Excellence in Teaching, Inter-Fraternity Council, University of Wisconsin-Madison (1994)

Spirit and Power of Place: Essays Dedicated to Yi-Fu Tuan, Rana P.B. Singh, ed., National Geographic Society of India (1994)

Lansdowne Lecturer, University of Victoria, British Columbia, Canada (1994)

Noted Wisconsin Author for 1995, Literary Awards Committee of the Wisconsin Library Association.

Rowan & Littlefield Author Laureate Award (2000)

Bracken Award in Landscape Architecture, Pennsylvania State University (2000)

Lauréat d'Honneur, International Geographical Union (2000)
 Fellow of the British Academy (2001)
 Doctor of Science (honoris causa), University of Guelph, Canada (2002)
 Fellow of the American Academy of Arts and Sciences (2002)
 Phi Beta Kappa/Frank M. Updike Memorial Scholar (2002-2003)

Endowed Public Lectures:

Morrison Lecture, Australia National University (1975)
 Matthew Vassar Lecture, Vassar College (1976)
 Special University Lecture, University of London (1980)
 R. J. Russell Memorial Lecture, Louisiana State University (1982)
 Alcan Lecture on Architecture, Vancouver, British Columbia (1983)
 McMartin Memorial Lecture at Carleton University, Canada (1985)
 Research Lectures, National Taiwan University (1988)
 Hooker Lecture, McMaster University (1992)
 Landsdowne Lecture, University of Victoria, Canada (1994)
 Carl O. Sauer Memorial Lecture, University of California, Berkeley (1996)
 Alexander von Humboldt Lecture, University of California, Los Angeles (1997)
 Charles Homer Haskins Lecture, American Council of Learned Societies (1998)
 Bracken Lecture in Landscape Architecture, Pennsylvania State University (2000)
 Ralph Brown Lecture, University of Minnesota (2002)
 J. Edward Farnum Lecture, Princeton University (2003)

Professional Activities (selected – past and present):

Delegate of Association of American Geographers to the American Council of Learned Societies
 National Councilor of the Association of American Geographers
 Fulbright Scholarship Committee (Washington, DC)

Website:

yifutuan.org

Consultant (selected):

Advisory Board of the Queens Council on the Arts (New York)
 Wenner-Gren Foundation of Anthropology (New York)
 Balch Institute of Ethnic Studies (Philadelphia)
 Geography Standards Project (Washington, DC)

Publications - Books

The Hydrological Cycle and the Wisdom of God. University of Toronto Department of Geography Research Publications, no.1 , 1968, 160 pp.
Pediments in Southeastern Arizona, University of California Publications in Geography, 1959, Vol. 13, 140 pp.
The Climate of New Mexico, (with Cyril Everard and J.G. Widdison). Santa Fe: State Planning Office, 1969, 169 pp.

- China. Longman's (London) and Aldine (Chicago), 1970, 225 pp.
- Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values, Prentice-Hall, 1974, 260 pp.
- Space and Place: The Perspectives of Experience, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1977, and London: Edward Arnold's 1977, 227 pp. (paperback edition, University of Minnesota Press, 1979).
- Landscapes of Fear, New York: Pantheon, 1970 and Blackwell's, Oxford, 1980, 262 pp.
- Segmented Worlds and Self Group Life and Individual Consciousness, University of Minnesota Press, 1982, 222 pp.
- Dominance and Affection: The Making of Pets, New Haven, Yale University Press, 1984, 193 pp.
- The Good Life, Madison: University of Wisconsin Press, 1986, 191 pp.
- Morality and Imagination: Paradoxes of Progress, Madison; University of Wisconsin Press, 1989, 209 pp.
- Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, Culture (Washington, DC: Island Press, 1993) 288 pp.
- Passing Strange and Wonderful, (paperback edition, Kodansha Press, New York, 1995).
- Cosmos and Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, 204 pp.
- Escapism, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998, 245 pp.
- Who Am I? An Autobiography of Emotion, Mind, and Spirit, Madison: University of Wisconsin Press, 1999.
- Dear Colleague: Common and Uncommon Observations, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.
- Place, Art, and Self, Center for American Places, University of Virginia Press, 2004.
- Coming Home to China, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- Human Goodness, Madison: University of Wisconsin Press, 2008.

Publications - Translated

Chinese

- "The Role of Nature and of Man," translated from English into Chinese by Wen-Shang Chen) in Sinological Monthly, February, 1982, no. 122, part I, 33-49, and part II, March 1982, no. 123, 50-59.

German

- "Die ambivalente Ästhetik von Wüste und Eis," translation of "Desert and Ice: Ambivalent Aesthetics," Osterreichischen Galerie Beledere: Atelier Augarten, Vienna 2001, 68-99.

Italian

- La Natural Forzata (Red./studio redazioanle: Como, 1993), 263 pp. (Translation of Dominance and Affection, 1984)
- Il Cosmo e il Focolare: Opinioni du un Cosmopolita, Milan: Eleuthera, 2003, (translation of Cosmos and Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint, University of Minnesota Press, 1996.)

Japanese

- "Sight and Pictures," translation of paper in Geographical Review, 1979, Vol. 69, 413-422) in Geography Beyond Maps, ed. , Japan, 151-175.

- “Exile and Confinement,” Gendai Shiso, 1983. (Japanese translation of chapter 14 in Landscapes of Fear).
- Kousaku-sha, Tokyo, 1988. (Translation of Dominance and Affection, 1984), 285.
- Yamamoto Hiroshi, Tokyo, 1988. (Translation of Space and Place, 1977). 360.
- Kousaku-sha, Tokyo, 1991. (Japanese translation of Landscapes of Fear, 1980).
- Yamamoto Hiroshi, 1991. (Japanese translation of Morality and Imagination 1989).
- Serica Shobo Co., 1992. (Japanese translation of Topophilia, first printed in 1974 and reprinted in 1990).
- Translation of Segmented Worlds and Self, 1982. Tokyo: 1993.
- Hiroshi Yamamoto, 1993. (Paperback edition of Space and Place, 1997).
- Translation of Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture, 1993. Tokyo: 1994.
- Translation of Cosmos and Hearth: A Cosmopolite’s Viewpoint, 1996. Tokyo: 1997.

Polish

- Przestrzen i Miejsce, Warsaw: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1987, 253 pp.
(Translation of Space and Place, 1977).

Portuguese

- Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente, São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980, 288 pp.
- “Geografia humanística,” in Antonio Christofolletti, ed., Perspectivas da Geografia (São Paulo: Difel, 1982), 143-164. (Translation of “Humanistic Geography,” first published in 1976.)
- Espaco e Lugar: A Perspectiva da Experiência, São Paulo: Difel, 1983, (translation of Space and Place, 1977.)
- “Sobre Geografia Moral,” Documentos d’análise Geográfica, Vol. 12, 1988, 209-222.

Spanish

- “Una Vision de la Geografia,” Treballs de Geografia, Vol. 44, 1992, 13-18. (Translation of “A View of Geography,” Geographical Review, Vol. 81, no. 1, 1991, 99-107.)
- Escapismo: Formas de Evasión en el Mundo Actual, Barcelona: Ediciones península, 2003, (translation of Escapism, Johns Hopkins University Press, 1998).
- ¿Quien Soy Yo? Una Autobiografía de la Emoción, la Mente y el Espíritu, Barcelona: Melusina, 2004, (translation of Who Am I?, Madison: University of Wisconsin Press, 1999).

Swedish

- “Kinesisk Miljösyn – ett Komparativt perspektiv,” in Anders Hjort and Uno Svedin, eds., Jord-Manniska-Himmel, Stockholm: Liber Forlag, 1985, 58-75. (Translation into Swedish by Anne Buttmer.)

Publications – Book Chapters and Sections

- “Attitudes toward Environment: Themes and Approaches,” in David Lowenthal, ed., Environmental Perception and Behavior, University of Chicago, Department of Geography Research Series no. 109, 1967, 4-17.
- “A Preface to Chinese Cities,” in R.P. Beckinsale and J.M. Houston, eds., Urbanization and Its Problems, Blackwell, 1968, chapter 9, 218-253.

- “Perceiving and Structuring the World: Three Standpoints,” in D.A. Lanegran and Risa Palm, eds., Invitation to Geography, McGraw-Hill, 1973.
- “Visual Blight: Exercises in Interpretation,” in Pierce Lewis, ed., Visual Blight, Resource Paper no. 23, Association of American Geographers, 1973, 23-27.
- “Space and Place: Humanistic Perspective,” in C. Board, R.J. Chorley, P. Haggett, and D.R. Stoddart, eds., Progress in Geography, 1974, Vol. 6, 211-252.
- “Environment and the Quality of Life,” in G. Macinko, K. Hammond, and W. Fairchild, eds., Sourcebook on the Environment, Washington, DC: Association of American Geographers, 1975, Vol. 1, 25-61 (mimeographed).
- “Geopietry: A Theme in Man’s Attachment to Nature and to Place,” in D. Lowenthal and Martyn Bowden, eds., Geographies of the Mind, New York: Oxford University Press, 1976, 11-39.
- “Experience and Appreciation: The Child’s Attitude to Environment,” in David Linton, ed., Children, Nature, and the Urban Environment, Washington, DC, U.S.D.A. Proceedings, 1977.
- “Nature Imitates Art: A Theme in Experiential Geography,” in Donald R. Deskins, Jr., et al., eds., Geographic Humanism, Analysis and Social Action, Michigan Geographical Publication no. 17, 1977, 27-46.
- “Sacred Space: Exploration of an Idea,” in Karl W. Butzer, ed., Dimensions of Human Geography, University of Chicago Department of Geography Research Paper 186, 1978, 84-99.
- “American Cities: Symbolism, Imagery, and Perception,” in L.S. Bourne and J.W. Simmons, eds., Systems of Cities, New York: Oxford University Press, 1978. Reprinted from Topophilia, Chapter 13.
- “Environment and the Quality of Life,” in Kenneth A. Hammond, George Macinko, and Wilma B. Fairchild, Sourcebook on the Environment, Chicago: University of Chicago Press, 1978, 21-40.
- “Literature and Geography: Implications for Geographical Research,” in David Ley and Marwyn Samuels, eds., Humanistic Geography: Prospects and Problems, Chicago: Maaroufa Press, 1978, 194-206.
- “Children and the Natural Environment,” in Irwin Altman and Joachim F. Wohwill, eds., Children and the Environment, New York: Plenum Press, 1978, Vol. 3, 5-32.
- “Space, Time, Place: A Humanistic Perspective,” in Tommy Carlstein, Don Parkes, and Nigel Thrift, eds., Timing Space and Spacing Time, 1978, Vol. 1 (Making Sense of Time), 7-16.
- “Thought and Landscape: The Eye and the Mind’s Eye,” in D.W. Meinig, ed., The Interpretation of Ordinary Landscapes, New York: Oxford University Press, 1979, 89-102.
- Reprint of “American Space, Chinese Place,” (Harper’s July 1974) in Morton A. Miller, ed., Reading and Writing Short Essays, New York: Random House, 1980, 309-312; and in Gregory Cowan and Elizabeth Cowan, Writing (New York: John Wiley and Sons, 1980), 293-294.
- “In Place, Out of Place,” in Mils Richardson, ed., Geoscience and Man, Vol. 24, 1984, 3-10.
- “Immigrant Artists: A Conceptual Framework,” in Contemporary Immigrant Artists: The American Experience, Balch Institute of Ethnic Studies, Philadelphia, 1985, 23-25.
- “Social Science as Moral Inquiry,” in Kenneth Westhues, ed., Basic Principles for Social Science in Our Time, Waterloo: University of St. Jerome’s College Press, 1987, 92-103.
- “On the Rewarding Human Life,” in J. Norwine and A. Gonzales, eds., The Third World: States of Mind and Being, Boston: Unwin Hyman, 1988, 9-14.

- “Traditional: What Does It Mean?” in Jean-Paul Bourdier and Nezar Alsayyad, eds., Dwellings Settlements and Tradition, Lanham, MD: University Press of America, 1989, 27-34.
- “Environment, Behaviour, and Thought,” in Frederick W. Boal and David N. Livingstone, The Behavioural Environment: Essays in Reflection, application, and Re-evaluation, London and New York: Routledge, 1989, 77-81.
- “Space and Context,” in Richard Schechner and Willa Appel, eds., By Means of Performance: Intercultural Studies of Theatre and Ritual, Cambridge: Cambridge University Press, 1990, 236-244.
- “Paradoxical Images of the American West,” in Ellen M. Murphy and Jeane M. Knapp, Kaleidoscope of History, American Geographical Society Collection Special Publication, no. 1, 1990, 104-106.
- New Preface to Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values, New York: Columbia University Press, 1990, xi-xiv.
- (Foreword) to Derham Groves, Feng-shui and Western Building Ceremonies (1991), 1-2.
- “Community and Place: A Skeptical View,” in S.T. Wong, ed., Person, Place and Thing, in Geoscience and Man, Vol. 31, 1992, 47-59.
- “Place and Culture: Analeptic for Individuality and the World’s Indifference,” in Wayne Franklin and Michael Steiner, eds., Mapping American Culture, University of Iowa Press, 1992, 27-49.
- (Foreword) to Anne Buttimer’s Geography and the Human Spirit, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993), ix-xi.
- “Desert and Ice: Ambivalent Aesthetics,” in Salim Kemal and Ivan Gaskell, eds., Landscape, Natural Beauty and the Arts, Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 139-157.
- “Space and Place: Humanistic Perspective,” (reprint) in John Agnew, David Livingstone, and Alisdair Rogers, Human Geography: An Essential Anthology, Oxford: Blackwell, 1996, 445-457.
- “Home and World, Cosmopolitanism and Ethnicity: Key Concepts in Contemporary Human Geography,” in Ian Douglas, Richard Huggett, and Mike Robinson, eds., Companion Encyclopedia of Geography: The Environment and Humankind, London and New York: Routledge, 1996, 939-951.
- “Wisconsin: Place, Time, Model,” in Robert Ostergren and Thomas Vale, eds., Wisconsin Land and Life, Madison: University of Wisconsin Press, 1997, 531-544.
- “Disneyland: Its Place in World Culture,” with Steven Hoelscher in Karal Ann Marling ed., Designing Disney’s Theme Parks: The Architecture of Reassurance, Paris: Flammarion, 1997, 191-198.
- “Geography and Evil: A Sketch,” in James D. Proctor and David M. Smith, eds., Geography and Ethics: Journeys in Moral Terrain, Routledge, 1999, 106-119.
- “Maps and Art: Identity and Utopia,” in Robert Silberman, World Views and Art, University of Minnesota Press, 2000, 11-24.
- “A Life of Learning,” (reprint of Haskins lecture) in Peter Gould and Forrest R. Pitts, eds., Geographical Voices, Syracuse: Syracuse University Press, 2002, 323-340.
- “Progress and Anxiety,” in Robert D. Sack, ed., Progress: Geographical Essays, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002.
- “Cosmos versus Hearth,” in Paul Adams, Steven Hoelscher, and Karen Till, Textures of Place: Exploring Humanistic Geographies, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, 319-325.
- (Foreword) in Kenneth R. Olwig, Landscape, Nature, and the Body Politic: From Britain’s Renaissance to America’s New World, Madison: University of Wisconsin Press, 2002, xi-xx.

- “Reflections,” in Zane Williams, Double Take: A Rephotographic Survey of Madison, Wisconsin, Madison: University of Wisconsin Press, 2002, 223-237.
- “Home,” in Stephen Harrison, Steve Pile, and Nigel Thrift, eds., Patterned Ground: Entanglements of Nature and Culture, London: Reaktion Books, 2004, 164-165.

Publications - Journals

- “Topophilia: or, Sudden Encounter with the Landscape,” Landscape, Fall 1961, Vol. 11, 29-32. Reprinted in Paul English and Robert Mayfield, Eds., Man, Space, and Environment, Oxford University Press, 1972, 534-538.
- “Use of Simile and Metaphor in Geographical Description,” Professional Geographer, 1957, Vol. 9, 8-11.
- “Types of Pediment in Arizona,” Yearbook of Pacific Coast Geographers, 1954, Vol. 16, 17-24.
- “Structure, Climate, and Basin Land Forms in Arizona and New Mexico,” Annals of the Association of American Geographers, March, 1962, Vol. 52, 51-68.
- “A Coastal Reconnaissance of Central Panama,” The California Geographer, Kesseli Festschrift, 1962, Vol. 3, 77-96.
- “Denudation Chronology: A Comment,” Professional Geographer, July, 1963, Vol. 15, 41-42.
- “Latitude and Alfred Russel Wallace,” Journal of Geography, September, 1963, Vol. 62, 258-261.
- “Architecture and Human Nature,” Landscape, Fall 1963, Vol. 13, 16-19.
- “The Desert and the Sea: A Humanistic Interpretation,” New Mexico Quarterly, Autumn 1963, 329-331.
- “Mountains, Ruins, and the Sentiment of Melancholy,” Landscape, Fall 1964, Vol. 14, 27-30.
- (with Cyril Everard) “New Mexico’s Climate: The Appreciation of a Resource,” Natural Resources Journal, October, 1964, Vol. 4, 268-308.
- “Climate of New Mexico,” in Summary of Reports on New Mexico’s Natural Resources, State Planning Office, Santa Fe, 1965.
- “Architecture and the Computer,” Landscape, Winter 1965, Vol. 14, 12-14.
- “‘Environment’ and ‘World’,” Professional Geographer, September, 1965, Vol. 17, 6-8.
- “Man and Nature: An Eclectic Reading,” Landscape, 1966, Vol. 15, 30-36.
- “New Mexico’s Gullies: Critical Re-examination and New Observations,” Annals of the Association of American Geographers, December, 1966, Vol. 56, 573-597.
- “Discrepancies between Environmental Attitude and Behavior: Examples from Europe and China,” The Canadian Geographer, December, 1968, Vol. 12, 176-191. Reprinted in Paul English and Robert Mayfield, eds., Man, Space, and Environment, Maaroufa Press, 1974, 41-61; David and Eileen Spring, eds., Ecology and Religion in History, Harper Torchbook, 1974, 91-113.
- “Lewis Mumford and the Quality of Life,” Geographical Review, October, 1968, Vol. 58, 570-573.
- “Our Treatment of Environment in Ideal and Actuality,” American Scientist, May-June, 1970, Vol. 58, 244-249. Reprinted in Robert M. Chute, Environmental Insight, Harper and Row, 1971, 27-34; John N. Day, F.F. Fost and P. Rose, Dimensions of the Environmental Crisis, John Wiley, 1971, 36-46.
- “Environmental Attitudes,” Science Studies, 1971, Vol. 1, no.2, 215-224.
- “Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature,” The Canadian Geographer, Fall 1971, Vol. 15, 181-192.

- "Environmental Psychology: A Review," Geographical Review, 1972, Vol. 62, no. 2, 245-256.
- "Structuralism, Existentialism, and Environmental Perception," Environment and Behavior, September 1972, Vol. 4, 319-331.
- "Ambiguity in Attitudes Toward Environment," Annals of the Association of American Geographers, 1973, Vol. 63, No. 4, 411-423.
- "Place: An Experimental Perspective," Geographical Review, 1975, Vol. 65, no. 2, 151-165.
- "Images and Mental Maps," Annals of the Association of American Geographers, 1975, Vol. 65, no. 2, 205-213.
- "Humanistic Geography," Annals of the Association of American Geographers, 1976, Vol. 66, no. 2, 266-276.
- "Reflections of Humanistic Geography," Journal of Architectural Education, 1976, Vol. 30, no. 1, 3-5.
- "The City: Its Distance from Nature," Geographical Review, 1978, Vol. 68, no. 1, 1-12.
- "Landscape's Affective Domain: Raw Emotion to Intellectual Delight," Landscape Architecture, March 1978, 132-134.
- "Sign and Metaphor," Annals of the Association of American Geographers, 1978, Vol. 68, no. 3, 363-372.
- "Sight and Pictures," The Geographical Review, 1979, Vol. 69, no. 4, 413-422.
- "Rootedness versus Sense of Place," Landscape, 1980, Vol. 24, no.1, 3-8.
- "The City: Its Distance from Nature," Reprint, (Geographical Review, 1978) in Ekistics, 1979, Vol. 46, no. 278, 313-319.
- "The Significance of the Artifact," Geographical Review, 1980, Vol. 70, no. 4, 462-472.
- "Materials and People," New Jersey Folklore, Spring 1981, Vol. 2, no. 3, 17-21.
- "Landscape as Text," The Paradigm Exchange, CLA, University of Minnesota, 1982, 1-9.
- "Geographical Theory: Queries from a Cultural Geographer," Geographical Analysis, Vol. 15, no. 1, 1983, 69-72.
- "Orientation: An Approach to Human Geography," Journal of Geography, Vol. 82, no.1, January-February, 1983, 11-14.
- "Literature and Geographies," Milkweed Chronicle: A Journal of Poetry and Graphics, 1983, 7.
- "Literature and Geographies," Federation Reports: The Journal of the State Humanities Councils, Vol. 6, no. 3, 1983, 26-27.
- "Architecture and Morality," San Francisco Bay Architect's Review, Spring 1983, 18-19.
- "Dance, Waters, Dance," The Sciences, Vol. 23, no. 5, 1983, 69-70.
- "Moral Ambiguity in Architecture," Landscape, Vol. 27, no. 3, 1983, 11-17.
- "Literature and Geographical Ideas," Bulletin, Wisconsin Council for Geographic Education, Spring 1984, 7-12.
- "Continuity and Discontinuity," Geographical Review, Vol. 74, no. 3, 1984, 245-256.
- "The Landscapes of Sherlock Holmes," Journal of Geography, Vol. 84, no.2 , 1985, 56-60.
(Received the Journal of Geography Award for best paper in 1984-1985.)
- "Photography, Life, and States of Being," New Order/No Order, Society for Photographic Education, 1986, 13-16.
- "Strangers and Strangeness," Geographical Review, Vol. 78, no. 1, 1986, 10-19.
- "The Landscapes of Sherlock Holmes," Reprint, Baker Street Miscellanea, no. 45, Spring 1986, 1-10.
- "The View from Wisconsin," Update, University of Minnesota, Vol. 13, no. 8, 1986, 2-3.
- "Attention: Moral-Cognitive Geography," Journal of Geography, Vol. 86, no.1 , 1987, 11-13.
- "Cultural Forms and Norms: Informal Reformulations," The Paradigm Exchange II, Center for Humanistic Studies, University of Minnesota, 1987, 48-51.

- "Secret Glimpses," TDR: The Drama Review, Vol. 32, no. 1, 1988, 8-9.
- "The City as a Moral Universe," Geographical Review, Vol. 78, no. 3, 1988, 316-324.
- "Surface Phenomena and Aesthetic Experience," in Annals of the Association of American Geographers, Vol. 79, no. 2, 1989, 233-241.
- "Strangers and Strangeness," Whole Earth Review, no. 58, Spring 1988, 18-23. (Reprint of article first published in Geographical Review, 1986.)
- "Cultural Pluralism and Technology," Geographical Review, Vol. 79, no. 3, 1989, 269-279.
- "A Sense of Place," Wisconsin Humanities Committee, 1989, 1-13.
- "Good Life and Old Age," L&S Magazine, University of Wisconsin, Vol. 7, no. 1, 1989, 3-4.
- "Realism and Fantasy in Art, History, and Geography," Annals of the Association of American Geographers, Vol. 80, no. 3, 1990, 435-446.
- "Reply to Yi-Fu Tuan, Politics, and Art," Annals of the Association of American Geographers, Vol. 80, no. 3, 1990, 457.
- "A View of Geography," Geographical Review, Vol. 81, no. 1, 1991, 99-107.
- "The Price of Fame Is the Loss of Shame," Newsday, August 11, 1991, 30-31.
- "Thoughts on Linking the Physical and Human Sciences," Research and Exploration, Vol. 7, no. 2, 1991, 370.
- "Language and the Making of Place: A Narrative-Descriptive Approach," Annals of the Association of American Geographers, Vol. 81, no. 3, 1991, 684-696.
- "The City and Human Speech," Geographical Review, Vol. 84, 1994, 144-151.
- "Environmentalism and the City: A Historical-Cultural Note," Ecumene, Vol. 1, no. 2, 1994, 121-126.
- "Noodles [Recipe of Centurions]," Globehead: Journal of Extreme Geography, Vol. 1, no. 2, 1994, 34.
- "Response," [Classics in Human Geography Revisited], Progress in Human Geography, Vol. 18, no. 3, 1994, 358-359.
- "The Science of Landscape: Between Myth and Culture," Sistema Terra, Year 2, issue 2, July 1993, 7.
- "Why are you a Geographer?" The Geographical Bulletin, Vol. 37, no. 1, 1995, 5-6.
- "Aging in Reverse," comment on Justin O'Brien, "Washington Street Since 1900," Voyageur, Vol. 12, no. 1, 1995, 12.
- "Island Selves: Human Disconnectedness in a World of Indifference," Geographical Review, Vol. 85, no. 1, 1995, 229-239.
- "Sense of Place: What Does It Mean to be Human?" American Journal of Theology and Philosophy, Vol. 18, no. 1, 1997, 47-58.
- "Yi-Fu Tuan: An Interview," Terra Nova: Nature and Culture, Vol. 2, no. 1, 1997, 85-95.
- "Escapism: Another Key to Cultural-Historical Geography," Historical Geography, Vol. 25, 1997, 10-24.
- "The Lure of Good: Scale and Commitment," Wisconsin Academy Review, Vol. 46, no. 1, Winter 1999-2000, 25-27.
- "The Desert and I: A Study in Affinity," Michigan Quarterly Review, Vol. XL, no. 1, Winter 2001, 7-16.
- "Life as a Field Trip," Geographical Review, Vol. 91, 1-2, 2001, 41-45.
- "The Pull of the Good Life: Mathematicians, Mormons and Mickey Mouse," Topic 2: Fantasy, Fall 2002, 11-15.
- "On Human Geography," Daedalus, Spring 2003, 134-137.
- "Cultural Geography: Glances Backward and Forward," Annals of the Association of American Geographers, 2004, Vol. 94, no. 4.

Publications – Book Reviews

- (Book review) John C.H. Wu, Tao the Ching, and Sister Mary Makra, Hsiao Ching, in New Mexico Quarterly, 1962, Vol. 31, no. 3, 269-271.
- (Book review) Walter Jackson Bate, Classic to Romantic in Landscape, 1961-1962, Vol. 11, no. 2, 40.
- (Book review) T.W. Freeman, A Hundred Years of Geography in Landscape, 1962-1963, Vol. 12, no. 2, 33-34.
- (Book review) Konrad Gatz and William Wallenfang, Color in Architecture in Landscape, 1962, Vol. 11, no. 3, 32.
- (Book review) Last Lectures of Roger Fry in New Mexico Quarterly, 1962, Vol. 32, nos. 1-2, 80-81.
- (Book review) Cold Mountain: Poems of Han Shan in New Mexico Quarterly, Autumn 1963, Vol. 33, no. 3, 347-348.
- (Book review) John K. Wright, Human Nature in Geography in Landscape, 1967, Vol. 16, no. 3, 31-32.
- (Book review) Frank E. Manuel, ed., Utopias and Utopian Thought in Landscape, 1967, Vol. 17, no. 1, 34.
- (Book review) Japanese Geography in The Canadian Geographer, 1967, Vol. 11, no. 3, 190-191.
- (Book review) Clarence J. Glacken, Traces on the Rhodian Shore in Geographical Review, 1968, Vol. 58, no. 2, 308-309.
- (Book review) David Sopher, Geography of Religion in Landscape, 1967-1968, Vol. 17, no. 2, 38.
- (Book review) Amos Rapoport, House Form and Culture, in Canadian Geographical Journal, 1969, Vol. 79, no. 4, x-xi.
- (Book review) K. Buchanan, The Transformation of the Chinese Earth in The Australian Geographer, 1971, Vol. 11, 636-637.
- (Book review) Robert Murphy, The Dialectics of Social Life: Alarms and Excursions in Anthropological Theory in Annals of the Association of American Geographers, 1972, Vol. 62, no. 3, 507-509.
- (Book review) P.L. Wagner, Environments and Peoples in Annals of the Association of American Geographers, March 1973, 138-139.
- (Book review) Anne Buttner, Society and Milieu in the French Geographic Tradition in Geographical Review, July, 1973, 431-433.
- (Book review) D.J. Dwyer, Asian Urbanization: A Hong Kong Casebook in Urban History Newsletter, 1973.
- (Book review) W.H. Ittleson, Environment and Cognition in Geographical Review, 1974, Vol. 64, no. 1, 162-163.
- (Book review) A. Harry Walters, Ecology, Food and Civilization in Professional Geographer, May 1974, 54-58.
- (Book review) Peter Gould and Rodney White, Mental Maps in Annals of the Association of American Geographers, 1974, Vol. 64, 589-591.
- (Book review) G. Manners and M. Mikesell, eds., Perspective on Environment in Geographical Review, July, 1975, Vol. 65, 408-410.
- (Book review) Edward Lurie, Nature and the American Mind: Louis Acaassiz and the Culture of Science in Journal of Historical Geography, 1976, Vol. 2, no. 1, 88-89.
- (Book review) Jay Appleton, Experience of Landscape in Professional Geographer, 1976, Vol. 25, no. 1, 104-105.
- (Book review) Ervin Zube et. al., Landscape Assessment: Value, perceptions, and Resources in Geographical Review, 1976, Vol. 66, no. 3, 368-370.

- (Book review) Vincent Scully, Pueblo: Mountain, Village, Dance in Progressive Architecture, October, 1976, 100-102.
- (Book review) Richard Sennett, The Fall of Public Man in Environment and Planning, 1977, Vol. 9, no. 6, 720-721.
- (Book review) Karl Butzer, Early Hydraulic Civilization in Egypt in Geographical Review, 1977, Vol. 67, no. 3, 369-371.
- (Book review) Raymond Williams, The Country and the City in Landscapes, 1978, Vol. 22, no. 3, 19-20.
- (Book review) Graham Rowles, Prisoners of Space? Exploring the Geographical Experience of Older People in Geographical Survey, 1979, Vol. 8, no. 2, 31-33.
- (Book review) R.P. Werbner, ed., Regional Cults in Environment and Planning, 1979, Vol. 11, no. 1, 107-108.
- (Book review) Jacqueline A. Burgess, Image and Identity in Annals of the Association of American Geographers, June, 1979, Vol. 69, no. 2, 323-325.
- (Book review) M.P. Smith, The City and Social Theory in Environment and Planning, 1981, Vol. 13, no. 7, 922-923.
- (Book review) D.N. Parkes and N.J. Thrift, Times, Spaces and Places: A Chronogeographic Perspective in Annals of the Association of American Geographers, 1981, Vol. 71, no. 2, 292-295.
- (Book review) Larry W. Price, Mountains and Man in The Sciences, April, 1982, 25-27.
- (Book review) Lawrence Ma and Allen G. Noble, The Environment: Chinese and American Views in Tidjdschrift voor economische en sociale geografie, Vol. 74, no. 1, 1983, 59-60.
- (Book review) Bruce Mitchell and Dianne Draper, Relevance and Ethics in Geography in Economic Geography, Vol. 59, no. 4, 1983, 445-448.
- (Book review) Peter Gould and Gunnar Olsson, eds., A Search for Common Ground in Annals of the Association of American Geographers, Vol. 74, no. 1, 1984, 174-178.
- (Book review) Jacques le Goff, The Birth of Purgatory in Journal of Historical Geography, Vol. 11, no. 4, 1985, 447-448.
- (Book review) D.E. Cosgrove, Social Formation and Symbolic Landscape in Society and Space, Vol. 4, no. 2, 1986, 237-238.
- (Book review) Vicki Hearne, Adam's Task: Calling Animals by Name in The New York Times Book Review, September 7, 1986, 10-11.
- (Book review) Edmund C. Penning-Rowsell and David Lowenthal, eds., "Landscape Meanings and Values," in Journal of Geography, Vol. 86, no. 4, 1987, 181-182.
- (Book review) N. Evernden, "The National Alien: Humankind and Environment," in Environment and Planning, Vol. 19, no. 9, 1987, 1279.
- (Book review) Steven A. Yates, ed., "The Essential Landscape: The New Mexico Photographic Survey," in Journal of Historical Geography, Vol. 13, no. 4, 1987, 450.
- (Book review) Howard F. Stein, "Development Time, Cultural Space," in Journal of Historical Geography, Vol. 14, no. 2, 1988, 228.
- (Book review) Donald Kunze, "Thought and Place: The Architecture of Eternal Places in the Philosophy of Giambattista Vico," Annals of the Association of American Geographers, Vol. 78, no.2 , 1988, 228.
- (Book review) Donald Brown, "Hierarchy, History, and Human Nature," in Journal of Historical Geography, Vol. 15, no. 3, 1989, 378-379.
- (Book review) Reginald Golledge, et. al., "A Ground for Common Search," in Professional Geographer, Vol. 41, no. 3, 1989, 378-379.
- (Book review) Peter J. Wilson, "The Domestication of the Human Species," in Environment and Behavior, Vol. 21, no. 5, 1989, 638-640.

- (Review) of Peter Bishop, "The Myth of Shangri-La (1989)" in Comparative Studies in Society and History, Vol. 33, no. 1, 635.
- (Review) of Don Gifford, "The Farther Shore: A Natural History of Perception, 1798-1984," (1990), Geographical Review, Vol. 81, no. 2, 1991, 236-238.
- (Review) of Jeffrey F. Meyer, "The Dragons of Tiananmen: Beijing as Sacred City," in Journal of Asian Studies, Vol. 51, no. 1, 1992, 149-150.
- (Review) of J. Nicholas Entrikin, "The Betweenness of Place," in Geographical Review, Vol. 82, no. 1, 1992, 85-86.
- (Review) of Jay Appleton, "The Symbolism of Habitat," in Progress in Human Geography, Vol. 17, 1993, 123-124.
- (Review) of Ronald G. Knapp, "Chinese Landscapes: The Village as Place," in Traditional Dwellings and Settlements Review, Vol. 3, 1993, 72.
- (Review) of Peter Bernhardt, "Natural Affairs: A Botanist Looks at the Attachments between Plants and People," in New York Times Book Review, May 2, 1993, 9.
- "Charting the Actual and the Imagined," [Review of History of Cartography, Vol. 2, Book 2], Natural History, July, 1994, 26-30.
- (Review) of Qiquang Zhao, "A Study of Dragons: East and West," in Journal of Asian Studies, Vol. 53, no. 1, 1994, 154-155.
- (Review) of J.B. Jackson, "A Sense of Place, A Sense of Time," in Geographical Review, Vol. 85, no. 1, 1995, 103-104.
- (Review) of Steven Field and Keith H. Basso, "Senses of Place," in Western Folklore, Vol. 56, 1997, 92-94.
- (Review) of John Uddike, "In the Beauty of the Lilies," in Historical Geography, Vol. 26, 1998, 203-205.
- Review of Roger A. Dodgshon, "Society in Time and Space: A Geographical Perspective on Change," in Geographical Review, Vol. 88, no. 3, 444-445.

Publications – Proceedings and Abstracts

- "The Problem of Geographical Description," Annals of the Association of American Geographers, September, 1964, Vol. 54 (abstract), 439.
- "Soil Evolution and land Form Development," Annals of the Association of American Geographers, September, 1958 (abstract), Vol. 48, no. 3, 293-294.
- "The Misleading Antithesis of Penckian and Davisian Concepts of Slope Retreat in Waning Development," Proceedings, Indiana Academy of Science, 1958, Vol. 67, 212-214. Reprinted in S.A. Schumm and M.P. Mosley, eds., Benchmark Papers in Geology: Slope Geomorphology, Stroudsburg: Dowden, Hutchinson and Ross, 1973.

Publications –Professional Papers

- Man and Nature, Resource Paper No. 10, Commission on College Geography, Association of American Geographers, Washington, DC, 1971, 49 pp.
- Alexander von Humboldt and His Brother: Portrait of an Ideal Geographer in Our Time, University of California, Los Angeles, Department of Geography, 1977, 12 pp.
- Fondly yours: Selected Correspondence 1995-2003, Madison, Wisconsin, 2003.

Publications – Commentary and Other Articles

- (Commentary) Anne Buttimer, Values in Geography, Commission on College Geography, Resource Paper no. 24, Association of American Geographers, 1974, 54-58.
- “Comment in Reply” to Ted Relph, “Humanism, Phenomenology, and Geography,” Annals of the Association of American Geographers, 1977, Vol. 67, no. 1, 177-178.
- (Comment) on Georges Mounin, “The Semiology of Orientation in Urban Space,” in Current Anthropology, 1980, Vol. 21, no. 4, 500.
- “Perceptual and Cultural Geography: A Commentary,” Annals of the Association of American Geographers, 2003, Vol. 93, no. 4, 878-881